Psicologia da I Guerra Mundial II

(Primeiras Consequências)

Gustave Le Bon

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Gustave Le Bon

Psicologia da I Guerra Mundial II (Primeiras Consequências)

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2ª Edição: 2018

Premières Conséquences de la Guerre. Paris: 1916.

Tradução de Souza Campos, E. L. de

© 2018 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro - Brasil

Psicologia da I Guerra Mundial II

Gustave Le Bon

INTRODUÇÃO

A perda das ilusões e os problemas criados pela guerra.

Sumário

A sombria catástrofe em que a Europa é o teatro não atinge somente a existência material dos povos, mas também seus pensamentos. Muitas ilusões tidas como certezas desapareceram. Teorias, outrora sem prestígio, se tornaram verdades óbvias. O conjunto das tradições se desagrega. Antigos fundamentos da vida social se desmoronaram. Tudo muda ou vai mudar.

Deslumbrado pelo esplendor de uma civilização brilhante e o acúmulo de descobertas que melhoravam a cada dia sua vida, o homem moderno acreditava que estava definitivamente livre das destruições das eras de barbárie. Os costumes pareciam suavizados para sempre. O direito internacional se estabeleceu. O pacifismo se tornou um dogma.

E eis que no campo dessa existência tranquila fulguram bruscamente os relâmpagos de um ciclone que destrói em sua passagem

não apenas os povos, os monumentos, as cidades, mas também as aquisições morais realizadas pelos séculos de esforços. Mais do que o respeito aos tratados, mais do que direitos invioláveis, mais do que os códigos que protegem a fraqueza, apenas a força dominaria o mundo.

*

* *

O ataque imprevisto a florescentes civilizações, pela mais regressiva barbárie, mostrou, mais uma vez, a ausência completa de paralelismo entre a inteligência produtora de descobertas e o caráter regulador da conduta.

Se a inteligência progrediu no curso das eras, os sentimentos que governam as pessoas permaneceram os mesmos. A inveja, a ferocidade, a ambição e o ódio não têm época.

A educação que expandiu a visão do universo não agiu sobre o caráter. Ele permanece tal como nos foi legado pelos ancestrais. Por mais sábio que se torne um bárbaro ele conservará sempre sua mentalidade de bárbaro. Uma inteligência muito alta se superpõe facilmente a uma alma muito baixa.

Modernizadas sob o ponto de vista intelectual, algumas nações ainda guardam seus instintos ancestrais. Elas se acham inspiradas

pela razão, mas por detrás de seus atos age o longínquo exército dos atavismos que os determinam.

*

* *

As devastações e as guerras não deixaram de riscar seus sulcos na história. Os anais dos povos são compostos principalmente da narração de suas batalhas e os períodos de paz parecem acidentes efêmeros. Mas jamais uma guerra de extermínio como esta foi empreendida. As nações ainda não haviam sido massacradas com tão selvagem furor. O mundo viu pela primeira vez exércitos de vários milhões de homens e hecatombes que ameaçam aniquilar toda a juventude de um continente.

Em nenhuma época, no entanto, o objetivo atingido esteve menos em relação com a grandeza do esforço. Rios de sangue foram vertidos, antigas cidades devastadas, províncias inteiras mergulhadas na miséria, sem outro resultado além de uma ruína geral em que os autores de tantas catástrofes serão as primeiras vítimas.

E se eles não viram isso é porque o desenrolar da história é determinado por forças afetivas e místicas que a razão não governa. O conflito europeu mostrou aos racionalistas que se esqueceram disso, o quão fraco é o papel desempenhado pela razão nas ações das pessoas.

*

* *

Tais constatações explicam certos eventos, mas seu interesse prático permanece pequeno. A indignação não impede as coisas de serem o que elas são. Preservar-se de um cataclismo é mais útil do que dissertar sobre suas causas.

Quando necessidades imprevistas surgem no horizonte dos povos, uma estreita alternativa se impõe: adaptar-se ou desaparecer.

Das eras geológicas aos tempos modernos, do micróbio até o homem, todos os seres tiveram que sofrer essa inexorável lei. Ela preside as transformações das espécies vivas tanto quanto o nascimento ou a decadência dos impérios.

A guerra felizmente mostrou que, apesar das afirmações de seus contendores, o povo francês soube se adaptar a condições de existência bem novas para ele. A adaptação se manifestou não apenas entre os combatentes, ao aceitarem a infernal vida nas trincheiras, mais também entre a população civil, cuja iniciativa cada dia mais engenhosa e mais completa, respondeu a todas as necessidades da vida industrial, agrícola e social.

Mais de seis milhões de homens mobilizados para a defesa nacional viram surgir legiões de mulheres, crianças e velhos, para substituí-los na fazenda, nos campos, na fábrica, enfim, em cada ramo da atividade humana.

Tal substituição é um fato único na história. Porque se supunha que isso fosse irrealizável e doutos professores declaravam impossível um conflito cuja duração ultrapassasse alguns meses.

Essa faculdade de adaptação desenvolvida pela guerra persistirá após a paz? A facilidade com que nosso povo tantas vezes se adaptou às circunstâncias mais imprevistas autoriza todas as esperanças.

A França, com efeito, já atravessou várias vezes essas grandes crises que, para os povos fracos, marcam o fim de sua história. Invasões, Guerra dos Cem Anos, guerras de religião, lutas civis, revoluções, calamidades de todo tipo, sucessivamente a sobrecarregaram. Ela sempre saiu vitoriosa dessas catástrofes.

Parece mesmo que o valor de nosso povo só se revela por inteiro nas horas mais difíceis de sua história. Na vida cotidiana, seus esforços são gastos frequentemente em dissensões deprimentes. Ele escuta os demagogos de palanque que preparam todas as decadências e suas energias se retraem.

*

* *

As guerras de outrora eram localizadas e de pequenas extensões territoriais, por causa das dificuldades dos meios de transporte e do pequeno número de combatentes. Os povos só percebiam delas

distantes ecos. Territórios eram conquistados ou perdidos, mas as ideias e a vida não mudavam.

É totalmente diferente hoje em dia. Os interesses de todas as pessoas de uma nação, dos menores aos maiores, são ameaçados. Até mesmo os neutros não conseguiriam se desinteressar pelo conflito.

A interdependência das nações tornou mundiais as repercussões de uma grande guerra. Ela não modifica somente as fronteiras dos povos, mas suas condições de existência, seus sentimentos e seus pensamentos.

Os sobreviventes dessa gigantesca epopeia terão visto se desenrolar uma página da história como jamais foi escrita, escutados ensinamentos que nenhum ouvido ouviu e que provavelmente os povos do futuro não ouvirão.

*

* *

A guerra, que tantos escritores alemães não paravam de pregar, teve como principal causa uma ilusão mística sobre a missão de um povo que se acreditava escolhido por Deus para regenerar o mundo e explorá-lo.

Desenvolvida a princípio por professores, historiadores e diplomatas, essa ilusão penetrou lentamente na alma das multidões e

produziu finalmente a explosão que vitimou o mundo. A era das Cruzadas renasceu mais uma vez, mas, pela primeira vez no curso das eras, uma cruzada de conquistas foi pregada por cientistas.

Criada por ilusões, a guerra foi também uma grande destruidora de ilusões. As sangrentas experiências que ela fez nascer vieram dissipar as nuvens que escondiam muito bem as realidades.

A Alemanha sacrificou vários milhões de pessoas e arruinou a Europa para aprender que todo sonho de hegemonia é atualmente uma quimera e que nenhum povo pode esperar escravizar definitivamente os outros.

Não será apenas a perda das ilusões. Os diversos beligerantes e até mesmo os neutros igualmente viram desaparecer o que outrora era tido como luminosas verdades.

Na lista das ilusões assim destruídas, se coloca em primeiro lugar o sonho pacifista, com sua esperança de estabelecer um pouco de fraternidade entre os povos. Esta ilusão está perdida por muito tempo.

Perdida também está a ilusão de que a ciência, a educação e a civilização possam suavizar os costumes, espaçar os conflitos e torná-los menos ferozes. Todos os progressos da ciência moderna, pelo contrário, só facilitaram as guerras e tornaram mais bárbaros os meios de destruição.

Perdida ainda está a ilusão de que um tribunal internacional de arbitragem independente possa algum dia exercer a mais leve influência sobre as lutas entre os povos ou mesmo estabelecer algumas regras de humanidade que possam ser respeitadas pelos beligerantes.

Perdida enfim a ilusão, que nos custou tão caro, de que um direito qualquer possa se manter sem uma força suficiente para sustentá-lo.

*

* *

A guerra terá outras consequências além da perda das ilusões, pouco partilhadas, aliás, pelos filósofos.

A grande conflagração europeia já produziu revoluções mentais que resultarão em novos modos de pensar e de agir. Muitos valores morais, políticos e sociais serão transpostos, as velhas hierarquias derrubadas, os fundamentos das civilizações abalados.

Privados das concepções com as quais viviam e sentindo sua vida ameaçada, os povos se orientarão forçosamente por novos princípios. A necessidade suscitará reformas que a segurança dos tempos de paz e o peso das influências ancestrais retardaram.

Essa entrada dos povos num mundo mental imprevisto não se realizará sem uma fase de transição difícil e incerta. Entre as ruínas de ilusões desmoronadas e a aplicação de verdades ignoradas ou

desconhecidas que a guerra revelou, se elaborarão todos os problemas que cada hora da vida social e internacional fará surgir.

Das transformações mentais criadas pela guerra, algumas já são bem visíveis. Estimulando todas as energias, tanto as do bem quanto as do mal, essa prodigiosa luta ergueu o homem acima dele mesmo. Saído do círculo estreito de suas preocupações pessoais, ele só considerou os interesses coletivos que, em sua existência habitual, passariam muito além dos interesses privados. Transformado no mandatário dos ancestrais, o homem sacrificou sua vida em benefício das gerações futuras e desdenhou da morte.

A bravura, a paciência e a tenacidade nos campos de batalha, a união inviolável no interesse do país, criaram na França uma atmosfera de grandeza moral que parecia apenas em estado de possibilidade antes da guerra e que, a julgar pelas aparências, os estrangeiros não suspeitavam.

*

* *

Seria impossível prever desde agora todas as consequências da guerra e as consequências distantes, sobretudo.

A dificuldade é menor se nos limitarmos a pesquisar as transformações da mentalidade já realizadas nos diversos povos. São elas principalmente que este livro estudará. Os problemas econômicos e

sociais serão tratados em outro volume. Nós nos limitaremos aqui aqueles cujas soluções imediatas se impõem.

Um nos mais árduos será descobrir um direito novo que possa presidir as relações internacionais. A guerra, sem dúvida, duramente ensinou que o direito apoiado sobre a força é o único respeitado, mas a força não pode ser empregada sempre. Sobre quais bases o direito novo deverá ser fundado e como ele poderá se defender? Em que limites se modificarão nossas ideias no que diz respeito à solidariedade humana, à proteção aos fracos, o respeito aos tratados e tantos elementos da civilização que pareciam definitivamente estabelecidos e que se encontram agora postos em questão?

Desses problemas decorre um outro mais temível ainda. Os povos conseguirão escapar do militarismo? E se não conseguirem se livrar dele, como poderão superpor a ele as ideias democráticas que parecem se impor por toda parte?

A solução é um tanto quanto difícil porque não depende unicamente de nossas vontades. Quando o desenvolvimento de certas instituições confere a um povo alguma superioridade, os outros são obrigados a adotá-las. Porém, é evidente que uma nação preparada para a guerra possui uma grande vantagem sobre aquelas organizadas apenas para a paz.

O choque pelas armas não representa, aliás, a única forma de conflitos. Com a assinatura da paz se abrirá o grave problema das

lutas econômicas. Os alemães tentarão então, naturalmente, recomeçar as invasões industriais e comerciais em que eles foram tão bem sucedidos. Se eles as retomarem mais uma vez, seu triunfo sobre o mundo será definitivo.

A luta deverá ser mais forte contra a invasão das pessoas do que contra a inevitável penetração de produtos, mas, a julgar pelos projetos atualmente formulados, os conflitos futuros serão, durante muito tempo, lutas de erros econômicos.

Sem querer prejulgar um futuro que mudanças duráveis de ideias poderiam modificar inteiramente, pode-se dizer que os povos adotarão forçosamente, não as instituições que lhes parecerão as melhores, mas aquelas que lhes permitam se proteger contra possíveis agressões.

Problema formidável. Sob pena de perecer, será preciso, no entanto, resolvê-lo. Na era das lutas sem piedade em que a humanidade entrou, os fracos estão condenados a desaparecer.

*

* *

A Europa estará ameaçada enquanto persistir o sonho de hegemonia da Alemanha. Infelizmente essa quimera tomou a forma de uma crença religiosa e, enquanto uma batalha se pode ganhar em algumas horas, são necessários longos anos e experiências repetidas

para mudar as crenças de um povo. Elas permanecem por muito tempo geradoras de fatos que convulsionam a vida das nações.

A divisa "Dominação universal ou decadência", escolhido como título de uma célebre obra alemã, permanecerá gravado na alma germânica; na dos professores principalmente. A Alemanha não se resignará facilmente com a diminuição de sua influência e os outros povos, muito menos, se resignarão em sofrer sua dominação. A luta atual se repetirá então, provavelmente, mais de uma vez.

De todas essas ameaças acumuladas como nuvens no céu das nações, resultará, sem dúvida, que a era da liberdade está fechada por muito tempo. Fora do militarismo necessário pelos medos de invasões, como os povos escaparão das diversas prisões: estatismo, socialismo, radicalismo e tantas outras que os teóricos da razão pura não param de forjar?

A única chance para a Europa obter uma paz um pouco durável será a união absoluta de todas as partes, dentro e fora de alianças indissolúveis, suficientemente fortes para criar um tipo de polícia internacional capaz de dar, aos direitos violados, uma sanção.

Para um futuro cuja distância nos escapa ainda, as previsões são menos sombrias, porque o mundo verá se desenvolver progressivamente um novo fator de paz: a interdependência financeira e industrial dos povos. No meio dos motivos de colisões: ódios étnicos, ambições, rivalidades industriais etc., ele representa a única aurora

de apaziguamento. Muitas diferenças mentais separam alguns povos para que eles possam chegar a se gostar, mas a comunidade dos interesses econômicos os obrigará, sem dúvida, a se suportar.

*

* *

Nenhum filósofo saberia predizer atualmente o que será a vida nova cujos fundamentos emergem com muito custo das brumas do destino. O imprevisível nos envolve. Problemas temíveis surgem a cada dia e, como aqueles criados pela esfinge da lenda antiga, é preciso resolvê-los ou perecer.

Jamais, talvez, tais objetos de estudo foram ofertados para as meditações dos pensadores.

A tarefa dos políticos que dirigem a vida dos povos vai se tornar difícil. Ela será mais difícil ainda se eles se esquecerem que as leis criadas pelas vontades humanas devem se adaptar às necessidades naturais e jamais pretender violá-las. As transformações sociais a golpes de decretos, tão frequentemente tentadas pelos políticos autoritários e simplistas, levam sempre a desastres.

A guerra europeia mostra o preço que cobram as ilusões políticas e os erros psicológicos. Em certos períodos da história dos povos os erros de doutrina, de caráter, de julgamento e, por consequência, de conduta, são sem remédio. Eles criam rapidamente essas terríveis

fatalidades sob o peso das quais poderosos impérios acabaram por sucumbir.

Mas os mais hábeis governos jamais tiveram, em nenhuma época __ e muito menos agora __ o poder de determinar sozinhos a prosperidade de um país. Uma nação não se transforma com leis. Seu progresso é o resultado da evolução das almas. O futuro de um povo depende da duração e da intensidade de seus esforços. É em si mesmo e não fora de si que ele deve buscar as causas de sua grandeza e de sua decadência.

LIVRO I

A perda das ilusões

CAPÍTULO I

As ilusões pacifistas

§1. As ilusões sobre a gênese dos grandes acontecimentos históricos.

Sumário

Fora da ciência que transforma as condições de existência da humanidade, as ilusões representam o fator dominante da história. Criadoras dos mais importantes acontecimentos do passado, elas presidiram a maior parte das construções e das destruições que preenchem a vida dos povos. Sob sua influência, brilhantes civilizações pereceram e grandes impérios foram criados.

Nascida com os primeiros seres humanos, a era das ilusões só desaparecerá, sem dúvida, com os últimos. Apenas o nome desses poderosos fantasmas mudam algumas vezes. As ilusões políticas e sociais substituíram as ilusões religiosas, diferindo delas bem pouco. Sem ser tão fecundas, elas demonstram ser tão mortíferas quanto elas.

Não se pode maldizer muito as ilusões __ ora benéficas, ora funestas __ que conduzem a humanidade, pois se elas desaparecessem a humanidade perderia, talvez, os principais estimulantes de seu progresso. Viver com elas é necessário, pois os povos não podem passar sem elas, mas deve-se aprender a conhecer seus perigos afim de poder se preservar. Vários capítulos deste livro serão dedicados a mostrar seu papel preponderante nas perturbações que transformam o mundo.

A Europa está tão devastada hoje em dia por causa da ilusão mística de um povo que aspira conquistá-la, como ela foi outrora pelas cruzadas e as guerras de religião. Para lutar contra o povo invasor, os povos invadidos tiveram que renunciar rapidamente a outras ilusões que tendiam a se tornar universais.

§2. A ilusão pacifista.

De todas as ilusões que levaram a França à beira do abismo em que ela escapou de cair, a mais nefasta foi a ilusão pacifista.

Seu progresso acontecia a cada dia. Os socialistas, que pregavam a luta entre as classes, pretendiam estabelecer uma paz eterna entre os povos.

A conflagração europeia mostrou aos pacifistas os perigos de seus erros, mas ela ainda não os convenceu totalmente. Um dos seus mais eminentes, o professor Ch. Richet, não hesitou em escrever:

“Quando a vitória for obtida, será preciso retomar os grandes pensamentos pacifistas da França republicana e democrática”.

Antes da guerra, o pacifismo era propagado principalmente pelos socialistas e os professores, mais familiarizados com a lógica livresca do que com as paixões humanas.

Dentre as ilusões pacifistas que os cegantes clarões da guerra fizeram desaparecer mais rapidamente, figura a concepção __ cara a todos os socialistas, desde Karl Marx __ de que não existe pátria, mas a identidade de condições que constitui o laço entre as pessoas. Um trabalhador alemão e um trabalhador francês são irmãos, enquanto um trabalhador francês é __ por causa apenas de sua profissão __ inimigo de seu compatriota que pertence à burguesia, ou seja, a uma classe diferente da sua.

Essa é a base do internacionalismo trabalhista e da luta de classes. Os trabalhadores de todos os países devem se unir contra os capitalistas. A guerra entre as classes, estando substituída pela guerra entre os povos, o antagonismo das nações se encontraria substituído pela união universal dos proletários. O conceito de classes apagaria o conceito de pátria.

Mais eloquente do que os discursos, a experiência provou que essa teoria estava fundada sobre um desconhecimento total das leis da psicologia. Antes de pertencer a uma profissão, a pessoa pertence primeiro a um povo e a voz desse povo é muito mais forte do que a

dos interesses profissionais. Muda-se facilmente de profissão, não se muda de povo. É justamente por isso que, desde a declaração das hostilidades, os interesses da pátria primaram sobre os interesses das classes e os substituíram imediatamente.

A infantil ideia de greve dos trabalhadores em caso de guerra desapareceu como uma vaga fumaça. Em nenhuma das nações beligerantes se viu um só trabalhador pensar nos interesses de sua classe. Ao primeiro chamado e sem discussão, cada um cerrou fileiras sob a bandeira de seu país, revelando assim a fraqueza da ilusão internacionalista. A guerra resolveu definitivamente, em um dia, problemas que nenhuma argumentação poderia esclarecer.

§3. A luta do pacifismo contra a noção de pátria.

De acordo com seus propagadores o pacifismo deveria levar à fraternidade dos povos e, como consequência necessária, ao desaparecimento da ideia de pátria.

Essa fundamental noção de pátria era muito combatida pelos socialistas, aos quais se juntava uma compacta coorte de universitários. Parecia a eles completamente absurdo que uma fronteira impedisse as pessoas de serem irmãs.

E aqui aparece mais uma vez o perigo de querer julgar, com a razão, forças independentes de seu domínio. Onde estaríamos hoje se a alma das massas não fosse mais justa do que a dos retóricos?

Pretender dissecar conceitos sociais em nome da lógica racional, sem levar em conta seus suportes afetivos ou místicos é se arriscar a considerar absurdos os fundamentos mais essenciais da vida dos povos.

Diante da sutil crítica dos intelectuais a noção de pátria parecia se afundar, por falta de conteúdo. Sobre o que fundamentá-la, com efeito? Sobre a comunidade de língua? Não, pois as diversas províncias de um mesmo país __ Suíça, Áustria etc. __ falam línguas diferentes. Sobre a comunidade dos interesses passados? Não, mais uma vez, pois as diferentes partes de uma mesma nação __ a França, por exemplo __ estiveram, durante muito tempo, em luta.

Aos socialistas, principalmente, não faltavam razões para rejeitar essa noção de pátria. Em que a um trabalhador que nada possui pode interessar o país em que ele vive? A pátria do trabalhador não é seu grupo profissional, quer seja alemão, inglês ou francês?

Dizia um socialista célebre que se tornou depois ministro: “Porque quereis vós que eles amem sua pátria, esses trabalhadores que só conhecem dela as injustiças sociais?”

Para que tanta discussão de uma noção obsoleta, defendida apenas pelos limitados burgueses? Não se estava certo de que a era das guerras havia passado para sempre e que a necessária democracia trabalhadora poderia impedir novas lutas? Não existia em Haia um tribunal internacional encarregado de resolver os conflitos? Por

isso, nada mais de lutas entre os povos e a supressão definitiva dos exércitos permanentes. Todas as pessoas, sendo irmãs, deveriam proclamar uma paz universal. Sua única pátria era o gênero humano.

A declaração de guerra pela Alemanha e as ameaças de destruição que dela implicava para a França bastaram para fazer reviver instantaneamente nas almas a ideia de pátria, ou melhor, a fizeram surgir do inconsciente, onde ela estava ancorada, mesmo entre os pacifistas que se acreditavam livres dela.

Em tempo normal a pátria permanecia uma abstração muito vaga, um pouco distante e cuja utilidade não aparecia nitidamente.

A guerra a livrou das nuvens que a envolviam e lhe deu os contornos de uma realidade bem tangível. Cada cidadão compreendeu, em um só golpe, que a pátria era ele mesmo e que, ao defendê-la, ele se defendia. Diante dessa evidência a futilidade das teorias pacifistas se revelou, mesmo a seus autores.

Eles lamentaram, certamente, sua incompreensão, no dia em que a declaração de guerra demonstrou __ aos espíritos mais obscurecidos pelas bizantinas discussões __ que um princípio capaz de levantar milhões de pessoas prontas a se deixar matar para defendê-lo, constituía, pelo único fato de seu imenso poder, uma realidade muito sólida.[1]

[1] A opinião de todos os combatentes é muito bem traduzida no seguinte fragmento de uma carta escrita no fundo das trincheiras e publicada por um grande jornal:

O poder de uma ideia não prova seu valor racional. Mesmo que muito errôneas, muitas crenças religiosas e políticas sublevaram o mundo. Pode ser que acontece o mesmo com a ideia de pátria que, também ela, se tornou uma verdadeira religião.

Porém, essa religião se acha, pelo contrário, pousada sobre um fundamento muito racional.

A pátria representa, com efeito, o conjunto de todas as forças ancestrais condensadas em nós mesmos. Defendê-la é defender, ao mesmo tempo, o passado, o presente e o futuro de um povo. As multidões que se deixam matar atualmente por ela sentem inconscientemente essa verdade estranha, ao invés da casuística dos teóricos, convencidos de que o universo é conduzido pela lógica de seus livros.

Numerosos fatos revelados pela guerra vieram mostrar o quanto a influência da cultura, base da ideia de pátria, permanece preponderante. Para combatê-la assegurou-se que o mesmo povo mudava facilmente de caráter no curso de sua história. Não era evidente, por exemplo, que os alemães da América estavam americanizados em duas ou três gerações?

"Hoje em dia há alguma coisa de indefinível, que está acima de tudo. É uma palavra vazia de sentido quando se analisa e sublime quando se pronuncia: pátria. Estamos numa hora em que vivemos uma página tão trágica que devemos todos fazer de tudo nosso dever e quando se faz mais do que seu dever, eu não sei se o que foi feito foi o suficiente".

A experiência revelou que essas evidências supostas só constituíam uma aparência. Os alemães emigrados na América haviam assimilado, com efeito, os costumes, os hábitos, os usos, até a própria língua do país de adoção. Mas o que escapou ao seu poder foi mudar sua alma ancestral. Ela reapareceu imediatamente quando os interesses da Alemanha entraram em jogo. Instantaneamente eles descobriram que sua pátria era sua cultura e a vida social dos Estados Unidos foi profundamente abalada por sua propaganda e seus complôs.

§4. As consequências do pacifismo sobre nossa preparação militar.

Em 14 de julho de 1914, após uma interpelação no Senado sobre a ineficiência confessa de nosso armamento, o ministro da guerra disse: "O governo não pode ser responsável pelo fato de que, no início do século XX, *este país se deixou levar pela quimera do idealismo, pela quimera da pacificação universal*".

Ele poderia ter acrescentado, para se defender, que os deputados radicais socialistas estavam tão convencidos da impossibilidade de uma guerra que eles não pararam de reduzir cada vez mais o orçamento militar. Vários ministros demagogos não hesitaram em segui-los nesse caminho para angariar popularidade.

Escreve o **Temps**, de 16 de julho de 1914:

Os militares demandaram, de 1901 a 1913, 1,142 bilhão em créditos de equipamentos e as Câmaras só aprovaram 799, ou seja, uma redução de quase um terço. Essa redução, aliás, não foi a obra apenas das Câmaras. Os ministros da Guerra e das Finanças também participaram dela. Se então faltou dinheiro, não foi, em todo caso, culpa dos militares.

Os quatro orçamentos, de 1902, 1903, 1904, 1905, obra do general André, acusam uma redução total feita pelas Câmaras, dos créditos para equipamento, de 128 milhões, ou seja, de quase a metade das demandas formuladas pelos militares.

'Mas essa redução foi preparada, aliás, antes do voto das Câmaras, pelo ministro da Guerra, que reduziu em 96 milhões, ou seja, em um terço, as demandas dos militares.'

No que diz respeito aos três orçamentos preparados pelo general Picquart (1908, 1909, 1910), a redução operada pelas Câmaras sobre as demandas dos militares foi de 53 milhões, ou seja, de um quinto. Mas essa redução, como sob o ministério do general André, foi preparada pelo ministro da Guerra, que reduziu em 51 milhões as demandas de seus militares.

Se então, nos dois períodos __ 1902-1905 e 1908-1910 __ reduções enormes foram infligidas às demandas dos militares, reduzindo essas demandas de 262 milhões para 128, para

a primeira e de 267 para 214, para a segunda, a responsabilidade cabe em primeiro lugar aos ministros da Guerra que, antes de todo debate comprimiram as demandas; o general André para 166 milhões em vez de 262 e o general Picquart para 216 milhões, em vez de 267.

As reduções recaíram sobre os elementos mais essenciais da defesa. Nada de artilharia pesada; muito poucas metralhadoras; aprovisionamento de tiros por peça reduzido de 3.000 para 1.400; os fortes de Dunquerque, Maubeuge, Lille, Reims, foram desarmados etc.

Após nossos primeiros reveses e a batalha de Marne nós não possuíamos mais munição. O ministro da guerra daquela época, sob o pretexto de igualdade, teve a grande loucura de enviar para a frente de batalha todos os trabalhadores de nossos arsenais que fabricavam material de guerra. Foram necessários os meses de setembro e outubro para ir buscar um por um, nos regimentos e depósitos, os trabalhadores especialistas __ fundidores, torneiros, ajustadores etc. __ e reintegrá-los às oficinas. No fim do mês de janeiro de 1915 ainda não conseguíamos produzir mais do que 40.000 obuses por dia; apenas no começo de março atingimos o número de 75.000, largamente ultrapassado depois graças à ajuda da indústria privada.

Quanto à artilharia pesada __ que permitiu aos alemães destruir em alguns dias fortalezas como a de Liége, considerada como i-

nexpugnável e se posicionar fora de nosso alcance, nos infligindo perdas enormes __ nós, igualmente, diante da certeza de uma paz inviolável, negligenciamos em formar.

Ela só foi criada muito tarde, em razão da má vontade dos comandantes militares que, finalmente, se decidiram por ela. Nesse período difícil foi preciso lutar não apenas contra as consequências das teorias pacifistas, mas também contra a inércia de velhos generais influenciados pelos ensinamentos de sua juventude e pouco aptos a compreender as novas necessidades da guerra.

No início da campanha, foi a mais completa desordem. Quase nada havia sido preparado durante a paz, pois os pacifistas estavam certos da impossibilidade de uma guerra. Essa desordem pode ser avaliada pelos seguintes detalhes relativos ao campo entrincheirado de Paris, fornecidos pela **Nouvelle Revue** (15/08/1916).

> *Os aprovisionamentos de reserva para os tempos de guerra não existiam, por assim dizer. Os fortes não estavam aprovisionados; as provisões que lhes eram necessárias não existiam, nem mesmo nas lojas.*

Apesar dessa ausência de recursos, foi preciso alimentar nossos exércitos, que afluíam para Paris e, mais tarde, vesti-los com lojas vazias. De Bordeaux chegava diariamente uma centena de despachos imperiosos e contraditórios. Eles não podiam, naturalmente,

criar as provisões que não existiam. Viveu-se de improvisos como, por exemplo, cortar em dois os cobertores, para dobrar seu número.

Mesmas desordens em todos os serviços; o da saúde, particularmente. Requisições, a grandes custos e ao acaso, de hotéis, que se esqueciam em seguida de utilizar; numerosas caixas de medicamentos enviadas para localidades sem hospitais; médicos designados para o mesmo dia, para postos situados em cidades diferentes; formações médicas deixadas sem medicamentos enquanto antigos hospitais abandonados há muito tempo recebiam suprimentos; recusa dos medicamentos requisitados pela administração porque o papel das faturas não tinha as dimensões administrativas; feridos transportados de cidade em cidade, através de toda a França, sem que se pudesse descobrir seu destino; enfermeiros recrutados absolutamente ao acaso e dentre os quais figuravam simples camponeses etc.

É realmente maravilhoso que, com tal falta de preparo e a continuação durante longos meses das mais incríveis desordens, conseguimos sair dessa terrível aventura sem ter sido esmagados.

CAPÍTULO II

As ilusões racionalistas

§1. O papel do racionalismo na gênese das ilusões.

Sumário

O historiador pode se limitar a descrever em seus livros o conjunto dos acontecimentos. O psicólogo deve se esforçar para atingir suas causas imediatas ou distantes.

Muitos acontecimentos atuais são derivados de ilusões racionalistas. O pacifismo, cuja influência nós mostramos no capítulo precedente, não foi sua única criação.

Ninguém pensaria hoje em dia em discutir o papel da razão no estudo dos fenômenos científicos. Guiada pela experiência e a observação, ela é o único instrumento do conhecimento. Provando que os fenômenos obedecem a leis rigorosas, ela eliminou a crença na intervenção dos deuses que predominou na antiguidade. Através dela somente, nós pudemos dominar a natureza e criar todas as maravilhas da civilização.

Reinando como mestre sobre o círculo da ciência, que era sua verdadeira esfera, o racionalismo acreditou ser fundado para dirigir os fenômenos da vida política, religiosa e moral. Foi em seu nome que nossos pais da Revolução Francesa pretenderam reconstruir em todos os seus detalhes a sociedade francesa e que uma massa de sonhadores se propôs a reconstruí-la mais uma vez.

Porque a ciência, que construiu tantas coisas, não poderia, segundo a concepção tão cara aos teóricos latinos, refazer uma sociedade nova capaz de assegurar a felicidade das pessoas?

Ela não pode simplesmente porque os fatores racionais não têm nenhuma relação com os elementos afetivos, místicos e coletivos que determinam a conduta dos indivíduos e dos povos.

Querer reconstruir uma sociedade em nome da razão, é só levar em conta um só dos motivadores que conduzem os povos e este motivador é justamente um dos menos influentes.

Fora dos assuntos de ciência pura, as coisas julgadas unicamente pela razão são geralmente mal julgadas. É tomando-a como seu único guia que se acaba formulando opiniões análogas às daqueles cientistas professores, lembrados mais atrás, que, ainda na véspera da guerra, a declaravam como impossível.

O racionalismo acadêmico pretende tudo explicar pelas regras que ele criou. Os fatos que fogem dessas regras são simplesmente rejeitados. Um ex-ministro lembra, a propósito, as afirmações de um professor famoso em seu tempo, o Sr. Vacherot:

> *Dada uma definição da democracia, eu deduzo todas as consequências para a sociedade, o Estado e o governo... Se meu livro tem como princípio a verdade, pouco importa que a realidade proteste contra seus princípios e suas conclusões... Jamais a história pôde ser um argumento contra a lógica!*

É o mesmo racionalismo que levou outrora um célebre professor da Sorbonne, nomeado governador de uma grande colônia, mandar afixar nas escolas primárias frequentadas por jovens selvagens a

"Declaração dos Direitos do Homem". Foi, igualmente em nome do racionalismo, que foram formuladas antes da guerra tantas previsões, tão completamente errôneas.

O abuso do racionalismo na política, sua perpétua pretensão de transformar a sociedade segundo visões teóricas, levaram a França a um estado de desagregação que exporemos num próximo capítulo.

§2. As ilusões racionalistas sobre a impossibilidade da guerra.

A guerra provou o quanto a pretensão de aplicar a todos os fenômenos sociais os métodos da lógica racional impediu a percepção dos verdadeiros impulsionadores dos povos e, por consequência, a interpretação de sua conduta.

A razão mostra facilmente, por exemplo, a baixa fundamentação de uma crença, mas ela se esquece também que foram justamente as concepções racionais as mais absurdas que frequentemente desempenharam os maiores papéis na história.

Esses princípios foram esquecidos pelos teóricos que, guiados unicamente pelas luzes da inteligência, acreditaram ser impossível que os alemães nos declarassem guerra. Sua estupefação foi profunda quando ela explodiu. A impossibilidade de descobrir origens racionais no conflito europeu desorientou todas as suas doutrinas.

Escreve o historiador Ferrero: "A guerra europeia parece um drama incompreensível e quase absurdo... É evidente que o povo que tomou a iniciativa dessa fabulosa aventura era aquele que tinha o maior interesse em conservar a paz do mundo".

É evidente, com efeito, que a Alemanha não tinha nenhum interesse racional em fazer a guerra, pois sua invasão industrial e comercial crescente logo lhe teria assegurado, sem luta, uma supremacia que nenhuma conquista poderia proporcionar.

Não era, portanto, sem motivo que os pacifistas e os socialistas estavam de acordo para afirmar, confiando apenas nos ensinamentos da razão, que a hipótese de uma tal guerra não podia ser vislumbrada. De suas afirmações repetidas resultou a falta de preparação militar da qual fomos vítimas e que trouxe, como primeiras consequências, a devastação e a ruína dos mais ricos departamentos franceses.

Os professores, principalmente, se mostravam afirmativos. Num trabalho publicado pouco tempo antes da abertura das hostilidades[2], um célebre mestre da Sorbonne pretendeu provar, em termos categóricos, que um conflito com a Alemanha era rigorosamente impossível.

Erros de previsão tão grandes tinham, naturalmente, suas causas. Eles aconteceram, eu repito, pelo fato de que os cientistas são dirigidos unicamente pela lógica racional em suas investigações e

[2] Analisado longamente em **Débats**, de 25 de março de 1913.

pensam que ela é o verdadeiro guia dos povos e de seus senhores, enquanto que, na realidade, estes últimos são conduzidos por forças afetivas, místicas e coletivas capazes de fazê-los agir contrariamente a seus interesses racionais mais evidentes.

Certamente pode parecer inverossímil que, num século tão esclarecido como o nosso, um povo se pretenda investido por Deus da missão de conquistar o mundo e que seu chefe ouse afirmar a realidade de uma tal missão. No entanto, essa concepção fez perecer milhões de pessoas, arruinou a Europa e mergulhou no desespero inumeráveis famílias.

Não foi a primeira vez no curso das eras que concepções que podem ser consideradas como erros evidentes pela razão desempenharam um papel preponderante na vida dos povos. Não se pode, portanto, jamais desdenhar de sua influência.

§3. O papel das ilusões racionalistas na gênese das opiniões.

Na falta de seculares experiências escalonadas ao longo da história, a guerra bastaria para mostrar o fraco papel da razão na gênese das opiniões; das opiniões coletivas, principalmente.

Fora dos objetos cujo controle experimental é fácil, bem poucas opiniões se apoiam sobre a lógica racional. O meio, o contágio

mental, a sugestão e __ raramente __ a razão, constituem as verdadeiras fontes da maior parte de nossas opiniões.

Sobre fatos que a experiência torna evidentes __ poderio da artilharia pesada, ação defensiva das trincheiras etc. __ todo mundo está de acordo, seja qual for a nacionalidade a qual pertença. Sobre a interpretação de fatos, no fundo também claros, mas não suficientemente tangíveis, o desacordo é completo.

Os mais ilustres pensadores alemães continuam a sustentar __ e o povo inteiro sustenta com eles __ que foram os ingleses que urdiram a guerra. Em vão foram postos sob seus olhos documentos que provam os esforços desesperados da Grã Bretanha para evitar uma luta que lhe era profundamente antipática e para a qual nada havia preparado. Em vão lhes provaram que jornalistas alemães, professores, historiadores, generais etc, pediam há muito tempo essa guerra e pretendiam demonstrar que a vontade de Deus concordava com os interesses alemães. Nenhum argumento abalou as convicções, precisamente porque a razão não era o fator de suas opiniões.

Invocar a má-fé de todo um povo para explicar tais crenças seria uma pobre interpretação. Os diplomatas são facilmente de má-fé e a mentira continuada representa para eles um dever profissional; mas não existe, no curso dos séculos, exemplo de vários milhões de pessoas que adotaram uma crença por má-fé. É então muito sinceramente que os alemães permanecem convencidos de que foram ataca-

dos. Essa crença é muito forte para eles, porque ela lhes confere a energia que uma fé viva sempre dá.

A opinião do povo alemão é derivada simplesmente da lei geral de que as opiniões coletivas resultam, na maioria das vezes, de concepções místicas e sentimentais, propagadas por contágio mental. Sobre tais crenças, eu repito, a razão permanece sem ação.

Mesmo na vida comum e não se tratando, de maneira alguma, de grandes interesses coletivos, o fato mais simples se transforma assim que é observado através dos sentimentos, das paixões ou das crenças. A maior parte das pessoas está assim envolvida por uma rede de prejulgamentos e de erros que as impedem de ver as coisas como elas são. Os seres mais realistas não conhecem frequentemente nada além do que a vida que sonha.

Mais esclarecidos, os políticos negligenciam a realidade porque se ocupam principalmente com a opinião pública. Incapazes de dirigi-la, eles se limitam em segui-la. O erro será facilmente preferido por eles se ele for mais impressionante do que a verdade.

Enquanto o cientista busca a realidade, o político desconfia dela e a olha um pouco como uma inimiga. A verdade, para ele, é o que lhe é útil, ou seja, o que está em conformidade com seus interesses do momento.

Eu concluirei, das observações precedentes, que, se a verdade é difícil de descobrir em tempos comuns, ela é quase inacessível nas

épocas tumultuadas em que as paixões se encontram violentamente superexcitadas. Do abismo de erros que as envolvem, as mentes mais independentes só conseguem retirar fragmentos de verdade.

§4. As ilusões políticas e o misticismo racionalista.

O racionalismo que invadiu nossa política antes da guerra era frequentemente artificial e servia para encobrir, com uma aparência altruísta, interesses e apetites de ordem pouco elevada. Agitar a bandeira da razão e repetir sem parar fórmulas místicas destinadas a criar a felicidade dos povos se tornou a condição de existência dos políticos. A competição os levou a essas perpétuas promessas que precedem as irremediáveis decadências.

Mas, ao lado dos retóricos que buscam somente sugestionar a alma das massas, se multiplicaram os teóricos de cátedra e de livro, que pretendiam convulsionar as sociedades em nome da razão, ou seja, de sua razão.

Em tempos normais, os elementos biológicos, afetivos, místicos, coletivos e racionais de nossa natureza acabam por se equilibrar e se adaptar às necessidades do meio. Mas, quando circunstâncias perturbam violentamente o meio, o equilíbrio é rompido. Um elemento qualquer __ místico, afetivo ou qualquer outro __ se torna preponderante e a vida individual e social é perturbada.

O hábito dos teóricos latinos de aplicar exclusivamente a lógica racional à conduta dos indivíduos e das sociedades foi precisamente uma das causas do desequilíbrio geral que antes da guerra crescia a cada dia. Sob a dissolvente ação dos retóricos de cátedra e do fórum, a estabilidade da alma ancestral se desagregava lentamente. Jogado no mundo imenso dos fenômenos, tendo perdido suas ilusões e deixado perecer seus deuses, o homem moderno buscou penosamente descobrir novas luzes capazes de dirigir seus pensamentos e apoiar seus esforços. Renunciando a solicitá-las às potências divinas, ele as buscou na razão e a razão não as deu.

Essa necessidade de um guia espiritual foi, para muitas almas, o motivo de sucesso do socialismo, teoricamente saído da razão e que quase desorganizou inteiramente a França.

Essa nova fé, que no início representou principalmente a doutrina dos políticos sonhadores, dos professores ambiciosos, dos inadaptados impotentes e dos crentes místicos, se tornou a religião de um grande número de corações sensíveis, ávidos de esperança e incapazes, como a maior parte das pessoas, de passar sem uma crença para orientar sua vida.

Por isso, muitas mentes, embora pouco revolucionárias, mas alucinadas pelas promessas socialistas, acabaram por se colocar a reboque dos mais perigosos demagogos. Elas os deixaram criar ruinosas leis ditas sociais, promulgadas para obedecer às cobiças de

comitês ruidosos e cujos únicos resultados foram a paralisia do comércio e da indústria, a excitação dos ódios e a preparação de violentos movimentos revolucionários.

E aqui tocamos num fenômeno psicológico muito curioso: o racionalismo acabando por assumir a forma de uma crença religiosa, ou seja, produzindo um misticismo de mesma ordem daquele que pretendeu destruir.

Chegando a esse ponto de sua evolução, uma nova fé escapa da influência da lógica racional que a criou. Ela pertence daqui para frente ao círculo das crenças e se propaga como todas as outras: por afirmação, contágio mental, repetição e prestígio.

Essa transformação de uma teoria racionalista em uma crença mística não é rara na história. A ideia mística da hegemonia alemã continha, também ela, um elemento racional representado pela teoria científica __ cuja falsidade só foi reconhecida mais tarde __ da unidade e da supremacia antropológica do povo alemão. Sobre este fundamento errôneo foi edificada uma doutrina que logo tomou uma forma mística e pôde, desde então, sobreviver ao desaparecimento da teoria de onde nasceu.

Pode-se considerar como uma lei geral que as interpretações racionalistas se transformem invariavelmente em crenças místicas, assim que são aplicadas a objetos que não são de seu domínio.

Esse misticismo de base racionalista é o mais temível de todos. Seus sectários proclamam seus oráculos com a mais selvagem intolerância e sonham em destruir sem piedade os inimigos de sua fé.

Mesmo que inúmeras crenças tenham dominado a alma das multidões, o socialismo ameaçava se tornar um gerador de fanatismos destruidores que nenhum dique conseguiria reter. Estávamos aqui quando a guerra veio dissipar nossos sonhos.

§5. O papel da experiência no desaparecimento das ilusões.

Os erros de natureza daqueles indicados neste capítulo são considerados como verdades até o dia em que suas consequências funestas se revelam a todos os olhos. Essas consequências representam o mais certeiro elemento de educação de um povo. Eles não se tornam suficientemente eficazes, no entanto, até que assumam formas catastróficas, capazes de impressionar todas as mentes.

Sem dúvida que existem outros meios de persuasão, mas eles são lentos e agem sobretudo para a propagação de erros agradáveis e não de rudes verdades.

Não procurando seduzir, a verdade não se preocupa, de maneira alguma, com nossos desejos. Ela só é aceita, por isso, quando acontecimentos impressionantes mostram sua necessidade.

Por isso o mundo pertencerá sempre aos demagogos que, pela palavra e pela pena, entusiasmam as multidões com suas ilusões. Os fantasmas criados por eles se tornam rapidamente geradores de ação. Apenas terríveis experiências podem então destruí-los, mas só após terem provocado suas devastações.

Os pensadores raramente obtêm sobre as almas das massas um tal poder de persuasão. As verdades que eles defendem poderão mais tarde iluminar o futuro, mas elas permanecem, a princípio, sem força.

Com a exceção de um pequeno número de obras religiosas, tais como a Bíblia e o Corão, os livros exerceram sempre uma pequena ação. Se eles chegam, acidentalmente, a possuir uma certa influência, é porque os governantes amam encontrar nos escritos dos filósofos uma tese capaz de justificar seus atos. Frequentemente se lembra que Robespierre e os homens da Revolução Francesa se inspiraram nas obras de Rousseau. Parece muito provável que este escritor lhes forneceu simplesmente, graças à sua teoria errônea da igualdade natural das pessoas destruída pelas iniquidades sociais, uma justificativa para todos os decretos revolucionários.

O papel mais habitual dos escritos é de precisar as tendências de sua época. Justamente foi o caso das publicações filosóficas que precederam a Revolução Francesa. Elas precisaram reivindicações

que se tornaram gerais pelas opressões do antigo regime e suas desigualdades chocantes.

A mesma observação é aplicável aos livros dos historiadores e dos filósofos alemães que, durante muitos anos, não cessaram de pregar à Alemanha a conquista das nações vizinhas. Eles traduziam simplesmente as aspirações dos governantes e as tornaram populares. Num outro país a influência de livros análogos teria sido nula. Um dos elementos da persuasão é afirmar às pessoas coisas que elas já estão começando a acreditar.

Qualquer que seja o papel dos livros é inegável que a ação da experiência é infinitamente maior. Apenas ela pode dissipar instantaneamente o erro. Diante dela as mais brilhantes criações dos retóricos se desmoronam.

A guerra europeia constitui uma dessas grandes experiências com poder persuasivo imediato. Todos os observadores ficaram impressionados com as mudanças ocasionadas por esse gigantesco conflito nas almas dos povos.

É sobre um amontoado de ruínas materiais e morais que é preciso reconstruir. O edifício só terá solidez se seus construtores souberem levar em conta as necessidades que guiam as pessoas.

Ele sucumbirá em novas catástrofes se se tentar edificá-lo como sociedades imaginárias, filhas da razão pura, que só tem existência na mente dos políticos ou nos livros dos acadêmicos.

CAPÍTULO III

As ilusões psicológicas sobre as mentalidades dos povos e sobre a manipulação das forças que os guiam.

§1. Dificuldades para se conhecer as almas dos povos.

Sumário

Dentre os numerosos ensinamentos da guerra, será preciso notar o fato essencial de que os diversos povos do mundo se conhecem muito pouco e fazem, por consequência, uns sobre os outros, julgamentos muito errados.

O conhecimento do caráter dos povos repousava sobre duas fontes que se acreditava muito precisas, mas cuja ineficiência agora é visível.

A primeira era constituída pelas observações pessoais; a segunda, pela leitura das obras publicadas pelo povo cuja mentalidade era estudada.

Porém, a observação das pessoas em circunstâncias comuns só revela fragmentos superficiais de sua alma e as obras dos escritores só falam de personagens excepcionais ou imaginários.

É preciso admitir que o conhecimento de um povo é muito difícil, pois os mais ilustres observadores __ a Sra. de Staël, outrora; Taine e Renan, em nossos dias __ mal conheceram a alma alemã. Os

erros cometidos pelos diplomatas provaram que eles também não as conhecem melhor.

Para conhecer a alma de um povo, não se pode observá-lo em sua vida cotidiana, mas nas grandes circunstâncias de sua história. É preciso procurar sua alma nesses atos e não nos discursos.

Os livros representam manifestações da alma consciente e móvel. Os atos revelam a alma inconsciente profunda criada pelos ancestrais.

Atendo-se principalmente a estes últimos elementos de informação, logo se perceberia que, apesar de aparências superficiais, a alma profunda de um povo muda muito pouco no curso dos séculos. Os sargentos prussianos, bem como os historiadores e os filósofos, só fizeram orientar aspirações e instintos existentes muito antes deles. A Alemanha da Guerra dos Trinta Anos se mostrou tão feroz quanto seus descendentes atuais. O desprezo pelos tratados era tão completo na época de Frederico II quanto hoje em dia.

Se as opiniões que os diplomatas possuem sobre as almas dos povos são frequentemente tão errôneas, a que os povos fazem uns dos outros são mais errôneas ainda. Mesmo assim, é sobre essa ignorância recíproca que se fundam, às vezes, suas amizades.

Não é indispensável, com efeito, que os povos se conheçam para se simpatizarem. Parece mesmo necessário ser o contrário. A simpatia confessa de muitos espanhóis pelos alemães durante a guer-

ra resulta em parte de sua ignorância completa sobre a Alemanha, com a qual eles não possuíam relações.

Nenhuma comunidade de caráter existe entre os dois povos. Não existe, talvez, no mundo, povos mais dessemelhantes. O espanhol é cavalheiresco, leal, respeitoso da fé jurada; o alemão não possui nenhuma destas qualidades e possui em um grau muito pequeno o sentido de honra. Muito disciplinado, ele só quer obedecer, enquanto que o espanhol é orgulhoso, independente, indisciplinado e, por isso, muito difícil de governar. O alemão se revela ávido pelo lucro, rapinante; o espanhol é generoso e conserva, mesmo na pobreza, maneiras de grande senhor. Subserviente com seus chefes, insolente com seus inferiores, o alemão __ qualquer que seja sua fortuna e sua posição __ jamais manifesta ares de um cavalheiro.

§2. Os fatores psicológicos da vida dos povos e a arte de manipulá-los.

A guerra europeia mostrou a importância dos conhecimentos psicológicos na conduta dos indivíduos e das nações. As ilusões que os diplomatas possuíam sobre a mentalidade de certos povos e os motivadores que os inspiram proporcionaram para seus países consequências terríveis.

Certamente que não faltaram princípios diretores aos políticos, mas esses princípios foram geralmente um pouco rudimentares e, às

vezes, muito errados. Como, por exemplo, a concepção tão difundida de que o interesse constitui o grande motivador das ações humanas. No entanto, o interesse é justamente o motivador que menos age sobre as multidões. Poderoso sobre indivíduos isolados, ele perde toda influência sobre as mesmas pessoas fundidas numa coletividade. Esta é uma das leis essenciais que eu coloquei em evidência no meu **Psychologie des Foules**. Egoísta em estado isolado, o homem incorporado a uma massa se torna imediatamente altruísta. Assim que a alma individual é agregada à alma coletiva ela abdica de sua personalidade e o ser mais egoísta se torna capaz de sacrificar sua vida para o triunfo das crenças que lhe foram sugeridas.

Para o indivíduo isolado pode-se, por isso, apelar para o interesse, mas diferente será o manejo das multidões; tarefa que representa justamente aquela dos políticos. É preciso então agir sobre motivadores muito diferentes do interesse e, segundo as circunstâncias, dirigir-se aos sentimentos e às crenças. Estes são dois domínios muito distintos, porque o primeiro pertence à esfera das influências afetivas e o segundo à das influências místicas. Estas últimas são as mais poderosas, pois o místico domina, às vezes, o afetivo, a ponto de levar o ser mais egoísta a sacrificar sua fortuna e sua vida.

Se o político pode utilizar a lógica racional para produzir seus discursos, ele não deve se esquecer __ e os alemães sabem disso muito bem __ de que não são as razões que conduzem os povos. Al-

gumas opiniões e crenças julgadas absurdas pela razão __ eu repito mais uma vez __ são muito mais poderosas sobre as almas do que as verdades mais bem demonstradas ou que os interesses mais evidentes.

Os problemas psicológicos que foram postos aos políticos durante a guerra e serão postos durante a paz, são numerosos. Como fazer nascer e crescer um sentimento, uma opinião e uma crença? Como provocar a regressão de um sentimento? Como substituir um elemento afetivo por outro? Quais são os meios de agir sobre a vontade inconsciente dos indivíduos e dos povos? Como manejar os elementos fundamentais da persuasão: o prestígio, a afirmação, a repetição, a sugestão mental e o contágio?

Eu já tratei dessas questões várias vezes em meus últimos livros para que seja útil retornar a eles mais uma vez. Eu lembrarei somente que a arte de persuadir deve, de acordo com o caso, dirigir-se às influências afetivas, místicas e coletivas que guiam as pessoas e muito pouco à sua inteligência. A razão, sem dúvida, consegue convencer algumas vezes, mas ela não faz agir. Por isso os grandes líderes raramente recorreram a ela.

Lembrarei ainda, de passagem, o papel capital do contágio mental na vida dos indivíduos e dos povos. Geradora das opiniões, da coragem, do heroísmo e também do medo, ela constitui um dos mais poderosos fatores da existência social.

Os erros na manipulação das forças psicológicas são, na maioria das vezes, em política, erros sem remédio.

Aqueles dos políticos da Entente sobre a mentalidade dos povos balcânicos produziram todos os enormes erros cometidos no Oriente. Um jornal de Genebra citou assim alguns deles:

> *A Quádrupla Entente não foi hábil nem feliz nos Bálcãs. A Rússia, declarando suas ambições sobre Constantinopla, desencorajou as simpatias da Romênia e da Grécia e facilitou a ação da Alemanha na Bulgária, pois não é mistério para ninguém que todos os balcânicos preferem ver Constantinopla e os estreitos nas mãos da fraca Turquia e guardam a esperança de sucedê-la um dia. Toda a situação nos Bálcãs era, no início, favorável aos aliados e se voltou quase inteiramente contra eles. Tantos erros são ainda reparáveis, mas o esforço para repará-los custará sacrifícios muito maiores.*

O que mais faltou aos diplomatas antes e durante a guerra foi o conhecimento da psicologia real dos diversos povos e, por consequência, a apreciação dos verdadeiros motivadores capazes de agir sobre cada um deles.

A alma profunda de um povo é lida, repito, muito bem nos seus atos, muito mal em seus discursos e pior ainda nas palavras de seus diplomatas. A guerra forneceu muitas provas disso. Poucas pes-

soas suspeitavam da verdadeira mentalidade dos alemães e estes não conheciam melhor a da Inglaterra e a nossa.

Se a maior parte dos políticos mostrou, ao longo do conflito europeu, uma tão grande incompreensão das almas dos povos, particularmente a dos balcânicos, foi porque, em vez de pesquisar como esses povos se comportaram em circunstâncias análogas, eles fundamentavam seus julgamentos sobre o comportamento de cada um deles em circunstâncias da vida corrente. No entanto, nós vimos que os grandes acontecimentos provocam o nascimento de personalidades novas, devidas principalmente a revivescências ancestrais.

A alma do povo surge então com todos os seus instintos e domina a alma formada pelas necessidades de cada dia. Se então você quiser pressentir as reações mentais de um povo, estude primeiro a influência de sua alma ancestral nas graves circunstâncias de sua história. Essas potências atávicas, que só aparecem nas grandes turbulências, permanecem, em tempos ordinários, desconhecidas.

Uma outra causa veio ainda aumentar a incompreensão de alguns diplomatas; principalmente os da Alemanha. Todas as suas noções acadêmicas levaram à concepção de um homem metafísico médio criado pela razão e sem parentesco com o homem da realidade. Foi esse tipo imaginário que eles fizeram raciocinar segundo suas regras teóricas.

Regras, aliás, muito simples, pois elas se limitavam à manipulação de um bem pequeno número de fatores constantemente aplicados durante a guerra: o terror, a ameaça e o interesse.

Esses meios de impressionar são, certamente, sem valor. Eles foram excelentes com povos como os turcos __ cujos dirigentes só respeitam a força e o dinheiro __ mas detestáveis com nações de mentalidade diferente; os ingleses, particularmente.

A psicologia dos diplomatas alemães se mostrou quase sempre errônea, precisamente porque eles não levavam em conta a alma ancestral das diversas categorias de pessoas às quais se dirigiam, nem a diferença dos motivadores capazes de agir sobre o indivíduo isolado e sobre as coletividades. Essas operações __ como o torpedeamento do Lusitânia, a execução da senhorita Cawell etc. __ longe de produzir o efeito de intimidação esperado, só conseguiram provocar a indignação geral e aumentar em notáveis proporções o número de voluntários ingleses alistados. Sem o afundamento do Lusitânia e as incursões de zepelins, a Inglaterra não teria chegado a votar o serviço militar obrigatório e a decuplicar a produção de suas munições.

§3. A manipulação das forças psicológicas na guerra.

Se o conhecimento sobre a manipulação das forças psicológicas é fundamental para a condução dos povos, ele não é menos im-

portante para o comando dos exércitos. Dificilmente se pode ser um grande comandante sem ser também um hábil psicólogo.

Todos os comandantes famosos foram preocupados em serem mestres da vontade de seus soldados. De acordo com as pessoas e as épocas eles tiveram que utilizar elementos psicológicos bem diferentes.

É de todo evidente, com efeito, dos cruzados que rumaram à Palestina por sua fé, dos cavaleiros alemães da Renascença que se punham a serviço da parte que pagava melhor, dos balcânicos que se destroçam com furor sempre que podem, todos são levados por impulsos de origens bem diversas. O cruzado obedecia a forças místicas. A cupidez dos cavaleiros alemães pertencia à categoria das forças biológicas e afetivas, bem como os ódios herdados dos balcânicos.

Os dois elementos psicológicos empregados pela maior parte dos antigos comandantes de exército para obter a obediência de seus homens foram o interesse e o medo. O interesse porque prometiam frutíferas pilhagens. O medo porque ameaçavam com terríveis castigos. Eu relembrei, em meu último livro, a citação de Frederico II que dizia que os soldados alemães só se impressionavam pelo medo do porrete e, por isso, ele era obrigado a munir seus suboficiais com grossos porretes. A ameaça dos golpes constituía um perigo imediato

e certeiro, enquanto que as balas do inimigo representavam um perigo distante e incerto.

Mas existem outros motivadores mais poderosos ainda do que o chamariz do butim e o medo dos castigos. Como, por exemplo, aqueles que moviam os soldados da Revolução Francesa e do Império. Eles tinham não apenas __ como hoje em dia __ o amor pela pátria ameaçada, mas eles se consideravam como propagadores da fé nova que entusiasmava suas almas e que deveria __ eles acreditavam __ regenerar o mundo.

Entre os soldados de Napoleão, o ideal foi um pouco diferente, mas igualmente forte. Ele era, ao mesmo tempo, de ordem mística e afetiva. Cada combatente se mostrava orgulhoso de seguir o invencível comandante dominador dos povos e o adorava como um deus. Todos os soldados participavam de sua glória e se julgavam um pouco feitos de uma essência superior. Como outrora os legionários romanos conquistadores do mundo e que sentiam irradiar deles toda a grandeza de Roma.

Muitos outros elementos agem sobre o valor do soldado. Não podendo enumerá-los aqui, porque precisaria entrar em muitos detalhes, eu citarei simplesmente a influência considerável exercida pelo que se poderia chamar de a alma do regimento. É uma entidade coletiva muito real, muito poderosa e que os comandantes que conhecem a psicologia do soldado sabem criar. Ela só é formada quando todos

os homens se conhecem e viveram juntos sob a autoridade de um mestre capaz de orientar num único sentido suas vontades inconscientes.

Essa alma coletiva muito forte tende a se desagregar quando se procura recompletar, em um só golpe, uma companhia ou um regimento dizimado, enviando-lhe um grande número de soldados vindos de diversas fontes. O novo grupo assim constituído perde, com efeito, muito de seu antigo valor e só o recuperará muito lentamente e, às vezes, não o recupera jamais. Os oficiais do estado-maior que comandam de muito longe se esquecem disso frequentemente.

Numerosas são as aplicações da psicologia na condução de pessoas. Estimular seu amor-próprio, elogiá-los, obter sua confiança sabendo chefiá-los etc., são elementos essenciais dessa arte especial do comando que os galões não criam.

Um dos mais gloriosos combatentes da guerra atual, o general de Maud'huy, frequentemente me falou da importância dessas noções. Este ilustre comandante viu se fortalecer, pela experiência, as opiniões que outrora havia professado na Escola de Guerra sobre a utilidade imensa, sob o ponto de vista militar, dos conhecimentos psicológicos. Graças a eles, ele soube reconduzir ao combate regimentos debandados e obteve de seus homens tudo o que lhes era pedido. Eu soube dele que diariamente aplicava os princípios de psi-

cologia ensinados em meus livros e que diversos oficiais contribuíram também para vulgarizá-los.

Um dos mais ilustres escritores militares da Inglaterra __ o coronel F. N. Maude __ assinalou igualmente, em um grande jornal, a importância desses princípios a seus compatriotas.

Esses fatos provam que as pesquisas dos filósofos __ mesmo que frequentemente estéreis __ são úteis, no entanto, algumas vezes. Pode-se lembrar disso com satisfação num momento em que o primeiro dever de todos os cidadãos é ser útil a seu país e se considerar como “os trabalhadores de um dos maiores eventos da história”.

Digamos, como conclusão deste capítulo, que os seres que sabem manejar as forças psicológicas, sejam eles diplomatas, generais ou chefes de Estado, possuem o poder de dirigir as vontades e os pensamentos das pessoas, como o físico que conhece as leis que são obedecidas pelas forças da natureza é o senhor dessas forças.

Quando esse manejo lhes é desconhecido, eles se encontram exatamente na situação de um indivíduo colocado pela primeira vez diante de um piano. Batendo cegamente o teclado do instrumento, ele só tirará sons discordantes. Porém, o teclado dos sentimentos humanos é muito mais difícil para se fazer vibrar do que o mais complicado dos instrumentos mecânicos. Querer se servir ao acaso do instinto ou de experiências incertas leva a erros sempre desastrosos, quando são aplicados ao governo dos povos.

LIVRO II

Mudanças de mentalidade determinadas na França pela guerra

CAPÍTULO I

A França às vésperas da guerra

§1. O objetivo deste capítulo.

Sumário

Os anos que precederam a guerra representam certamente um dos menos brilhantes períodos de nossa evolução. Toda a estrutura social se desagregava visivelmente. Os ódios de classes, as perseguições religiosas, as violências parlamentares, os líderes dos socialistas, pareciam males sem remédio. O ruído de nossas discórdias ressoava no mundo inteiro e não eram apenas os inimigos que falavam de nossa decadência.

Os heroísmos e a continuidade de esforços revelados pela guerra provaram o quanto era superficial essa decadência. A alma ancestral não foi atingida e o mundo vê, hoje em dia, que, apesar de seus defeitos, a França continua uma grande nação, digna de sua gloriosa história.

É então com um espírito tranquilo que podemos falar agora de nossos antigos erros. Esta reminiscência de lembranças bem recentes ainda não tem apenas um interesse histórico. Lembrar de quais concepções funestas nós escapamos de ser vítimas mostra os perigos que nos ameaçariam de novo se deixarmos renascer as mesmas influências.

§2. As influências socialistas.

Toda política francesa de antes da guerra era orientada pelas teorias socialistas. É a elas principalmente que é preciso remontar as causas de nossa desorganização geral e as derrotas provocadas pela ineficiência de nossa preparação militar.

A palavra "socialismo" é um desses termos com sentido múltiplo, variando de significado segundo a mentalidade das pessoas que os empregam. Na França, na Alemanha e na América ele designa coisas extremamente diferentes.

Na França, a teoria socialista sintetizava principalmente aspirações e ódios contra a fortuna e a inteligência. A melhoria da sorte dos trabalhadores não passava de uma fórmula que servia de roupagem para esses sentimentos.

As ideias que alimentavam os discursos socialistas eram quase todas aquelas que pregava seu grande líder Jaurès. Pode-se resumi-las assim: estabelecimento da igualdade e da concórdia entre as pes-

soas, pela distribuição a todos de uma mesma porção de riquezas. Para chegar a isso, suprimir __ por via da expropriação __ o regime da propriedade capitalista, retirando-as da minoria que os detinha e repartindo, entre todos os trabalhadores, os capitais e os instrumentos de trabalho.

Assim que a propriedade, em vez de ser individual se tornasse coletiva, os oprimidos recuperariam sua independência e poderiam se desenvolver livremente. Não haveria então mais lutas de classes, pois as classes teriam desaparecido. Todas as pessoas seriam iguais e felizes. O paraíso reinaria aqui em baixo.

Esperando o aparecimento do paraíso sonhado, os socialistas se dedicavam à organização social de furiosos combates. Era um sem cessar de leis novas contra os industriais, o encorajamento de greves, tentativas repetidas __ e que foram bem sucedidas mais de uma vez, particularmente a encampação da estrada de ferro do oeste __ de fazer passar, para as mãos do Estado, nossas grandes empresas privadas, de maneira a poder colocar nelas, frutuosamente, uma clientela eleitoral cada dia mais ávida.

Ao lado do socialismo unificado estatista crescia um outro grupo, o sindicalismo, considerado frequentemente como um irmão do socialismo, mas que era, pelo contrário, seu inimigo. Ele repelia, com efeito, a intervenção do Estado, em vez de recorrer constantemente a ele como os socialistas unificados. Partido revolucionário,

sem dúvida, ele repousava, no entanto, sobre bases menos quiméricas do que o socialismo.

Tendo constatado que a antiga burguesia capitalista perdia gradualmente seu poder dirigente, que as grandes empresas industriais não tinham apenas assalariados na direção, o sindicalismo pretendia eliminar o elemento burguês em prol do elemento trabalhador, do qual queria transformar em classe proprietária e independente.

Os socialistas franceses e alemães se reuniam frequentemente em congressos, sem nunca terem descoberto o abismo mental que os separava. O socialismo alemão era um grupo semi-governamental, enquanto que o socialismo francês sonhava, não apenas em derrubar o governo, mas também em reconstruir a sociedade.

A melhoria da sorte dos trabalhadores é, evidentemente, também na Alemanha, o objetivo perseguido; mas se quer atingi-lo sem as revoluções e as convulsões tão caras a nossos turbulentos demagogos. O alemão trata de se adaptar à colmeia social onde ele vive. O francês quer primeiro destruí-la. O socialismo alemão é construtor. O socialismo latino é destruidor.

O governo alemão considerava os socialistas alemães com uma benevolência pouco dissimulada. O governo francês os tinha em grande desconfiança, mesmo que geralmente forçado a obedecer-lhes.

Quanto ao socialismo americano, ele não se parece nem com o socialismo latino nem com o socialismo alemão. Nosso humanitarismo, ao mesmo tempo lacrimoso e violento, lhes é muito antipático. O ideal de mediocridade universal pelo nivelamento das condições e a ruptura das elites, parece bastante desprezível aos socialistas dos Estados Unidos. Eles não buscam, de maneira alguma, equalizar as condições pelo abaixamento dos mais altos ao nível dos mais humildes, mas, pelo contrário, erguer os mais baixos na escala social ao nível da elite. O socialismo americano é, na realidade, um socialismo aristocrático.

Mesmo que as definições teóricas precedentes possam parecer sem interesse aqui, era necessário lembrá-las para mostrar de quais prodigiosas utopias vivia o socialismo francês.

Transformado numa verdadeira crença religiosa, ele acabou __ ao propagar sua fé __ por destruir inteiramente a sociedade. Ela já estava bem abalada quando a guerra chegou e interrompeu sua obra nefasta.

As lições da guerra mostraram definitivamente a que ponto eram desprovidas de valor real as ideias que os socialistas acreditavam edificadas sobre uma lógica racional muito correta. Diante das realidades, seus princípios fundamentais se afundaram. Nada restou deles, nem a luta das classes, nem a aliança internacional dos trabalhadores, nem o pacifismo, nem o desaparecimento da ideia de pá-

tria, nem mesmo a teoria do materialismo histórico, segundo a qual o mundo era conduzido unicamente pelos interesses econômicos.

A experiência provou aos socialistas que todas as forças racionais que eles invocavam eram dominadas por elementos afetivos e místicos, de cuja força eles não suspeitavam.

Pode-se destacar, no entanto, que a guerra realizou várias das doutrinas socialistas. A Alemanha só fez __ com sua regulamentação estrita e suas distribuições alimentares __ penetrar mais no socialismo estatista. A própria Inglaterra __ país do individualismo __ se viu obrigada a sacrificar todas as suas liberdades industriais e comerciais em prol dos interesses gerais e aceitar a gestão pelo Estado. A necessidade criou nela uma organização que se pode dizer que era socialista, mesmo que o espírito socialista não a tenha inspirado, de maneira alguma. O capitalismo, aliás, desempenhou nela um papel preponderante, muito contrário às teorias socialistas.

Mesmo que perdendo todos os seus princípios teóricos o socialismo não poderia desaparecer, porque ele representa, em última análise, a tendência para a melhoria da sorte dos trabalhadores. Na Alemanha, ele representará um dia as ideias de liberdade e igualdade, das quais este país permanece tão distante ainda.

Não seria de se espantar, aliás, que ele aparecesse um dia sob uma forma violenta, porque para um grande número de seus adeptos ele constitui um estado mental, muito mais do que uma doutrina. A

mentalidade revolucionária foi observada em todas as épocas e é exercitada assim que um pretexto qualquer lhe é fornecida. O herético das guerras de religião, o terrorista da Revolução Francesa, o niilista das conspirações russas, o incendiário da Comuna, pertencem todos a uma mesma família psicológica.

§3. A ideia de uma greve geral em caso de guerra.

A ideia de uma greve geral em caso de guerra, concebida pelo partido socialista francês unificado é uma das mais singulares aberrações que os cérebros dos sonhadores jamais criaram. Ela mostra a que ponto o véu das ilusões pode mascarar as realidades.

Nós nos esquecemos como, na véspera mesma do conflito, nossos deputados socialistas descobriram, após longas deliberações, que, para tornar uma guerra impossível, bastaria aos trabalhadores alemães e franceses se colocarem em greve, se seus governos a declarassem.

Votada com uma grande maioria dos socialistas unificados franceses, o projeto de greve deveria ser apresentado por eles no Congresso Internacional que aconteceria em Viena, um pouco antes do início das hostilidades.

Sem dúvida que as coletividades estão ao abrigo da vergonha; mas elas são compostas por individualidades que tal sentimento deveria atingir. Não parece, no entanto, que essas propostas, realizadas

sob o olhar irônico dos socialistas alemães, tenha feito corar os autores do projeto.

Uma velha lenda, raramente desmentida pela história, assegura que Júpiter começa por perturbar a inteligência das pessoas que ele quer levar à perdição. O mestre dos deuses certamente perturbou com a demência os socialistas, que votaram assim a greve dos soldados franceses em caso de guerra.

O apoio dado ao imperialismo alemão pelos socialistas alemães permite pressentir com que desprezo eles acolheram a proposição de seus colegas franceses. Para ter pensado em fazê-la foi preciso essa total incompreensão entre os povos que eu, muitas vezes, já assinalei os efeitos.

Como, no entanto, dentre os autores desse humilhante projeto, não havia um só que soubesse a que ponto os socialistas alemães estavam nas mãos de seu governo?

Felizmente para nosso destino, os discursos dos retóricos socialistas não exerceram nenhuma ação sobre a alma ancestral dos futuros combatentes. Sua conversa fiada não entravou em nada o élan nacional que levantou a França no momento da guerra.

O socialismo, aliás, se afundou completamente durante a guerra. Todo mundo viu que a solidariedade internacional dos trabalhadores era um desses mantras em que o prestígio dissimula a fraqueza. Os sacerdotes da fé socialista permaneceram os únicos convenci-

dos da justeza de seus dogmas. O congresso que eles tiveram a infeliz ideia de reunir em Londres durante a guerra parece provar que eles não entenderam nada e nada aprenderam.

Escreveu o Sr. Charmes:

> *A ordem do dia votada em Londres lembrou as outras, dos congressos precedentes.*
>
> *Retomou-se a guerra de classes, o pacifismo com todas as suas quimeras __ cuja tolice aparece tão manifesta neste momento __ a distinção entre os povos que são irmãos para nós e seus governos que são os únicos inimigos, a esperança de que, após a guerra, as nações livres, com exceção da Alsácia-Lorena, terão permissão para dispor de seus destinos, ou seja, a enunciar sua vontade através de plebiscitos etc. O trecho termina com um ataque contra o governo russo pelos seus malfeitos habituais. O Sr. Sembat estaria lá, em seu lugar? Gostaríamos de desculpá-lo: talvez ele acreditasse que indo lá exerceria uma feliz influência sobre o Congresso e o impediria de votar essas tolices perigosas; mas, neste caso, ele superestimou sua influência: ele deveria se submeter a Londres e talvez devesse se demitir em Paris.*

§4. A vida política.

Sabemos o que foi nossa vida política durante estes últimos anos: perseguições religiosas ferozes, não apenas das congregações, mas também de todos os cidadãos que não pertencessem ao partido dominante. O terror reinava de alto a baixo da escala social. O deputado fazia tremer seus adversários, mas ele próprio tremia diante das injunções dos pequenos comitês eleitorais onde reinavam __ ao lado dos vendedores de bebidas __ os elementos menos recomendáveis de cada cidade.

A característica do governo radical-socialista era o arbítrio mais completo. Ele professava um inteiro desdém pelos direitos adquiridos, as leis, as convenções, os contratos. Seus inimigos pareciam ser a propriedade e o capital e foi contra eles que legislaram sem trégua.

Todos os adiamentos do início da guerra foram a consequência desse terrível espírito jacobino que não reconhece outra lei que não seja o seu próprio interesse e sua vontade. Assim, acumularam as mais malditas e as mais ruinosas medidas. O Sr. R. G. Lévy destacou que:

> *... O Gabinete, que, no início de 1914 tinha avaliado a situação de nossa tesouraria como próspera e um apelo ao crédito como inútil, levou nossos estabelecimentos bancários a*

emitir empréstimos balcânicos, particularmente um título turco, que foi usado em grande parte para comprar navios, pagar a missão militar alemã em Constantinopla e equipar o exército que se colocou sob as ordens de um general prussiano e que não tardou em ser mobilizado contra nós.

Os grandes estabelecimentos de crédito estavam, infelizmente, nas mãos de governantes que, pagando caro por sua proteção, enriqueciam uma nuvem de protegidos às custas dessas empresas.

Eles recuperavam seus gastos colocando nas mãos de sua clientela ações cada vez mais podres, mas que lhes retornavam grandes lucros. A pilhagem da fortuna pública e privada se tornou geral.

Sabe-se quais eram, antes da guerra, as preocupações da Câmara. As perseguições religiosas lhes pareciam insuficientes e ela discutia o que chamava de "defesa laica". Os socialistas estavam absorvidos pelo estabelecimento do imposto sobre a renda, que constituía, graças à inquisição fiscal, um excelente procedimento de tirania contra seus adversários.

A desordem, aliás, se estendia a todos os ramos da administração. O que dirá a história desses ministros da guerra demagogos, que solicitavam eles próprios __ nós já vimos __ a redução dos orçamentos militares para se tornarem populares? O que dirá ela dos políticos que desperdiçavam os recursos necessários ao armamento do país nas mais loucas aventuras: encampação de estradas de ferro cujo

custo ultrapassou um bilhão; leis pretensamente sociais e mais onerosas ainda; fundos eleitorais tomados de empréstimo, por transferências espertas, do orçamento da guerra que, aumentado às vezes no papel, estava, na realidade, cada dia menor.

Eu já havia demonstrado extensamente, há vários anos, no meu **Psychologie Politique**, para onde nosso regime atual levaria a França e provei que a guerra já ressoava naquela época. Mas, infelizmente, não são os escritos dos filósofos __ eu já mencionei acima __ que instruem as pessoas, mas unicamente as experiências.

Eu nunca fui grande admirador das democracias. A história ensina que seu triunfo numa nação precede geralmente seu declínio. É preciso reconhecer, no entanto, que se não naufragamos no abismo para onde nos levavam os sofismas dos retóricos e as manobras eleitorais, foi unicamente graças ao heroísmo clarividente de toda uma nação. Não foi, portanto, a elite que salvou o povo, mas o povo que salvou a elite.

Num tipo de visão instantânea, o país inteiro descobriu o abismo às bordas do qual nos tinham levado políticos aventureiros, dominados pelo medo, pelo ódio e pela inveja. Todo um passado de erros, de mentiras, de falaciosas promessas desapareceu em um dia.

Quem ousaria falar ainda hoje do retorno à lei dos dois anos[3], das perseguições religiosas, da defesa laica, da luta de classes, de socialização das riquezas, de pacifismo, de greve em caso de guerra, de *programme de Pau* etc.? Como tudo isso parece hoje em dia tão distante, morno, ultrapassado e, principalmente, vergonhoso!

Não existe, talvez, na história, exemplo de cegueira tão completa quanto aquela de nosso Parlamento de antes da guerra. A cegueira mental de nossos legisladores era absoluta. Ela seria mesmo incompreensível se não se soubesse a que ponto o fanatismo obscurece o espírito. O sectarismo estreito e odiento dos socialistas que, apesar de seu número restrito, dominavam toda a política, constituía uma atmosfera especial que impedia a avaliação sadia de qualquer coisa e até de compreender qualquer coisa.

Diante de uma política que levava a França à decadência e que parecia encorajada pelo próprio povo __ porque era ele que escolhia seus deputados __ compreendia-se o pessimismo que invadia os pensadores. Muito difícil era o otimismo em face de um quadro desses. Eu mesmo me reprovei a nota sombria de alguns de meus livros. Os acontecimentos __ confirmando várias de minhas previsões __ mostraram que eu não havia exagerado nada.

[3] Dois anos de serviço militar obrigatório. (Nota do tradutor)

§5. Os parlamentares.

O pessoal do governo era composto por deputados cujo nível moral abaixava a cada legislatura. Eles não eram nomeados sem o apoio do governo, que os recrutava no mundo dos pequenos políticos de província, com elocução fácil, que não recuavam diante de nenhuma promessa eleitoral e eram avaliados, por esta razão, pelos seus eleitores, capazes de prestar bons serviços.

A muitos deles se poderia aplicar estas palavras de Proudhon: "Os homens que ignoram mais completamente o estado de um país são, quase sempre, aqueles que o representam". O que eles representavam eram principalmente os interesses materiais de numerosos partidos que sempre dividiram a França.

Na Gália, já dizia César, só se via facções, não apenas nas cidades e províncias, mas nas menores comunidades.

Nossos deputados inspiravam, aliás, uma bem medíocre estima, mesmo por aqueles que se utilizavam deles. Num discurso pronunciado em Commercy, em 1896 e citado pelo Sr. G. Lachapelle, o Sr. Poincaré dizia:

> *A deputação se tornou um emprego, uma profissão, uma função, em vez de permanecer um contrato de boa fé entre os eleitores e os eleitos e nos encaminhamos, talvez, rapidamente para a hora em que ela não será mais, salvo raras exceções,*

do que o luxo da riqueza ou o ganha-pão do político aventureiro. Nunca é demais denunciar um perigo tal. No dia em que nascer um tipo de classe política e parlamentar sem ligações com os partidos mais vivos da democracia, sem raízes nas profundezas do solo nacional, quem sabe em que mãos inábeis e inexperientes, quem sabe talvez em que mãos criminosas cairiam os destinos da França?

Na última Câmara eleita o partido socialista obteve 1.400.000 votos contra 1.100.000 nas eleições precedentes.

A maior parte dos deputados não professava nenhuma opinião absoluta, votavam com o partido supostamente o mais forte. O Sr. Clémenceau deu sobre este fato os seguintes detalhes:

A metade do altruísmo público ama se colocar sob a proteção da força e nada é mais fácil para saber a opinião pública do que conhecer aquela que deve triunfar. Por isso, durante muitos anos, eu vi de muito perto __ tendo sido, outrora, secretário da Câmara __ bravos deputados se amontoarem ao redor das urnas __ voto branco numa mão, voto azul na outra __ para mostrar a pata branca da cabra ou a pata negra do lobo, de acordo com a razão do mais forte __ sempre a melhor __ que fosse atribuída a uma ou à outra.

§6. A opinião do estrangeiro sobre o estado da França no momento da guerra.

Seria entristecedor reproduzir a opinião dos estrangeiros sobre a França de antes da guerra, se não tivéssemos tido a satisfação de provar, num outro capítulo, por citações bem eloquentes, a que ponto essa opinião se modificou desde que o início da guerra revelou as qualidades sólidas mascaradas por nossa desordem e nossas dissensões.

No que concerne à opinião estrangeira de antes da abertura das hostilidades, eu me limitarei a um pequeno número de citações recolhidas nos jornais amigos e que não poderiam, por consequência, serem acusados de crítica sistemática.

Vejamos primeiro um extrato do **Journal de Genève**, de 2 de dezembro de 1914:

> *Em 2 de dezembro de 1913, o Gabinete Barthou foi derrubado por uma coalizão reunida no Congresso de Pau e levada ao ataque pelo Sr. Cailloux. Seu crime? Ele soube prever. Após o voto em Berlim do maior aumento do exército de que se ouviu falar desde 1870 e da contribuição extraordinária de um bilhão, ele compreendeu o que estava sendo armado. Obrigado a só falar pelas entrelinhas ele soube, no entanto, arrancar da maioria na Câmara a lei dos três anos, desti-*

nada a formar efetivos permanentes capazes de fazer frente ao ataque brusco que se preparava. Isso os partidos de esquerda não poderiam lhe perdoar e reclamavam do "regime do sabre". Eles alegaram um pretexto financeiro, a imunidade da renda proposta para facilitar o empréstimo de trezentos milhões e o Gabinete Barthou foi derrubado por 25 votos da maioria...

Então se abriu um período de turbulências internas que não contribuiu em nada para melhorar o crédito da França no exterior. Quando se estudar as causas da guerra atual o 13 de dezembro de 1913 aparecerá como uma virada da história.

Desde seu advento, o Gabinete Doumergue mostra preocupações principalmente eleitorais. Preparou-se a renovação da Câmara: em toda parte o Sr. Malvy, ministro do interior, apoiava os adversários da lei dos três anos e se mostrava hostil ao apelo nacional que, consciente do perigo exterior, o Presidente Poincaré e os Gabinetes precedentes fizeram soar, mas sem eco. Aqueles que preconizavam o apaziguamento foram denunciados como traidores da República. Era preciso, antes de tudo, manter e avivar as discórdias políticas, denunciar suspeitos à maneira jacobina.

Depois foram as revelações confusas sobre as tramas judiciárias para beneficiar o escroque Rochette; as eleições

gerais com a vitória pessoal do Sr. Cailloux; a maioria demagógica retirada das urnas pelo Sr. Malvy; o ministério do Sr. Ribot, derrubado após quarenta e oito horas, de tão radical que ele se mostrou.

Na Alemanha divertia-se com esse espetáculo. Ouvia-se com transbordante alegria todos os gritos de ódio que se trocava na França. Como que obedecendo a uma palavra de ordem, toda a imprensa, tanto em Berlim quanto em Viena, tomaram com um ardor unânime o partido do casal Cailloux. Decididamente a hora havia chegado. A Inglaterra se debatia com o 'home rule' e o príncipe Lychnowski a declarava, em seus relatórios, incapaz de se organizar para fazer frente a um perigo estrangeiro.

A **Gazette de Lausanne** se exprimia de uma maneira análoga. Eis um extrato:

Na França, a desordem era grande. Entre radicais socialistas de um lado e adversários de todo tipo do outro, a luta tinha chegado a um grau de violência em que as noções elementares de justiça, honestidade, decência se apagam; onde todos os meios de combates se tornam legítimos. Dessa situa-

ção o processo Rochette[4] foi o símbolo e o caso Cailloux[5], o drama. Dizia-se que, sem dúvida, a França valia mais do que seus políticos e isso é estritamente verdadeiro. Mas, obrigada a conviver com eles, tolerá-los ou aplaudi-los, a nação ameaçava cair ao seu nível e quando ela foi vista __ durante a última consulta da primavera __ a dar um número crescente de votos a políticos incapazes de qualquer trabalho útil e de reputação suspeita, teve-se a impressão de que o mal era muito grave e os ministérios Doumergue e Viviani pareciam se acomodar muito bem com essa decadência. No entanto, a nova lei militar, a "lei dos três anos", que tinha respondido a uma inquietação profunda do povo, sobreviveu; não porque os homens no poder gostassem dela, mas porque nenhum chefe político tinha força para destruí-la.

Se os democratas e os plutocratas fossem menos ávidos, menos pródigos __ para sua própria vantagem e com objetivos eleitorais __ pelo erário público, escreveu na revista ***Sci-***

[4] O escroque Henri Rochette emitia títulos que prometiam grandes lucros. Para pagar esses rendimentos fabulosos ele emitia novos títulos, num processo conhecido hoje como corrente. Suspeitou-se de conivência de autoridades da época. O caso estourou em 24 de março de 1908. (Nota do tradutor)

[5] Assassinato de Gaston Calmette, diretor do jornal Figaro, por Henriette Cailloux, esposa de Joseph Cailloux, ministro das finanças do Gabinete Gaston Doumergue. O jornal Figaro fazia na época enorme campanha contra o ministro Cailloux, criador do imposto progressivo sobre a renda, durante o Gabinete de Clémenceau, quando também foi ministro das finanças. (Nota do tradutor)

***entia**, de 1º de março de 1915, o professor Parela, e se, por consequência, a França estivesse melhor preparada para a guerra, a Alemanha não tivesse feito o que fez.*

Vê-se para que triste declínio nós marchávamos. Era uma dessas decadências de baixo-império da qual os povos não se recuperam. É preciso certamente amaldiçoar a guerra que arruína a França e semeia nela a desolação. Mas essa gigantesca luta terá pelo menos servido para subir uma ladeira que, no curso atual da vida dos povos, não se sobe.

Quando uma catástrofe como essa que sofremos não aniquila uma nação, ela cresce. Devemos, no entanto, guardar a lembrança de nossos erros passados para evitar cometê-los mais uma vez.

CAPÍTULO II

A formação de novas personalidades. Qualidades criadas ou desenvolvidas pela guerra.

§1. As variações de personalidades criadas pela guerra.

Sumário

As profundas transformações mentais produzidas pela guerra, em todos os países, espantou muitos observadores.

Escreve Ferrero:

A mais singular surpresa da guerra foi a mudança que ela produziu, em algumas semanas, nas ideias e nos sentimentos dos povos e dos indivíduos. Se a guerra ainda não perturbou o mapa da Europa, ela mudou completamente seu estado de alma. Cada um de nós se lembra como via seu país, a Europa, o mundo, a vida e seus deveres, na primeira metade de 1914 e pode comparar o que pensava então com o que pensa no presente. Que diferença! E o quanto o tempo de antes da guerra parece distante! Não há uma só pessoa habituada um pouco com a reflexão que não tenha, hoje em dia, o sentimento de ter vivido a primeira parte de sua existência na ilusão e no erro, com relação a um grande número de questões de importância capital e de ter despertado bruscamente para a verdade por uma violenta sacudida.

A Europa em que nascemos está em grande parte em ruínas, desde 1º de agosto de 1914. Os tratados de aliança, os tratados de comércio, os princípios políticos e jurídicos, a organização da indústria e dos bancos, as tradições históricas, as convenções sociais, as relações entre os Estados, os povos, as classes __ tudo foi perturbado, suspenso, virado, destruído. A paz colocará problemas formidáveis.

Qual é a causa dessas mudanças? Sobre quais elementos da mentalidade ela agiu?

Antes de pesquisá-la, lembraremos primeiro as leis psicológicas de onde derivam as modificações da personalidade.

Eu mostrei em diversas obras e lembrei em **Enseignements Psychologiques de la Guerre** que a personalidade __ considerada como muito fixa pela antiga psicologia __ era a síntese de um grupo de elementos suscetíveis de equilíbrios variados. Sua constância aparente resulta unicamente da constância habitual do meio. Quando esse meio muda notavelmente os equilíbrios que constituem a personalidade se transformam em seguida. A pessoa então não é mais a mesma. A história de todos os grandes acontecimentos __ a Revolução Francesa e a guerra atual, particularmente __ oferecem numerosos exemplos de tais mudanças.

Para que possam nascer personalidades novas, é preciso primeiro que os equilíbrios anteriores dos elementos da vida mental sejam desagregados. Outros equilíbrios se estabelecem então, formados pela combinação nova dos elementos dissociados e que se associam de maneira a se adaptar ao novo meio.

Nessa combinação intervirão materiais novos, como as aptidões não utilizadas em tempos comuns, mas principalmente as influências ancestrais um pouco apagadas na vida usual, que se revelam com força quando o interesse do grupo se acha em jogo.

É justamente a constituição dessas personalidades inesperadas que torna a psicologia de um povo em estado normal tão diferente

daquela deste mesmo povo, quando novas condições de existência lhe são impostas. Eu já assinalei isso como causa de erros dos diplomatas alemães. Eles não paravam de repetir, antes da guerra, que nós éramos um povo instável, inconstante, incapaz de um esforço continuado, devotado a discussões políticas, que só pensava no prazer. Nenhum deles suspeitava das mudanças de mentalidade que suscitaria sua invasão.

Examinemos agora a ação dos fatores que mais contribuíram para a formação dos caracteres novos observados durante a guerra.

§2. Mudanças de personalidades criadas pela fusão da alma individual com a alma coletiva do povo.

Quando um indivíduo que ama muito sua condição de vida para se preocupar com seus vizinhos, renuncia bruscamente a tudo o que fazia o encanto de sua existência e sacrifica sem hesitar sua vida no interesse de seres futuros que ele jamais conhecerá, isso constitui um fenômeno cujas causas não residem em motivos de ordem racional.

Uma tal transformação só se torna possível pela substituição da alma consciente individual pela alma coletiva do povo. Quando, sob influências diversas, essa substituição se opera, a personalidade antiga não conta mais. Ela é inteiramente dominada pela alma ancestral.

Essa diluição da alma individual na alma coletiva tem, como primeira consequência, a unificação geral dos sentimentos e das ideias. Esse fenômeno se manifestou tanto na França quanto na Inglaterra. Rivalidades partidárias, ódios religiosos ou sociais, desapareceram assim que o conflito foi desencadeado. Os racionalistas mais empedernidos aprenderam então o sentido profundo desta expressão: uma alma nacional.

A preponderância da alma coletiva durante a guerra espantou os observadores, mas não era preciso no entanto exagerar seu alcance. Um grande jornal francês escreveu que os ensinamentos da guerra, relativos à moral podiam ser resumidos no seguinte: “Apenas a comunidade existe, os indivíduos não contam absolutamente para nada”.

Esta fórmula simplista só é meio exata, em certos momentos da existência de um povo. Mas esses momentos são breves e, no decorrer da vida comum, a elite permanece preponderante.

A guerra nos mostrou sobretudo que o egoísmo coletivo __ ou seja, o egoísmo do povo __ pode, em certas horas, tornar-se mais forte do que o egoísmo individual. Tão poderoso em tempos de paz, o impulso egoísta individual desaparece diante dos impulsos atávicos que representam o interesse coletivo de um povo.

Esta é, no fundo, a grande diferença entre o período de paz e o de guerra. No primeiro, a pessoa tem uma vida individual; no segundo, uma vida coletiva.

§3. Mudanças de personalidades criadas pelas necessidades de adaptação.

Adaptar-se a um novo meio é, forçosamente, mudar de personalidade. Tal adaptação oferece geralmente grandes dificuldades. Na guerra presente ela foi fácil, porque as perturbações profundas trazidas à existência romperam bruscamente com a estabilidade dos antigos equilíbrios mentais.

A adaptação foi feita, aliás, na França, muito rapidamente. O correspondente de um jornal escreveu:

> *O novo meio exerceu sua influência em cada hora. "Foi preciso se adaptar a uma existência tão nova que o 'velho homem' não poderia sobreviver". O esforço constante para conseguir isso; a necessidade de se arranjar, bem ou mal, em todas as circunstâncias; o abandono de todos os queridos hábitos; a espera do assalto a dar, tudo isso transformou profundamente nossos soldados. Ao conviver com a morte que ronda, fez-se um coração simples e grave __ o coração verdadeiro dos heróis.*

A faculdade de adaptação dos franceses se manifestou sobretudo na vida das trincheiras, tão nova para eles:

> *... Uma vez nas trincheiras, impressão muito forte, inesquecível. Percebe-se com que rapidez, que gênio, os civilizados se adaptam ao primitivismo do meio em que são forçados a viver e o modificam. Não é somente um certo tipo de conforto, é a arte que aparece, que ressuscita. Não se poderia imaginar o que um civilizado contemporâneo fosse capaz de fazer com palha, uma simples palha. Começou-se por jogar essa palha em montes sobre o solo e, para decorar as paredes, grosseiramente, juntando os feixes com laços. Mas a preocupação com a beleza chegou e essa palha, trançada de mil maneiras é, agora, a matéria prima de mil ornamentos. E mais: nas trincheiras de Champagne __ talhadas na argila __ vê-se esculturas, capitéis, linteis, gravados com arabescos. E pouco a pouco surge um estilo de moderna arquitetura troglodita.*

A adaptação a essa vida nova acabou por fazer com que fosse considerada como uma profissão, cujos perigos não aparecem mais para o soldado quanto para o trabalhador que exerce uma profissão perigosa. Um médico das trincheiras, o Dr. Voivenel, me escreveu o seguinte a este respeito:

Vai-se, vem-se, trabalha-se, diverte-se, mata-se sem pensar, ao acaso. E o oficial e o soldado surpreendem, na hora da refeição, pela grande alegria, encontrando-se instantânea, natural e inconscientemente, em seu posto, de frente com a morte. A estabilização mental daqueles que se tornaram os aristocratas do risco é completa. A coragem, tendo se tornado inconsciente, está livre de toda deliberação.

A guerra revelou algumas características das massas que eu já havia colocado em evidência. Uma massa amorfa e não dirigida é sempre inferior aos diversos indivíduos que a compõem. Uma massa organizada e bem dirigida pode atingir, pelo contrário, um nível superior ao dos indivíduos dos quais ela é formada. Este fenômeno é observado em todos os exércitos disciplinados. Elas manifestam qualidades de coragem, paciência, devotamento, que não possuem jamais, no mesmo grau, nenhuma das pessoas que a constituem.

§4. Mudanças de personalidades pelo desenvolvimento de aptidões não utilizadas.

O ser humano pode, geralmente, mais do que ele acredita, mas nem sempre sabe o que pode. Apenas as circunstâncias lhe revelam suas capacidades.

O empregado de fazenda que se tornou rei na primeira República e o tenente de artilharia eleito imperador não podiam supor as aptidões necessárias para desempenhar tais funções.

A guerra atual pode não ter revelado nenhuma capacidade transcendental, mas ela mostrou a variedade de personalidades que podem assumir os indivíduos que nos rodeiam.

Ao longo da vida, as pessoas são classificadas segundo o nascimento, a educação e principalmente os diplomas adquiridos mnemonicamente. Elas raramente são hierarquizadas segundo seu valor real. A rude existência na frente de batalha devia forçosamente determinar classificações novas. A aptidão para comandar os soldados, para se orientar no terreno, para se adaptar às condições inesperadas, mudou espontaneamente as classificações sociais. Escreveu um correspondente de um grande jornal:

> *Simples vendedores de loja se tornaram excelentes comandantes de companhia enquanto que professores renomados, advogados sutis, com muito custo conseguiram ser suboficiais medíocres. Revelaram-se algumas aptidões memoráveis. No ... três oficiais da reserva são considerados como excepcionais. O mais capaz era chefe da sessão de vestuários femininos no Bon Marche.*

O mesmo correspondente cita também um cabo “cortador de confecções femininas” que era considerado o homem mais hábil de

sua companhia e a quem se confiava as missões mais difíceis e as mais perigosas. Fatos de mesma ordem foram observados aos milhares.

Na realidade, é impossível dizer antecipadamente como agirão, nas grandes circunstâncias, as pessoas que nos rodeiam. O **Times** citou, com admiração, a história de um garçom de café, que não tinha outra ocupação habitual além de servir e receber gorjetas que, ao se tornar soldado, aceitou a perigosa missão de ir reconhecer as trincheiras inimigas. Retornou às nossas fileiras com vários ferimentos mortais e teve a força d'alma para solicitar morfina a fim de acalmar suas dores e fazer seu relatório a seus comandantes antes de morrer.

O que conhecemos dos seres que nos rodeiam __ e frequentemente o que eles conhecem de si mesmos __ não passa de uma pequena parte das personalidades que eles podem assumir.

§5. Qualidades de caráter criadas ou desenvolvidas pela guerra.

As generalidades precedentes mostraram as causas principais das variações de personalidades criadas pela guerra. Resta-nos marcar agora as mais notáveis qualidades assim formadas ou desenvolvidas. Umas pertencem ao caráter, outras à inteligência. As primeiras serão estudadas nesta seção.

As principais qualidades de caráter desenvolvidas pela guerra são as seguintes: energia, bravura heroica, calma, resignação, paciência, sacrifício completo do egoísmo pessoal em prol do interesse geral, continuidade de esforço. Uma pessoa que manifestasse na vida civil uma pequena parte das qualidades praticadas nas trincheiras seria considerada como um ser excepcional e, para os espíritos religiosos, como um santo digno de recompensas eternas.

Tais pessoas, aliás, não são encontradas na existência comum, porque ao saírem do domínio das influências coletivas eles obedecem à sua alma individual. Porém __ eu há muito tempo demonstrei isso __ a psicologia individual e a psicologia coletiva obedecem a leis inteiramente diferentes. A guerra bastaria para provar isso.

De uma maneira geral, pode-se dizer que o conflito europeu elevou o nível de nosso caráter que, sob influências variadas, estava um pouco enfraquecido. Nós perdíamos cada vez mais a energia, a vontade, o sentimento de responsabilidade e principalmente o hábito do esforço. A guerra atual, que colocou em armas toda a juventude da nação e na alternativa de vencer ou perecer, lhe ensinou por muito tempo o valor do esforço. As violências da Alemanha, seus massacres sistemáticos, suas destruições de monumentos, os destinos que seus intelectuais nos reservavam, mantiveram os franceses numa situação em que todo recuo era impossível. Sua vontade foi esticada então até o limite extremo do esforço.

Escreveu Bergson:

> *Essa continuidade na vontade foi, talvez, uma das mais memoráveis qualidades criadas pela guerra. Havíamos imaginado uma tensão tão prolongada das coragens, numa tal continuidade de perigos, que a carga, o assalto, tudo o que era prova de valentia se tornaria quase um divertimento? Não, certamente. Nossa imaginação não havia se elevado até o altar dessas realidades.*

A guerra contribuiu também para revelar muitas qualidades populares que não suspeitávamos, pela simples razão de que, na existência comum, as diversas classes de cidadãos podem se cruzar, mas não se misturam jamais.

Num trabalho memorável, publicado pela **Revue de Paris**, o Sr. Dugard, que teve a oportunidade de observar muitos feridos de todas as classes, destacou que a guerra revelou a alma forte pouco conhecida do trabalhador e do camponês franceses. Diz ele:

> *Os romancistas descrevem somente seus instintos. Para eles, a pessoa do povo é formada por apetites que marcham. Seus porta-vozes só falam de reivindicações e ouvindo-se alguns deles exporem o sonho de uma sociedade nova, onde bastaria ao proletariado colocar a mão em todas as formas de riqueza para assegurar, a cada um, prazeres e felicidade, per-*

guntar-se-ia se o bom senso nacional não sofreu algum eclipse. Sua disciplina, sua resistência, sua maneira de combater e de morrer ultrapassam tudo o que se acreditava possível ao homem. Suas façanhas fazem empalidecer as epopeias antigas.

O estoicismo de todos os feridos é tocante:

Esses homens, com traços burilados por rudes labores, esses trabalhadores e camponeses que jamais leram Epiteto nem Marco Aurélio e ignoram até seus nomes, esses feridos esgotados pela fadiga, os ossos quebrados, as carnes mortas, se elevam até o altar dos maiores estoicos por conta própria.

O autor constatou entre eles um real altruísmo, a preocupação com o sofrimento dos camaradas, uma extrema delicadeza. Oferece-se a eles guloseimas, cartões-postais, cigarros; eles pegam um e é uma dificuldade fazê-los aceitar mais. Essa reserva não se estende, aliás, aos empregados do comércio e do escritório.

Enquanto que ao burocrata que se mostra cigarros toma sem hesitar a caixa inteira, os camponeses tomam a sua parte com tanta discrição que é preciso fazer isso para eles.

Seu autocontrole é constante. O homem do povo ferido tem escrúpulos de perturbar o enfermeiro à noite, com medo de lhe causar qualquer desconforto.

A grande preocupação dos mutilados é de saber se, ao sair do hospital, eles poderão, apesar da doença que os atingiu, sustentar sua família. Das suas façanhas eles não se vangloriam jamais. Se são louvados, respondem que era apenas seu dever. Aos feridos alemães, cuidados ao lado deles, eles testemunham sentimentos humanos e os desculpam, dizendo que seus inimigos foram forçados a combater.

§6. Qualidades intelectuais desenvolvidas pela guerra.

As necessidades da guerra, ao nos obrigar a aperfeiçoar sem parar nosso material de defesa, algumas vezes até mesmo a criá-lo, foram poderosos estimulantes da atividade intelectual. Em poucos meses, por exemplo, a aviação e a artilharia fizeram imensos progressos. A indústria precedeu, nesse caminho, a ciência, que outrora ela seguia. Todos os países da Europa foram transformados em usinas industriais que são também usinas intelectuais. Cada um teve que fazer prodigiosos esforços para se elevar acima de si mesmo.

E não foi somente a indústria que realizou grandes progressos. Ciências, outrora um pouco teóricas, como a psicologia, adquiriram precisões insuspeitadas.

A guerra não fez surgir tudo isso do nada, mas ela rapidamente fez crescer o que só existia em germe e acelerou nossa evolução.

A ciência, a indústria, as artes e a literatura __ a política também __ viverão durante muito tempo das experiências da guerra atu-

al. Ela não se limitou a ensinar muitas coisas novas, mas permitiu retificar muitos erros. Aos trabalhadores e aos socialistas que sonhavam com a destruição do capital, ela mostrou que a guerra não poderia continuar sem a ajuda do capital. Aos universitários confinados nos livros, ela ensinou a utilidade da educação técnica, que fez a força da Alemanha.

A necessidade de trabalhar rápido e melhor transformou o mecanismo de todas as fábricas, obrigou a rotina a desaparecer e estimulou as iniciativas.

Numerosos são os fatos análogos aquele citado pelo Sr. Le Chatelier a propósito da fabricação dos obuses, que se tornou nosso verdadeiro labor nacional. Para formar, com os métodos atuais, um trabalhador torneiro mecânico, capaz de atingir a precisão de alguns centésimos de milímetro exigida na fabricação dos obuses, são necessários dez anos. Mudando os métodos, forma-se bons torneiros em poucos dias. O mesmo autor destacou igualmente que seis meses foram necessários para organizar a fabricação dos projéteis, enquanto que, com um método conveniente, quinze dias teriam bastado.

Esta última observação é tão justa quanto a primeira, mas ela foi feita numa época em que a indústria privada ainda não havia substituído completamente a administração rotineira do Estado.

§7. Mentalidade da população civil durante a guerra.

As guerras do passado só interessavam diretamente o setor militar de um país e tocavam pouco o resto da nação que, algumas vezes, até mesmo as ignorava. Numa luta em que participam durante vários anos todos os homens válidos da nação, a psicologia da população inteira é necessariamente modificada, pelas mesmas razões que eu mencionei no início deste capítulo.

A postura da população civil na França, durante a guerra, foi perfeita. Ela aceitou com resignação esse flagelo terrível e suportou todas as privações sem murmurar.

Foi interessante conhecer, desde o início do conflito, a opinião das classes populares tão duramente atingidas pela partida de um grande número de sustentáculos da família. Mas essa opinião não se conseguia facilmente. A guerra sobreveio bruscamente sem que a massa tivesse a sua disposição os estoques de frases prontas que ela utilizava habitualmente. Na falta de tradução verbal fácil, seu pensamento permaneceu mudo durante muito tempo, como acontece habitualmente diante de um cataclismo inesperado.

Um repertório acabou, no entanto, por se formar nos jornais, mas permaneceu bem abstrato. Dizer, por exemplo, que combatemos em nome do direito e da justiça, constituía __ para o espírito das massas e também um pouco para os criadores dessas frases feitas __ alguma coisa de muito impreciso.

O povo se mostrou sempre muito otimista e confiante na vitória. Progressivamente ele se habituou à ideia de que a guerra seria longa e compreendeu que se tratava de uma necessidade histórica inevitável, cuja responsabilidade não poderia recair no governo.

As reflexões recolhidas nos ambientes populares espantavam frequentemente pelo seu bom senso. Eu ouvi um trabalhador socialista explicar a seus camaradas que ele havia se enganado ao supor a guerra impossível e que era um erro do povo se não estávamos prontos para ela, pois ele votava em deputados que prometiam a redução do orçamento da guerra.

Nenhuma analogia entre a mentalidade popular de 1870 e a de 1914. Em 1870, tratava-se de exércitos profissionais obtidos pelo alistamento e um pouco estranhos ao resto da nação. Em 1914, a nação inteira combatia. Não há nenhuma família, das mais ricas às mais pobres, que não conte com um dos seus no campo de batalha.

Em 1870 o espírito geral era também bem diferente daquele de hoje em dia. Nós só tínhamos vitórias por detrás de nós. As da Revolução e as de Napoleão I; depois, sob Napoleão III, nossos sucessos de Sebastopol e da Itália. Sem dúvida que o Primeiro Império terminou com a derrota e a invasão, mas tantos triunfos precederam essas catástrofes que elas não poderiam produzir nenhum sentimento de humilhação.

Em 1914, não era mais a vitória, mas a derrota que tínhamos por detrás de nós. E uma derrota que, durante quarenta e quatro anos, pesou grandemente sobre nossa existência. Todo mundo sentia que estávamos em presença de uma vontade inimiga decidida a destruir a França e que uma nova derrota seria o fim da pátria e a escravidão definitiva sob os pés do estrangeiro. Do menor ao maior, todos compreenderam isso e essa clara noção criou uma mentalidade imprevista.

CAPÍTULO III

Perturbações morais que a guerra poderá produzir.

§1. Perturbações morais resultantes da vida militar.

Sumário

Após ter mostrado as qualidades produzidas ou desenvolvidas pela guerra, não será inútil indicar também as perturbações morais que ela poderá, talvez, provocar.

Todas as sociedades são criadas sobre convenções e contratos, necessários à existência das coletividades, mas, mais ou menos embaraçosos para os indivíduos. Elas são mantidas primeiro pelos códigos, depois pelo hábito, que tornará, ao longo do tempo, as sanções inúteis. A experiência mostrou, com efeito, que nas sociedades civilizadas as leis só são violadas por uma minoria muito pequena.

O fundamento essencial da força inibidora das leis cessa então, pouco a pouco, de ser o medo do castigo, mas muito mais o hábito que fortifica cada geração até o dia em que uma revolução nas mentes venha abalá-lo. As leis perdem então seu poder, a anarquia sobrevém e, se ela persiste, leva o civilizado à barbárie. Nunca é sem perigo que um povo é libertado dos laços do costume.

Uma guerra não poderia se prolongar sem perturbar todos os hábitos que determinam o respeito às leis. Disso resulta logo no enfraquecimento da estrutura sobre a qual as sociedades repousam.

Toda a escala de valores se acha transposta, com efeito, pela guerra. O que era considerado como respeitável deixa de ser respeitado. Os assassinatos, os incêndios, as destruições; crimes em tempos de paz se tornam virtudes. O respeito pela propriedade e pela vida humana, fundamentos mesmos da sociedade, desaparecem. Perturbações análogas acontecem na vida civil. Os direitos políticos dos cidadãos são abolidos. Um poder militar autocrático se impõe a todas as vontades.

Fora dessas grandes perturbações morais, há outras, menos graves certamente, mas ainda carregadas de consequências. Por mais frequentes que sejam os combates eles não são diários. Em seus intervalos, o soldado permanece forçosamente desocupado. Ele perde o gosto pelo trabalho e adquire o hábito de ser alimentado pelo Esta-

do. Prolongado durante muitos anos, esse traço de ociosidade será em seguida uma doença a ser tratada.

As diversas perturbações que menciono permaneciam quase sem influência nas lutas rápidas de outrora, que atingiam uma porção ínfima da nação. Isso é algo bem diferente nas longas guerras de hoje em dia, que interessam a todos os membros da nação.

Sem querer precisar agora as consequências de hábitos tão gerais e mantidos por tanto tempo, pode-se dizer que será difícil fazer retornar à vida pacífica e ao respeito às leis, os homens cuja ocupação foi matar e destruir.

A lei do soldado, em tempo de guerra, é simplesmente a vontade do comandante. As leis civis acabam por influenciar bem pouco, quando se está acostumado a só aceitar as leis militares, que independem da ação dos legisladores.

§2. Perturbações morais resultantes de medidas legislativas.

Ao lado das perturbações morais resultantes da vida na frente de batalha, outras, mais graves talvez, foram criadas na existência civil pelos erros de nossos governantes. Como, por exemplo, a sucessão de decretos moratórios suspendendo o pagamento das dívidas, dos alugueis etc.

Um dos principais fundamentos da vida social é o respeito aos compromissos. Nem o comércio, nem a indústria, nem relações de nenhum tipo seria possível sem esse respeito.

Nossos legisladores o esqueceram quando, levados por influências diversas, decretaram, sob o nome de moratória, a ruptura de todos os compromissos. Os agentes de câmbio se viram autorizados a não liquidar a situação de seus clientes; as grandes sociedades de crédito e os banqueiros a não reembolsar os depósitos que lhes tinham sido confiados; os locatários a não mais pagar seus locadores.

Foi a parada total da engrenagem social. Nada de capital em circulação, portanto, nada de indústria nem de comércio. Nada de fabricação, nada de exportação.

Nossos governantes levaram algum tempo para compreender essa verdade, tão evidente no entanto, mas acabaram por compreendê-la. Os bancos foram obrigados a reembolsar seus depósitos, os agentes de câmbio a liquidar suas contas. As fábricas puderam então reabrir e a vida econômica do país, inteiramente suspensa, foi retomada aos poucos.

Se essas medidas, ditadas pelo espírito jacobino mais estreito, tivesse persistido, teria sido a ruína total do país em curto prazo, pois nossas exportações foram completamente suspensas e um povo que vive de importações chegaria rapidamente à falência.

Restou, no entanto, um ponto importante: a dispensa do pagamento de aluguéis, recebido com alegria pelos socialistas, cujos mestres do dia não perceberam, a princípio, as consequências.

Elas eram, no entanto, bem claras: a ruína ameaçadora das instituições de crédito que tinham emprestado aos proprietários e que, sem receber os alugueis, ficaram na impossibilidade de reembolsá-las; perdas enormes para o Tesouro, obrigado a renunciar aos impostos elevados que os proprietários lhes pagavam etc.

Estas foram perdas materiais consideráveis, mas as perdas morais foram mais graves ainda.

A noção fundamental do respeito aos compromissos ficou abalada, a ponto de uma massa de pessoas, perfeitamente capaz de pagar seus alugueis, se recusar a isso, invocando a lei. Funcionários públicos, empregados, industriais, que não tinham sido atingidos pela guerra e que até mesmo tiveram seus recursos aumentados, usaram da faculdade acordada pelas imprudentes leis, para se livrar do pagamento de suas dívidas.

A permissão de não respeitar seus compromissos, destinada somente, na mente do legislador, a impedir as famílias dos soldados pobres de serem processadas, se estendeu rapidamente a todas as classes e constituiu logo num tipo de direito novo. Ele se fixou de tal maneira que as modestas tentativas de alguns juízes em cobrar o aluguel de locatários afortunados levantou na Câmara os protestos e

ameaças dos socialistas, felizes em encontrar uma nova oportunidade de atacar a propriedade.

Em janeiro de 1916, um deputado socialista, aprovado por unanimidade por seus colegas, não hesitou em dizer:

> *Tome cuidado, Sr. Ministro! Vós não sabeis o que se guarda de rancores, de ódios! Tome cuidado, porque depois da guerra os pobres podem se voltar contra os ricos.*

Tais ameaças mostram o inesgotável poço de ódios que alimenta os sentimentos socialistas. Jamais os pobres foram ameaçados de qualquer perseguição. Apenas a classe média, qualificada de rica por esse bravo deputado, teve que sofrer da privação de suas rendas, frequentemente de maneira bem mínima.

As diversas consequências das moratórias contribuíram para mostrar a influência que podem exercer as leis sobre o abaixamento da moralidade pública. Relatando esse fato, dos locatários que sublocaram frutuosamente o apartamento que detinham, se refugiando atrás da moratória para não pagar seu locador, o **Temps** escreveu:

> *Que tais abusos puderam acontecer, que tal desvio do senso moral nos seja revelado por pessoas provavelmente muito honestas em outra situação, mostra que há aqui um sintoma grave. Não é impunemente que, mesmo sob a pressão dos acontecimentos, levou-se a proclamar nos documentos o-*

ficiais que o efeito das leis e dos contratos está suspenso e que se está livre para não cumprir com seus compromissos. Tomemos cuidado para que, em nossa democracia, não haja em intervalos regulares, uma questão das dívidas, como para a plebe romana na decadência da República.

§3. Perturbações intelectuais resultantes de bruscas rupturas de equilíbrios mentais. O desaparecimento do espírito crítico.

Todas as grandes perturbações __ guerras, revoluções etc. __ provocam um enfraquecimento geral do espírito crítico. O discernimento desaparece e a faculdade de ver as coisas como elas são desaparece junto.

Não é apenas nas classes populares que esse fenômeno é observado. Eu reproduzi em meu último livro, algumas divagações dos mais ilustres cientistas da Alemanha __ Wundt, particularmente __ que, em tempo normal, pareceria indesculpável em uma criança. Quantos dentre eles que, após dois anos de discussão e apesar dos documentos mais comprobatórios, ainda não estão convencidos de que a guerra atual é o fruto de um complô urdido pela Inglaterra?

Essa ausência de espírito crítico não é exclusividade da Alemanha. Nossa imprensa deu prova, durante a guerra, não se pode negar isso, de uma sagacidade muito abaixo da média.

Quem não se lembra dos grandes jornais anunciando, logo no início da guerra, a chegada dos russos em alguns dias e suas certezas de que em três ou quatro meses a Alemanha, inteiramente arruinada, estaria impossibilitada de prosseguir com a guerra etc.?

Se o discernimento e o bom senso se mostraram tão fracos nas camadas superiores da sociedade, é de se pensar no que foram nas classes populares.

Os ruídos mais absurdos não pararam de circular desde a abertura das hostilidades. Na Alemanha, despachos anunciando a travessia do território de automóveis cheios de milhões com destino à Rússia e conduzidos por franceses disfarçados de mulheres. “Os funcionários da alfândega não dormiam mais, com o único pensamento de uma captura tão rica.”

Nesses momentos de crise, tudo o que é da ordem do racional __ observação, reflexão, discernimento __ desaparece. Os maiores absurdos são aceitos e seus narradores acreditam de boa-fé terem visto o que contam. Em Paris, no início da guerra, a mais leve suspeita de que uma loja pertencia a um alemão bastava para que ela fosse saqueada.

Um cocheiro, que eu interroguei sobre as causas da pilhagem de uma grande loja de calçados, me assegurou ter visto com os próprios olhos, em letras garrafais, escrito sobre essa loja: “Abaixo a França! Viva Guilherme!”

Como eu lhe objetei suavemente que tal imprudência era muito pouco provável em um comerciante, pouco preocupado em provocar a destruição de suas mercadorias, meu bravo cocheiro ficou furioso e me repetiu que ele mesmo leu a inscrição feita numa faixa de tecido com mais de um metro de largura.

Essa exteriorização de ilusões nascidas na mente, sob a influência de estímulos que paralisam as faculdades de observação, é um fenômeno muito frequente na história. Ela é a chave dessas narrações de aparições que formigam nos livros.

CAPÍTULO IV

O governo da França no início da guerra.

§1. Lições de psicologia da política fornecidas pela história do governo da França durante a guerra.

Sumário

Quando, daqui a cinquenta anos, pacientes eruditos conseguirem, vasculhando montanhas de documentos, escrever a história do governo da França durante a guerra, eles encontrarão os elementos do mais instrutivo tratado de psicologia da política que jamais foi escrito.

Hoje ninguém poderia escrever tal livro: nem os governantes, nem os governados. A história de um governo não é composta sim-

plesmente, com efeito, da enumeração das medidas promulgadas por ele, mas também pela maneira com que elas foram aplicadas e depois as suas repercussões inumeráveis e frequentemente invisíveis.

O entrelaçamento desses diversos elementos forma uma rede complicada que é preciso em seguida desatar para compreender o período político cujo curso se quer traçar.

Mas se a verdadeira fisionomia do governo francês durante a guerra não poderia ser traçada atualmente, é pelo menos possível estudar alguns dos ensinamentos psicológicos fornecidos por seus atos.

As críticas não faltarão, certamente, sobre esta época. Muitas serão fundamentadas, mas se, segundo o método pragmático, julga-se as coisas por seus resultados, o historiador do futuro dirá sem dúvida que a França teve durante a guerra o melhor governo que ela poderia ter nas mesmas condições. Ela viu a sua frente bravas gentes que não tinham outra ambição que não fosse salvar seu país. Eles se enganaram algumas vezes, foram mal assessorados frequentemente; mas onde estão as pessoas que possam achar que eles poderiam ter agido melhor?

Eu não vou insistir neste ponto. O papel de um filósofo não é, de maneira alguma, criticar ou louvar, mas constatar e retirar úteis lições dos fatos observados. Jamais tal mina de estudos psicológicos foi ofertada para as meditações dos pensadores.

Em tempo algum, por exemplo, o valor das diversas formas de governo __ pessoal, parlamentar etc. __ poderiam ser melhor apreciadas. Jamais aparecerão tão claramente as vantagens ou os inconvenientes da autocracia militar e civil e as condições que produzem tais modos de governo ou determinam sua evolução.

Poder-se-ia estudar principalmente o mecanismo de formação de um poder ditatorial e seu desaparecimento. É nas autocracias que as democracias buscam frequentemente um remédio para seus males, como fizeram outrora buscando Napoleão III para ser seu mestre. Mas a guerra mostrou, mais uma vez, que o autocratismo é uma ficção. O autocrata teórico se vê obrigado, com efeito, a delegar seus poderes a milhares de subalternos que, sentindo-se responsáveis, tornam-se rapidamente intoleráveis déspotas. O próprio autocrata logo perde sua ação sobre eles e se vê reduzido, para limitar seus malefícios, a convocar reuniões, o que, no mesmo golpe, transforma seu poder pessoal em poder coletivo. Esse fenômeno foi observado durante a guerra, não apenas na França, mas também na Rússia.

§2. Desagregação da vida nacional no início da guerra e formação espontânea de um governo autocrático.

A primeira consequência da declaração de guerra, no começo de agosto de 1914, foi uma desagregação instantânea da existência nacional. Em alguns dias __ e até mesmo em algumas horas __ a

vida nacional se viu interrompida. Circulação, indústria, comércio, tudo parou; os bancos e as fábricas, fechados. Um após outro os elementos da vida nacional desapareceram, como as luzes de uma grande avenida sucessivamente se extinguem.

O único serviço que continuou a funcionar foi o das estradas de ferro. Ele funcionou até mesmo muito bem, pois do dia 1º ao dia 20 de agosto dez mil trens transportaram quase dois milhões de homens até a fronteira.

As Câmaras foram adiadas e o poder foi exercido por um conselho de ministros que se mostraram muito hesitantes e incapazes de tomar qualquer decisão. Logo nas primeiras derrotas, sentindo-se completamente abaixo de sua tarefa, eles próprios demandaram sua substituição.

A tarefa do novo ministro não era fácil. O papel mais pesado coube ao ministro da guerra. Logo em sua entrada em ação, ele foi obrigado a reconhecer que nada havia sido preparado para a defesa. Eis o que ele disse a este respeito:

> *Ainda não havia três semanas que eu estava no ministério da guerra e surgiu diante de mim, com uma necessidade aguda, a necessidade imediata, imperiosa, de mobilizar toda a indústria e de empregar tudo o que pudéssemos das industriais disponíveis, qualquer que tivesse sido sua ocupação até então, convidando-as a se juntar aos estabelecimentos estatais*

para fabricar, à força, munições a princípio e material bélico em seguida.

Nada, na realidade, ou bem pouca coisa, tinha sido prevista por nosso estado-maior. Foram os esforços da indústria privada que salvaram a França.

Seu trabalho foi muito complicado, pois 80% do território que fornecia o ferro e o carvão estavam ocupados pelo inimigo.

Nesse primeiro período da guerra o governo se tornou quase absoluto. O conselho de ministros se limitava a ratificar as medidas tomadas por cada um deles. Ele formou rapidamente um poder completamente autocrático, livre de todo controle e que lembrava o famoso Conselho dos Dez, de Veneza.

Eu creio mesmo que esse foi o único exemplo na história de um regime parlamentar substituído instantaneamente, sem revolução, por um regime autocrático absoluto.

Cada ministro era soberano em seu departamento. Ele impunha a golpes de decretos e sem nem mesmo consultar o Conselho de Estado, toda uma legislação comercial, industrial, civil, financeira e administrativa. As medidas tomadas eram tão precipitadas que era preciso refazê-las sem parar, quando seus inconvenientes se tornavam muito visíveis.

O novo poder não sofria nenhuma contestação, pois as Câmaras não se reuniam e uma censura rigorosa impedia os jornais de

publicar as reclamações que pudessem desagradar. Por isso, o governo assumiu ares cada vez mais despóticos e se atribuía todos os direitos; entre outros, o de requisitar tudo o que acreditava precisar __ mercadorias, automóveis, castelos, hotéis, lojas etc. __ sem outro limite que não fosse sua vontade.

Então, logo apareceram os inconvenientes da autocracia que eu assinalei acima. Os poderes absolutos dos ministros foram necessariamente delegados a inumeráveis pequenos autocratas que se tornaram rapidamente odiosos. Eram empregados subalternos que jamais tinham conhecido na vida civil algo além do ônibus e do hotel vagabundo e que assumiam uma persistente obstinação em requisitar, sob os mais fúteis pretextos, automóveis luxuosos e residências suntuosas destinados, na realidade, para seu próprio uso. Eles se comportavam diante dos cidadãos como sátrapas asiáticos, com seus ares insolentes.

§3. Consequências finais do abuso da autocracia. As desordens e os desperdícios.

Os abusos da autocracia ministerial se tornaram logo muito embaraçosos e necessitaram de uma modificação do governo.

Após ter entravado toda a vida social com os decretos moratórios, a autoridade atacou __ sob a forma de requisições __ uma massa de indústrias __ a dos hotéis, por exemplo __ da qual viviam um

número imenso de cidadãos. A hotelaria, possuindo protetores suficientes, estava certa de ser poupada. Se lhe faltavam esses protetores, seu hotel era requisitado a preço vil e arruinado em proveito de seus concorrentes; os verdadeiros autores, na maioria das vezes, da requisição. Eu poderia citar uma praia marítima bem conhecida, não distante de Bordeaux, em que um obscuro agente, improvisado em chefe de serviço, após ter requisitado para ele e sua família, o pavilhão de um hotel, depois o automóvel desse hotel para seus passeios, quis fechar os hotéis rivais sob o pretexto de colocar neles os feridos, enquanto os hospitais militares da região estavam quase vazios. Eu estava então naquela localidade e pude telefonar ao ministério, em Paris, para tratar de interromper as fantasias do sátrapa improvisado. Mas, a tal distância, as ordens do ministro eram pouco ouvidas; ele teve que repeti-las três vezes e destituir o chefe de serviço que tinha acobertado o agente culpado. Este último, protegido por franco-maçons influentes, continuou a explorar o país, até o dia em que reclamações unânimes obrigaram o governo a expulsá-lo, mas foi necessário um general vir pessoalmente realizar essa operação.

Fatos análogos foram observados em toda parte. As desordens e escândalos se tornaram universais. O relator da Comissão das Contas, o Sr. deputado Brousse, assinalou alguns deles. A maior parte permaneceu ignorada, embora tendo custado, provavelmente, muitos milhões.

Eu estive nos últimos dias num departamento invadido. As autoridades civis tinham organizado de uma maneira perfeita as companhias agrícolas. A administração militar quis meter a mão sobre elas e nomeou, a princípio, naturalmente, um inspetor-geral. Mas, sempre que se nomeia um inspetor-geral, ele é sempre seguido de um inspetor adjunto. Este, por seu turno, é seguido de um suboficial, de soldados e de um indispensável automóvel. Depois, os negócios não funcionam mais; as companhias agrícolas, que funcionavam até então à perfeição, começam a fazer água.

Se passamos ao ministério da marinha, veremos que as medidas infelizmente tomadas ocasionaram uma alta considerável do frete. Mais da metade de nossa frota ficou indisponível e isso custa ao orçamento francês 800 milhões, quase um bilhão. Isto sensibilizou os funcionários responsáveis por este estado de coisas? A França pagará anualmente quase 30 milhões de juros por esta incúria!

Se examinarmos todos os ministérios, veremos que em todos se cometem abusos semelhantes. Existe isso por toda parte.

O autor cita muitos fatos de mesma ordem. Aviões que custam 12.000 francos, mas vendidos ao Estado por 30.000 francos, para enriquecer intermediários; peças avulsas que valem 9,50 francos e

faturadas a 93 francos; trabalhadores mobilizados e pagos a 30 e 35 francos por dia, sob o pretexto de fabricar obuses etc.

Esse desperdício foi, aliás, a simples continuação, um pouco exagerada, de tradições administrativas já antigas. O mesmo deputado mostrou, com relação à assistência aos velhos, que ela é principalmente uma assistência aos eleitores, como uma pesquisa feita sobre quase 5.000 fichas revelou que dois terços dos inscritos eram para ser cortados, "mas quando se processa na justiça os autores dessas falcatruas, o tribunal os absolve".

Nas prefeituras, inclusive a de Paris, desperdício análogo. O relator cita empregados da municipalidade que, além dos vencimentos de 4.000 francos, recebiam 4.100 francos de suplementos. Redatores com 4.400 francos, recebiam 2.415 francos a mais. Todos esses extras eram imputados, bem entendido, a títulos diversos. O autor conclui, dizendo:

> *Como se vê, as finanças departamentais ou comunais são, às vezes, administradas em condições tão deploráveis quanto as finanças nacionais... Não é uma coisa bem organizada na França, é a irresponsabilidade geral.*

A guerra só fez agravar uma situação já antiga.

Um outro deputado, o Sr. Boussenot, na sessão de 20 de março de 1916, mostrou a que ponto os serviços da marinha tinham sido desorganizados. Navios requisitados, depois esquecidos longas se-

manas nos portos sem utilização, enquanto nos faltavam meios de navegação. Navios colocados sob a direção de oficiais de cavalaria e tão mal conduzidos que era preciso fazer escala na rota para reabastecê-los; barcos requisitados e enviados de porto em porto para autoridades que não sabiam o que fazer com eles. É preciso evidentemente ver em todos esses fatos a consequência de uma mentalidade geral.

Durante a guerra, como antes da guerra, o Estado industrial se mostrou bem aquém de sua tarefa e foi apenas, eu repito, a ajuda da indústria privada que salvou a situação.

§4. A luta do poder autocrático contra as leis naturais. As taxações.

Antes de cair, uma autocracia exagera e é mesmo, precisamente, esse exagero que acaba por causar sua queda.

O autocrata, vendo a princípio tudo ceder diante dele, acredita que seu poder é ilimitado e logo quer forçar as leis naturais a se curvarem segundo a sua vontade. Os autocratas de todas as eras imitaram voluntariamente Xerxes, que mandou chicotear o mar porque contrariava seus projetos.

Dentre as leis naturais que guiam o curso das coisas, figuram alguns princípios econômicos __ simples expressão das relações

entre os fenômenos __ que os detentores do poder absoluto estão sempre querendo violar.

Tais tentativas não faltaram durante a guerra, tanto na França quanto na Alemanha, particularmente a propósito da taxação dos gêneros alimentícios. Elas mostraram que, em matéria de economia política e social, as experiências mais categóricas nunca parecem suficientemente demonstradas.

Como na época da Revolução, os poderes ditatoriais da França e da Alemanha pretenderam taxar as mercadorias, impedir os monopólios etc.

Mas, assim como no passado, essas medidas tiveram como consequência fazer desaparecer completamente as mercadorias taxadas ou elevar seu preço. Seu resultado final foi paralisar o comércio e a indústria.

Julgando-se todo-poderosa, a Convenção __ também ela __ requisitou e taxou os comestíveis, processou os monopolizadores, estabeleceu depósitos de mercadorias etc. O único objetivo atingido foi, como reconheceu um convencional, "tornar o povo mais furioso, os mercados mais vazios, o trigo ainda mais caro. Não está no poder de nenhuma autoridade humana, mesmo convencional, fixar por decreto o valor das coisas".

Já a Convenção, persuadida, como nossos legisladores modernos, de que a elevação dos preços leva ao monopólio, decretou a

pena de morte contra os monopolizadores. As mercadorias desapareceram então completamente. Jamais se vê melhor a impotência dos legisladores quando eles querem lutar contra as leis naturais.

Dizia o convencional Latouche: “Os valores têm por base uma multidão infinita de relações variáveis que a lei não pode compreender nem dominar”.

A Convenção acabou por reconhecer seu erro. Em 14 brumário do ano III ela prescreveu ao Comitê de Saúde Pública e das Finanças redigir um relatório sobre os inconvenientes do máximo. O relator Gérard mostrou que essas leis “tinham matado a agricultura, inflacionado o comércio, aniquilado toda espécie de indústria e arruinado as comunidades” e concluiu dizendo: “Se deixares sobreviver a lei do máximo uma parte das terras ficará logo sem cultura”. Em nivoso, do ano III a Assembleia decretou a supressão completa das leis do máximo. E, dirigindo-se ao povo, acrescentou:

> *Uma escassez absoluta teria sido a consequência necessária dessa lei, se a Convenção, em relação a ela, não tivesse quebrado as amarras da indústria. É para a indústria livre de entraves, é para o comércio multiplicar nossas riquezas. As provisões da República estão confiadas à concorrência e à liberdade, únicas bases do comércio e da agricultura.*

Um outro convencional observou justamente, com relação a isso: “É um princípio que aprendemos, infelizmente, por conta própria: se o governo se mistura com o comércio ele o aniquila”.

Mesmo que este último princípio tenha sido solidamente sancionado pela experiência, nossos governantes atuais não o compreenderam e se obstinaram em formular leis para fixar o preço dos gêneros. Em tempos comuns esse preço é determinado pela grande lei da oferta e da procura, que estabelece para as coisas seu valor verdadeiro. Ela foi naturalmente paralisada pelo sistema das requisições que permitem ao Estado se apoderar dos objetos que lhe parecem úteis para a defesa nacional, pagando-os ao preço do dia.

Mas, como intermediários que conheciam suas necessidades fizeram subir os preços, adquirindo todas as mercadorias, o mecanismo da oferta e da procura ficou inteiramente falseado.

Os fatos revelados para a Câmara mostraram que a maior parte das mercadorias compradas pelo Estado tinham sido por preços extravagantes. Pensava-se que era o estado que confiscava, enquanto que, na realidade, era ele o confiscado; e o público, por via de consequência.

Apesar de todas as demonstrações presentes e passadas, o governo não para de intervir no preço das mercadorias e acabou por fazer votar novas leis do máximo.

O resultado dessas medidas foi a obrigação para o Estado de se improvisar como comerciante. Percebeu-se, num dado momento, que ele comprava todo o trigo disponível para revendê-lo com perda, a fim de impedir a alta de um gênero de primeira necessidade. Mas a extensão desse procedimento a outras mercadorias condenou o Estado a se tornar o único comerciante. Foi o que destacou muito bem um grande jornal, a propósito das muito imprudentes taxações votadas pelas Câmaras.

> *Um dos resultados mais temíveis das taxações e das requisições foi a parada do comércio livre, colocado na impossibilidade de continuar a abastecer o país com compras no exterior.*
>
> *As compras nos mercados exteriores são tais que, frequentemente, os preços pagos pelas novas requisições eram inferiores aos preços pagos por elas; então, as importações livres cessaram. Porém, como o abastecimento do país tinha que continuar, o próprio Estado se viu condenado a efetuá-las ele mesmo. Assim, ele teve que se fazer de importador de todos os gêneros e mercadorias e se virar para pagá-las. Com que recursos?*

A escassez do açúcar foi um novo exemplo da influência das taxações e intervenções do Estado. Escreveu o **Temps**:

O açúcar está escasso porque a administração, excluindo o comércio, não fez as importações necessárias em tempo útil. Foi preciso deixar o comércio agir livremente. A crise atual teria sido evitada se, com as ameaças de requisição a 75 francos, em novembro último, quando o granulado americano valia 80 a 85 francos, o governo não tivesse posto o comércio na impossibilidade de importá-lo.

Apesar de todas as suas pretensões à organização científica, o governo alemão também encalhou em suas lutas autocráticas contra as leis naturais. Ele chegou, como era inevitável, a piorar ainda mais a escassez das mercadorias produzida por um semibloqueio e os numerosos tumultos que resultaram dele.

Eis o que disse sobre isso o jornal alemão **Lokal Anzeiger**, em maio de 1916:

Que absurdos fomos obrigados a sofrer! A população acreditava que o governo, graças a seus grandes serviços de estatísticas, graças a sua organização administrativa, graças à ciência de seus altos funcionários, estava exatamente informado sobre as provisões do país. Mas o governo era o menos informado do mundo e manifestou previdência quando, pouco após o início da guerra, ordenou o grande massacre obrigatório dos porcos? Queria-se economizar assim batatas; mas essas batatas, na primavera de 1915, abarrotavam os celeiros e

a falta de carne que se sofre hoje é, em grande parte, a consequência dessa medida apressada.

O governo encorajou o consumo exagerado de açúcar. Com sua aprovação alimentou-se com açúcar cavalos, vacas e porcos. Hoje, nossas mulheres ficam de pé durante horas em longas filas diante dos mercados, esperando que lhes forneçam um quarto de libra. Eis o que se conseguiu fazer com a Alemanha; o país que outrora fornecia açúcar para a metade do mundo!

No último inverno o governo tranquilamente ficou olhando enquanto se massacrava o gado e embalava sua carne sob a forma de caixas de conserva. Atualmente é quase impossível encontrar no mercado de Berlim um pedaço de carne bovina...

Os protestos dos jornais alemães foram unânimes. Eles encontraram entre a regulamentação atual e a do Comitê de Saúde Pública de 93, "uma semelhança espantosa".

Os agrupamentos diante dos mercados, os preços máximos e suas consequências tão nefastas quanto inevitáveis, enfim e principalmente o ódio desencadeado nos consumidores contra os produtores, as acusações de monopólio, as ameaças e suas possíveis consequências, nada falta no quadro. Os jornais conservadores e agrícolas publicam um apelo à concór-

dia: Habitantes das cidades! Os agricultores são vossos irmãos. As medidas do governo seriam excelentes se a técnica pudesse algo sem o espírito. Porém, o espírito, a vontade de se sacrificar pelo dever patriótico, não existe mais. Quanto mais durava a guerra, mais ela dava lugar à rotina, ao egoísmo, à procura de facilidades, a uma confiança apática no governo. O burgomestre de Colônia constata na sessão do Conselho: "É lamentável, no mais alto grau, ver as dificuldades do momento exploradas pelos partidos políticos, que exageram, generalizam e estimulam o ódio das classes, para tirar proveito da situação".

(Kölnische Volkszgt, 17/03/1916)

Uma das grandes lições da guerra será, certamente, ter ensinado aos povos e a seus dirigentes, de uma maneira definitiva, ou pelo menos durável, que certas leis naturais dominam a vontade dos mais poderosos déspotas.

Essa incapacidade geral em compreender a força das leis naturais deve-se a que elas só agem após um certo tempo, enquanto que as medidas ditatoriais parecem ter efeitos imediatos. O visível imediato esconde o invisível futuro, mas inexorável.

Todas as desordens enumeradas neste capítulo e resultantes do poder autocrático foram aceitas com resignação, como necessidades da defesa nacional. Elas acabaram, no entanto, por se acumularem a

tal ponto que o governo autocrático teve que evoluir e se submeter ao controle das assembleias parlamentares, evitadas durante muito tempo.

Foi a fase fatal do autocratismo, cuja necessidade eu já havia assinalado no início deste capítulo. Vamos constatar agora seus efeitos.

CAPÍTULO V

Evolução do governo da França durante a guerra.

§1. A evolução do governo autocrático. O papel das comissões parlamentares.

Sumário

Vimos que a autocracia governamental acabou por se tornar __ em razão principalmente da maneira como era exercida pelos agentes subalternos __ muito opressiva para poder durar.

Ela não durou, com efeito e foi mitigada por dois processos diferentes.

O primeiro foi a intervenção das comissões parlamentares. O segundo, a substituição do verdadeiro Conselho dos Dez, formado pelos ministros, por um novo ministério cujo número de membros foi dobrado e era composto por representantes de todos os partidos, da extrema esquerda à extrema direita.

Dentre eles figuravam os ex-presidentes do conselho, que possuíam mais prestígio. Essa concepção, baseada numa psicologia muito correta, foi a obra pessoal do Sr. Briand[6].

Na fase nova em que entrou o governo, as comissões parlamentares desempenham um papel importante. Sua influência já era exercida, mas ela era mínima; tanto que suas reclamações não podi-

[6] Os jornais neutros estrangeiros foram unânimes em reconhecer a obra considerável desse eminente político. Ele soube criar a unidade em toda parte: unidade de conduta na política interior e unidade nas operações dos aliados. Sendo o primeiro a compreender que no Oriente se decidiria a saída da guerra, ele enviou um exército anglo-francês importante à Salônica e conseguiu superar as hesitações da Romênia. Seu papel visível nessa nova fase da guerra foi tão considerável como foi sua influência invisível no início. Vários jornais lembraram discretamente esse papel, por ocasião do aniversário da batalha de Marne, mas não se tem ainda publicado os detalhes da memorável sessão do conselho de ministros acontecida no início de setembro de 1915 e que, pode-se dizer, decidiu a sorte da França.
Eu recordei em meu livro anterior que o general comandante, considerando a defesa de Paris impossível e rejeitando a ideia do marechal French de organizar uma linha de defesa sobre o Marne, ordenou __ através da ordem do dia nº 4 __ que seu exército recuasse para 100 quilômetros ao redor e ao sul da capital, numa linha cujos principais pontos eu já indiquei.
Isso resultaria no abandono da capital e, como consequência, seu incêndio quarteirão por quarteirão, a fim de obrigar o governo a uma paz imediata. A batalha de Marne nos salvou, mas é claro que, para ganhá-la, foi preciso primeiro decidir travá-la.
Porém, por bem pouco ela não aconteceu. Diante da decisão do general comandante de recuar para o sul de Paris, o ministro da guerra dessa época declarou a seus colegas reunidos em conselho que ele se recusava formalmente a intervir nas operações militares. Após uma discussão __ onde foi apoiado pelos Srs. Ribot, Thomson, Guesle, Sembat, Viviant e o presidente da República __ o Sr. Briand acabou por conseguir que a ordem fosse dada ao general comandante para interromper sua retirada e travar batalha contra os alemães, já às portas de Paris. Essa decisão que salvou a França poderá, como já salientei, ser invocada para mostrar a que acasos se devem, algumas vezes, as pretensas fatalidades históricas.

am ser levadas diante das Câmaras, ou seja, diante da opinião pública.

É preciso ser justo ao Parlamento e reconhecer que, durante a guerra, salvo raras exceções, sua conduta foi perfeita e sua ação muito útil. Essa excelente atitude impressionou muitos estrangeiros.

Escreveu o **Journal de Genève**, em 27 de março de 1915:

Quando se recorda o que é a Câmara atual, isso parece milagre.

Ela nasceu das intrigas desesperadas dos partidos, por ocasião de uma das piores divisões intestinas que a terceira república conheceu. Ela é composta, antes de tudo, por especialistas em lutas eleitorais; por políticos, homens de partido profissionais. Cada um tem seu rótulo de grupo. Muitos não valem nada, só foram eleitos por causa desse rótulo. A Câmara de 1914 se anunciava como uma horda delirante de animosidades partidárias e de rancores pessoais. Os primeiros meses de sua existência foram detestáveis. Sua própria composição foi, sem dúvida, para muitos, decisiva para a escolha da Alemanha da hora em que iria desencadear a guerra. Essa assembleia que, apesar do perigo impossível de não ser visto, por pouco que se abrisse os olhos, só falava em derrubar a leis dos três anos, antes mesmo que ela fosse completamente

aplicada, parecia à chancelaria imperial maravilhosamente apta para servir involuntariamente a seus projetos.

E eis que a necessidade histórica e o sentimento nacional despertado pelo perigo, lhe impõem uma unanimidade, uma coesão que nenhuma de suas precedentes possuía; duplamente impressionante em se tratando dela. O imperativo categórico da França passou. Os grupos sentem que se retomarem suas sempiternas disputas eles arriscarão muito. O povo não os perdoaria e até mesmo, tudo leva a crer, ele saberia agir, pois o evento mostrou até que ponto seus pretensos representantes lhe são inferiores.

O parlamento não se contentou com um papel apagado. Através de suas comissões ele exerceu, eu repito, uma ação muito útil e mitigou a autocracia governamental. Foram elas que venceram, por exemplo, o tradicionalismo dos comandantes da artilharia que teimavam em recusar a fabricação de canhões pesados e o aumento na fabricação dos obuses, por que estavam convencidos de que a guerra não poderia durar[7].

[7] O papel das comissões do exército, favorecido pela campanha do senador Humbert no **Journal**, foi capital para o incremento de nosso material de guerra. Eis o que escreveu sobre isso o presidente da Comissão do exército dessa época, o Sr. senador Boudenoot:

Seu papel foi sobretudo exercido para levar __ em maio de 1915, após uma resistência que se manifestava cada vez maior, desde janeiro de 1915 __ o governo __ e

Estando a imprensa reduzida ao silêncio pela censura, as comissões constituíram durante a guerra o único fiscal do governo. Graças a elas foi feita luz sobre as inverdades de alguns preços, que já mencionei acima, sobre as negligências dos burocratas, a imperfeição de nosso equipamento, a inércia administrativa por causa da ausência de responsabilidades etc.

A experiência provou que muitos dos nossos serviços precisavam ser estreitamente supervisionados. Foi assim, por exemplo, que, apesar das afirmações repetidas de alguns burocratas, regimentos inteiros foram, por negligência da intendência, privados de roupas de frio, em dezembro de 1915, enquanto as lojas estavam repletas delas. Para descobrir a verdade os membros de uma comissão parlamentar tiveram que ir pessoalmente ver, em diversos pontos da frente de batalha, se elas tinham ou não sido distribuídas. Elas não haviam sido distribuídas.

O resultado dessa investigação foi uma interpelação que levou à queda de vários intendentes. Os soldados obtiveram então, em se-

mais especialmente o ministro da guerra __ a modificar os erros, os métodos e as concepções dos comandantes de artilharia. Foram os relatórios múltiplos, as reprimendas reiteradas da Comissão senatorial do exército (como também da Comissão da Câmara), que venceram a inércia e a resistência dos burocratas e fizeram com que, agora e desde já a alguns meses, progressivamente, de junho de 1915 até a data atual, tenha aumentado a produção e a fabricação, em proporções enormes. E batalhamos sempre para que aumente ainda mais.

guida, as roupas que, sem a comissão, eles não receberiam por muito tempo ainda.

Os exemplos precedentes, aos quais se acrescentam facilmente muitos outros, mostram que um regime parlamentar, por mais medíocre que seja, é o corretivo necessário de um regime autocrático, sejam quais forem as circunstâncias que o imponha.

A própria Rússia fez esta experiência quando, traída por todos os lados, enganada por seus conselheiros, vendo seus exércitos constantemente derrotados, não sabendo mais a quem se dirigir, o tsar se resignou a convocar a Duma. Mesmo que sendo apenas a sombra de um parlamento, ela rapidamente desmascarou as traições e as corrupções que tinham levado a Rússia até o extremo limite do abismo. O ministro da guerra foi aprisionado; um de seus protegidos, que vendia todos os planos do estado-maior ao inimigo, pendurado; outros condenados ao trabalho forçado. As dilapidações foram estancadas __ pelo menos por algum tempo __ e as munições obtidas. Os escândalos revelados foram aliás tantos que se preferiu prorrogar a Duma, para não assustar muito o público.

Se nosso Parlamento tivesse se limitado a exercer a influência benfazeja, cujos efeitos eu mostrei, ele teria traçado uma bela página na história, mas ele continha certo número de socialistas fanáticos, cujas paixões, contidas por um instante pela necessidade, acabaram por se manifestar.

Eles impediram as votações de leis sobre o alcoolismo, exigiram a votação do imposto sobre a renda, que não renderia nada e perturbaram consideravelmente os projetos de empréstimo do ministro das finanças. Eles chegaram mesmo a querer provocar uma crise ministerial porque o ministro da guerra pretendia impedir que os comerciantes de vinho de Marselha __ eleitores influentes __ vendessem álcool aos soldados.

Um professor __ de opinião liberal, portanto __ o Sr. Séailles, avaliou assim essa triste sessão:

> *O general Gallieni disse o que todos nós todos pensamos e disse com força: "Os vendedores ambulantes na frente de batalha e os varejistas de bebidas, num grande número de localidades, são os menos interessantes dentre os aproveitadores da guerra; eu colocaria entraves à sua ação perniciosa". Vós esperais aplausos unânimes; foi o começo da tempestade. As interrupções, desde então, se sucederam até que o ministro da guerra, desgostoso, desce da tribuna e deixa a sala. Que triunfo para os adversários de nosso regime parlamentar, que mostram que o comerciante de vinhos é um homem intocável, o grande eleitor da democracia.*

Eu duvido fortemente que muitos dos socialistas atuais reapareçam na próxima Câmara. Se eles reaparecessem seria o sintoma de uma decadência sem esperança.

§2. Como foram recrutados os diretores dos serviços. O pequeno valor dos especialistas.

A guerra provou __ como aliás se poderia prever __ uma psicologia clarividente que, se os especialistas são necessários para executar um trabalho, eles nunca são necessários a frente de um serviço. Eles ficam __ especialmente aqueles saídos das faculdades __ estacionados em velhas teorias e não conseguem sair delas.

Inumeráveis fatos vêm em apoio desta teoria.

O **Journal de Genève** (31/09/1916), registrou muito bem a dificuldade do governo em superar a oposição dos técnicos aos novos métodos de guerra. Sua incapacidade em se adaptar a esses novos métodos nos custaram várias centenas de milhares de homens.

> *É a um diretor de artilharia que se atribui a má vontade do ministério da guerra, durante uma grande parte do ano de 1915, com relação à fabricação do material bélico. Deve-se a um oficial de artilharia, da assessoria do ministro, essas palavras:"Nossos canhões são tão bons que sempre teremos o suficiente deles". E um outro teria emitido este aforismo, digno do marechal Leboeuf: "Não são os fuzis que nos faltam, mas homens que temos demais".*
>
> *Nessa questão técnica, os técnicos estiveram contra os laicos. Mas, felizmente, a campanha do Sr. Charles Humbert e*

das comissões parlamentares, apoiadas pelas iniciativas ousadas e reveladoras de industriais geniais, acabaram por enquadrar os burocratas. Em Aisne, os franceses ficaram parados por falta de meios materiais. A mesma razão limitou suas ofensivas de 1915. Cada uma delas foi surpreendida pelo gasto de obuses; nunca as previsões se adequaram à realidade. O mesmo motivo obrigou os russos à retirada e impediu a salvação dos sérvios, aos quais a França teria podido enviar soldados, mas não armas.

No presente momento essa situação está profundamente modificada. Diante da evidência das experiências, a unanimidade das mentes aconteceu. Todo mundo está convencido hoje em dia de que, se a vitória contém um elemento humano e moral, segundo as palavras de um general, "não se prende o elemento moral com fios de arame".

A experiência provou rapidamente a impossibilidade de manter especialistas a frente dos serviços, quer se trate de artilharia, de aviação ou da saúde. Em todo lugar por onde passaram foi uma completa desordem. Sua ineficiência se tornou tão manifesta que foi preciso substituí-los por não especialistas, livres de ideias preconcebidas. Só então tivemos canhões, munições, aviões e um serviço médico que funcionou regularmente.

As ideias fixas dos especialistas são terríveis. Sabe-se das vantagens que os alemães tiraram de seus grandes dirigíveis. Sozinhos eles podem se orientar de maneira precisa na noite, a alturas inacessíveis aos aviões e são pouco vulneráveis. Nós não os tivemos porque especialistas militares declararam __ como fizeram também para a artilharia pesada __ que o dirigível representava uma arma sem valor militar e que podia ser substituído em todas as situações pelos aeroplanos. Quando se constatou que, graças unicamente aos dirigíveis, os alemães puderam empreender os bombardeios longínquos, na França e na Inglaterra e que o aeroplano era quase impotente contra eles na noite, o erro foi reconhecido, mas era muito tarde para repará-lo.

De qualquer maneira, foi preciso substituir a maior parte dos chefes de serviço __ cuja incapacidade nos custou muito caro __ por parlamentares. Certamente que faltava a estes, experiência, mas, não possuindo doutrinas preconcebidas e desejando acertar, eles souberam se cercar de pessoas capazes de informá-los.

O resultado de todas essas substituições mostrou que as pessoas realmente capazes de administrar um serviço público não eram, nem os especialistas, nem os advogados, mas industriais que tinham provado seu talento de organização na direção de grandes empresas. Um diretor de fábrica qualquer, seja ela uma simples tecelagem, sa-

berá __ e a experiência da guerra provou isso com abundância __ criar e organizar uma fabricação estranha a sua especialidade.

Ele possui, com efeito, ao lado de suas antigas funções, as aptidões necessárias à organização de serviços complicados. O célebre Carnegie conta, num de seus livros, que ele devia a posição que resultou em sua colossal fortuna, a uma circunstância que provou suas aptidões como diretor. Colocado a frente de uma fábrica de locomotivas, mesmo sem ter jamais se ocupado com mecânica, ele foi vitorioso a ponto de se tornar um bilionário.

Toda a experiência da guerra comprovou a proposição enunciada acima de que, se os especialistas são indispensáveis para executar um trabalho, não se pode nunca confiar-lhes a direção de um serviço. Eles são, até mesmo por causa de sua própria especialização, de visões muito estreitas para perceber o conjunto de uma organização.

§3. O esforço industrial da França durante a guerra.

Para compreender o esforço realizado por nossa indústria é preciso recordar como ela estava no início da guerra.

Desde os primeiros dias da guerra a desorganização das raras fábricas que possuíamos era completa. Privadas, pela mobilização, de seus engenheiros e seus trabalhadores, várias foram obrigadas a suspender sua fabricação. Muitas delas estavam, aliás, em território

invadido. Os próprios estabelecimentos militares tinham perdido uma parte de seu pessoal.

Após essas perdas diversas a produção dos altos-fornos franceses foi logo reduzida em 80% e nossas minas de carvão não produziam mais do que 15 milhões de toneladas de combustível, ao invés dos 60 milhões necessários.

O valor do esforço realizado em menos de dois anos fica claro pelo fato de que foram fábricas improvisadas que chegaram a fabricar 70% dos obuses empregados. De uma fabricação de 10.000 por dia elas chegaram a ultrapassar 200.000.

Dirigiu-se primeiro às diversas indústrias de construção mecânica, mas tudo lhes faltava: matérias primas, pessoal e equipamentos. Considerando os resultados obtidos pode-se se perguntar se os alemães, que se vangloriam tanto de seus métodos, teriam sido capazes de improvisar uma organização tal.

Tais esforços não serão perdidos. Após uma interpelação sobre o futuro da França, um ministro disse na tribuna:

> *Já surge sobre a frente de batalha uma coroa de prestígio e de glória que, nas lutas da paz, fará mais ardente o trabalho e lhe fornecerá uma mão de obra mais eficaz. Não esqueçais, em vossas estatísticas, essa energia moral de um povo, centuplicada pela vitória obtida por uma nobre causa. Perguntai-vos se não tiraremos dela largas compensações.*

§4. O esboço de um governo internacional.

Uma das mais memoráveis ideias do governo francês durante a guerra e uma das mais férteis em consequências distantes, foi aquela concebida pelo Sr. Briand, no dia seguinte mesmo em que ele se tornou presidente do Conselho. A união dos aliados era então muito incompleta. Trocavam-se notas. Elas provocavam objeções, controvérsias, que enfraqueciam todas as operações. O primeiro-ministro tomou a decisão de ir pessoalmente à Londres e à Roma e de reunir em Paris, em períodos intermitentes, um conselho de ministros dos diversos países, com poder de solucionar imediatamente as questões de interesse comum. Este resultado, as conferências de embaixadores não conseguiram atingir e sua total inutilidade estava demonstrada há muito tempo. Assim foi acertada, por exemplo, a questão do envio à Salônica de tropas que os ingleses haviam destinado a princípio ao Egito.

Essa colaboração de chefes de governos, reunidos para solucionar, sem recorrer a intermediários, os problemas que interessavam a seus países respectivos, constitui um fato muito novo. É um esboço de governo internacional que não havia sido ainda conhecido pela história e que apenas o futuro precisará suas funções.

Ele só poderia nascer, aliás, após o desenvolvimento da interdependência dos povos.

Apenas a existência dessa interdependência crescente implicaria no advento provável de uma forma nova de governo encarregado de regular os interesses comuns. Uma das consequências úteis da guerra será ter propiciado a criação de um governo tal. Se a paz puder durar na Europa durante algum tempo, isso será devido a ele.

É impossível comparar essa instituição nova a nada do que já existiu. Nenhuma analogia com os Estados Unidos da América e muito menos ainda com o Tribunal de Haia. Sendo as decisões deste último destituídas de sanções __ a guerra provou isso __ elas permanecem sem efeito.

A única comparação possível, mesmo que ainda distante, seria com a antiga conferência dos açúcares, cujos delegados possuíam o poder de tomar, com a maioria dos votos, decisões sem apelo, às quais os diversos governos contratantes deviam se submeter.

Este capítulo mostra, como vários outros deste livro, que a guerra desenraizou concepções antigas, fixadas pelo hábito e que apenas a experiência poderia destruir. Se, por uma operação mágica, conseguíssemos, no agitar de uma varinha de condão, ressuscitar nossos mortos e reparar nossas ruínas, estaríamos no direito de dizer que a guerra prestou à França serviços que as instituições as mais admiráveis não teriam lhe prestado. Sozinho, esse terrível conflito pôde renovar nossos sentimentos, nossas crenças e nossos pensamentos.

CAPÍTULO VI

A mentalidade francesa após a guerra.

§1. Gênese da mentalidade francesa após a guerra.

Sumário

Eu examinei num capítulo precedente a criação de individualidades novas sob a influência de necessidades diversas. Essas personalidades são geralmente efêmeras, como se pôde observar por ocasião da grande Revolução Francesa.

É bem provável portanto que os acontecimentos atuais deixarão traços nas almas. Ignorando a profundidade dessa marca só se poderia fazer conjecturas sobre a mentalidade das pessoas que verão a paz.

Ao tentar determiná-la um pouco vamos penetrar num território desconhecido que nenhuma luz ainda iluminou. Todas as previsões tentadas só podem constituir, portanto, em especulações.

Essas previsões possuem necessariamente, aliás, um caráter condicional. Como saber, por exemplo, se a unidade interior criada pela guerra será mantida pelos perigos exteriores que nos ameaçarão por muito tempo ainda. Dados os fanatismos que corroíam nosso país no momento da deflagração dos conflitos, não se poderia afirmar seu definitivo desaparecimento.

Antes de examinar o que poderá ser a mentalidade das diversas camadas sociais, pesquisaremos a influência dos fatores suscetíveis de criá-la.

As fontes de onde as pessoas tiram habitualmente as opiniões e as crenças reguladoras de sua conduta não são muito variadas. Algumas vezes elas conseguem formá-las através de reflexões pessoais, mas este caso é tão raro que se pode negligenciá-lo. O meio, o tipo de profissão, o contágio mental, fornecem um certo fundo de ideias e de atitudes que servem para interpretar os acontecimentos e a criticar o que foge da opinião do grupo do qual fazemos parte.

No decorrer das grandes perturbações sociais como a guerra atual, esse fundo habitual das opiniões está desagregado. Fatores novos, que alguns vamos examinar, suscitam ideias e orientações de sentimentos que podem criar mentalidades novas.

§2. Equalização das condições criadas pela vida em comum.

Apesar de todo o sangue derramado, a Revolução Francesa não conseguiu estabelecer a igualdade e a fraternidade entre as pessoas. Estávamos muito próximo do antigo regime e as velhas separações sociais reapareceram logo.

A despeito das teorias e dos códigos, a sociedade francesa permanecia dividida em castas e classes, gozando dos mesmos direitos perante a lei, mas separadas, em termos práticos.

Sem falar das diferenças culturais que distinguem nitidamente as diversas partes da França __ bretões, normandos, bascos, provençais etc. __ as classes viviam sem se conhecer. O nobre ignorava o burguês e este considerava o trabalhador manual como de essência inferior à sua, mesmo que, na realidade, ele só diferisse dele, na maioria das vezes, pela roupa, os hábitos mais refinados e algumas sutilezas de linguagem.

A guerra atual criou rapidamente a igualdade social que a Revolução Francesa e os regimes que se seguiram a ela não puderam estabelecer em mais de um século. Essa equalização foi provisória, sem dúvida, mas sua marca não poderá se apagar facilmente.

Durante longos meses, homens de todas as culturas, de todas as classes __ grandes senhores, magistrados, professores, trabalhadores, padres, funcionários públicos etc. __ viveram na mais fraterna intimidade, partilhando os mesmos perigos, as mesmas ocupações, as mesmas esperanças. Sob os obuses eles aprenderam pela primeira vez a se avaliar, se ajudar, se apreciar; em uma palavra: a se conhecer; o que jamais tinham feito antes.

Essa existência em comum provou rapidamente aos intelectuais que o nível moral das pessoas depende muito mais do caráter do

que da instrução. Nossa pobre bagagem clássica pareceu bem pequena nas trincheiras. Rapidamente se reconheceu que o valor de um indivíduo se mede pela sua tenacidade, sua resistência, sua iniciativa, sua coragem, sua vontade, seu tirocínio; qualidades que os livros não ensinam e que não são privilégios de nenhuma classe. Na frente de batalha, escreveu com precisão um médico, o Sr. Helmes:

> *A antiga escala de valores foi completamente rasgada. A habilidade social, a eloquência, a mundanidade, todas essas palavras não tem mais sentido para nós, que vivemos na violência e só sobrevivemos pela ação.*

Antes da guerra, os intelectuais puros __ literatos, jornalistas, professores etc. __ se colocavam no lugar mais alto da escala social. Eles parecerão, após a guerra, produtos de luxo um pouco fora de moda.

Tendo aprendido, na frente de batalha, a avaliar exatamente o valor das pessoas, nossos combatentes farão pouco caso, no futuro, das inúteis tagarelices. As velhas hierarquias sociais não as imporão mais a eles.

Os hábitos comuns e a solidariedade diante do perigo estabeleceram então uma igualdade e uma fraternidade que jamais a guilhotina, as leis e as utopias socialistas puderam criar nas almas.

Não são apenas as diferenças sociais que terão desaparecido. Nos clarões sinistros da guerra desapareceram todos os ódios herda-

dos que dividiam tão profundamente os partidos na França, há mais de um século. Socialistas, sindicalistas, monarquistas, católicos, livres pensadores, pacifistas, antimilitaristas etc. sentiram o fraco peso das teorias diante das realidades.

As dissensões renascerão, talvez, quando os horrores da luta estiverem esquecidos, mas elas terão certamente perdido sua força. As antigas concepções, que nos valeram tantas revoluções e nos ameaçavam de tantas outras, sobreviverão como opiniões, mas não constituirão mais nos dogmas defendidos com a furiosa intolerância dos crentes.

§3. A mentalidade futura dos ex-combatentes.

A identidade no objetivo perseguido durante anos, a mesma existência submetida à mesma disciplina, terão dado aos combatentes algumas características comuns que algumas sobreviverão sem dúvida, após a guerra. Eles não avaliarão mais as coisas da mesma maneira que antes da guerra e seu olhar terá mudado.

Escreve o Sr. Maurice Donnay:

> *Eles nem sempre serão de trato fácil. Eles suportarão, esses peludos, serem comandados por pessoas que não foram combatentes? Em todo caso, eles gostarão de ser bem comandados. Aqui, mais uma vez, será preciso que a burguesia esteja à altura. E se ela solicita a esses homens __ que defende-*

ram suas propriedades e seus bens __ sobriedade, trabalho e virtudes, será preciso que ela dê o exemplo. Em troca, esses ex-soldados, que aprenderam a avaliar as pessoas, camaradas e comandantes, saberão fazer a separação entre os aduladores do povo e seus verdadeiros amigos. Esperamos que eles desafiem os socialistas plutocratas; mas, eles saberão reconhecer aqueles que vão até o povo para lhe levar instrução sem frivolidades e bem-estar sem utopia.

Eu não sei se eles retornarão ao socialismo, mas eu duvido muito que eles retornem aos socialistas, cujas doutrinas pacifistas e revolucionárias contribuíram tanto para desagregar nossos meios de defesa nacional.

Atualmente, os homens da frente de batalha não têm ternura para com os faladores perigosos que não fizeram nada e não previram nada para nos preparar para a guerra.

Muitos combatentes tomaram horror a esses governos fracos e efêmeros, à mercê de maiorias ao acaso e cujos líderes só pensam em satisfazer as exigências dos pequenos comitês eleitorais.

A fraternidade de armas dos ex-soldados não se estenderá, naturalmente, à população civil e, durante uma geração pelo menos, o "peludo" se considerará como um pouco distinto do resto dos cidadãos. Por isso, é pouco provável que o vejamos dar seu voto aos políticos atuais, salvo ao bem pequeno número daqueles que não quise-

ram se entrincheirar atrás de sua condição de parlamentar e partiram para a frente de batalha.

Fazer com que o ex-combatente não se coloque acima da lei poderá ser às vezes difícil. É uma democracia muito nova que veremos nascer.

Os socialistas que, certamente, uma vez a paz assinada, tentarem reconquistar seu prestígio exagerando mais uma vez nas promessas eleitorais, terão pouca chance de serem escutados por sua antiga clientela, esclarecidas pelas lições da guerra.

Não se pode esquecer, no entanto, que se, sob a inspiração socialista, os combatentes da grande guerra quiserem fazer revoluções, eles conseguirão sem dificuldades, pois não haverá exército para se opor a eles. Seria então uma era de *pronunciamientos*[8] sem fim e um futuro comparável ao do México ou das pequenas repúblicas hispano-americanas. Tal perigo é improvável, mas sua possibilidade não deve ser ignorada.

§4. Mentalidade da burguesia e da juventude atual.

Após a guerra se formarão, sem dúvida, no seio da antiga burguesia, duas classes bem distintas: 1ª) aquela que, ao ver suas rendas reduzidas consideravelmente, será obrigada a viver de maneira mais simples; 2ª) aquela dos novos-ricos que, após terem feito fortuna

[8] Em espanhol: golpes de Estado. (Nota do tradutor)

servindo de intermediários nos fornecimentos militares, vão querer usufruir do dinheiro ganho.

Como sob o Diretório, elas constituirão uma sociedade artificial, ruidosa e um pouco nefasta.

Essa divisão já foi estabelecida no próprio curso da guerra. As maneiras excêntricas, os chás, as recepções brilhantes, os restaurantes da moda, as reuniões mundanas, foram fatos produzidos pelos novos-ricos. Seus ares afetados contrastavam com a vida calma de uma população trabalhadora e de uma burguesia modesta, ocupadas com o trabalho e obras de caridade.

Ao lado da burguesia antiga e dos novos-ricos, estará a juventude que deixou os bancos das universidades pelas trincheiras e penetrará em seguida, de imediato, na vida social. Quais serão seus sentimentos, suas concepções, sua conduta?

Eu creio que nada se pode dizer na hora atual, pois as ideias dessa geração estão em vias de formação, mas não estão constituídas ainda.

Alguns sintomas, um pouco vagos aliás, parecem indicar que as pretensões da nova juventude não se mostrarão sempre modestas.

Um deputado, o Sr. J. Hennessy, que, sem dúvida, acredita representar suas tendências, escreveu num jornal: “A juventude se apressa hoje em dia em gritar: ‘Lugar para nossas ideias!’. E gritará amanhã: ‘Lugar para os jovens!’”.

Eu temo muito que o autor destas linhas seja vítima de uma categoria de ilusões frequentes em todas as épocas. Ideias novas, a juventude não formulou e não poderia formular nenhuma. De onde ela as tirou? Seus antigos mestres na universidade se enganaram enormemente sobre os eventos atuais, para terem alguma autoridade. O vazio de algumas teorias, ensinadas solenemente como verdades eternas, lhes foi revelado pela lição das realidades.

Sem dúvida que a mentalidade dos jovens combatentes foi transformada pela guerra. Uma nova hierarquia dos seres e das coisas se estabeleceu a seus olhos. Mas, se o perigo os orientou, ele não poderia muni-los com ideias filosóficas para substituir aquelas desprovidas agora de prestígio.

Tomar o contrapé das ideias abandonadas ou retornar às concepções passadas seria simplesmente mudar de erros. As ideias são joias raras, de formação difícil. Cinco ou seis, se muito, iluminam cada geração e, na maioria das vezes, elas são elaboradas com antigas ideias, que mudaram apenas de aparência.

Os problemas que se seguirão à guerra serão tão carregados de dificuldades que não se poderá estudá-los e solucioná-los rapidamente. O grito de amanhã não será, como pretende o autor citado acima: “Lugar aos jovens!”, mas sim: “Lugar aos capazes!”

Antes de nos impor suas ideias, a juventude atual deverá então começar por adquiri-las. Ela deverá principalmente aprender que, na

vida social, muito mais do que na natureza, nada é simples nem definitivo. As fórmulas violentas, tão caras aos políticos, são geralmente errôneas e se tornam temíveis por suas consequências, quando se pretende aplicá-las na condução dos povos.

Dentre os elementos novos que a juventude atual deverá estudar e que não lhe ensinaram nem os professores nem os livros, figuram os grandes fatores psicológicos que presidem a conduta das pessoas.

O papel dos fatores econômicos será sempre considerável, mas o dos fatores psicológicos permanecerá preponderante. A psicologia não constrói os navios e as fábricas, mas ela orienta as pessoas que os fabricam. Ela se tornou a única base do governo dos povos.

§5. Mentalidade feminina após a guerra.

Durante a guerra, o homem retido na frente de batalha foi substituído na fazenda, nos campos, no escritório, na fábrica, enfim, em toda parte, pelas mulheres. Em todos os tipos de atividades, elas se tornaram indispensáveis. A experiência as mostrou aptas aos trabalhos que apenas o homem parecia ser capaz.

As novas funções exercidas, a iniciativa e os esforços desenvolvidos agirão necessariamente sobre sua mentalidade. A guerra terá feito mais pela independência das mulheres do que todas as elucubrações femininas durante cinquenta anos. Ela produzirá prova-

velmente uma extensão de seus direitos políticos e civis e também mais independência com relação ao homem. É bem certo que, na vida industrial e social, elas manterão os lugares que tomaram. O homem, vendo esses lugares definitivamente perdidos por ele, será obrigado __ e não se poderia encontrar nenhum inconveniente nisso __ a postular os empregos onde suas competências e sua força são absolutamente indispensáveis.

A mulher do pós-guerra será então muito diferente da mulher de antes da guerra e será muito difícil mantê-la sob tutela.

Escreve o Sr. M. Donnay:

> *Uma mulher que, durante toda a guerra, organizou, administrou e dirigiu um hospital, uma obra ou uma casa de comércio, uma fábrica; que terá dado prova de iniciativa, de inteligência, de resistência e de força, aceitará, após a guerra, voltar para a tutela no matrimônio e em inferioridade perante a lei? Ela terá consciência de seu valor; principalmente, ela foi senhora de si mesma, ela foi independente. Grave questão! Todos os grandes e justos movimentos que se esboçaram antes da guerra se acentuarão após a vitória; o movimento feminista está entre eles.*

Eu falei acima da equalização criada pela guerra. Mesmo que ela se estabelecesse entre os homens ou ainda entre os homens e as

mulheres, eu creio que ela não poderá jamais se estabelecer entre as mulheres.

Muito autoritárias, elas são pouco preocupadas com a igualdade. Enquanto que as divergências entre os homens são o resultado dos diversos níveis de instrução, as que dividem as mulheres são fundamentadas em três elementos muito diferentes: a beleza, a idade e a roupa. As diferenças no vestuário, particularmente, constituem entre elas demarcações intransponíveis. Um cuidadoso observador, Pierre Mille, exprimiu bem isso, nos seguintes termos:

> *A aparência institui entre vós uma hierarquia cujos degraus são intransponíveis, por sinais que vós distinguis muito bem. Confesse: qualquer que seja a inteligência, a cultura, a distinção de uma mulher, será, no entanto, pela sua aparência que vós decidireis que ela é "do vosso mundo" ou que ela não o é, de maneira alguma. Enquanto for assim, existirá, nas classes inferiores da sociedade feminina, rancores inexpiáveis, justamente porque não se pensa nela de maneira muito diferente e porque é, certamente, sobre essas marcas exteriores da escala social que recai a inveja. Dê então a essas invejosas um fragmento de autoridade; elas o farão senti-la. Será, para elas, uma consolação.*

§6. O papel dos livros e da imprensa na formação da mentalidade após a guerra.

Eu já destaquei em outro lugar a mínima influência da maior parte dos livros sobre a mentalidade de uma época. Se esses livros provêm de professores, sabe-se de antemão que eles só fazem repetir coisas já ditas. Se eles provêm de mentes originais, eles agem sobre uma pequena elite, poderosa pela inteligência, mas fraca pela influência. Para que ideias originais, estranhas ao ensino clássico, abram seu caminho, é preciso pelo menos uns trinta anos.

Como motores muito ativos da opinião pública, só podemos citar os grandes jornais cotidianos, principalmente aqueles __ bem raros hoje em dia __ que não pertencem a políticos ou a grupos financeiros, mais desejosos em bajular os gostos da massa do que em orientá-los. A imprensa se tornou __ quando guia a opinião pública ou a segue __ uma das forças da era moderna. Durante a guerra, os alemães gastaram nos países neutros muitos milhões para conquistá-la.

Seu papel na França não foi muito efetivo, mas não foi nulo, no entanto. O diretor de um grande jornal destacou seu papel nos seguintes termos:

> *Não é exagerado dizer que a imprensa sairá desta guerra reforçada e enobrecida. Olhando para trás, perceberá os*

perigos que correu outrora e como, em certas horas, ela escapou do descrédito pelo industrialismo e a violência; depois, como ela se dominou e conquistou a moralidade, a cultura, a seriedade.

A guerra de 1914 terá sido para ela a prova suprema. Longe de ter soçobrado nela, ela a conquistou, tornando-se a intérprete do sentimento nacional, dos sotaques incomparáveis. Ela se retemperou em sua verdadeira origem e viu do que era capaz quando defendeu a causa da pátria.

Seu papel durante a guerra terá sido o magnífico prefácio de seu papel após a guerra, quando será preciso reconstruir o país e colocar a França na verdadeira linha de sua história.

Desejamos que estas previsões se realizem, mas não contamos muito com isso. Com a imprensa se refaria a alma de um país, se os jornais não estivessem, em sua imensa maioria, nas mãos de políticos e de financistas, mais preocupados com seus interesses do que com os interesses da pátria.

§7. Formação de sentimentos que podem manter a união francesa após a guerra.

A guerra criou entre os franceses uma união indissolúvel. Ela sobreviverá à guerra?

Aqui, dúvidas podem nascer. Um adágio latino lembra que o desaparecimento das causas produz o desaparecimento dos efeitos. Verdadeira no geral, esta afirmação não é verdadeira sempre.

Eu indiquei em **Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne** que, em virtude de certas leis psicológicas, estados afetivos intensos apagam os estados afetivos menos fortes.

Sentimentos intensos serão necessários para manter a união dos partidos após a guerra. São dois esses sentimentos __ e aqui a influência do livro e da imprensa poderia se mostrar preciosa __ que se deve manter cuidadosamente nas almas. O primeiro será a convicção de que os alemães se aproveitariam de nossas deficiências para recomeçar sua empresa. O segundo é uma antipatia irredutível para com o povo germânico. Este sentimento nos facilitará as futuras lutas no território comercial e, por outro lado, de acordo com a lei psicológica lembrada acima, inimizades profundas no exterior diminuirão as animosidades no interior do país.

Como instrumento para manter essa antipatia em um povo que a esquece fácil, eu preconizei em meu último livro “que todas as atrocidades constatadas sejam, após verificação completa, reunidas num livro especial que deverá sempre fazer parte do ensino primário”.

Eu fiquei feliz em ver um observador tão judicioso quanto o Sr. Maurice Donnay chegar às mesmas conclusões. Ele as justifica pelas seguintes reflexões.

> *Na verdade precisamos ser despertados e nós nos habituamos muito facilmente. Muitos franceses, por exemplo, já se esqueceram das atrocidades alemãs, de que tanto se falava 'outrora', no outono de 1914! Ultimamente eu tive oportunidade de recordar, a várias pessoas reunidas, algumas dessas atrocidades classificadas, clássicas. Eh bem, eu tive a impressão de tê-los ensinado; eles tinham esquecido; isso não os tinha impressionado.*
>
> *Lembrar aos franceses, em cada oportunidade que se apresente, das atrocidades alemãs; lembrá-los da crueldade organizada, da ferocidade dogmática; é cumprir o mais sagrado dever. É preciso reler sem cessar, até sabê-los de cor, as pesquisas e os relatórios estabelecidos sobre os crimes hediondos perpetrados por nossos inimigos.*

O que é preciso lembrar principalmente __ e eu já repeti isso várias vezes __ é que nenhuma cultura apaga os instintos ancestrais. Os germânicos são hoje o que foram outrora e o que serão sempre. Não nos esquecendo jamais disso poderemos nos preservar deles.

CAPÍTULO VII

A evolução das ideias religiosas e filosóficas.

§1. As influências religiosas durante a guerra.

Sumário

O papel desempenhado pelos deuses na história sempre foi preponderante. No mundo antigo eles estavam metidos em todos os atos da vida. Nas mais brilhantes épocas da civilização grega, nenhum general ousaria empreender uma expedição sem tê-los consultado.

Durante toda a Idade Média e até nos tempos modernos sua influência não foi menor. A vida religiosa continuou a envolver a vida civil. Uma providência __ benevolente algumas vezes, ameaçadora frequentemente, temível sempre __ guiava o curso da história. Ela presidia as batalhas e decidia sua sorte.

O papel dos deuses não se atenuou quando investigações precisas, começadas por volta da Renascença, mostraram que uma massa de fenômenos, outrora atribuídos a vontades divinas, era o resultado de leis invariáveis e inflexíveis sempre.

Após terem sido eliminados do domínio da ciência, os deuses acabaram por ser eliminados também, embora menos completamente, do domínio da filosofia. Bem raros hoje em dia são os filósofos que recorrem a intervenções divinas em suas explicações.

Mas, fora os cientistas __ para os quais as divindades de todas as eras só oferecem um interesse histórico __ resta ainda um número imenso de almas que têm necessidade da assistência desses grandes fantasmas. Para elas os deuses representam o consolo, a esperança, o conforto nas horas sombrias. Pretender tirar-lhes uma tão preciosa crença seria uma tentativa inútil, pois se os deuses temem a influência do tempo, eles não temem a influência da razão.

Pode-se destacar aliás que as religiões não seriam desprovidas de fundamentos se elas consistissem apenas em qualificar de divindades os mistérios inumeráveis que nos envolvem. Seu papel hipotético começa no ponto preciso em que o crente quer atribuir vontades inteligentes às forças que dominam o mundo.

As crenças religiosas são quiméricas sem dúvida, mas elas não são inúteis. Eu insisti várias vezes no poder considerável que elas deram aos homens nas eras de fé.

Durante a guerra manifestou-se uma certa revivescência das crenças religiosas, mas não se poderia dizer ainda se ela sobreviverá às causas que lhe deram nascimento. Após a guerra de 1870, o movimento religioso que havia se desenvolvido com intensidade apagou-se rapidamente.

Todo mundo pôde perceber que não foi apenas na frente de batalha, mas também entre escritores ilustres que se manifestou o renascimento do espírito religioso.

A bíblica concepção de um Deus ordenando a guerra pareceu defensável para historiadores como o Sr. Gabriel Hanotaux. Eis como ele se exprimiu na introdução de seu grande livro sobre a guerra europeia:

> *Porque essa guerra? Ela estava nos desígnios de Deus? Ela era inevitável? A que homem ou a que grupo de homens deve ser atribuída essa terrível responsabilidade? Tais males resultam de uma vontade declarada, de um erro lastimável? Trata-se de um fenômeno infeliz, mas acidental? É uma evolução necessária? Uma fatalidade inevitável? É uma aberração horrorosa, uma calamidade salutar? Ou não passa de um castigo?*

Um outro acadêmico ilustre, o Sr. Paul Bourget, tinha, desde as primeiras horas da guerra, sustentado opiniões análogas.

Ele assegurou, num grande jornal, que "a infelicidade nacional é uma expiação de nossos pecados" e para apaziguar a cólera de Deus, aconselhava organizar preces públicas.

Evidentemente esta concepção de um Deus se vingando de suas criaturas por faltas cometidas sob a influência de mentalidades que ele é, no entanto, o autor, parece inconciliável com as ideias modernas. No entanto, como são formuladas, sem dúvida que elas ainda parecem aceitáveis a espíritos ilustres.

Eles têm, aliás, como justificativa, seguir fielmente os ensinamentos católicos. Numa reunião de 22 de janeiro de 1915, o Papa se exprimiu da seguinte maneira:

> *Não acreditamos que a paz tenha deixado o mundo sem o consentimento divino. Deus permite que as nações que colocaram todos os seus pensamentos nas coisas desta terra que se punissem umas às outras, por carnificinas mútuas, pelo desprezo e pela negligência com os quais elas o trataram.*

Eu acho duvidoso que muitos cientistas retornem por muito tempo a concepções que correspondam tão pouco à evolução do pensamento científico. No entanto, a esfera do místico é tão independente da esfera do racional que não se poderia considerar como absolutamente impossível a persistência de tais ideias.

Aos deuses pessoais, pouco defensáveis hoje em dia, sucedeu nas massas, uma religião vaga, sem contornos definidos, análoga àquela professada pelos protestantes liberais. Pode-se resumi-la nas seguintes declarações do Sr. Monod, lembrada por seu biógrafo o Sr. Albert Delatour:

> *Eu creio em Deus, se acreditar em Deus é acreditar que uma lei superior governa o mundo; lei de ordem, de harmonia e de bondade, a qual obedecemos quando fazemos o bem".*

Suprimindo desta passagem a palavra bondade, visivelmente incompatível com a noção de lei, chega-se à concepção moderna de esvaziamento na ideia de lei, dos deuses pessoais e providenciais de nossos pais, acessíveis através da prece e que dominavam a natureza.

Mesmo que ciência não conheça tais deuses, eles são, no entanto, os únicos que a humanidade pode adorar. Eles são criadores de esperança e as cegas potências metafísicas que pretendem substituí-los só ensinam a resignação.

Há, como se vê, várias maneiras de conceber as religiões. Elas podem, em definitivo, ser consideradas como crenças místicas desprovidas de elementos racionais, ou que contêm muito pouco deles. O culto à pátria e a fé socialista são religiões de mesmo naipe que o budismo ou o islamismo.

Todas essas crenças possuem um elemento comum (a esperança) e um suporte necessário (a fé). Elas se concretizam em um ideal divino, político ou social.

A maior parte das pessoas é guiada por um ideal qualquer e pode-se dizer que eles são todos mais ou menos religiosos. Um povo sem ideal e, por consequência, sem crenças, desaparece rapidamente da história.

A guerra teve pelo menos como resultado suprimir, enquanto durou, os ressentimentos religiosos e as perseguições que assombravam o curso destes últimos anos.

Muitos povos __ ingleses, americanos etc. __ conseguiram há muito tempo essa fase de tolerância que permite a cada um adorar os deuses de seus sonhos ou de não adorar nenhum. Esperemos imitá-los e estejamos definitivamente curados de nossos fanatismos.

§2. A nova evolução do pensamento filosófico.

Seria inútil dissertar por mais tempo sobre crenças cuja antiguidade e utilidade as tornaram respeitáveis. Ao lado delas surgem problemas filosóficos que aparecem sempre que o tempo faz empalidecer a fé. Quando as pessoas desistem de invocar os deuses elas buscam logo concepções filosóficas capazes de orientar suas vidas.

Elas as buscam, mas nem sempre as encontram. Estamos justamente num período em que as diversas filosofias que se sucederam, desapareceram após um brilho efêmero, sem que nenhuma doutrina as tivesse substituído. Não há hoje em dia qualquer sistema filosófico que tenha conservado algum prestígio. A única filosofia viva __ se é que se pode lhe dar tal nome __ é constituída pelo conjunto dos princípios fundamentais de cada ciência. Nós adquirimos uma visão filosófica das coisas, mas não temos mais uma verdadeira filosofia.

Se, no entanto, um leitor curioso me perguntasse como, no estado atual de nossos conhecimentos, se pode considerar o problema de nosso destino e a orientação da vida, eu responderia que já parece

possível delinear uma filosofia que em breve, talvez, estará constituída. Eu vou dizer em que circunstâncias ela se apresentou à minha mente.

*

* *

Numa inesquecível noite no fim de agosto de 1914, eu atravessava a Praça da Concórdia. Um amigo saindo de uma embaixada me informou então bruscamente que os alemães, supostamente ainda na fronteira, estavam às portas de Paris e se propunham incendiar progressivamente a capital, com seus habitantes, para forçar a França a uma paz rápida e poder se voltar contra a Rússia, que tinha se tornado ameaçadora.

Com os reflexos do sol poente cintilavam os domos, as cúpulas e as fachadas dos palácios que formam na grande praça um cinturão de pedra, de uma majestosa beleza. As ruas adjacentes estavam cheias de vida e de movimento. A massa perambulava lentamente, ignorando seu destino.

E, no entanto, a menos que um milagre acontecesse, Paris iria perecer. Nas chamas se apagariam para sempre as velhas testemunhas de sua grandeza passada. Elas contavam, em sua muda linguagem, os persistentes esforços da humanidade para superar os instin-

tos rudimentares das eras primitivas, construir impérios, edificar cidades, passar das lutas sem piedade para solidários agrupamentos.

Nossa época se acreditava definitivamente livre das violentas destruições das primeiras eras e eis que um terrível cataclismo cairia sobre a capital do pensamento e da liberdade.

Um último raio de sol batendo no centro da praça do obelisco do rei Ramsés me fez pensar neste conquistador famoso, que enchia a Ásia com o ruído de seu nome, num momento em que os gregos e os romanos __ destinados a se tornarem tão célebres, por sua vez __ ainda não tinham despontado na história.

Se a alma do ilustre rei flutuasse ao redor deste último vestígio de sua glória passada, o que deveria ela pensar das causas eternas que fizeram perecer tantos impérios, outrora todo-poderosos, sepultados no esquecimento de hoje em dia?

Das grandes capitais que ofuscavam então o mundo só sobrevivem atualmente incertas lembranças. A areia recobre as ruínas da imperial Nínive e da formidável Babilônia. Da Tebas com cem portas subsistem apenas algumas colunas meio destruídas e o obelisco, transportado muitos séculos mais tarde para a célebre capital ameaçada de perecer, por sua vez.

Povos e conquistadores tentam em vão construir para a eternidade. A lei do efêmero os domina sempre. Os impérios nascem, crescem e se extinguem; as gerações retornam para a poeira de onde

uma vez surgiram. As interpretações sucessivas da razão das coisas não duram muito mais do que isso.

O que se pode então pensar dessas edificações e dessas destruições sucessivas de monumentos, de ideias e de crenças? Serão elas as consequências de leis fatais? É preciso ver nelas apenas o jogo de acasos incertos?

Se o acaso fosse o único senhor das coisas, poder-se-ia se perguntar então, com o Eclesiastes, o que a humanidade retira de todo o trabalho que realiza sob o sol e considerar suas obras como infinitamente inúteis.

Esta concepção pessimista é a primeira que se oferece ao espírito quando se considera o quão fugazes foram as mais importantes das criações humanas. Mas é fácil chegar a uma visão quase otimista do mundo, se voltarmos nosso olhar, não para o passado, mas para o futuro e se, por outro lado, desistirmos de querer isolar nossas personalidades do conjunto do qual fazem parte e pretender estabilizá-las para sempre.

Foram principalmente as religiões que nos ensinaram a só olhar para trás. Elas nos ensinavam que o ser humano era um ser retirado de seu primitivo esplendor e todo esforço deveria visar à reconquista do passado.

Mas uma concepção mais aprofundada dos fenômenos mostrou, pelo contrário, que o progresso está diante de nós e não atrás de

nós. O ser humano não é mais uma criatura decaída, mas um ser que evolui progressivamente, edificando ele mesmo seu destino.

A ciência diz pouca coisa sobre nossas origens e nosso futuro, mas ela ensina pelo menos que as formas superiores são preparadas por formas menos perfeitas.

É por isso que o passado não passa de um amontoado de ruínas. Quando uma época cumpriu sua tarefa ela deve desaparecer para dar lugar a uma outra mais perfeita, saída de nossos esforços. Os grandes progressos da humanidade sempre foram preparados por uma lenta elaboração anterior.

Assim foi a lei da natureza desde o nascimento dos monstros geológicos que foram sucedidos por formas cada vez mais sofisticadas.

Criatura do passado, o homem é também o criador do futuro. É neste futuro que estará vivo um dia e não no passado morto que se deve pensar.

Se as leis desse passado continuarem nesse futuro, as gerações que nos sucederão se afastarão cada vez mais da ancestral barbárie e possuirão uma compreensão mais clara do universo.

A humanidade nova, que já portamos, será o resultado da intensidade e da continuidade de nossos esforços. Esses esforços, como nossos erros, só são efêmeros em aparência e se desenvolvem frequentemente durante vários séculos. O ser humano não cria ape-

nas seu destino durante sua curta vida. Ele prepara também sua futura grandeza.

É sobre tais princípios que se edificará talvez, um dia, uma filosofia nova. As hipóteses que se tornaram infecundas porque esgotaram suas forças serão sucedidas por doutrinas preocupadas principalmente com o futuro.

Contra tal concepção poder-se-ia objetar que, há pouco tempo ainda, muitas pessoas se preocupavam muito pouco com o futuro.

Mas a guerra mostrou, pelo contrário, que milhões de pessoas sabem se sacrificar pelo futuro de seu povo, ou seja, para gerações que eles não verão nascer.

Desde que o ser humano começou a pensar, seus pontos de vista fundamentais variaram muitas vezes. Para se adaptar às necessidades produzidas pela marcha do mundo ele deverá modificá-los mais uma vez. A tarefa será evidentemente penosa, pois ele precisará primeiro renunciar às antigas concepções e principalmente à eternidade de nossa personalidade.

Essa ilusória eternidade não seria muito invejada. Mais vale o papel de criadores de personalidades novas, que serão uma imagem aperfeiçoada de nós mesmos.

E é assim que, revestidos de formas transitórias durante nossa breve existência, prolongaremos nossa vida através dos seres futuros, que nossos esforços terão preparado a existência.

Para que essa filosofia do futuro possa ser constituída, será preciso primeiro nos desligarmos um pouco da vida individual e acentuar o sentimento de nossa participação na existência secular do povo, do qual somos passageiras encarnações. Como o efêmero esconde a permanência, nos esquecemos facilmente de que a perpetuidade recusada ao indivíduo é concedida ao povo do qual ele faz parte.

Cada ser momentaneamente surgido na linha do tempo é derivado de um longo passado e contêm um imenso futuro. Síntese do passado, ele encerra, em potencial, um conjunto infinito de gerações que esperam o momento de escapar do seu provisório nada. Nossas formas transitórias guardam um conteúdo eterno.

CAPÍTULO VIII

A evolução dos sentimentos dos povos com relação à Alemanha e à França.

§1. As correntes germanófilas antes da guerra.

Sumário

Antes da guerra uma corrente germanófila estava estabelecida no mundo. Foi preciso a demonstração da ferocidade da Alemanha, de seus apetites de conquista, de seu desprezo pelo direito dos neutros e dos perigos que ela fazia todos os povos correrem, para rever-

ter o sentido dessa corrente. O sucesso dos aliados acabou por se tornar um desejo universal.

O Sr. Ferrero marcou muito bem a origem das simpatias que a Alemanha soube inspirar antes da guerra e a confiança cega que se depositava nela.

> *A indústria, o comércio, os bancos, a ciência, a escola, o exército, a marinha mercante, a frota de guerra, muitas instituições sociais da Alemanha eram objeto de uma admiração crescente no mundo... A admiração pela Alemanha havia se tornado tão grande que se contava com sua força e sua sabedoria para a conservação da paz.*
>
> *Pelo contrário, uma desconfiança singular e crescente rodeava a França. Sem dúvida que ainda se reconhecia nos franceses a inteligência, a cultura, o gosto e, em geral, as qualidades agradáveis e brilhantes; mas se negava a eles as qualidades sólidas e sérias da energia, da perseverança, da audácia, da amplitude de visão, necessárias aos empreendimentos de grande envergadura. A França, "envelhecida e decadente". Parcimoniosa, previdente, prudente até à timidez, esfacelada pelas lutas religiosas e políticas, enfraquecida pelos erros e os excessos de um governo cada vez mais democrático, ela parecia um país de pequenas indústrias, de fortunas medianas e de tradicionalismo, destinada a se apagar aos poucos*

diante dos rivais mais bem dotados. Reprovava-se nela o fato de ser um país atrasado em muitas coisas, apesar de todas as revoluções que ela havia feito. Reconhecia-se que a França era rica, mas atribuía-se suas riquezas invejadas à fraqueza de seu espírito de iniciativa, que a levava a economizar, como se as peças de ouro caíssem do céu sobre seu solo privilegiado, para serem recolhidas por um povo de felizes preguiçosos! Ela era considerada ainda, após tantos anos, como o grande perigo da paz europeia, por suas aspirações inconfessadas a uma revanche impossível; mas estava-se, ao mesmo tempo, convencidos de que seu poderio militar estava destruído pela riqueza, os prazeres, o antimilitarismo, as ideologias democráticas, a desorganização incurável das forças armadas.

Quando se recorda esse estado de coisas, a reviravolta produzida pela guerra europeia aparece muito mais extraordinária. Não será fácil, aos historiadores futuros da guerra, descrever o calafrio de horror e de terror que causou por toda parte nos admiradores da Alemanha, quando eles descobriram de repente as sombrias ambições que se escondiam no fundo da febril atividade que os tinha deslumbrado por tanto tempo. Nos primeiros meses da guerra, a França foi vingada das calúnias de que foi objeto, pela angústia com que tantos de seus antigos detratores rogaram a Deus para estarem enganados

ao julgá-la. Um problema __ um grave problema __ se coloca então e se colocará por muito tempo, diante de nós: porque e como uma época tão esclarecida pôde se enganar tão grandemente?

A resposta será bem fácil se recordarmos deste princípio psicológico fundamental, ao qual retornei tantas vezes: não existe nenhum paralelismo entre a inteligência e o caráter. As faculdades intelectuais atribuídas aos alemães implicavam, para os observadores ignorantes das leis da psicologia, em qualidades análogas do caráter. Porém, se os séculos haviam dado aos germânicos uma cultura científica avançada, seu fundo de selvageria ancestral não havia sido atenuado neles e ele se manifestou assim que as hordas teutônicas puderam seguir livremente seus instintos. O edifício da civilização alemã estava superposto a uma mentalidade que havia permanecido bárbara.

Se então a Europa se espanta ao ver um povo forte e culto incendiar as cidades, as catedrais, as bibliotecas, queimar vivos as mulheres e as crianças, torturar os prisioneiros, é simplesmente pelo desconhecimento de uma das leis mais certeiras da psicologia. Nenhum desenvolvimento intelectual poderia impedir a Alemanha de permanecer voraz, brutal, sanguinária e saqueadora. Inumeráveis foram as cartas de mulheres alemãs que pediam a seus irmãos e esposos que pilhassem, para elas, joias, ouro e rendas. “Mulheres de

oficiais vieram roubar na Lorena casas francesas; oficiais superiores tomaram parte nessa pilhagem e inumeráveis vagões partiram para a Alemanha levando o fruto produzido pelas incansáveis rapinas alemãs". Ao lado desses hábitos de pilhagem, os fatos publicados nos documentos oficiais provaram com que alegria sádica oficiais e soldados torturavam os prisioneiros e queimavam vivos inofensivos habitantes.

Assim se revelou ao mundo a alma ignorada dos alemães e foi preciso reconhecer que ela não era bela.

§2. Evolução dos sentimentos dos povos com relação à França, desde a guerra.

Praticamente, tais instintos de rapina e de ferocidade, apoiados numa organização militar sempre crescente, constituíam um sério perigo para os outros povos. Nenhum, daqui pra frente, poderia se considerar protegido.

A opinião pública sofreu então uma reviravolta completa com relação à Alemanha.

Ao mesmo tempo, ela descobriu em nós qualidades insuspeitas. Nosso prestígio histórico, que as desordens políticas dos últimos anos fizeram ser esquecido um pouco, reapareceu sob uma nova luz.

Numa matéria tão delicada não se pode ser seu próprio juiz. Deveremos então nos limitar a citações. Elas serão retiradas não apenas dos neutros, mas também dos inimigos.

O **Kölnische Volkzeitung**, de fevereiro de 1916, escreveu:

> *Não exageremos a força moral de nossos adversários! Mas não tenhamos mais ilusões! Supunha-se que os franceses teriam suficiente força moral para suportar duas campanhas de inverno? Acreditava-se que a Inglaterra teria suficiente desinteresse para fazer sacrifícios em homens, dinheiro, navios, como o que ela fez para apoiar a Rússia e a França? Acreditava-se que a Rússia teria suficiente força moral para resistir, como ela fez, às suas grandes derrotas? Que profecias foram desmentidas!*

Eis agora a opinião de um neutro, no jornal holandês **Algemeen Handels Blad**, de 24/03/1916, sob a assinatura de seu diretor, o Sr. Boissevain:

> *Perguntaram a mim porque, nesta guerra, eu tinha tanto prazer em honrar os franceses. E eu respondo: porque os franceses merecem, sob todos os pontos de vista, essa homenagem. Eles foram atacados, quando eram um povo pacífico e não preparado para a guerra. Mas, na hora do perigo, de di-*

vididos em tempos de paz, eles imediatamente se uniram, encostaram ombro com ombro para formar um povo de irmãos.

... E as mulheres francesas mostraram o que sempre foram, como eu as conhecia durante toda minha longa carreira, as mulheres mais corajosas, as mais finas, as mais práticas, as mais razoáveis, as mais patriotas mulheres do mundo!

... Eu venero o povo francês pelo "sublime impulso" com que ele luta há tantos meses; eu o venero pelo seu incansável entusiasmo. E é também, por causa de seu sublime impulso, que presto homenagem particularmente a esses jovens da França que, pelo deslumbrante esplendor de seu idealismo, elevam nossa alma. Eu li o que eles escreveram em seus jornais, em seus livros recentemente publicados, nas cartas que escrevem aos seus, do fundo de suas trincheiras; eu li os adeuses que eles enviam no momento de morrer nos hospitais e eu senti profundamente o quanto esses jovens cavalheiros franceses permaneceram fieis às nobres tradições da doce França, o quanto eles permaneceram fiéis a seu alto ideal e com que fé ardente eles combatem, sem amargura, aliás, nem sem ódio vingativo, unicamente pela liberdade e pelo direito, pelo futuro de sua pátria, pela vitória, na Europa, da democracia.

Espantado com nossa transformação, o **Reichs Post** escreveu:

A guerra foi, para a França, uma fonte de juventude. Ela encontrou nela forças insuspeitas. A luta viril mantida por ela, pela sua existência, não terá sido em vão. Aqueles que dirigem, na realidade, as operações em todas as frentes, são franceses e esse povo é o único que conseguiu criar, por detrás da frente de batalha, uma organização tão satisfatória, mesmo que ela não seja comparável à nossa.

A alma popular francesa se fortificou nessa luta contra nós e foi salva de uma decomposição certa.

A transformação de nossa mentalidade impressionou muito os estrangeiros que visitavam a França durante a guerra.

Eis alguns extratos de um artigo publicado no **Stampa**, de Turim, por seu correspondente, o Sr. Bevione:

A guerra não enfraqueceu, mas reforçou a França de uma maneira certa. A França de hoje tem incomparavelmente mais valor, mais energia, mais peso do que a França de agosto de 1914. A França curou muitos dos seus males, ela curou suas velhas feridas, ela criou as virtude que lhe faltavam e eliminou defeitos inveterados. Dizia-se que ela estava dividida e ela encontrou a unidade; que ela era frívola e ela se tornou séria __ e em alguns casos, austera; que ela era nervosa, excitável, histérica e ela se revestiu de calma, serenidade, quase fleugma; que ela oscilava perpetuamente entre o entusiasmo e

a depressão e ela adquiriu uma inquebrantável resolução, uma firmeza de vontade granítica; que ela era incapaz de organização e ela criou em oito meses um exército formidável e despertou a vida do país.

... Mas a transformação que mais me impressionou foi a dos nervos da França. Realmente, fica-se admirado em presença da serenidade, do sangue-frio, da calma dessa nação. Quatro milhões de homens estão longe de seus lares. Um milhão talvez se perdeu; espera-se sacrifícios maiores ainda e a França está lá, sem sombra de preocupação, sem sombra de jactância; tranquila; às vezes jovial e alegre.

No primeiro ano do conflito a América permaneceu neutra, com tendências às vezes germanófila, explicada por sua numerosa população alemã e as somas enormes gastas em propaganda.

Hoje, a corrente germanófila se tornou francamente germanófoba. Como na Europa, a conduta dos alemães na guerra foi a causa dessa reviravolta.

Um professor americano, o Sr. Mark Baldwin, destacou bem, nas linhas seguintes, a gênese dessa evolução:

O exemplo dos exércitos heroicos que combatem no solo europeu; as façanhas de bravura, tanto individuais quanto coletivas; a revelação dos perigos constantes aos quais os povos amigos da paz também estão expostos, por parte de vizinhos

saqueadores e pérfidos; a elevação do ideal de cavalaria e de sacrifício, de um lado, em face de tantas ações baixas e ignóbeis, do outro lado; esse espetáculo, visto e sentido pelos americanos, deveria estimular seu entusiasmo em favor dos ideais mais nobres que ele traz à luz.

... A comoção que percorreu o país com a notícia da execução de Edith Cavell[9], mostrou que, para os americanos, tanto quanto para os outros povos, os alemães encarnam o verdadeiro inimigo contra o qual as forças morais de toda a civilização devem ser dirigidas.

Se, após um século de "Aufklarung[10]", a Alemanha retrocedeu até à concepção tribal de ser um povo escolhido, até à pretensão dinástica do direito divino, até à convicção de ter isenções morais e os poderes sem responsabilidade dos bandos depredadores dos tempos primitivos, então é tempo para que toda a civilização pare de discutir com tais pessoas e pense em pegar em armas para destruí-las.

Esse conflito não é um conflito europeu. É uma guerra mundial, por tudo o que tem realmente um valor eterno: a

[9] Enfermeira britânica capturada e fuzilada pelos alemães, em Bruxelas, Bélgica, durante a guerra. (Nota do tradutor)

[10] Esclarecimento. Termo ligado ao filósofo Immanuel Kant. Pode ser entendido também como Iluminismo. (Nota do tradutor)

confirmação do direito de se governar e a conservação da moralidade pública.

LIVRO III

Mentalidades da Alemanha e da Áustria durante a guerra.

CAPÍTULO I

Invariabilidade da alma alemã durante a guerra.

§1. Porque a alma alemã não evoluiu.

Sumário

A mentalidade de muitos países __ França, Inglaterra e Rússia, particularmente __ foi modificada profundamente sob a influência da guerra. As manifestações da alma alemã, estudadas nesta obra, provam que ela não evoluiu sensivelmente ainda. A crença mística do povo alemão, convencido de que foi escolhido por Deus para dominar o mundo, permaneceu intacta. Seus projetos de dominação universal persistem. As ilusões sobre as causas do conflito guardam sua força.

Porque a guerra, que transformou a alma de vários povos, exerceu tão pouca ação sobre a mentalidade germânica? Não se poderia descobri-lo sem recordar quais elementos a orientaram nos últimos cinquenta anos.

§2. A estabilização da alma alemã. O estatismo e o sonho de hegemonia.

A psicologia dos alemães modernos é, em parte, uma criação artificial provocada pela conquista pela Prússia dos diferentes países da Alemanha. Ela remonta à fundação do reino prussiano e principalmente à fundação império alemão.

De uma educação civil e militar nova saiu uma mentalidade especial, com concepções próprias sobre o direito, o desprezo pelos tratados, a predominância da força etc.

Os grandes estabilizadores da mentalidade alemã foram a escola e a caserna. Elas aparecem como as criadoras de uma rigorosa disciplina capaz de fazer do ser individual um ser coletivo, inteiramente submetido às vontades do líder.

Na falta da disciplina herdada, formada há muito tempo pela monarquia prussiana, a escola e a caserna bastaram para modelar a alma alemã de acordo com o tipo preciso sonhado por seus mestres. A escola é, na Alemanha, o vestíbulo da caserna.

Os princípios de sua educação se aproximam daqueles dos antigos jesuítas: destruir os germes de vontades pessoais e impor o hábito da obediência, de maneira a formar engrenagens dóceis. O estudante é rapidamente envolvido numa rede estreita de pensamentos e de hábitos. Cada instante de seu tempo é regulado. De alto a baixo da escala, ele representa uma unidade, modesta ou importante,

de acordo com suas aptidões, mas sempre uma simples engrenagem. Nem bem começou a vida e o jovem alemão é classificado. Mais tarde, ele julgará o valor das pessoas de acordo com sua classificação. A vida social lhe aparece sob a forma de uma lista de graus e de regulamentos.

Com uma mentalidade semelhante ao estatismo __ tão funesta a outros povos __ era a única organização política possível para os alemães. Graças a ela, uma poeira de individualidades medíocres pôde se tornar um bloco homogêneo, perigoso para a paz do mundo.

Em povos vigorosos, onde cada indivíduo conta unicamente com ele mesmo, os elementos do edifício social não precisam ser agregados. Nos povos onde a docilidade é grande e a iniciativa fraca, a constituição estatista representa, pelo contrário, um fator de potência. O indivíduo isolado tem consciência de sua mediocridade. Ao se tornar parte integrante do Estado, ele se imagina participando de seu poder. Graças à escola e à caserna, cada súdito alemão está tão identificado com o Estado que o mais simples auxiliar de laboratório, ao lavar seus frascos, considera que trabalha para a prosperidade do Império e participa de sua grandeza.

O poderio alemão se apoia hoje sobre elementos temíveis: um soberano, senhor absoluto das vontades de seu povo; um feudalismo hereditário muito forte; uma organização industrial aperfeiçoada; um exército imenso muito disciplinado pelo rude regime das casernas

para não recuar diante de nenhum esforço. Nunca um povo na história __ inclusive os romanos __ conseguiu tais condições de sucesso.

O rendimento da máquina militar e social alemã é formidável. Foi preciso a aliança de uma grande parte dos países da Europa para lutar contra a ameaça de germanização do mundo feita pela Alemanha.

Ao estatismo rígido que moldou tão rigorosamente os alemães, mas os tornou tão fortes, se superpôs um novo elemento de poder: a crença mística do povo na missão divina de conquistar a Europa.

Essa concepção fez __ eu já mostrei em outro lugar __ da guerra atual uma luta comparável às grandes crises religiosas da história. Não foi a primeira vez que o mundo se viu devastado por povos que se imaginavam escolhidos por Deus para regenerar os infiéis, curvando-os às suas leis. Os árabes do tempo de Maomé, os turcos mais tarde, obedeciam às mesmas ilusões que os alemães atuais.

As crenças religiosas que devastaram o mundo sempre foram muito tenazes. A crença mística dos alemães em sua missão será ainda mais, porque, contrariamente a outras crenças, ela possui em sua base concepções com origens racionais.

As ilusões místicas dos alemães não tiveram início, com efeito, como tantas outras, de alucinados, mas dos historiadores e dos filósofos. Os mais célebres, aqueles que exerceram a influência mais efetiva nas universidades alemãs __ Treitschke e Lamprecht, particu-

larmente __ não pararam de ensinar que o povo germânico foi chamado por Deus para regenerar o mundo. Segundo Lamprecht, Guilherme II recebeu, com toda a evidência, a missão divina de reconstituir o Sacro Império germânico. A guerra, segundo ele, era desejada por Deus.

Aos olhos da maior parte dos escritores alemães, os outros povos só tiveram o papel de preparar a grandeza da Alemanha e o cumprimento do seu destino providencial. Ela só pode cumpri-lo, segundo eles, adquirindo força suficiente para ser o terror das nações. É preciso obrigar o mundo, senão a se tornar alemão, pois ele não é digno disso, pelo menos a sofrer a hegemonia alemã. Todos os povos são inferiores aos alemães e devem ser tratados por eles como eram tratados outrora os negros pelos brancos.

Essas concepções são o resultado direto da formação escolar e militar da Prússia. Eu tive oportunidade de mostrar, em meu último livro, que os filósofos alemães sempre se miraram no absolutismo prussiano. Eles deviam, naturalmente, tentar persuadir seus compatriotas de que a forma inferior de civilização representada pelo estatismo é, pelo contrário, a expressão mais alta da cultura e que o povo que a pratica é superior a todos os outros.

Tais noções, solidamente ancoradas na mente de cada alemão, mostram porque a mentalidade germânica mudou tão pouco durante a guerra. Quando a alma de um povo está solidamente estabilizada

por seu passado e principalmente por suas crenças, as razões mais claras, os desastres militares mais acentuados não a mudam. Só o tempo e experiências repetidas podem agir sobre ela.

§3. Consequências da incompatibilidade entre as concepções alemãs e as dos outros povos.

A breve exposição que fiz das origens da mentalidade alemã mostra que a guerra atual sintetiza uma luta de ideias e de crenças contraditórias e indestrutíveis. O fato de que elas são inconciliáveis prolongará a duração do conflito ou o renovará fatalmente.

Quando povos lutam por interesses momentâneos __ conquistas de uma colônia, ambições dinásticas etc. __ seus ressentimentos não são muito profundos e os ódios provisórios que os dividem não sobrevivem à paz.

É bem diferente quando nações em conflito são separadas por diferenças de mentalidade e de crenças que implicam em concepções totalmente divergentes.

As teorias militares e estatistas da Alemanha são, com efeito, a antítese absoluta das noções de liberdade individual da maior parte dos outros países. Aos princípios de liberdade e de direito dos cidadãos, os escritores alemães substituem pelo absolutismo militar e civil do Estado. Nossas teorias de igualdade e de liberdade são consideradas por eles como bobagens de legisladores. Eles qualificam

de sociedades de advogados os povos que as professam e sustentam que tais povos não poderiam vencer uma nação de engenheiros e de técnicos. As indecisões dos aliados e dos Estados Unidos, as dissertações dos neutros, os fizeram afirmar que a maior parte dos povos pertencia ao tipo advogado. À educação latina, que só formaria, segundo eles, retóricos, eles opõem sua educação técnica, que permite enquadrar cada cidadão numa célula social de onde ele não deve jamais sair.

Se os alemães conseguissem estabelecer sua hegemonia no mundo, eles lhe imporiam naturalmente seu regime. Os ingleses e os americanos, que realizaram todo seu progresso pelo individualismo, prefeririam certamente a morte a uma escravidão tal.

Veremos, num outro capítulo, que o grande problema do futuro será saber, não certamente se os alemães dominarão o mundo, mas em que limites os povos desejosos de manter sua independência poderão se manter afastados do militarismo e do estatismo, talvez necessários como meios de defesa.

CAPÍTULO II

A persistência das ilusões alemãs sobre as origens da guerra.

§1. As ideias gerais na Alemanha sobre as causas da guerra.

Sumário

Quando os psicólogos quiserem provar o fraco papel da razão na gênese das crenças, eles não terão melhor exemplo para citar do que a persistência das ilusões alemãs sobre as origens da guerra.

Poder-se-ia supor que a evidência dos documentos diplomáticos publicados desde o começo do conflito esclareceria os germânicos sobre suas verdadeiras causas.

Suas ilusões, no entanto, com relação a isso, permaneceram intactas. O alemão, que tem uma fé absoluta nas afirmações de seu governo, não as contesta jamais. As afirmações oficiais foram tão facilmente aceitas porque foram apoiadas em paixões muito fortes __ o ódio e a ambição, particularmente __ criadoras, elas também, de crenças.

As opiniões correntes na Alemanha no início da guerra __ que eu reproduzi em meu último livro __ foram pouco modificadas. Não se acredita mais na história realmente muito absurda e desmentida, aliás, pelas próprias autoridades locais alemãs, de uma guerra decla-

rada à França porque ela tinha mandado bombardear Nuremberg por meio de aviões, mas a ideia de um conflito provocado pela Inglaterra permanece geral. Essa convicção está muito bem expressa pelo seguinte extrato do jornal **Deutsche Tagesztg**, de 20/06/1916:

> *Foi a Inglaterra que colocou os povos europeus uns contra os outros a fim de aniquilá-los um a um e de pescar em água turva. É a Inglaterra que, há dez anos, repete sem cansar: "Germânia delenda est". Foi a Inglaterra que inventou contra nós a política de cerco e que levou a Itália à deslealdade. Foi a Inglaterra que nos fechou o Mar do Norte e tentou nos interditar toda saída para o Oriente. Foi a Inglaterra que entabulou conosco conversações sobre as colônias belgas e portuguesas, para nos comprometer aos olhos dos portugueses e dos belgas. Foi ela que, por suas convenções militares com a Bélgica, violou a neutralidade deste país. Foi a Inglaterra que lançou contra nós a lenda das "atrocidades alemãs". A Inglaterra é o inimigo hereditário da Europa. Foi a Inglaterra que deslanchou a guerra mundial.*

§2. Novas explicações alemãs sobre as causas da guerra.

Os raros alemães que o ódio não cegou inteiramente e que se resignaram a ler os documentos diplomáticos, viram neles os esfor-

ços desesperados feitos pela Inglaterra para evitar uma guerra que ela não queria de nenhuma maneira.

O pacifismo bastante exagerado da França naquela época também não poderia deixar nenhuma dúvida. Quanto à Rússia, os acontecimentos certamente provaram que ela era militarmente muito mal preparada para querer pensar em lutar.

Tais evidências mostram que os aliados não desejavam de maneira alguma a guerra e não tinham nenhum interesse em declará-la. Alguns alemães esclarecidos confessam hoje em dia que a Alemanha teve a iniciativa dela, mas unicamente __ eles defendem __ para prevenir um futuro ataque dos aliados.

Essa opinião, difundida apenas entre as classes esclarecidas, foi muito bem exposta pelo pastor Bolliger, num documento escrito em resposta a uma pergunta de seus colegas franceses. Eis algumas passagens dele, segundo o jornal alemão **La Gazette des Ardennes**, de 28/01/1916. Pelo fato de que a censura não suprimiu este artigo pode-se deduzir que ele representa muito bem a opinião dos governantes.

Após ter insistido longamente sobre as supostas intrigas do ministro Delcassé __ "que trabalhou para cercar a Alemanha", diz ele, tentou retirar a Itália da Tríplice Aliança, negociou em São Petersburgo, fez intrigas em Constantinopla e trabalhou para que a A-

lemanha, estando isolada, a Inglaterra, apoiada pela França, pudesse tentar esmagá-la __ o autor escreve:

> *Certamente que a França e a Rússia não queriam a guerra em 1º de agosto de 1914, mas elas trabalharam muito bem sua alma para torná-la inevitável. Prova: a Tríplice Entente e tudo o que tem relação com ela. Disso tudo se conclui que elas queriam a guerra no momento escolhido por elas, talvez em 1916 ou 1917, após terem adquirido completamente seus armamentos. E elas ficaram muito irritadas porque o adversário não lhes deixou a escolha do momento. Tudo isso é claro e simples como o alfabeto.*

O autor reconheceu que o imperador da Alemanha poderia ter evitado a guerra convencendo o imperador da Áustria a se mostrar um pouco conciliador para com a Sérvia e acrescenta:

> *Porque esse meio simples e infalível não foi empregado? Na minha opinião, não se fez isso porque o governo alemão __ em comum acordo com o governo austríaco __ queria a guerra. Eu chegaria então a formular uma condenação ao governo alemão? De maneira alguma. Ele tinha que querer a guerra. Não querê-la seria um crime. A grande guerra contra as três potências era inevitável. Desde muito tempo já se podia prevê-la. Neste estado de coisas, a prudência exigia escolher a hora*

favorável e não dar essa escolha aos muito poderosos adversários. O raciocínio da Alemanha foi extraordinariamente simples: a hora presente nos é mais favorável para uma guerra __ terrível, mas completamente inevitável __ do que se ela for no próximo ano ou no seguinte. Em dois anos, a Rússia terá quase terminado a construção de suas vias estratégicas e terá melhorado consideravelmente seus armamentos. A França terá, sob armas, soldados bem exercitados, em seu terceiro ano de serviço militar. Um soberano muito idoso, que mantém em conjunto os povos da Áustria, sempre prontos para se separar, terá, talvez, em dois anos, fechado os olhos e o único aliado com o qual se possa realmente contar estará mais fraco do que hoje em dia. Temos uma boa colheita e nossa preparação financeira é igualmente boa. Então, essa empresa ousada e terrível é, no presente, um dever. O curso dos acontecimentos propiciou uma oportunidade muito importante para desencadear a catástrofe. Eu falo do assassinato do herdeiro do trono austríaco.

A Alemanha assumiu corajosamente a responsabilidade de declarar a guerra. Na forma, era uma guerra ofensiva; nos fatos, uma guerra defensiva. Pois neste caso, a ofensiva era a melhor defensiva. Era uma guerra que visava a defensiva; com efeito, quem quer vencer um adversário poderoso deve se

antecipar ao seu golpe, no momento em que ele menos espera. Tudo isso é normal, conforme as regras da sabedoria e da moral. A Alemanha agiu como deveria agir para se salvar, na situação política criada, em grande parte, pela França.

Ao adotar os princípios e os raciocínios do Sr. Bolliger, que correspondem muito bem ao de seus compatriotas, estaríamos sempre no direito de atacar um povo simplesmente porque se suspeita de suas intenções.

O autor se esquece, aliás, em sua argumentação, que, há numerosos anos, jornalistas, professores, escritores não paravam de pregar a guerra.

Essas polêmicas, bem como todos os fatos observados desde o início das hostilidades, provam o quanto a mentalidade germânica é distinta da dos outros povos. As célebres palavras: "necessidade não tem lei", "um tratado é apenas um pedaço de papel", atos como a destruição de Louvain, o bombardeio da catedral de Reims, os massacres de mulheres e crianças, a execução da senhorita Cawell etc. provam que os alemães não sentem como as outras nações.

Sendo um povo incapaz de mudar o agregado de sentimentos que constituem seu caráter, não podemos supor que os alemães se transformarão. É preciso então aceitá-los como são, mas tratar __ visando nossa futura atitude em relação a eles __ de conhecê-los bem.

O conflito europeu terá mostrado mais uma vez a que ponto as instituições, a religião, a educação são impotentes para modificar os sentimentos herdados.

Todas as classes da Alemanha manifestaram os mesmos sentimentos durante a guerra e foram justamente os professores universitários e os membros do clero que se revelaram os mais duros, os mais ferozes e os mais intolerantes em seus escritos. A guerra destruiu muitas ilusões sobre a ação civilizadora das religiões e da educação.

CAPÍTULO III

Manifestações da alma alemã durante a guerra.

§1. Qualidades manifestadas pelos alemães.

Sumário

Durante a guerra os alemães deram provas de qualidades e defeitos que é útil estudar.

Além de suas qualidades militares: disciplina inflexível e obediência absoluta, eles apresentaram grande parte das aptidões já manifestadas na vida civil. Ninguém contesta seu gosto pelo trabalho, a perseverança, o espírito de ordem e de método, principalmente nas obras coletivas.

Não se pode negar que ao longo da guerra os alemães manifestaram muita previdência e iniciativa, qualidades que faltaram frequentemente aos seus inimigos e cuja importância não se poderia negar. Suponhamos que, no início das hostilidades, o comandante de um dos couraçados que estavam no Mediterrâneo tivesse a energia de caráter necessária para entrar ousadamente em Constantinopla, após Goeben e Breslau. Essa decisão puramente psicológica teria tido como resultado: 1º) evitar a morte de cem mil ingleses, mortos inutilmente em Gallípoli, quando se decidiu tentar entrar à força em Constantinopla; 2º) modificar completamente a marcha da guerra; 3º) economizar alguns bilhões e centenas de milhares de combatentes. Certas qualidades de caráter têm então um valor que nenhum material bélico poderia substituir.

Não se vê muito bem, sem dúvida, numa primeira abordagem, como a disciplina, a ação coletiva e a divisão do trabalho, levadas tão longe pelos alemães, podem favorecer a iniciativa. Parece mesmo haver uma contradição entre a disciplina e a iniciativa.

Essa contradição é apenas aparente. A divisão do trabalho limita estreitamente, é verdade, o horizonte de cada alemão, mas o indivíduo pode se mover muito livremente entre os limites desse horizonte. Seus comandantes conservam mesmo uma inteira liberdade na jaula mental onde eles se movem.

Por isso sua iniciativa é exercida em todos os ramos da vida, tanto militar quanto industrial. O coronel de um regimento, por exemplo, deixará a seus capitães o cuidado de educar suas companhias como eles entenderem melhor e só intervirá em períodos espaçados para constatar os resultados obtidos. O diretor de uma grande fábrica deixará, da mesma forma, a seus engenheiros e a seus químicos, ampla liberdade para trabalhar, no que diz respeito à sua especialidade: síntese de um composto novo, criação de uma máquina destinada a executar um trabalho determinado etc.

É porque ele possui uma confiança completa em seus subordinados que um chefe pode lhes dar essa liberdade. Nem sempre acontece o mesmo na França. O chefe, oficial, funcionário público ou industrial, desconfiando de seus subordinados se mostra detalhista, meticuloso, intervindo inutilmente nos detalhes e paralisando assim todas as iniciativas. É um ponto fundamental pouco assinalado, no entanto, sobre o qual não se poderia insistir muito. Nossa imperfeita organização civil, militar e industrial não tem, frequentemente, outras causas, além dessa paralisia das iniciativas.

Apesar de nossa aparência às vezes revolucionária, somos, na realidade, extremamente conservadores. O que foi estabelecido uma vez nos parece sê-lo para sempre. Um diretor de fábrica que adotou uma máquina dificilmente adotará uma outra. As novidades, muito bem recebidas na Alemanha, o são muito mal na França. Na recente

descoberta da aviação, nossos grandes comandantes militares lhe deram uma acolhida muito medíocre, enquanto que os alemães perceberam imediatamente sua importância.

Sabe-se assim o que nos custaram os preconceitos de nossos comandantes militares contra a artilharia pesada, que eles recusaram criar durante muito tempo.

Na França, infelizmente, a maior parte das opiniões são fundamentadas no prestígio daqueles que as emitem. Enquanto que o evolucionismo era admitido por quase todos os cientistas do mundo, ele tinha contra ele, entre nós, a maioria dos membros das academias e universidades. É um estado mental muito nocivo, cujo perigo a guerra nos mostrou e que exigiria, para ser modificado, uma educação inteiramente nova.

Não se poderia se iludir muito sobre a ausência de individualismo dos alemães. Individualistas eles não são, frequentemente. Mas algumas vezes, no entanto, eles o são, quando reconhecem as vantagens do individualismo. Pode-se avaliar isso pela seguinte passagem de um grande jornal alemão:

> *É possível que, para suprir os enormes encargos financeiros, seja-se forçado a recorrer a certos monopólios. Mas o campo de ação deles deve ser estritamente limitado, pois os monopólios e o socialismo de Estado que eles acarretam são excessivamente perigosos para a vida econômica de uma na-*

ção. É na iniciativa individual que permanece a fonte de todo progresso. Se a indústria alemã conseguiu se adaptar tão rapidamente à guerra, ela deve isso a seu caráter individualista, que já tinha feito sua grandeza em tempos de paz. Após a guerra, a Alemanha deverá, em condições mais difíceis, reconquistar seu lugar no mercado mundial e lutar contra a coalizão econômica de seus inimigos; apenas o individualismo poderá proporcionar o espírito de audácia, de energia, de criação, necessário para essa luta. A longa duração da guerra tende a fazer esquecer que o socialismo de Estado, ao qual se recorreu em muitos domínios, só é bom em situações excepcionais; assim que estivermos de novo livres nas relações com o mundo, a maior parte da organização atual não responderá às necessidades.

(Rhein-Wstf. Zeitung, 15/9/1916)

§2. Vícios e defeitos manifestados pelos alemães durante a guerra.

Os alemães, naturalmente, mostraram, ao longo da luta europeia, seus defeitos habituais, mas eles revelaram, por outro lado, outros vícios, como a maldade e a ferocidade, que o mundo não conhecia neles.

Suas previsões não foram sempre muito certeiras e as reflexões que Tucídides formulou há mais de dois mil anos poderiam lhes ser aplicadas:

> *Cheios de uma presunçosa confiança no futuro, inflados de esperanças superiores a seu poder, mas inferiores ainda a seus desejos, eles pegaram em armas e preferiram a força à justiça.*

Sobre os diversos defeitos germânicos manifestados durante a guerra, é inútil insistir agora. Bastará lembrar o hábito inveterado da mentira em todas as classes da sociedade. Os despachos alemães e os discursos do chanceler forneceram disso provas edificantes. Não há exemplo, aliás, desde Frederico II, que uma perfidez tenha jamais feito recuar um diplomata ou um soberano alemão. A diplomacia prussiana sempre foi caracterizada por uma falta completa de sinceridade. Antes da guerra japonesa ela empurrou a Rússia contra o Japão, exortando este último a realizar uma aliança com a Grã Bretanha contra o tsar. Durante a guerra do Transvaal, o imperador enviou felicitações aos bôeres revoltados contra a Inglaterra e excitou ao mesmo tempo a Inglaterra contra eles. Assim que o poderio russo foi anulado pela derrota de Moukden, a diplomacia alemã despachou Guilherme II a Tanger, para impedir lá a ação francesa. Não se deve, evidentemente, esperar sinceridade, nem mesmo muita honestidade, dos diplomatas de nenhum país, mas, em qualquer situação, os di-

plomatas prussianos ultrapassaram os outros pela persistência de sua hipocrisia. Ela é tão mais lamentável para eles porque geralmente é acompanhada de grandes trapalhadas.

Quanto à ferocidade empregada pelos alemães durante esta campanha, ela é o resultado de suas disposições naturais e de ódios culturais muito anteriores ao conflito. Os alemães que viviam na França e na Inglaterra se controlavam, naturalmente, mas eles negligenciavam sua dissimulação em outros países.

Seus jornais de antes da guerra não nos poupavam, aliás, das injúrias. Paris era a "Sodoma moderna, o abscesso da Europa, a casa de satã". Falava-se, na sociedade alemã, com ares de pudor amedrontado, muito divertidos depois que o famoso processo Eulenbourg revelou os costumes vergonhosos dos íntimos do imperador.

Estamos longe do tempo em que a França havia subjugado inteiramente os grandes homens da Alemanha e em que Kotzebue destacava que, num jantar de uma hora, ele ouvia "mais observações finas, críticas espirituosas e delicadas, do que ele podia ler num ano inteiro numa revista da Alemanha".

Na realidade, o ódio dos alemães pela França era principalmente uma criação da inveja prussiana, propagada por contágio mental, a todas as camadas da população germânica.

Só a intensidade desse ódio pode explicar as explosões de fúria do povo, dos escritores e dos cientistas, no início da guerra. Eu já

citei, em livro anterior, uma passagem do ilustre psicólogo Wundt, declarando que essa guerra "é o ataque infame de bandidos, cujos meios são o assassinato, a pirataria e o banditismo".

O não menos ilustre professor Lenard declarou, a propósito da Inglaterra, que "não se pode ter uma paz verdadeira com um ladrão de estrada e que haverá perigo enquanto não se destruí-lo".

Se cientistas renomados desceram a este nível, entende-se o que foi a linguagem dos simples jornais. Os massacres de mulheres e crianças por torpedeamentos os fazia gritar de alegria. Foi uma manifestação nova de ódios entre povos, contra os quais nem a civilização nem a fusão aparente operada pelas relações internacionais nada podem, mas que é sempre importante ter presente no espírito para iluminar o futuro.

Com tais excitações os soldados alemães puderam dar livre curso a seus instintos naturais de ferocidade. Eu citei em meu último livro, algumas das atrocidades mais conhecidas.

A principal consequência dessas violências foi tornar os alemães profundamente antipáticos à maior parte dos povos.

A indignação universal provocada pelos massacres de mulheres e crianças, os incêndios dos monumentos, a destruição de obras de arte, foi mesmo tão viva que os germânicos acabaram por tentar negar ou justificar seus atos.

Os soldados não foram os únicos a manifestar durante a guerra essa sombria ferocidade. Traduzida em atos selvagens ela se desenvolveu também nos discursos. Sabe-se que delírio de entusiasmo provocou na Alemanha o naufrágio do Lusitânia. Pode-se avaliar isso pela seguinte passagem do **Hamburg-Nachrichten**, de 4 de fevereiro de 1916:

> *Todo o povo alemão sentiu cair sobre si uma alegria solene que não perturbou a compaixão das almas fracas pela morte dos passageiros, que a infâmia inglesa e o desprezo pelas leis dos Estados Unidos atiraram a bordo desse perigoso navio.*

O bombardeio pelos zepelins de cidades abertas, como Paris e Londres, não foi acolhido com menos satisfação. O **Kolnische Zeitung**, de 31 de janeiro de 1916, aplaudiu essas expedições aéreas "empreendidas para castigar os dois ninhos de bandidos mundiais, sobre o Tâmisa e sobre o Sena". Eis como se exprimiu o grande jornal vienense **La Nouvelle Presse de Vienne**, a propósito de diversos torpedeamentos no Adriático:

> *Os peixes, as lagostas e os polvos do Adriático não faziam há muito tempo uma refeição tão boa. Ao sul, tiveram como refeição quase toda a tripulação do Léon-Gambetta, os do Adriático central encontraram seu alimento nos italianos do*

Turbine e, no Adriático do Norte, os habitantes do mar têm uma mesa sempre mais abundantemente abastecida; ao submarino Medua e aos dois torpedeiros se junta agora o cruzador Amalfi.

A coleção que só contava até aqui com pequenos exemplares marítimos, teve a sorte enriquecida e o Adriático deve estar mais amargo como jamais foi, com seu fundo coberto pelos corpos estripados dos navios italianos e suas ondas azuis tocadas pelo hálito envenenado daqueles que caíram para libertar o Carso.

Uma única publicação alemã, o **Vorwaërts**, jornal socialista, ousou protestar. Ele o fez da seguinte maneira:

Que haja no mundo monstros que permanecem frios diante das montanhas de mortos, nós queremos crer; mas que um jornal coloque suas colunas a disposição de um cinismo dessa espécie, é um desses fenômenos que não podemos repelir como ele merece.

O clero não se mostrou menos feroz em seus discursos do que os intelectuais alemães. Ele não parou de excitar nas igrejas o ódio da população contra o inimigo. Padres e pastores não cansaram de pregar os massacres, o incêndio sem piedade “dos filhos de Satã”.

Todos sonhavam com o extermínio bíblico dos povos degenerados, pelo povo eleito. Disse um deles:

> *Nós fazemos a guerra como uma santa cruzada contra tudo o que é profano e grosseiro no mundo. A palavra de ordem é agora bater muito, com os punhos fechados e o gume da espada.*[11]

Eu já mostrei, em meu livro anterior, a influência exercida sobre a alma alemã por seus filósofos, seus historiadores e seus professores. Não se poderia insistir muito nessa observação. Eu fiquei feliz em ver o Sr. Aegerter formulá-la em termos tão precisos que me parece útil reproduzi-los:

> *Foram os teóricos do belo e os lógicos do imperativo categórico que tornaram possível o estado de espírito dos destruidores de catedrais e violadores de tratados. Não há duas Alemanhas: o país sentimental __ de onde o luar romântico se difundiu sobre o globo__ das transparências onduladas de quimeras e um Estado metalúrgico, ferozmente prático, enfu-*

---

[11] Tendo a **Gazette de Francfort** contestado a exatidão dos sermões reproduzidos nos jornais, uma revista __ **Le Christianisme au XX Siècle**, de 10 de fevereiro de 1916 __ citou alguns fragmentos dos sermões de guerra retirados do opúsculo do Sr. Kocher, pastor em Berlim. O estilo é exatamente o mesmo daquele cuja realidade havia sido discutida. O **Lokal Anzeiger** destacou justamente que "a ideia de intensificar a guerra submarina ganhou terreno principalmente graças à influência de uma notável fração do centro católico".

maçado pelas chaminés das fábricas. Há uma só Alemanha que é aquela de Goethe, de Hegel, de Bismarck, de Krupp, dos armadores de Hamburgo. Há uma só Alemanha que se desenvolveu de acordo com seu princípio.

Esses soldados, que se escondem nas ocupações da Champagne ou marcham em formação serrada rumo às cidades em chamas, realizam o pensamento dos filósofos. Será preciso pensar nisso após a vitória. Se a Alemanha deve retomar seu lugar entre as nações, com seu gênio pessoal, convirá lembrar-se que esse gênio é aquele da dominação brutal e da força implacável. Tal como ele foi formado pelos seus pensadores, por príncipes como Frederico II e professores como Hegel. Assim ele permaneceu no dia seguinte à Iéna e assim ele permanecerá no dia seguinte a uma derrota mais pesada. Não é preciso apenas quebrar uma resistência, é preciso aniquilar uma doutrina.

§3. O abaixamento da moralidade pública na Alemanha.

Vangloriar-se sem parar das virtudes que não se possui, é conseguir, à vezes, fazer acreditar que se as possui. Assim agiu a Alemanha e foram precisos alguns processos escandalosos, como o de Eulemburg, para revelar os costumes da corte de Guilherme II. Os

hábitos de sadismo de tantos oficiais alemães durante a guerra contribuíram igualmente para mostrar que a alma desse povo não era tão elevada assim.

As únicas apreciações úteis para um francês estabelecer seu julgamento sobre a moralidade germânica são aquelas retiradas das publicações alemãs.

Elas acusam um afrouxamento notável da moralidade na Alemanha. A criminalidade juvenil, entre outros sintomas, tomou uma grande extensão.

> *No Landtag*[12]*, da Prússia, discutiu-se, em 23 de fevereiro de 1916, a questão da diminuição dos nascimentos; em 1876, havia 42 recém-nascidos para 1.000 habitantes; em 1913, 27; nenhuma nação conheceu um decréscimo tão rápido. Além do mais, o governo estima o número anual de abortos em 500.000; a propaganda neomalthusiana e a venda de objetos próprios para impedir a concepção, são realizadas nos menores vilarejos e nos campos; o escândalo é chocante. As causas morais têm mais ação do que as causas econômicas: quer-se viver bem; as crianças são um peso, as mulheres não as querem mais; é preciso uma regeneração moral da nação. E não se pode esperar que as coisas melhorem após a*

[12] Assembleia legislativa, em alguns estados alemães. (Nota do tradutor)

guerra; pelo contrário, a diminuição continuará; a vida será muito cara; a Alemanha terá perdido muitos homens.

Um judicioso observador, Jules Huret, já havia notado, há muito tempo, que a Alemanha gozava do máximo de civilização material, com um mínimo de civilização moral.

No que concerne ao exército, a disciplina nele é muito rigorosa para que a moralidade militar tenha podido enfraquecer. No entanto, encontrou-se com prisioneiros feitos em Verdun cartas que indicavam um certo desencorajamento. Eis alguns extratos daquelas publicadas pelo Sr. Madelin, na **Revue des Deux Mondes**:

É pavoroso: os homens são empurrados à força para o matadouro; naturalmente, são só os pobres, pois os ricos não vão tão à frente. No começo da guerra, lia-se nos jornais que tal ou tal rico tinha sido morto, mas agora só os pobres tombam nos campos de honra. Graças à honra! Vós vos fizestes matar ali e nós, no interior, morreremos de preocupação e de desgosto.

Um outro escreve:

... Dos que causaram a guerra, nenhum morreu.

Vê-se partir com tristeza, às vezes com desespero, tanto os jovens quanto os velhos. Devíamos recusar marchar e isso seria o fim. Os grandes tem que se virar sozinhos. Apesar de

tudo, ser como nós é ser igual a ser francês, inglês ou russo. Aqui, é uma verdadeira miséria. Se isso continuar por algum tempo haverá aqui uma grande confusão.

Eu não tirarei nenhuma conclusão geral dessas cartas. Além do mais, elas deixam pressentir que chegará o dia em que o povo alemão compreenderá que foi levado ao abatedouro para o triunfo de uma quimera. Nesse dia apenas __ e ele ainda está longe __ a Alemanha deixará de ser um ameaçador flagelo para o resto do mundo. Vencer a força militar dos germânicos só representa uma parte da tarefa a cumprir. São __ eu não paro de repetir __ as ilusões que animam sua alma que é preciso destruir.

CAPÍTULO IV

O governo imperial. Situação econômica e social da Alemanha durante a guerra.

§1. O governo imperial.

Sumário

Julgadas unicamente de acordo com os livros que as expõem, as diversas instituições dos povos são perfeitas e, aliás, muito semelhantes. Por isso, é unicamente a maneira com que são aplicadas que importa conhecer.

Como a Alemanha possui um parlamento, imagina-se que possua um governo constitucional. Nada é menos exato. O parlamento é uma ficção. Os deputados não gozam nele de nenhuma autoridade e só exercem a função de votar o orçamento e algumas leis.

O governo não se considera, de maneira alguma, obrigado a levar em conta seu voto. Os ministros, nomeados diretamente pelo imperador, quase nunca são recrutados no parlamento e não podem ser derrubados pelo voto, com o qual se preocupam muito pouco.

Sem dúvida que o Sr. de Bülow, em 1909, deve sua demissão __ após a recusa de um projeto de imposto sobre as heranças __ ao parlamento, mas isso foi um simples pretexto para justificar uma saída provocada unicamente por suas divergências com o imperador.

Além desses casos absolutamente excepcionais, os ministros não se preocupam nada com os votos do parlamento e não perdem a ocasião de lembrar-lhe que são independentes.

Viu-se isso nitidamente no dia em que o Sr. de Bethmann-Hollweg, após observações desagradáveis de alguns deputados, não hesitou em declarar na tribuna que ele se considerava simplesmente o executor das ordens do imperador. Este mesmo chanceler não escondeu depois o quanto o sufrágio universal e a democracia lhe eram antipáticos. Ele até mesmo afirmou que “a democratização do parlamentarismo levou, em todos os países, a um rebaixamento dos costumes políticos”.

Se durante a guerra o parlamento alemão pareceu desempenhar um papel menos apagado do que antes, foi unicamente porque ele serviu de tribuna ao chanceler para suas justificativas e também a seus adversários para seus ataques. Os socialistas nele encontraram igualmente a única tribuna de onde podiam formular suas reivindicações.

A situação muito secundária do parlamento alemão se explica muito bem quando não se esquece que o imperador acredita que ele deve seu trono unicamente à graça de Deus. Como então ele poderia admitir um poder independente do seu?

Por isso ele faz muito pouco caso dos seus ministros e dos votos do parlamento. Quando o Reichstag se declarou hostil à expropriação dos poloneses, por uma maioria de duzentos e treze votos contra noventa e sete, o imperador não se incomodou, de maneira alguma, em mandar passar outro.

Numerosos são os exemplos de mesma ordem. Em 1913, após os acontecimentos de Saverne, em que oficiais alemães mandaram jogar alguns habitantes num porão, dentre os quais estava um juiz alemão, a censura votada pela grande maioria dos deputados não exerceu a menor influência sobre a política do chanceler. Ele se limitou a declarar que dependia do imperador e de maneira alguma do Reichstag e nenhum voto de desconfiança poderia atingi-lo.

Como os ministros não são recrutados no seio do parlamento, um deputado alemão é sempre um personagem insignificante. É só entrando na administração que se pode chegar a conquistar um ministério.

Simples funcionários que percorreram todos os graus de uma carreira, os ministros possuem a experiência dos negócios e uma competência técnica muito útil ao Estado.

Mesmo que independente do parlamento, o governo prussiano não é, no entanto, uma monarquia completamente absoluta. Por mais poderoso que seja o imperador, ele deve levar em conta não apenas a influência dos Estados confederados do império, mas também os interesses da casta militar e da nobreza agrária, verdadeiras colunas de seu poder. São elas que o levaram à guerra.

À aristocracia latifundiária é preciso acrescentar ainda a oligarquia comercial e industrial que, em razão do desenvolvimento enorme da indústria, sonhava com a conquista do mundo.

Por motivos diversos, as castas que dividem a sociedade alemã não pararam de propagar as ideias de hegemonia e utilizaram, com este objetivo, as teorias dos professores e dos historiadores. Quando a imensa tropa alemã estava suficientemente alucinada ela marchou alegremente para a morte.

Depois da abertura das hostilidades o comando dos exércitos passou para o imperador. A destruição de Louvain, o bombardeio da

catedral de Reims, os massacres de populações inofensivas, o torpedeamento do Lusitânia etc. resultaram unicamente de suas ordens. Jamais um comandante alemão teria ousado tomar a iniciativa de tais medidas.

§2. A direção da opinião pública durante a guerra.

Eu já recordei que, durante a guerra, o governo alemão tinha feito grandes despesas para se conciliar com a opinião pública nos países estrangeiros e particularmente na América.

Na Alemanha a tarefa era fácil, com a imprensa só podendo dizer o que lhe permitiam dizer. Ela manteve um completo silêncio sobre a batalha de Marne e vinte vezes anunciou o fim próximo das hostilidades. Os russos estavam definitivamente repelidos. A Inglaterra, paralisada pela revolta da Irlanda, não podia participar da guerra etc. Foi só sobre as questões a respeito das quais o governo hesitava e queria sondar a opinião pública __ a guerra submarina, por exemplo __ que ele deixou alguma liberdade aos jornais[13].

O governo tentou agir, através de suas publicações e seus agentes, não apenas sobre os neutros, mas também sobre os aliados.

---

[13] A exceção de dois ou três jornais socialistas, todos os jornais alemães estão nas mãos do governo. Os mais importantes: **Berliner Tageblatt**, **Lokal Anzeiger**, **Tag Vossische Zeitung**, **Frankfurter Zeitung** (o mais difundido de todos), pertencem a judeus. Donos dos jornais, dos teatros e dos mais importantes bancos, eles exercem uma influência direta ou oculta considerável na Alemanha.

Na Rússia ele acumulou esforços consideráveis para obter uma paz separada. Na esperança de enfraquecer o moral dos soldados, ele mandou jogar sobre as trincheiras, por aviões, em março de 1916, proclamações escritas em russo e que indicam alguns progressos, por parte dos alemães, no conhecimento, tão raro entre eles, da psicologia dos povos. Eis alguns extratos delas:

De novo uma infeliz guerra; de novo, contrariamente à lei e à palavra divinas, o irmão mata o irmão; pessoas que receberam o batismo se batem até à morte. Como isso é triste! Como isso é horroroso e terrível!

O Salvador chora!

Russos e alemães viviam tranquilamente juntos. Nós nos respeitávamos, nós nos ajudávamos. Lembrai-vos, irmãos, da campanha do Japão! Quem vos ajudou, se não foram os alemães? Vossos aliados, os franceses, não mexeram um dedo sequer para vos ajudar!

A Inglaterra ajudou os japoneses, pessoas que não receberam o batismo, que vos roubou Port-Arthur, que vos espoliou no Extremo-Oriente, que matou e massacrou milhares e milhares de russos!

E é em acordo com esses descrentes que a Rússia empreendeu a guerra contra os alemães batizados! Como é horrível! Como é triste!...

A Inglaterra sempre foi inimiga da Rússia, foi ela que enviou os japoneses contra vós. E sempre vos detestou. Foi ela que, comerciante astuta, preparou esta guerra, apenas para sua própria vantagem! Creia-nos: ela sem parar se serve dos outros para combater para ela.

O exército alemão é vitorioso em toda parte! A Bélgica, aliada da Inglaterra, está ocupada por nós.

Os franceses recuam; eles estão vencidos! Nosso exército já está perto de Paris. O exército inglês está em retirada, ele está vencido!

Mas, não queremos verter vosso sangue!

Cessai a luta! Rendei-vos e passai para o nosso lado. Nós alimentamos bem os prisioneiros, temos piedade dos infelizes! Ou volteis para casa! Não vale a pena que vós e nós façamos a guerra!

Embora fortemente amordaçada pela censura, a imprensa alemã pôde, algumas vezes, principalmente nos reinos confederados, fazer ouvir suas queixas. Eis algumas, extraídas de diversos jornais alemães:

A censura empregada sem moderação fez renascer todos os males do absolutismo: as fofocas, as alusões obscuras ou inquietantes, as manobras dissimuladas e pérfidas, os exageros, o envenenamento do espírito público.

(Munchener Neueste Nachrichten, 19/03/1916

Um povo inteligente e disciplinado, escreve o Sr. Bernhard, tem o direito de saber sob quais pontos de vista é governado e rumo a quais objetivos ele caminha. Porém, por um lado não se sabe nada e por outro, não se pode nem mesmo perguntar...

(Kölnische Volksztg, 15/03/1916)

O governo desenvolveu o hábito cômodo de negar o direito de falar a todos aqueles que o incomodam; não há mais liberdade de opinião. A mentira envenena a vida política da nação.

*(**Kreusztg**, 17/03/1916)*

Nos primeiros momentos da guerra, os jornais alemães comemoraram ruidosamente os sucessos germânicos, sem jamais falar de seus fracassos. Os planos do estado-maior eram infalíveis e a Alemanha marchava rumo a uma paz rápida.

Mas, mesmo os diplomatas alemães não tendo previsto a intervenção da Inglaterra e a defesa da Bélgica, o estado-maior não supôs que os aliados pudessem chegar, criando exércitos e produzindo munições, a se defender inicialmente e depois atacar.

Foi para eles uma surpresa, partilhada por muitos jornais neutros que influenciavam as publicações alemãs. Eis o que disse um deles:

Quem diria, há dois anos, que além dos exércitos conhecidos, estimados por seu valor potencial pelos estrategistas dos impérios centrais, surgiria um outro completamente novo, capaz de alterar toda avaliação sobre os fatores militares previstos? A presente guerra é uma guerra de surpresas e de milagres. A França se salvou em Marne, quando ninguém podia esperar isso. A Rússia se salvou em Dvina, quando se acreditava unanimemente que ela sucumbiria. A Sérvia se salvou em Corfou, quando até mesmo os mais otimistas não esperavam que suas divisões dispersas pudessem escapar à miséria e ao inimigo.

*(**Correspond**. de España, 23/06/1916*

O que o jornalista chama de milagre é o resultado da tenacidade dos aliados e também da falta de senso político que o príncipe de Bülow reprovava justamente em seus compatriotas, lembrando as palavras de Goethe: “Capaz no detalhe, a Alemanha é digna de piedade no conjunto”.

Escarnecendo um pouco do ensino de ciência política na Alemanha, o ex-chanceler acrescentou:

Será preciso muito tempo antes que sintamos os efeitos dessa erudição sobre a prática política; muita água escoará sob nossas pontes até que a fraqueza e os defeitos inatos de nosso temperamento político desapareçam por este meio.

§3. Situação econômica e social da Alemanha durante a guerra.

No livro dedicado aos **Enseignements Psychologiques de la Guerre Européene**, eu mostrei a prosperidade crescente da Alemanha antes do desencadeamento do conflito e precisei suas causas.

Essa prosperidade era acima de tudo material. A Alemanha cobria o mundo com seus representantes e suas indústrias, mas ela não o invadia mais com seus pensamentos. A era dos grandes filósofos, dos literatos ilustres, dos artistas eminentes, estava fechada desde a conquista prussiana. A caserna e a escola haviam nivelado rapidamente as almas. O jugo dos regulamentos, útil aos espíritos medíocres, não favorece o desenvolvimento de cérebros poderosos.

A Alemanha estava ainda na fase em que o estatismo cria a prosperidade de um povo antes de produzir sua decadência. A guerra abalou essa prosperidade por muito tempo. Um país industrial e exportador não perde impunemente seus clientes. Porém, em 1913, as importações da Alemanha atingiam ao redor de 12 bilhões e suas exportações 11 bilhões.

Os recursos da Alemanha, durante a luta europeia eram constituídos por empréstimos e bônus do Tesouro. Graças às suas reservas no estrangeiro, ela está longe de estar inteiramente arruinada. Seu comércio lhe permitiu investimentos consideráveis que lhe foram muito úteis.

Eis como um jornal neutro expõe essa situação:

A carteira alemã em valores americanos é estimada em sete bilhões de marcos; em valores argentinos, a quatro bilhões; os outros títulos, ao redor de três bilhões de marcos. Em certos meios recomenda-se a criação de uma reserva nacional por meio desses valores, que, então, não seriam vendidos, mas garantiriam as compras e importações alemãs após a paz. 184 milhões de marcos em títulos romenos foram destinados à compra de 500.000 toneladas de trigo na Romênia.

No início da guerra, o comércio da Alemanha com os outros países foi perturbado, mas não suprimido.

O bloqueio da Inglaterra acabou, no entanto, por reduzi-lo a pouca coisa. De acordo com os últimos números publicados e que, naturalmente, não se pode garantir, o comércio com os Estados Unidos se restringiu progressivamente em 94%; com a Itália, em 96%; com o Brasil, em 98%. É inútil acrescentar que com a França, a Inglaterra e o Japão, ou seja, com seus mais importantes clientes, o comércio da Alemanha se tornou nulo.

Não se pode esquecer, para entender a importância de tais números, que a Alemanha vive sobretudo de suas exportações e não poderia, por esta razão, prolongar indefinidamente a luta. Poder-se-ia mesmo sustentar que a Inglaterra, apenas com a presença de seus couraçados impedindo os navios de entrar e sair da Alemanha, arrui-

naria a Alemanha no espaço de poucos anos, sem disparar um só tiro de canhão e a forçaria a pedir a paz.

A obrigação para os alemães de viver com seus próprios recursos teve, certamente, algumas vantagens para eles. Eles afirmam que os bilhões gastos com o material de guerra, ficando na Alemanha, o bloqueio constituiu numa economia. A afirmação é, evidentemente, pouco exata, mas não parece exagerado dizer que a privação de uma gama enorme de produtos necessários estimula muito as pesquisas dos especialistas alemães e os leva a criar indústrias novas. Foi assim, por exemplo, que eles conseguiram substituir oitocentas mil toneladas de adubos, vindos outrora da América, por nitratos fabricados com o nitrogênio do ar.

De acordo com vários teóricos alemães, um país em guerra deve poder viver por si só e a Alemanha quase realizou esta concepção. Isso faz lembrar que as nações viviam de importações durante a guerra e estão empobrecidas pela saída de seu ouro e porque essas importações produziram uma elevação nos preços do transporte, resultantes da insuficiência de navios e dos perigos aos quais se expunham por causa dos submarinos.

A indústria alemã, sobretudo aquela dedicada aos fornecimentos militares, prosperou grandemente durante a guerra. O chanceler do império alemão pôde dizer na tribuna do Reichstag: “Sem nossa indústria, teríamos há muito tempo perdido a guerra”.

Afirmação corretíssima. O elemento mais temível por nossos exércitos não foi o soldado, mas os produtos da indústria alemã: obuses e canhões.

O fato de que a precisão se tornou cada vez mais evidente a cada dia, cria um novo aspecto nas batalhas modernas. Os verdadeiros adversários são as indústrias que, do fundo de suas fábricas, forjam incansavelmente os explosivos e as peças de aço contra os quais os mais valentes corajosos permanecem impotentes.

Os industriais alemães que trabalham nos fornecimentos de guerra estão imensamente ricos. A fábrica Krupp pôde destinar vinte e cinco milhões, de seus lucros de um ano, para o socorro das famílias dos soldados. Seus ganhos em 1915 ultrapassaram, segundo o **Vorwaerts**, cem milhões. No estado atual da civilização, nenhuma indústria enriqueceu tão rapidamente quanto a fabricação de máquinas destinadas a matar ou estropiar as pessoas com rapidez.

Antes da guerra, a Alemanha, que se tornava cada vez mais uma nação industrial, não deixou de ser, no entanto, em parte um país de agricultura e de pecuária. Se ela tivesse, como a Inglaterra, substituído quase inteiramente seus campos de trigo por fábricas, uma fome completa, após o bloqueio, a teria impedido, absolutamente, de prolongar a guerra.

Graças à sua agricultura e à sua pecuária, a Alemanha pôde continuar a viver, simplesmente com um pouco de racionamento,

muito menor aliás do que o racionamento dos parisienses no fim da estação de 1871. Os cartões de alimentação, os dias sem carne e sem manteiga etc. provocaram alguns motins, mas dotados de uma extrema docilidade os alemães aceitaram as privações sem muitas queixas.

É preciso destacar também que, apesar do bloqueio, a Alemanha foi um pouco abastecida pelos neutros. Dinamarqueses, suecos, romenos etc. contribuíram para alimentá-la, apesar da vigilância da Inglaterra. Eles fizeram isso sobretudo no início da guerra, mas estatísticas americanas, estabelecidas aliás com um objetivo bem diferente, logo revelaram isso.

Soube-se assim, que as exportações da América para a Dinamarca, que em novembro de 1913 eram de 6 milhões de francos, se elevaram, em novembro de 1914, para 65 milhões. A exportação para a Noruega passou de 3 milhões para 80 milhões; para a Suécia, de 6 milhões para 37 milhões; para a Itália, de 37 milhões para 85 milhões. Como o consumo interno desses diversos países não poderia sofrer tais aumentos, era bem certo que as mercadorias só faziam atravessá-los e passar em seguida para a Alemanha.

Foi essa alimentação indireta da Alemanha que a Inglaterra conseguiu entravar por diversas medidas, mas sem conseguir impedir completamente.

O resultado final da intervenção dos neutros se traduziu, por um lado, na propagação das hostilidades e por outro, no considerável enriquecimento desses neutros. Nenhuma guerra de conquista, por mais feliz que tenha sido, lhes proporcionou tais riquezas.

Quanto mais a Europa esteja arruinada, mais os neutros viverão na abundância. A experiência lhes terá feito descobrir assim a justeza da proposição __ ainda tão nova para os povos e seus governos __ de que, no estado atual da civilização, o comércio pode enriquecer um povo, enquanto que as guerras o arruínam rapidamente.

CAPÍTULO V

As dissensões internas da Alemanha durante a guerra.

§1. Os elementos de discórdia na Alemanha.

Sumário

A unidade da Alemanha se manteve durante a guerra, mas, no entanto, alguns germes de discórdia nasceram nela que poderão se desenvolver mais tarde e que, por essa razão, devemos assinalar.

Eles representam apenas o início de um movimento capaz __ se continuarem __ de transformar o governo autocrático da Alemanha em governo democrático.

A unidade moral dos alemães não é perfeita, com efeito, apesar de sua submissão. Católicos, protestantes, socialistas, ruralistas etc.

permanecem profundamente divididos. Os egoísmos corporativistas, os apetites violentos são tão desenvolvidos quanto na França, mesmo que contidos pela dura mão do Estado.

As privações das massas trabalhadoras, as terríveis hecatombes da frente de batalha produziram profundos descontentamentos. Por mais maleável e disciplinada que seja a alma de um povo, sua resignação tem limites. Ela ainda será posta em duras provas quando, após a guerra, a nação se verá esmagada sob o peso dos impostos necessários para pagar os juros de uma dívida que ultrapassa 80 bilhões.

Hoje o povo ainda está dedicado a seu governo porque está convencido de que a Alemanha, atacada por inimigos invejosos que sonham com sua destruição, foi obrigada a se defender. Mas a luz se fará um dia e o que dirão então as massas alemãs de um empreendimento útil sem dúvida aos interesses de seu soberano e de algumas castas, mas tão funesto aos outros?

Os rigores da censura não impediram um pequeno número de escritores de traduzir às vezes as inquietações das massas germânicas. Eis, por exemplo, o que disse Harden, em seu jornal **Zukunft**, de 13 de maio de 1916:

> *Se a Alemanha quer absolutamente triunfar, ela deve estar resolvida a romper todas as relações com o resto do gênero humano e perseguir uma guerra sem piedade durante vá-*

rios anos. Se ela quer, pelo contrário, tomar a razão como guia, ela precisará se resignar com uma paz possível, sem as vorazes anexações reclamadas por vários escritores. Cobre-se o povo com glória e mentiras. A nação deve se defender contra aqueles que a enganam e a desonram. Os alemães perderão mais do que ganharão quando fizerem perecer __ pela guerra submarina __milhares de seres sem defesa: mulheres, crianças, velhos. O torpedeamento do Lusitânia foi um ato de demência. Se os alemães não retornarem à razão e à política, o imponderável fará pender a balança em favor de seus inimigos. A Alemanha continua convencida de que a paz que ela deseja sem demora é impedida pela Inglaterra. Ela reconheceu que a arma submarina é ineficaz, mas, no entanto, precisou triunfar sobre a Inglaterra em seguida, porque o conjunto das forças nacionais da Alemanha começa a ser abalado. O povo experimenta inquietações e angústias. Ele não está mais tão certo de que a responsabilidade inicial pela guerra cabe a seus inimigos e não a seu próprio governo. Ele não está mais tão certo de conseguir qualquer coisa das imensas matanças de homens feitas às suas custas.

Pareceria que a opinião popular alemã esteja em vias de se modificar um pouco. Um neutro, habitante da Alemanha, escreveu no **Journal de Genève**, na data de 18 de julho de 1916:

Se é verdade que a alta burguesia continua belicosa e conserva suas ambições, as classes populares caíram no mais morno abatimento. Literalmente elas são vítimas da fome. Eu me encontrei com várias pessoas que atravessaram a Alemanha nos últimos tempos. Todas dão a mesma notícia. No povo só há um grito: "Basta! A paz a qualquer preço!" Falta tudo, não apenas as alimentos, mas os calçados e as roupas. É preciso um cartão especial para comprar uma camisa. Falta o necessário, mesmo à administração militar, para equipar os novos recrutas. As vestimentas de lã faltarão para o inverno. Isso não quer dizer que o exército não terá até o fim, o necessário "treinamento", feito para lhe dar a disciplina automática. Mas, após a guerra, haverá sérios acertos de conta. Liechknecht e seus amigos têm uma imensa popularidade. Veremos bem isso quando houver eleição para o Reichstag.

§2. O socialismo na Alemanha durante a guerra.

O internacionalismo pregado pelos socialistas dos diversos países se afundou, na Alemanha __ como em outros lugares __ diante do patriotismo. Os teóricos compreenderam rapidamente que os interesses da nação a qual uma pessoa pertence são, para ela, mais importantes do que seus interesses profissionais. Essa verdade era ele-

mentar, certamente, mas só a guerra pôde provar experimentalmente a sua justeza.

No mesmo dia em que ela foi declarada, todas as quimeras pacifistas desapareceram. Muitos socialistas alemães notórios se alistaram espontaneamente sob as bandeiras. Em teoria eles eram cidadãos do mundo, mas sua alma sofreu o patriotismo inconsciente que seus discursos ignoravam.

O partido socialista, muito poderoso na Alemanha, pois representa quatro milhões de eleitores, está lá muito dividido atualmente. Ele se divide, basicamente, em três grupos, sendo que um apenas é revolucionário e os outros são governistas.

Dentre os deputados socialistas, vinte apenas votaram contra os créditos de guerra. De fato, os socialistas alemães sempre caminharam, mais ou menos, com o governo.

Foi muito excepcionalmente que eles proferiram violências como aquelas que se lê nas atas das sessões do Landtag da Prússia, de 22 e 23 de fevereiro de 1916. O deputado Stroebel nela disse:

> *A união sagrada só existe para o sufocamento de toda discussão. Após a guerra se desencadearão os conflitos políticos e sociais mais violentos que jamais se viu, mas desde já, a concórdia só subsiste pela mordaça. Os elementos democráticos da nação estão privados de seus direitos por uma política ferozmente reacionária. Interdita-se a palavra aos socialistas*

nas reuniões; eles são jogados nas prisões sem que ninguém saiba o porque; eles são enviados à frente de batalha como punição por suas opiniões políticas __ pessoas que os médicos reconheceram como inaptos. Quanto mais a guerra durar mais encarniçados serão os conflitos sociais que a seguirão; gastar-se-ão setenta bilhões e o acréscimo ao orçamento normal será de seis ou sete bilhões.

A cólera dos socialistas deve-se sobretudo às medidas de protecionismo agrícola destinadas a enriquecer a nobreza agrária. No Landtag da Prússia, em 7 de março de 1916, o deputado Hoffer disse o seguinte:

É preciso que o povo se levante contra essas tarifas protecionistas, enquanto ele ainda é obrigado a apertar o cinto. Os ruralistas se dão bem com a união sagrada e já começam a se mobilizar para reforçar as tarifas. Hoje vós fazeis elogios ao trabalhador, vos o chamais de heróis, vós lhes pregais ao peito a cruz de ferro... Credes que isso vos livra de vossas obrigações para com os trabalhadores? Os trabalhadores agrícolas são submetidos a leis de exceção desumanas. A guerra é o momento propício para por fim a essa política reacionária da Prússia. Pois, assim como há necessidade dos trabalhadores lá fora para se conseguir a vitória, é preciso que os trabalhadores façam uso de suas forças.

Num discurso do deputado Haase, pronunciado em 23 de março de 1916 e publicado pelo Worwaerts, o autor diz:

> *As coalizões que se formaram são muito poderosas para que, ao fim dessa luta horrível, possa haver vencedores e vencidos. Qualquer que seja o resultado da luta, um empobrecimento atinge a Europa. Diz-se aqui que os cidadãos devem se preparar para trabalhar quatro meses no ano unicamente para pagar os juros dos empréstimos de guerra e as pensões aos inválidos e às viúvas da guerra. Ontem, dizia-se que para o mesmo deveríamos trabalhar seis meses por ano...*
>
> *Que sentido isso tem para os partidários da guerra, ao persegui-la? Nós socialistas detestamos a guerra e queremos impedi-la. É evidente que se quiséssemos nos limitar a manter a independência do império já poderíamos ter a paz...*
>
> *Vós não podeis contestar que nos círculos capitalistas, por mais que eles se aproveitem da guerra, reconheceu-se que ela foi um falso cálculo. Dever-se-ia, portanto, pensar que apenas loucos furiosos ou pessoas sem consciência podem buscar a hegemonia mundial.*

Não se pode se iludir com o tom desses discursos, aliás, muito mal recebidos na Alemanha. São apenas germes, eu repito, do que se desenvolverá, talvez, um dia.

Para o momento, o socialismo alemão permanece, em grande maioria, um partido governista.

Ele continuará assim, sem dúvida, por muito tempo, pela excelente razão de que o estatismo germânico e o socialismo perseguem quase o mesmo objetivo: regulamentação estreita, sob a direção do Estado, de pessoas que trabalham em obras coletivas.

Suponhamos por um instante o triunfo do socialismo na Alemanha. Nada seria mudado lá. Se muito, as empresas coletivas, já tão numerosas lá, seriam um pouco mais difundidas. Se os salários dos trabalhadores fossem aumentados eles o seriam apenas bem ligeiramente. Aumentar os salários acarretaria, com efeito, num aumento dos preços de venda e, por consequência, tornaria mais difícil o comércio exterior da Alemanha.

Não se pode esquecer, eu já recordei isso, que existe uma estreita analogia entre nosso socialismo coletivista e o estatismo alemão.

Nós destacamos os traços principais desse estatismo e constatamos que, ao estar perfeitamente adaptado à mentalidade do povo alemão, ele fez sua força. Criador da igualdade mental, ele rebaixará, necessariamente um dia, todos os cidadãos ao mesmo nível de mediocridade. É um regime excelente, talvez, para uma nação militarista, mas que a Inglaterra e a América não aceitarão jamais, pois para isso seria preciso um retorno a fases inferiores da civilização.

Numerosos foram, na história, os governos que pretenderam pensar para seus povos. Eles só conseguiram isso aniquilando o pensamento e tornando as pessoas incapazes de se conduzir. Um ministro inglês, o Sr. Herbert Samuel, mostrou isso muito bem, nas seguintes linhas:

> *Eu não digo que os governos sejam sempre funestos para os povos, mas infeliz é a nação que permite ao governo regular dia a dia, da juventude à velhice, suas ideias e seu desenvolvimento intelectual.*
>
> *É glória da França e da Inglaterra deixarem o caminho livre, não apenas aos talentos, mas também às ideias. Quanto aos alemães, já que não conseguimos convencê-los da moralidade e do valor das ideias liberais e pacíficas das nações do Oeste, é preciso combatê-los e é isso que estamos prestes a fazê-lo.*

CAPÍTULO VI

O sonho de hegemonia alemã, antes e durante a guerra.

§1. O sonho de hegemonia antes da guerra.

Sumário

Ter-se-ia grandes ilusões sobre a duração possível da luta com a Alemanha ao supor que a paz terminará o conflito de uma maneira definitiva.

Vencer a Alemanha não é vencer suas ideias. Porém, uma paz durável só se tornará possível __ eu repito mais uma vez __ quando o sonho de hegemonia alemã for aniquilado para sempre.

Basta ler as discussões dos jornais da Alemanha durante a guerra, sobre seus projetos de extensão no Oriente e no Ocidente, para ser convencido de que uma paz, por mais vitoriosa que se suponha, não poderia destruir a orgulhosa quimera germânica.

Ela assumiu a forma religiosa de uma crença religiosa tão forte que ela tem como defensores não apenas uma massa cega, mas ainda economistas, professores, cientistas, enfim, toda a elite intelectual da Alemanha.

Sem dúvida, a Prússia de outrora já sonhava em crescer e, desde 1815, ela reclamava os territórios que reclamam seus políticos atuais como condição de paz.

Mas, naquela época distante, tratava-se simplesmente de aspirações dinásticas que não despertava o interesse do povo.

A ideia de hegemonia, contra a qual o mundo luta hoje em dia, tem uma origem mais moderna. Ela não remonta nem mesmo à fundação do Império alemão, há cinquenta anos. Bismarck não era pangermanista. Suas origens datam do dia em que a indústria e o comér-

cio d'além-Reno tomaram uma extensão crescente e fizeram nascer a ideia de aumentar a Alemanha fundando colônias.

Bismarck era contrário a essa concepção. Para ele, agrupamentos alemães nos países estrangeiros valiam mais do que colônias.

Seus sucessores acabaram por pensar diferentemente. Uma visão __ aliás bem imprecisa __lhes fazia crer que as possessões longínquas podiam constituir úteis mercados comerciais. Eu mostrei, em **Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne,** que nenhuma colônia seria para a Alemanha um mercado comercial tão proveitoso quanto eram os grandes países europeus.

Apesar do insucesso das primeiras tentativas coloniais, a ideia de colonização se difundiu rapidamente.

O governo a adotou, as sociedades de propaganda a difundiram e, por volta de 1907, ou seja, precisamente na época em que a indústria alemã havia atingido um grande impulso, ela tinha se tornado popular.

Mas, em todos os caminhos da colonização a Alemanha encontrava um concorrente todo poderoso: a Inglaterra. Foi assim que nasceu e se propagou a ideia de combatê-la.

Convencida dessa futura necessidade, a Alemanha fez crescer seu exército e sua frota.

Considerando-se a primeira das nações __ por sua indústria e seu armamento __ ela vislumbrou a possibilidade de impor sua he-

gemonia ao mundo. Porque a Alemanha não obteria, por sua vez __ como outrora os romanos e um pouco, em nossos dias, os ingleses __ a tutela econômica do mundo? Parecia-lhe muito realizável principalmente a formação de um grande Império do Oriente, que compreenderia os Estados balcânicos, a Turquia e todas as regiões ao redor do Golfo Pérsico.

Apenas a Inglaterra parecia poder se opor a tais ambições e provavelmente seria necessário combatê-la. A luta __ pensavam os germânicos __ seria muito fácil, pois a Rússia semibárbara não contava e a França, tendo perdido sua antiga influência, parecia ter renunciado a seu posto de potência mundial.

Se, aliás, esta última interviesse, aproveitar-se-ia para tomar-lhe as colônias, que ela não sabia explorar e isso seria justo, pois __ segundo os teóricos alemães __ cada povo só deve ter uma extensão de colônias proporcional às suas necessidades econômicas e à sua população.

Em razão destes princípios, os países pequenos __ Bélgica, Holanda, Portugal __ seriam espoliados de suas colônias e colocados sob tutela.

Já mostramos que os filósofos alemães sempre souberam descobrir teorias para justificar as sucessivas ambições de seu governo. Utilizando as concepções de Darwin, um pouco ultrapassadas hoje em dia, eles afirmaram que a concorrência vital e a seleção regem o

mundo animal e dominam também a vida dos povos. As espécies animais que se sucederam na superfície do globo desapareceram para dar lugar a espécies superiores. Também os povos atravessariam, um a um, a cena do mundo, trazendo a ele uma nova aquisição e, terminado seu papel, desapareceriam diante de um povo superior.

Naturalmente que os alemães representam agora esse povo superior, destinado a dominar o mundo. Sendo os mais fortes, só eles têm o direito de sobreviver. Os fracos dever ser postos a seu serviço ou aniquilados. Não há razão para poupá-los.

Já se disse, com muita justiça, que essa filosofia simplista da história, repousando sobre princípios biológicos muito abalados hoje em dia e aplicáveis apenas ao mundo animal, eram "o verniz intelectual dado aos apetites do povo" ou, pelo menos, de um grupo de povos com origens diversas, momentaneamente unificados pelas ambições do império alemão.

A história é, na realidade, muito mais complexa. Ela nos mostra que, desde a queda do império romano, nenhum povo conseguiu escravizar definitivamente os outros. Nações muito pequenas __ a Holanda, por exemplo __ souberam perfeitamente prosperar. A fraqueza militar de um povo não é para ele causa de ruína, pois ele sempre consegue criar alianças. Cada vez que um soberano tenta impor sua hegemonia __ como Luís XIV e Napoleão __ ele vê se voltar contra ele todas as outras nações.

Romper em seu benefício o equilíbrio das nações __ como a Alemanha tenta hoje em dia __ é um sonho místico irrealizável, mais propício __ como outrora o islamismo __ para convulsionar o mundo.

A quimera alemã é temível porque ela não representa um simples plano de governo __ como teria podido conceber Richelieu ou Bismarck __ mas a ambição nacional de todo um povo, apoiado sobre um formidável exército e uma frota não menos formidável.

As explicações precedentes mostram o que era a ideia de hegemonia antes da guerra europeia. As citações que se seguirão explicarão como ela foi aprimorada ao longo do conflito e se tornou um dogma.

§2. O sonho de hegemonia durante a guerra.

A guerra só fez afirmar as esperanças de dominação universal alemãs, que tinham ficado um pouco vagas nos livros de seus historiadores e de seus filósofos.

Seus projetos de expansão se manifestaram no início das hostilidades e em toda sua duração.

Sabe-se __ e não se poderá jamais se esquecer disso __ que logo nos primeiros meses da guerra, as seis grandes associações industriais da Alemanha apresentaram ao chanceler um documento sobre as condições da paz a impor aos derrotados.

A costa francesa até Somme deveria ser anexada, de maneira a guardar, para a Alemanha, Dunquerque, Calais, Boulogne, Lille, Douai, Valenciennes, Toul, Verdu, Belfort e, por consequência, todas as nossas minas de ferro e de carvão. A Rússia se veria espoliada de suas regiões agrícolas.

Essas conquistas seriam acompanhadas da expropriação e da expulsão dos grandes proprietários, substituídos por súditos germânicos. Tal seria a sorte preparada para a França por uma vitória alemã.

Tais ambições, embora muito vastas, pareciam no entanto insuficientes para alguns. O ingênuo Rohrbach, pangermanista estimado, assegurava já em outubro de 1914, que o Oriente, a China e a África deveriam igualmente ser submetidos à influência alemã.

Eis, a este respeito, alguns extratos de jornais alemães, escolhidos dentre muitos outros:

> *É preciso antes de tudo se preocupar com a política mundial, com aquela que, apoiada numa superioridade militar esmagadora, deve dar ao Império expandido uma situação sem par e assegurar em toda parte, aos produtos alemães, mercados vantajosos. Eis a verdadeira política do futuro para a Alemanha, a única capaz de fazê-la triunfar nas lutas econômicas encarniçadas que terão lugar após a guerra.*
>
> *(**Tagzeitung**, 29/05/1916)*

É preciso que a Alemanha assegure para si uma situação que lhe permita espalhar por toda parte sua força econômica. A Alemanha do futuro não deve se contentar com o papel de potência diretora no continente europeu. Ela deve, unida à Áustria, tornar-se uma potência mundial.

*(**Grenzboten**, 24/05/1916)*

Hagen diz que é tempo do povo alemão tomar consciência de seu incomparável valor e de sua missão sem limites. A Entente[14]*, por sua extensão geográfica e sua população, ultrapassou tanto as potências centrais que o triunfo destas demonstra nela uma imensa superioridade moral e cultural.*

(Das Grössere Deutschland, 27/06/1916)

Quanto à Bélgica, os planos propostos variaram entre a anexação definitiva e um tipo de protetorado. O programa mais geral é aquele que formulou a revista **Das Grössere Deutschland** (03/07/1916): desmembramento da Bélgica; incorporação dos flamengos ao germanismo, com uma independência relativa; expulsão dos valões e colonização alemã de seu solo.

Reventlow, na **Deutsche Tageszeitung**, de 28/01/1916, escreve a este respeito:

[14] Aliança entre Inglaterra, França e Rússia. (Nota do tradutor)

A Bélgica independente seria um instrumento nas mãos da França e da Inglaterra. É uma imbecilidade falar de "conquistas morais" e achar que se poderá conquistar a boa vontade dos belgas. Os valões, pelo menos, são irredutíveis: um Estado belga seria, em qualquer tempo e sob todas as relações, um centro de ódio e de intriga contra o império alemão.

A ideia de expulsar os valões da Bélgica foi objeto de uma brochura especial publicada sob a assinatura do Conde Hoensbroeck. É o mesmo procedimento proposto para a Alsácia e, nós já dissemos acima, para os proprietários do norte da França.

Num livro intitulado **La Réorganisation de l'Europe**, o Dr. Aritler assegura que a Alemanha deve se apoderar do norte da França até à embocadura do Somme, anexar a Bélgica, o Vêneto, a Turquia da Ásia, a Pérsia, o Congo etc. Prevendo algumas dificuldades para a conquista de tão vastos territórios, o publicista berlinense declara necessário continuar a guerra mundial durante uma dezena de anos.

Essas pretensões não devem ser consideradas como devaneios isolados de escritores sem autoridade. O ex-chanceler da Alemanha, o príncipe de Bülow, reeditou em maio de 1916 um trabalho intitulado L'Allemagne **sous Guillaume II** e acrescentou nele um novo prefácio onde pedia as anexações como condição para a paz. Dizia:

"Devemos ter garantias para nosso futuro, garantias reais e indenizações para os custos e sofrimentos que suportamos".

Os alemães, sempre que falam de paz, nem sempre mostraram a mesma franqueza. É bom para os aliados não ignorarem suas verdadeiras intenções.

Hoje em dia toda a juventude das universidades tem por ideal um grande império mundial governado pelos alemães. Os povos pequenos __ Bélgica, Holanda, Polônia etc. __ devem ser os primeiros a ser germanizados.

Entende-se a antipatia que tais projetos inspiraram na Europa. Entende-se menos o espanto demonstrado pelos alemães ao constatá-la. Eis o que escreveu um de seus jornais:

> *Em Verdun nós lutamos não apenas contra a França, mas contra a indústria, contra a riqueza e contra o ódio da metade do mundo. Porque nos odeiam? Porque não somos como os outros. Mas o que somos é para nós o verdadeiro e o justo e sem o que não podemos viver. Nós lutamos aqui por nossa fé, por nosso ser íntimo, por nossa alma alemã.*
>
> *(**Norddeutsche**, 15/07/1916)*

Nenhuma conciliação é possível, evidentemente.

CAPÍTULO VII

Os projetos de formação de um império central. Situação dos povos submetidos à dominação alemã.

§1. A Europa central e os projetos de crescimento no Oriente.

Sumário

Sonhando com anexações variadas, os governos alemães acabaram por pressentir que elas não seriam talvez fáceis de realizar. Eles pensaram então na fundação de um grande império central e oriental que, sem anexações reais, tornaria a Alemanha comercialmente independente dos outros povos.

Esse novo império compreenderia a Sérvia conquistada, a Turquia e a Bulgária em vassalagem, a Áustria em tutela, a Ásia Menor à conquistar. Todos esses países estariam ligados por estrada de ferro de Antuérpia e de Hamburgo ao Golfo Pérsico e só seria preciso então, com a paz assinada, explorá-los. Duas vezes por semana já corre "o expresso dos Bálcãs", que vai de Antuérpia até Constantinopla. Início de um grande sonho.

A absorção econômica pela Alemanha da Áustria, da Turquia, dos países balcânicos e de outras regiões, não podendo ser considerada como uma conquista, não constituiria uma dominação política propriamente dita, mas uma associação de Estados sob a direção

alemã. Seria um bloco que um muro aduaneiro protegeria contra os outros povos.

Tal associação de Estados sob o controle germânico implicaria, para cada um deles, na abdicação de suas liberdades políticas e econômicas. A Alemanha dirigiria, na realidade, seus destinos.

Os escritores alemães dedicaram numerosas páginas a discutir as vantagens desse novo império, designado por eles com o nome de *Mittel Europa*. Naumann publicou um volume com este título, em que declara que a fundação de um império central representa o principal objetivo da guerra.

A federação germano-austro-turco-búlgara, a qual deveriam ser anexadas um dia a Romênia e a Grécia, sem falar da Suíça e da Holanda, constitui uma forma nova das ambições germânicas.

Os alemães encontrariam nos países assim agregados produtos de alimentação e matérias primas e neles escoariam sem concorrência suas mercadorias.

Uma ilusão, imediatamente revelada pela estatística, reside na base dessa concepção. Pode ser lisonjeiro dominar Constantinopla, unir os agricultores búlgaros, turcos e austríacos, mas os números mostram o fraco comércio que a Alemanha mantinha outrora com os países que gostaria de unir, comparativamente ao que ela realizava com a França, a Inglaterra, a Rússia e o resto do mundo.

Formar uma união aduaneira com alguns países aos quais seriam reservados tratamentos privilegiados, é naturalmente se fechar ao comércio com as outras nações. A Alemanha abriria então mercados pouco vantajosos e perderia outros bem mais frutíferos. O imperialismo econômico não seria sem dúvida mais feliz para os alemães do que seu imperialismo político. É duvidoso, aliás, que os comerciantes germânicos consintam em perder seus antigos mercados para substituí-los por um comércio fraco e incerto.

Os raros economistas alemães que não se iludiram com as quimeras não mantêm ilusões sobre os benefícios comerciais da Europa central. Eis o que escreveu o Dr. Jastrow, professor na Universidade de Berlim:

> *Os Estados do centro não podem se sustentar nem renunciar ao comércio de dez bilhões que faziam com as potências da Entente. Estas, por outro lado, não podem passar sem a Alemanha, um de seus melhores clientes. Isso não pode ser alvo de ódios após a guerra. Haverá uma necessidade tal de matérias primas e máquinas que não se hesitará em comprá-las onde quer que elas se encontrem.*

Uma outra revista, **Preussiche Jarbücher**, de fevereiro de 1916, também não mantêm muitas esperanças na formação desse império central, cercado por todos os lados e escreveu:

A exportação não é apenas necessária para fazer viver a indústria nacional; ela serve também para pagar as matérias primas e os meios de existência que a Alemanha é forçada a buscar no exterior. Àqueles que repetem que a Alemanha pode e deve ser autossuficiente é preciso responder que é uma quimera acreditar que, por muito tempo, a Alemanha poderá passar sem o exterior. Muitos alemães alimentam grandes esperanças num entendimento econômico com a Áustria-Hungria, o Oriente e a Turquia. Sem dúvida que, com tempo e paciência, se conseguirá muito, particularmente com a melhoria econômica da Ásia Menor; mas esses resultados estão ainda distantes. Ao esperar, a Alemanha fica reduzida ao seu poderio continental e continuaria a mercê de uma coalizão europeia.

§2. A vida nos países submetidos ao domínio alemão.

Os povos que, imitando os turcos, estivessem tentados a aceitar a hegemonia alemã, fariam bem em estudar primeiro o que é a existência das nações estrangeiras submetidas à dominação germânica. Eles já podem ter uma ideia disso pela história da Alsácia e da Polônia prussiana, de antes da guerra.

Incidentes como aqueles da Saverne constituem um surpreendente exemplo do despotismo militar sofrido pelos infelizes alsacianos. As expropriações múltiplas na Polônia prussiana e perseguições

variadas já tinham revelado a aplicação do mesmo regime num outro país, no entanto bem pacífico e submisso ao domínio prussiano há várias gerações. O sistema de organização que tanto orgulha os alemães mostrou o que produz nos povos cuja alma não era hereditariamente servil.

A esses exemplos, anteriores ao conflito europeu, se juntam aqueles observados durante seu curso, mesmo nas regiões que __ como a Bélgica e a Polônia __ a Alemanha pretendia anexar definitivamente ao império.

À pilhagem e aos massacres dos primeiros dias sucedeu o regime muito mais produtivo das requisições. Em 1915, os alemães extraiam mensalmente, por via de requisições, 50 milhões da Bélgica.

Para a Alsácia, a dominação prussiana sempre foi tão opressiva que a população jamais se resignou em aceitá-la. Diante dessa evidência, vários escritores desenvolveram a ideia de expulsar completamente da Alsácia, depois das hostilidades, os proprietários do solo e distribuir suas terras para veteranos de guerra.

Escreveu o **Post**:

> *A colonização feita na Alsácia por ex-combatentes favoreceria ao mesmo tempo dois objetivos que se propõe: assegurar a eles uma existência agrícola e servir à causa nacional.*

Na Polônia recentemente conquistada, os alemães, explorando o país a ponto de reduzir os habitantes à fome e exportando os trabalhadores para fazê-los trabalhar em suas minas à chicotadas, trataram de conciliar algumas simpatias entre os intelectuais, com favores que não custaram nada. Os russos, psicólogos muito medíocres no tempo de sua dominação, não tiveram suficiente senso político para conceder esses favores; como por exemplo, a faculdade de ensinar em polonês nas escolas e nas universidades.

Pode-se avaliar o valor e a duração do liberalismo germânico constatando que, na Polônia prussiana, o uso do polonês estava interditado às crianças, sob pena de chicote e que uma lei permitia se apoderar das propriedades cobiçadas pelos alemães.

O ex-chanceler, o Príncipe de Bülow, reprovava aliás os poloneses por sua tendência a "pulular como coelhos".

Todos os países submetidos à Alemanha durante a guerra sofreram o mais pavoroso regime. Uma conferência lituana, que aconteceu de 31 de maio a 4 de junho de 1916, para estudar a situação da Lituânia e discutir os meios de socorrer os povos subjugados, publicou as seguintes resoluções:

Considerando que os dados que possuímos já mostram, sem deixar dúvida, que as autoridades alemãs:

Perseguem impiedosamente os habitantes das regiões invadidas e devastam completamente o país;

Apoderam-se de todos os bens e destroem as riquezas naturais, arrasando as florestas;

Requisitam os recursos supremos da população e a esmaga com impostos muito pesados para suas forças, permitindo, além disso, que os funcionários persigam de maneira arbitrária, segundo sua vontade;

Esmagam essa população com o peso de trabalhos obrigatórios que restabelecem o regime de servos (forçando os habitantes a trabalhar dois dias por semana);

Desmoralizam o país sistematicamente, constrangendo os habitantes a criar casas de prostituição, mesmo nas cidadezinhas, mesmo nos vilarejos onde tais estabelecimentos jamais existiram;

Esforçam-se por todos os meios possíveis para impedir o desenvolvimento de toda civilização lituana e interditam toda publicação em língua lituana;

A Conferência, tendo tomado conhecimento de todos os relatórios que mostram esses fatos de maneira indiscutível, protesta contra as perseguições alemãs e faz apelo ao mundo civilizado solicitando-lhe intervenção em nome dos princípios humanitários, em favor do povo lituano.

O "Voe victis!"[15], de Breno[16], exato à aurora das civilizações, permanecerá sempre.

Cabe aos povos a tarefa de adquirir a energia necessária para não serem derrotados. Eles só podem, no estado atual do mundo, contar consigo mesmos e suas alianças.

O exemplo dos países que foram dominados pelos alemães antes e durante a guerra mostra o quanto pesa "a organização" estatista que tanto orgulha os germânicos, mas que o resto do mundo repele com horror.

CAPÍTULO VIII

A Áustria durante a guerra.

§1. As dificuldades políticas interiores da Áustria durante a guerra.

Sumário

A evolução mental da Áustria durante a guerra seria de um estudo não muito fácil. Este país permaneceu, com efeito, o mais fechado da Europa, aquele em que os jornais se mostraram os menos pródigos em informações.

[15] Ai dos vencidos! (Nota do tradutor)
[16] Chefe gaulês que saqueou Roma no século IV A.C. (Nota do tradutor)

Se, aliás, pode-se descrever com precisão a mentalidade alemã, falar da mentalidade austríaca constituiria um contrassenso. Os diversos povos __ húngaros, tchecos, poloneses etc. __ cuja união forma o império não têm nada em comum; nem os interesses, nem as ideias, nem a língua.

Abolindo as fronteiras materiais, a conquista não poderia destruir as barreiras morais. A Áustria permaneceu por isso o mais artificial dos impérios.

Para manter unidos durante a guerra povos tão diferentes foi preciso recorrer a sangrentas repressões. No espaço de poucos meses, disse Liebknecht no Parlamento prussiano:

> *Infligiu-se na Áustria centenas e centenas de anos de prisão e inumeráveis condenações à morte foram pronunciadas. Foi assim que um de meus amigos foi condenado à morte por ter escrito uma poesia. Um de meus colegas foi fuzilado no campo por ter pronunciado um discurso contra o Estado.*

Apesar da mais rigorosa censura, as dissensões políticas não pararam de acontecer na Áustria durante a guerra. Eis, por exemplo, a descrição de uma sessão no parlamento húngaro:

> *Uma barulheira infernal, uma tempestade, um delírio furioso foi desencadeado, ensurdecendo os ouvintes que não podiam ouvir mais nada. Injúrias que jamais ressoaram em ne-*

nhum parlamento voaram rumo ao presidente do conselho... Nenhum apelo à ordem pôde moderar essa raiva. Os insultos eram proferidos por bocas deformadas pela fúria e acompanhados de gestos que teriam feito acreditar que os deputados se batiam com algum adversário imaginário...

(Neue Wiener Tageblatt, 05/09/1916)

Os tumultos na Áustria foram aumentados por medidas de uma ferocidade diante da qual até mesmo a Alemanha havia recuado. Como os processos que condenaram à forca vários deputados tchecos e particularmente o Dr. Kramarz, ex-vice-presidente do Reichsrath em Viena e muito conhecido por sua moderação. O objetivo principal dessas execuções em massa era aterrorizar as populações tentadas a se revoltar; os tchecos entre outros.

Se a Áustria deu prova da mais impiedosa dureza com relação a seus próprios súditos, pode-se adivinhar de que maneira ela tratou seus inimigos. Eu já relatei sinistros exemplos em meu último livro, segundo testemunhas.

Os generais se mostraram tão ferozes quanto os soldados. Foi preciso evidentemente uma mentalidade de bárbaro para ousar assinar a proclamação lançada por um general comandante austríaco em Montenegro, onde se lia:

Se o general Vechovitch e seus dois irmãos não se apresentarem voluntariamente, em cinco dias, à autoridade militar

imperial e real, "seu pai e seu quarto irmão, que estão conosco, serão pendurados".

E eles foram pendurados, com efeito. Até o presente, só mesmo selvagens muito primitivos teriam tido a ideia de pendurar um pai, porque se tinha queixa do filho. A guerra leva realmente alguns povos às mais baixas regressões da história.

§2. A vida na Áustria durante a guerra.

Durante a luta europeia a Áustria, como outros países, viveu de empréstimos. Os víveres foram racionados, como na Alemanha. O papel-moeda perdeu até 40% de seu valor.

Se a Áustria e a Hungria não saem totalmente arruinadas desta guerra é porque elas são países agrícolas, em que 60% de seus habitantes se ocupam com os trabalhos nos campos. A miséria nelas teria sido, aliás, menor se a Alemanha, no início das hostilidades não tivesse se abastecido nelas abundantemente com forragens, cereais e animais. A monarquia austríaca, que acreditava que a guerra seria muito curta, se deixou espoliar e só reconheceu muito tarde seu erro. Um contrabando metódico continuou, de resto, a esvaziar os celeiros da Áustria em proveito da Alemanha, a medida que os romenos os reabasteciam.

A Áustria apresentou durante a guerra um contraste impressionante na mentalidade das diversas camadas de sua população, de

acordo com as perturbações produzidas pelos acontecimentos. Enquanto as classes inferiores sofriam uma completa ruína, os grandes proprietários, os metalúrgicos, os fabricantes de açúcar, os banqueiros, se enriqueciam imensamente.

É difícil prever as repercussões dessa situação. Escreveu um correspondente da **Revue de Paris**:

> *Dentre os 50 milhões de habitantes da Áustria-Hungria, a metade pelo menos faz votos por sua derrota e quatro quintos veem como um grande perigo e uma temível ameaça sua vitória e principalmente a de seu ávido e imperioso aliado. É bem crível que a Alemanha, longe de fazer algo para diminuir os embaraços de seu aliado, se aplicará em fazê-los crescer ainda mais e que a fome e o esgotamento financeiro da Áustria-Hungria desempenham seu papel em suas grandes combinações. Sem dinheiro e sem pão, como a monarquia sustentará a fraca resistência que ela ainda contrapõe à sua absorção pela Grande Germânia?*

§3. Os projetos da Alemanha para a Áustria.

Vencida pela Prússia em Sadowa, a Áustria progressivamente se tornou vassala do Império alemão. Ela foi sua aliada durante a guerra, mas uma aliada bem subalternizada e que, do conflito atual, só poderá retirar, como tudo leva a crer, uma sujeição mais comple-

ta. Seu único meio de evitar a desagregação após a paz será gravitar estreitamente na órbita alemã.

A Alemanha não dissimula seus projetos de tutela com relação à Áustria. Os escritores germânicos mostraram isso com algum cinismo.

Pode-se avaliar isso pelos artigos onde são expostas as vantagens que retiraria a Áustria ao se deixar dirigir __ por causa das inferioridades políticas e econômicas que se lhe atribui __ segundo as vontades da Alemanha. Não podendo insistir neste assunto, eu me limitarei a reproduzir aqui um resumo, retirado de uma publicação especial, de diversos artigos; particularmente o de Hotzsche. Tentou-se primeiro, mas sem muito insistir, lisonjear a Áustria:

> *Esta guerra manifesta o triunfo, na monarquia dualista, da força unificadora do Estado sobre a força dissolvente das nacionalidades. O Estado sente hoje que pode pairar sobre as nações e as nações sabem que o Estado é seu abrigo supremo e certo. Na tormenta os indivíduos tomam consciência de sua solidariedade no e com o Estado... a pequena pátria, a nação, continuarão caras a eles mas terão se tornado estreitas para eles; a guerra lhes revelou a necessidade de união com um grande corpo político... o sentido político se revela... o poder central surge __ apesar das deficiências __ engrandecido pela prova.*

A situação da Áustria é muito difícil, pois ela oscilará sempre entre o medo de ser absorvida pela Alemanha, se aceitar sua ajuda, ou desaparecer, se recusar seu apoio. Que ela se apoie na Alemanha ou que se apoie na Rússia, a Áustria sempre será obrigada a se apoiar em algum lugar.

Mas, apoiar-se na Alemanha é aceitar os métodos que fizeram a força desta e, por consequência, colocar-se sob sua direção é aceitar o controle, por parte dos alemães, das finanças, indústria e agricultura da Áustria, que estão num estado pouco próspero. Ela não poderá fazer outra coisa se quiser entrar na era das grandes empresas economistas e capitalistas.

§4. A opinião na Áustria sobre a formação do Império central.

Os projetos de anexação econômica da Áustria-Hungria, dos Estados balcânicos e da Turquia, pela Alemanha, que já mencionei acima, tiveram, a princípio, uma acolhida favorável na Áustria, principalmente no mundo industrial e comercial. Mas a reflexão chegou, os inconvenientes apareceram e uma oposição séria acabou por se formar, principalmente na Hungria.

Sem dúvida que os húngaros ficariam muito satisfeitos em abrir para seus produtos agrícolas os mercados da Alemanha, mas a

concorrência industrial desta última os inquieta e eles não parecem, de maneira alguma, dispostos a se deixar absorver num bloco qualquer. Apponyi declarou na Câmara que era preciso atingir em todos os domínios "a autonomia completa da nação húngara". O Conde Tisza reclama a mesma autonomia.

O Conde Andrassy __ germanófilo, portanto __ afirmou que os húngaros não querem "ser apenas a tradução magiar de um livro alemão; eles querem ser uma obra original". Um grande número de húngaros se mostra hostil à união aduaneira, porque sua indústria, pouco desenvolvida, seria rapidamente esmagada sob a concorrência alemã.

Os ruralistas húngaros e austríacos querem vender seus produtos, mas eles começam a perceber que "a Áustria é, para a Alemanha, apenas um vasto território colonial".

Os interesses das diversas partes do império, ou mesmo de suas diversas camadas sociais, são, aliás, muito diferentes. Os grandes proprietários magiares, produzindo trigo em excesso, querem naturalmente escoá-lo, enquanto que os agricultores não produzem. Na Turquia, na Romênia e na Bulgária, os industriais austríacos não encontram, de maneira alguma, a concorrência dos alemães como na Áustria, apesar de sua muralha aduaneira muito elevada e eles já dificilmente suportam. A supressão dessas barreiras aduaneiras seria a ruína para a indústria austríaca, muito menos bem equipada do que

a indústria alemã. Dificuldades quase insolúveis provocará a fundação da Mittel Europa.

É à Alemanha principalmente __ percebe-se facilmente isso __ que interessa este projeto. Seus associados a seguem sem entusiasmo, mas por necessidade. Para a Alemanha apenas, com efeito, essa confederação seria vantajosa.

Ela representaria principalmente um bloco econômico destinado a sustentar as lutas futuras no terreno industrial e comercial. Já se prevê que, após a guerra, os mercados d'além-mar podem se fechar às potências centrais, por uma imensa união protecionista do império britânico com suas colônias. Sabe-se também que o comércio alemão será difícil nos países latinos, eslavos e anglo-saxões.

Um acordo econômico entre a Alemanha e a Áustria parece, hoje em dia, aos alemães, o único meio de rivalizar com as potências da Entente. Eles encontrarão na Áustria e no Oriente compensações para os mercados perdidos na Europa. Sem dúvida que a Áustria absorveria apenas um décimo das exportações alemãs, mas, ao lhe ser imposta a organização germânica, espera-se um acréscimo em sua capacidade de absorção.

Para permitir aos industriais austríacos e principalmente húngaros não serem esmagados pela concorrência alemã e tornar menos amarga a pílula da hegemonia germânica, vários economistas ale-

mães propuseram permitir à Áustria o estabelecimento provisório de barreiras aduaneiras entre ela e seus aliados.

Diversos congressos já aconteceram para resolver o problema da fundação da Europa central, mas sem poder chegar a nenhuma conclusão aceita por todos os futuros associados do futuro grande império.

No congresso organizado em Munique, em 4 e 5 de junho de 1916, pelas principais associações econômicas germano-austro-húngaras, onde foram estudadas as questões econômicas do pós-guerra, a constituição da *Europa central* foi longamente discutida. Aos problemas postos, cada um respondeu com soluções de acordo com seus interesses. Porém, esses interesses eram tão visivelmente contraditórios que nenhuma proposição pôde ser adotada.

Neste congresso foram emitidas, pelo menos, verdades econômicas precisas; como, por exemplo, aquela formulada por Stolrer, contra o protecionismo: "pequenos mercados e ganhos elevados provocam fraco consumo, produção custosa e pequenos mercados. Não se sai deste círculo vicioso".

O acordo econômico do bloco Europa central, destinado a combater os aliados após a guerra, em outros territórios, chocam-se, entre seus próprios partidários, com a resistência de interesses absolutamente inconciliáveis.

Na fase de evolução em que o mundo entrou, os projetos dos povos e dos reis são condicionados por leis econômicas superiores a todas as vontades.

LIVRO IV

Mudanças de mentalidades determinadas pela guerra em diversos países.

CAPÍTULO I

A evolução mental da Inglaterra.

§1. Importância dos documentos psicológicos fornecidos pela evolução da mentalidade inglesa durante a guerra.

Sumário

A história da evolução mental da Inglaterra, desde o início da guerra, apresenta, sob o ponto de vista da documentação psicológica, um interesse de primeira ordem. Vê-se, a princípio, com que dificuldade evoluem os povos estabilizados por um longo passado e a força desse patrimônio ancestral que se chama a alma de um povo. A Inglaterra, para vencer as ameaças subitamente surgidas contra sua existência nacional, teve que lutar penosamente contra a força de seus mortos e se desligar, sem transição, dos velhos alicerces que há séculos mantiveram sua estabilidade. A história de sua evolução esclarece igualmente os papéis respectivos da necessidade, das individualidades e das coletividades.

Muitos outros ensinamentos decorrem disso e, particularmente, a utilidade de se conhecer a alma de um povo quando se quer pressentir seu comportamento numa circunstância determinada. Se os diplomatas alemães tivessem compreendido a alma inglesa eles teriam facilmente evitado ter a Grã Bretanha como inimiga e a saída desta guerra teria sido provavelmente bem diferente para eles. Acreditando ser preponderante a influência dos interesses materiais no comportamento, convencidos de que a Inglaterra estava mal preparada e ameaçada por uma guerra civil na Irlanda, eles imaginaram que ela evitaria a qualquer preço o conflito. Uma psicologia mais penetrante lhes teria mostrado que, na balança onde se pesam os motivadores das ações dos povos, alguns fatores afetivos e místicos importam muito mais do que os interesses materiais.

§2. Diferenças que separam a alma inglesa da alma alemã.

Alguns antropólogos procuraram estabelecer um parentesco entre os ingleses e os alemães. Mesmo admitindo que __ o que é bem duvidoso __ esses povos tiveram uma origem comum, seria difícil citar duas nações cujas mentalidades sejam tão diferentes.

Pouco preocupado com as ideias e a lógica, o inglês só olha a realidade e trata de se adaptar a ela. O Alemão, pelo contrário, deduz suas avaliações da concepção que ele fez, *a priori*, das coisas. Tendo

construído, por exemplo, da alma inglesa, uma certa ideia que implicaria num certo comportamento, seu espanto foi grande e sua indignação intensa, quando ele constatou que o comportamento real dos ingleses era bem diferente do que ele havia imaginado que seria.

Em todas as questões fundamentais __ política, direito, moral etc. __ o alemão e o inglês diferem profundamente. O primeiro é apaixonado pela disciplina; o segundo, pela liberdade. O inglês espera tudo da iniciativa do cidadão; o alemão, da intervenção do Estado. O inglês tem regras morais muito fixas; ele respeita seus compromissos e considera um tratado como sagrado. O alemão professa que um compromisso deve ser respeitado apenas se não se tem a força suficiente para violá-lo.

Poder-se-ia prolongar este paralelismo. Ele mostraria que entre a mentalidade inglesa e a mentalidade germânica existe este muro de incompatibilidade que sempre separa povos com mentalidades muito diferentes.

Estas noções psicológicas explicam a indescritível explosão de fúria dos diplomatas e do povo germânico quando eles viram, logo que o território belga foi violado, a Inglaterra se colocar ao lado da França. Aceitar uma tão formidável conflagração por um simples pedaço de papel, como disse Bethmann-Hollweg, é incompreensível a um político alemão.

E, no entanto, a resolução da Inglaterra não teve outra causa imediata além da necessidade moral de respeitar sua assinatura. O leitor que quiser percorrer, em nosso último livro, a descrição das negociações diplomáticas, no momento da explosão da guerra, verá com que profunda antipatia o ministério inglês repelia a ideia de que a Inglaterra pudesse se envolver no conflito.

Em vão o embaixador da França __ e até mesmo o presidente da república __ fez urgentes esforços junto à Grã Bretanha para que ela declarasse que, em caso de guerra, estaria ao lado da França. A recusa repetida em assumir tal compromisso foi categórica.

Era impossível, afinal, exigir essa ajuda, já que a Inglaterra não estava ligada a nós por um tratado, contrariamente às ideias difundidas então na França.

Ela só se decidiu a tomar partido no exato instante em que os exércitos alemães violaram o solo da Bélgica.

Pode-se mesmo afirmar que, se a Inglaterra tivesse declarado antes que gostaria de apoiar a França, a Alemanha teria renunciado à guerra. Mas como ela assumiria esse compromisso, se seu comportamento dependia de uma eventualidade não realizada ainda? Ela esperou até o último instante para saber o que faria a Alemanha com a Bélgica. Quando ela jogou sua espada na balança, era muito tarde para deter a marcha do destino.

Uma das grandes causas do levante da Inglaterra foi o comportamento feroz dos alemães. Foi o que destacou muito bem o Sr. C. Cure, no jornal americano **The United Press**:

> *A Inglaterra vibra como jamais vibrou. Uma forte raiva da Alemanha foi levantada nesse país pelo naufrágio do Lusitânia, a execução da senhorita Cavell e do capitão Fryatt e as tentativas de assassinato em massa que são as incursões dos zepelins.*

Todos os escritores estão de acordo sobre este último ponto. Um dos autores que melhor conhecem a Inglaterra, o Sr. Rudyard Kipling, escreve:

> *Se o inimigo tivesse outro comportamento, se ele tivesse observado alguma decência em seus procedimentos, se, pelo menos, ele tivesse tentado amenizá-los com artifícios de linguagem, a Inglaterra não teria empregado todo seu esforço e, talvez mesmo, ela teria enxergado algum arranjo possível...*
>
> *Nosso estado de espírito atual se parece bem pouco com aquele que tínhamos quando começamos a guerra e com aquele que teremos quando a terminarmos...*
>
> *A Alemanha não imaginava que um povo que não queria se armar para a guerra, pudesse, no entanto, se decidir por ela como um dever.*

Os ingleses jamais puderam entender a mentalidade dos alemães e seu comportamento sempre foi para eles objeto de indignação e de estupefação.

Esses sentimentos são muito bem traduzidos nas seguintes linhas de um membro do parlamento inglês, o Sr. Arthur Lynch:

> *A guerra é devido a uma multidão de causas que, todas, concorreram para o mesmo resultado; mas, no primeiro plano da cena, aparece o imperialismo alemão, pedestal do regime do Hohenzollern. As ambições de uma pequena família prussiana levaram a transformar os mais belos países da Europa em abatedouros, onde milhões de pessoas encontraram a morte, na flor da juventude e do talento.*
>
> *A esse espetáculo, como em face da decadência do Império Romano, a alma se sente invadida por um mesmo sentimento de infâmia e aviltamento. Que homens de uma outra era, de uma responsabilidade limitada, tivessem sido capazes de tais loucuras, não se poderia se espantar com tais medidas; mas que um povo civilizado, com toda a aparência de grandeza, consiga tolerar tal estado de coisa, isso choca.*
>
> *O kaiser, seus filhos, sua família, para se perpetuar, fazem isso ao preço de um oceano de sangue? Como explicar que um povo inteligente seja dominado por uma espécie de i-*

dolatria dinástica que, no país alemão, assumiu o lugar da religião?

A propósito das concepções políticas da Alemanha, o Sr. Professor Burton Adams escreve:

O triunfo da Alemanha na guerra atual significaria para o mundo inteiro a preponderância de uma forma de governo que os ingleses se livraram há duzentos e cinquenta anos e que quase todos os povos civilizados abandonaram ao longo do século XIX. Seria a ruína dos progressos penosamente realizados em matéria de civilização política, um retorno a uma fase do desenvolvimento das sociedades de onde só se poderia sair revivendo as mesmas lutas.

(Chicago Daily News, 22/08/1916)

§3. Situação da Inglaterra no momento da guerra.

Por ocasião da guerra, a Grã-Bretanha atravessava uma das fases críticas de sua história. Fortemente perturbada pelas concepções do partido radical que tinha empreendido uma verdadeira reorganização social, ela estava ameaçada, além disso, por uma guerra civil por causa da Irlanda.

Julgando sua superioridade naval suficiente para salvaguardar sua segurança, a Inglaterra só possuía um insignificante exército de mercenários. A conscrição e o serviço militar obrigatório não existindo por lá, parecia que esse exército não poderia crescer.

Apenas com sua ajuda e a de sua poderosa frota, a Inglaterra havia conseguido, em dois ou três séculos de esforços, dominar inteiramente os mares, criar ricas colônias e fundar o mais vasto império que o mundo conheceu. Nada a ameaçava. Isolada em sua ilha, o que ela poderia temer? O maior comandante da história havia inutilmente tentado abalá-la.

Acreditando-se ao abrigo de todos os ataques e julgando uma guerra impossível, a Grã Bretanha se deixou invadir pelas teorias pacifistas professadas não apenas pelos socialistas, mas também por alguns de seus governantes.

O despertar foi terrível, mas lento.

O povo inglês levou muito tempo para descobrir a grandeza do perigo que o ameaçava e compreender que seu destino estava em jogo. Das praias da Inglaterra ao Nilo e ao Golfo Pérsico, um inimigo temível perseguia a destruição do poderio britânico.

Foi preciso então criar um exército para lhe fazer oposição e improvisar um material de guerra do qual ela não possuía nenhum elemento.

Desde o início das hostilidades apresentou-se diante da Inglaterra um problema do qual poderia depender sua existência. Qual seria o comportamento das diversas províncias de seu imenso império?

Não existe nenhuma analogia entre a Inglaterra moderna e o antigo império romano. Muitas colônias britânicas __ uma parte da Índia, particularmente __ mesmo que ligadas teoricamente à coroa são governadas por suas próprias leis. Outra parte, como a Austrália e o Canadá, tem um governo quase inteiramente independente. No império romano, pelo contrário, os derrotados tornavam-se cidadãos. Os cônsules e até mesmo o imperador podiam ser escolhidos dentre eles.

O império britânico permaneceu distante dessa unidade. Ele não parecia nem muito coerente nem muito homogêneo.

Mas ele o era muito mais do que pensavam os alemães. A Inglaterra soube governar com regras justas os povos dominados. Ao Transvaal derrotado ela concedeu a independência. A Austrália se governava do que jeito que queria e o Canadá igualmente.

Na hora do perigo, a Inglaterra recolheu os benefícios de sua política. De todos os pontos do globo __ da Austrália, do Canadá e da Índia __ lhe vieram reforços. As tentativas de levante, fomentadas pelos alemães em suas colônias, falharam em quase toda parte. A

guerra só fez consolidar um império apenas semiagregado e lhe dar uma grande coesão.

§4. Evolução mental da Inglaterra durante a guerra.

A Inglaterra é governada pelos seus mortos. Descendo ao túmulo, o homem nela não morre inteiramente. Ele permanece estreitamente ligado aos vivos, se mete em todas as suas ações e dirige suas vontades de uma maneira frequentemente despótica.

Essa dominação dos vivos por seus ancestrais é uma causa de força, pois apenas a alma dos mortos tem o poder de estabilizar a alma dos vivos. No entanto, ela pode se tornar uma causa de fraqueza em certas horas em que necessidades imperiosas exigem uma adaptação rápida às circunstâncias. O poder das sombras se torna então um entrave. A Inglaterra sofreu durante mais de um ano essa experiência.

Ficamos espantados e às vezes irritados com a lentidão com que os ingleses se armaram durante o primeiro ano de sua luta. Soldados, canhões, munição, tudo faltava.

Entende-se perfeitamente as dificuldades dessa preparação ao se pensar, por um lado, na ação tão poderosa do passado e, por outro lado, na ação muito limitada dos governantes sobre o povo inglês.

Para impor uma organização nova na Inglaterra é preciso conquistar não apenas a opinião dos vivos, mas também a dos mortos e

retirar bruscamente o povo das concepções, dos costumes, das tradições que, desde as épocas bem recuadas da história, o guiaram através das circunstâncias e conservaram sua estabilidade.

O rei, os ministros, o parlamento, nada podem sem a opinião pública. Eles governam com ela e jamais contra ela.

Mudar as ideias do povo inglês foi uma laboriosa empreitada. Antes de realizar as transformações de toda ordem que necessitava a guerra, antes de chegar principalmente a estabelecer o serviço militar obrigatório, foi preciso levar o inglês a renunciar às tradições seculares de independência e de liberdade, lentamente conquistadas e fazer com que ele aceitasse restrições fortemente opostas a seu caráter.

Porém, nada é mais antipático a um inglês do que uma restrição obrigatória. Pessoas habituadas a se autogovernar não permitem ao Estado atentar contra sua liberdade. Os súditos britânicos querem pagar bem ao que se lhes pede, se associar às obras mais diversas, criar escolas, universidades, até mesmo regimentos, mas eles entendem que todas essas coisas sejam obras livres e não impostas.

Conseguir persuadi-los não apenas da necessidade do serviço militar obrigatório, mas também de uma gama enorme de restrições que levaria ao estatismo que o país tinha horror, exigiu dos governantes uma incansável paciência. Seu argumento fundamental, o único eficaz, foi provar que a existência da Inglaterra estava seriamente ameaçada. Os alemães se encarregaram de apoiar a demons-

tração enviando vários zepelins para bombardear o interior da Grã Bretanha. O povo inteiro compreendeu então que ela não era uma ilha inacessível.

Os ministros não tiveram uma dificuldade menor para convencer os ingleses de que eles deviam renunciar à independência total. Seu método de persuasão, muito bem adaptado à estrutura da alma inglesa, consistiu primeiro em fazer seus ouvintes acreditarem que eles agiam sempre segundo sua própria vontade e sem imposição. Pode-se avaliar isso pelo seguinte extrato de um discurso pronunciado em Liverpool, por Lloyd George, aos dirigentes e trabalhadores metalúrgicos, a propósito da questão das munições:

> *Eu vos peço que formeis vós mesmos vosso comitê dirigente, que organizem entre vós os recursos industriais desta região, para obter a máxima produção possível. Aos homens de negócios desta comunidade eu digo: "Considereis esse negócio como vosso. Não é um governo que entra em negociações convosco. Vós sois o governo. Vós tendes um interesse neste empreendimento. E eu digo o mesmo aos trabalhadores. Trata-se também de um negócio seu..."*

Nestas curtas linhas explode toda a diferença que separa a mentalidade inglesa da mentalidade alemã.

Na Alemanha, o governo comanda e o povo obedece. Na Inglaterra, para levar o povo a obedecer, é preciso primeiro conquistar

sua vontade. Na realidade, é apenas à sua própria vontade que ele se submete deliberadamente.

Obter a colaboração dos trabalhadores para a fabricação de munições, estancar as greves que nasciam em diversos setores, aumentar os alistamentos voluntários, preparar a opinião pública para aceitar a necessidade final do serviço militar obrigatório, exigiu dos governantes um prodigioso trabalho e intervenções pessoais repetidas.

Conhecendo o papel da imagem sobre a alma inglesa, eles cobriram o país com cartazes ilustrados representando alistados voluntários e inscrições do tipo: "Ele fez seu dever. Fareis o vosso?" Palavras muito impressionantes para um povo em que a palavra dever tem um sentido absolutamente imperativo.

Os governantes se dirigiam às mulheres e lhes diziam:

> *Perguntastes-vos o que fariam os alemães se invadissem vosso país? Compreendeis a ação dessa única palavra: "Parta!", pronunciada por vós para induzir os homens a combaterem por seu rei e pela Inglaterra.*

Em outubro de 1915, Lorde Derby escreveu individualmente, a cada inglês suscetível ao alistamento, uma carta assim concebida:

> *Permita-me, senhor, colocar-lhe esta questão: "Eu fiz tudo o que podia para a segurança de meu país?"*

No lento e perseverante trabalho de persuasão tomaram parte os ministros, os jornais, as mulheres, os dirigentes do partido trabalhista, na medida de suas possibilidades. E quando o público compreendeu que os alistamentos voluntários não bastavam, acabou por admitir o serviço militar obrigatório. Mais de um ano foi necessário, no entanto, para que o parlamento o aceitasse. Não se poderia fazê-lo votar mais rápido sem provocar uma revolução.

Não eram, de maneira alguma, os perigos da vida militar que causavam essa oposição, pois dois milhões de ingleses se engajaram voluntariamente; resultado que nenhum outro país do mundo teria conseguido. Apenas a ideia de obrigatoriedade parecia intolerável ao povo britânico.

Para colocar a Inglaterra em estado de fazer a guerra, não bastava ter homens; era preciso treiná-los, armá-los, criar fábricas, utilizar as existentes e, para isso, mudar todos os hábitos de independência dos industriais. Um departamento de munições foi instituído. Uma lei, dita das munições, permitiu ao governo controlar os patrões e os empregados, fixar as tarefas, intervir nos descontos salariais; em uma palavra: subordinar cada vez mais o cidadão ao interesse público. Foi o desabamento do velho individualismo e de todas as tradições inglesas.

Tais transformações não acontecem sempre sem resistência. A greve dos carvoeiros do País de Gales por pouco não paralisou a

frota inglesa. Os empregados das estradas de ferro ameaçaram uma greve geral. O ministério se dividiu. Jamais um governo conheceu dificuldades semelhantes.

Mas a necessidade __ essa última soberana das coisas __ acabou por superar todos os obstáculos. A alma inglesa cedeu. Lentamente, sem dúvida, mas ela cedeu e conseguiu se adaptar às formas de uma existência bastante imprevista para ela.

Foi o abandono final de liberdades conquistadas por séculos de esforços. Uma transformação completa de regime. A vontade do Estado substituiu __ como na Alemanha __ a iniciativa dos cidadãos, que, suficiente em tempos de paz, não o é mais em tempos de guerra. A Grã Bretanha passou, no espaço de um ano, do individualismo ao estatismo.

Não se pode ainda prever as consequências distantes de uma tal evolução. Felizmente para a Inglaterra, as qualidades que fazem sua força __ tenacidade invencível, gosto pelo esforço, domínio de si mesmo, respeito pela palavra dada, sentimento do dever __ não perecem com mudanças momentâneas da existência.

§5. O exército inglês.

Vimos que a Inglaterra conseguiu, em quinze meses, criar um exército de três milhões de homens equipados com todo o material de guerra moderno. Para conseguir isso ela teve que improvisar não

apenas o armamento, a formação dos soldados e dos oficiais, mas ainda a direção das operações militares. Esta ficou a cargo de governantes pouco preparados para tal tarefa. O resultado foram pesados e custosos erros. Nos Dardanelos e nos Bálcãs, esses erros foram sobretudo erros psicológicos. A história dificilmente compreenderá, por exemplo, como se pôde encontrar diplomatas com almas tão simples para se deixar se enganar durante meses pela tortuosa diplomacia de um reizinho búlgaro, que não fazia nem muita força para esconder seu jogo.

A conduta da Inglaterra com relação aos turcos não se mostrou menos medíocre. Nada seria mais fácil __ eu já mostrei isso, aliás __ do que entrar em Constantinopla logo após Goeben e Breslau. O ministério inglês hesitou, negociou e quando finalmente compreendeu a que ponto os turcos tinham fingido, ele se decidiu pela lastimável expedição aos Dardanelos. Cem mil ingleses pereceram lá, da maneira mais inútil possível. Na vida individual, as consequências dos erros podem ser mínimas. Na existência dos povos, eles são frequentemente desastrosos.

Mas todas essas observações pertencem a um passado irreparável. O presente apenas deve ser considerado e ele se tornou satisfatório.

Não nos esqueçamos, para julgar, que, no momento da guerra, a Inglaterra só pôde enviar à França um exército de menos de cem

mil homens. Esse contingente modesto, que o imperador Guilherme chamava de "o desprezível exercitozinho do general French", tornou-se um exército de mais de um milhão de homens. Outro milhão de soldados foi repartido sobre diversos pontos do império britânico e um último milhão permanece na Inglaterra.

§6. Fontes da força da Inglaterra.

A grande força da Inglaterra, durante a guerra, foi a detenção da liberdade dos mares. Assim ela pôde continuar seu comércio de exportação. A importância capital desse ponto foi muito bem destacada pelo chanceler de finanças, numa entrevista. Eis então um extrato:

> *Eu não devo esquecer da necessidade vital para a Inglaterra de manter seu comércio; as exportações e as importações nos são essenciais, tanto na paz quanto na guerra. Nossos aliados e nós dependemos de nosso poder de exportar. E nós faremos isso, não importa que tarefa militar ou naval exija a guerra. Não devemos jamais esquecer que nosso dever primordial é manter nossas provisões e, para o seu pagamento, a manutenção de nosso comércio de exportação intacto é essencial.*

Como prova da excelente situação financeira da Inglaterra, consequência da continuação de seu comércio, o mesmo ministro fez as seguintes constatações:

> *Nosso mercado de ouro está sempre livre e cada nota emitida pelo governo pode ser trocada por ouro em um banco da Inglaterra. Não é preciso muito esforço para demonstrar a diferença que há entre este sistema e os resultados que ele produz e a situação financeira da Alemanha.*
>
> *O sistema alemão não admite impostos na hora presente e não pode fornecer alternativas face às enormes dívidas criadas pela emissão sem controle de papel moeda e pelo acúmulo de empréstimos nacionais, praticamente forçados. Assim, dívidas que devem ser pagas não o serão jamais e levarão infalivelmente ao seu repúdio ou à bancarrota.*

Os dados precedentes são fundamentais. Os povos não lutam apenas com tiros de canhões, mas com golpes de bilhões e a nação mais rica vencerá forçosamente. Os povos cujos recursos são renováveis não se esgotam e prevalecerão fatalmente sobre aqueles cujos recursos __ por maior que sejam __ se esgotam por não serem renováveis.

A Alemanha vive atualmente sobre riquezas consideráveis, sem dúvida, mas que não se renovam e seu comércio exterior cessou.

A Inglaterra, não apenas possui recursos excessivamente superiores aos da Alemanha, pois sua fortuna está avaliada em quinhentos bilhões, mas, além disso, esses recursos são constantemente alimentados por seu comércio.

Como resultado ela poderia, mesmo com todos seus aliados derrotados, prosseguir com a guerra indefinidamente. Pelo único fato de que sua frota continuaria a impedir a Alemanha de enviar e receber mercadorias, ela a forçaria finalmente a solicitar a paz.

Ela a obrigaria a isso mesmo sem disparar um só tiro de canhão, simplesmente __ eu já mencionei isso __ pela presença em seus portos de uma frota tão temível que nenhum navio mercante alemão ousa se arriscar nos mares.

A Inglaterra pode, tão facilmente, continuar a guerra indefinidamente, que sua população não se enfraqueceu de maneira alguma, enquanto que o forte racionamento na Alemanha faz o povo sofrer muito. Na Inglaterra o desemprego desapareceu; os salários __ após a diminuição do número de braços __ aumentou em enormes proporções; o conforto e até mesmo o luxo, penetraram numa massa de lares que os ignoravam. Isso será mesmo um perigo, quando, após a guerra, as classes trabalhadoras se virem obrigadas a retornar à sua antiga situação.

Quanto às classes médias e altas, elas não hesitaram em dedicar uma notável parte de seus recursos para a manutenção da luta. Os

impostos novos chegam, hoje em dia, para os cidadãos, para cerca de um terço de suas rendas.

A Inglaterra se mostra justamente orgulhosa desses pesados sacrifícios. A opinião geral é aquela traduzida pelo **Daily Telegraph**, a propósito da votação da lei militar:

> *A nova lei militar é uma das coisas mais marcantes e memoráveis que a Inglaterra realizou. O sistema do serviço militar obrigatório foi instituído pela vontade deliberada do povo inteiro.*
>
> *No começo da guerra, poucas pessoas acreditaram que a Inglaterra, que contava com a segurança de sua frota para manter suas costas invioladas, se submeteria a essa gigantesca revolução em sua vida nacional. Sobre seus ombros repousa o quádruplo fardo de uma marinha que é a própria vida da aliança, de um exército de vários milhões de homens, de uma produção de material bélico sem igual e, por fim, de uma poderosa reserva financeira que é mais difícil ainda de estimar. É um fardo que a nação suportará com orgulho e não se arrependerá por ter assumido. Ela já se sente mesmo rejuvenescida por esse enorme sacrifício.*

A história da Inglaterra durante a guerra terá mostrado mais uma vez a que ponto o destino de um povo depende de seu caráter.

CAPÍTULO II

A evolução mental da Rússia durante a guerra.

§1. Situação econômica da Rússia no momento da guerra.

Sumário

Algumas indicações estatísticas bastarão para mostrar a situação econômica da Rússia antes da guerra; eu as retirarei de um trabalho do Sr. G. Alexinsky, ex-deputado da Douma.

A Europa exerceu na Rússia, através da penetração de seus capitais, uma influência muito grande e mantinha, na realidade, esse país sob sua dependência econômica.

Os capitais foram sobretudo emprestados pela França, a qual a Rússia deve mais de 18 bilhões. Uma grande parte desse dinheiro foi repassada para empresas industriais dirigidas por alemães. “As empresas industriais estrangeiras na Rússia são mais fortes do que as dos russos... As mais importantes __ a metalurgia, as carboníferas, as tecelagens __ estão, em grande parte, em poder do capital europeu”. O autor conclui, no entanto, “que a Europa exerce sobre a Rússia uma influência econômica considerável, mas que não a mantém numa completa dependência”.

A França, que forneceu à Rússia imensos capitais, comerciava muito pouco com ela.

Em 1913, a Alemanha forneceu à Rússia 52,7% do total de suas importações e a França apenas 4,6%. A superioridade comercial alemã era esmagadora.

Pouco a pouco os alemães excluíram todos os seus concorrentes. De acordo com o mesmo escritor, para 9.421 franceses e 7.481 ingleses estabelecidos na Rússia, o número de seus habitantes que tinham por língua materna o alemão chegava a um mínimo de 2 milhões.

Uma das causas às quais o autor atribui a invasão do mercado russo pela indústria alemã e a eliminação de todos os seus concorrentes devia-se ao "sistema especial adotado pelos sindicatos industriais alemães, dos prêmios de exportação que lhes permitem não apenas ignorar os direitos de entrada, mas até mesmo de vender seus produtos muito mais baratos no exterior do que no próprio país".

Eu já expus em meu livro sobre os **Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne** esse sistema, desastroso para os países que o sofrem, porque ele arruína a indústria nativa. Ele é momentaneamente vantajoso para os industriais alemães, mas, como destacou precisamente o Sr. Alexinsky, "ele prejudica a própria população alemã, obrigada a sofrer esse encarecimento artificial para dar aos sindicatos os meios de praticar a exportação forçada e a baixo preço".

A conclusão do autor é muito precisa:

O caráter geral das relações econômicas entre os dois países era uma tendência evidente da Alemanha em fazer da Rússia uma colônia... A Rússia importa da Alemanha sobretudo objetos fabricados e exporta para ela matérias brutas. Ou seja, a indústria alemã compra a baixo preço essas matérias primas da Rússia e lhe revende de volta, após tê-las processado. Tal é precisamente o papel de uma metrópole.

Esses fatos eram certamente conhecidos há muito tempo, mas a guerra desmascarou suas graves consequências. À Rússia, bem como a outros países, o conflito europeu terá dado lições bem instrutivas e levantado também muitos outros problemas a serem resolvidos.

§2. O papel dos estrangeiros na Rússia durante a guerra.

A Rússia pôde constatar, durante a guerra, a que ponto era perigoso para um país se deixar invadir por estrangeiros. Sua influência produziu a mais sombria catástrofe de sua história. Ela precisou lutar durante longos meses contra os inimigos internos ao mesmo tempo que contra os inimigos externos, por não ter sabido preservar sua alma nacional da ação dissolvente dos estrangeiros.

Não se pode dizer ainda em que limites essa prova a terá modificado, mas ela visivelmente evoluiu mais nestes dois anos do que o fez durante um século.

Psicólogos e historiadores descobrirão facilmente que esse breve período da história da Rússia foi muito fértil em ensinamentos. Os fatos revelaram não apenas o perigo dos elementos estrangeiros, mas também o da autocracia; a utilidade, em certos momentos, da representação popular; o funesto efeito das perseguições religiosas e muitas outras verdades ainda.

No momento em que começaram as hostilidades, a Rússia se achava numa situação industrial, econômica e militar tão medíocre que, a menos que se suponha em seus governantes uma cegueira inacreditável, nenhum deles poderia desejar a guerra.

A Alemanha não ignorava o quanto a Rússia estava pouco preparada para um grande conflito e isso foi provavelmente um dos motivos de sua agressão. O que quer que tentasse, o governo do tsar não poderia impedi-la.

Dentre os mais graves perigos que ameaçavam a Rússia naquela época, é preciso colocar em primeiro lugar sua pobre situação industrial. País sobretudo agrícola, ela tinha abandonado suas fábricas, suas minas, até mesmo sua administração a estrangeiros. Destacou-se justamente que em nenhum país da Europa o elemento estrangeiro exercia uma influência tão importante quanto na Rússia. Foi, aliás,

graças a ela que esse povo semi-asiático, com alma indecisa e imprecisa, acabou por se europeizar um pouco. Quase todas as indústrias, as escolas profissionais, as instalações elétricas, as estradas de ferro etc. eram criações de estrangeiros, dentre os quais os alemães tinham conquistado um lugar preponderante.

Eles possuíam representantes não apenas na indústria, mas nas universidades, nas administrações e no exército. Sem a guerra, a conquista industrial, econômica e administrativa da Rússia teria sido completa em menos de cinquenta anos e um conflito com a Alemanha teria se tornado impossível.

Pode-se dizer sem exagero que, apesar das ruínas acumuladas, a luta atual terá sido um benefício para a Rússia, se ela levá-la à conquista das capacidades técnicas e comerciais que lhe faltavam para explorar ela própria seu rico território.

A utilidade de tal esforço apareceu desde o início da conflagração europeia. País sem indústria, a Rússia se viu bruscamente lançada numa guerra em que as armas eram mecanismos complicados, criados por uma técnica científica. No tempo de Nelson e de Napoleão, a interessante definição da fabricação de canhões __ "escorrer bronze ao redor de um buraco" __ indicava bem a simplicidade dessa fabricação. Hoje em dia, um dos dispositivos mais utilizados por várias nações da Europa __ a metralhadora Maxim __ conta com 280 peças rigorosamente calibradas e fabricadas com equipa-

mentos muito complicados. São necessárias 540 operações de usinagem para fabricar uma metralhadora e quase 1.000 calibres são empregados para a verificação das diversas peças.

Felizmente para ela, a Rússia pôde recorrer, no que dizia respeito à fabricação de seu material, aos japoneses, cuja educação técnica era bem superior à sua. Graças aos engenheiros e às fábricas de seu antigo adversário e também à assistência dos franceses, a Rússia acabou por obter o material necessário, mas sua deficiência durante a primeira parte da guerra foi uma das causas de suas derrotas.

§3. O governo da Rússia durante a guerra.

A Rússia, no início do conflito, podia ser considerada como uma autocracia pura, tendo como meio de governo uma burocracia complicada, sustentada por uma polícia complicada e um clero ignorante, mas dócil.

Contra as consequências do que foi chamado de absolutismo moscovita, se voltavam, de tempos em tempos, violências revolucionárias e conspirações mortíferas, sendo que o niilismo terrorista representa uma de suas formas.

A revolução que aconteceu após a guerra infeliz com o Japão levou à criação de um tipo de Parlamento __ a Duma __ que o governo se viu várias vezes obrigado a dissolver. Reunido logo no início da guerra, ele foi logo dissolvido; mas, após os primeiros desas-

tres, foi preciso convocá-lo mais uma vez, apesar da oposição do partido reacionário. Ele exerceu uma ação muito útil ao revelar, como uma das causas preponderantes das derrotas russas, a ineficiência e a corrupção da administração. Graças a ele, traidores perigosos, protegidos pelo ministro da guerra, foram desmascarados e o próprio ministro preso.

A Duma se viu dissolvida de novo após algumas violências. Era impossível, evidentemente, fazer passar, sem transição, um povo que só tinha esboços de civilização e composto por etnias bem diferentes, de um regime autocrático a instituições liberais. Mas a guerra terá certamente contribuído para essa evolução.

O papel desempenhado pela Duma e sobretudo a luz que ela lançou sobre a desordem administrativa e a corrupção dos mais altos funcionários públicos, poderá ser invocado em apoio da utilidade dos governos representativos. Sem ela teria sido impossível descobrir o papel das administrações corrompidas em todos os graus da hierarquia e que conspiravam com a Alemanha. Nada de munições, nada de armamentos, a traição instalada até ao lado do trono; as influências alemãs predominavam em toda parte.

Jamais talvez um governo se viu em presença de dificuldades semelhantes. Sem o patriotismo do povo e de seus representantes, a Rússia teria deixado de ser independente.

O estado desse vasto império sempre pareceu muito sombrio aos observadores que o visitavam. Eis, por exemplo, o que escreveu o correspondente de um grande jornal neutro, muito favorável à causa dos aliados:

Ela saiu, há dez anos, de uma guerra infeliz, impopular e criminosa, em que seu poderio marítimo soçobrou e em que quase soçobrou seu prestígio, para entrar numa longa guerra civil em que se entrechocaram ódios atrozes. O edifício inteiro pareceu abalado por um momento. Com mão forte, os senhores fizeram algumas concessões que arrancaram da revolução uma boa parte de suas forças. A Duma se reuniu, foi dissolvida ao fim de três meses, tentou um 89 que foi abortado. Restringiu-se o censo eleitoral. Uma segunda Duma veio, menos agitada. Um compromisso se estabeleceu, um aparente apaziguamento que foi aproveitado em alto grau para saciar ressentimentos implacáveis. Lotou-se as prisões e a Sibéria. A revolução reprimida, o silêncio se fez e o perigo pareceu descartado...

A Duma está em sua quarta legislatura. Nove anos de esforços e de publicidade não produziram grandes resultados. Administração corrupta, tradicionalismo e preguiça, favoritismo, arbítrio, injustiça, desconhecimento dos direitos mais elementares, violação das liberdades prometidas, opressão

aos estrangeiros, perseguição dos trabalhadores; o regime da violência e do desprezo continuou sua marcha triunfante... Duas Rússias: a que governa e a que é governada, separadas por um abismo sempre mais profundo e mais largo, que apenas uma sabedoria e uma boa vontade extremas poderiam aproximar as bordas.

Alguns eventos da guerra, que vamos falar agora, justificam as apreciações precedentes, ao mostrar o que valia a administração russa e em que abismo ela quase mergulhou o império.

§4. A administração russa e as conspirações alemãs durante a guerra.

Uma das maiores dificuldades do governo russo durante a guerra foi a luta que ele teve que manter contra um partido alemão que contava com representantes nos ministérios, na aristocracia, na imprensa e no exército. Mais de duzentos generais em atividade eram de origem alemã e mantinham simpatias pela Alemanha, a custo dissimuladas, como Rennenkampf, que teve que ser privado de todo comando por causa de sua má-vontade toda vez que ele se encontrava em presença de exércitos germânicos. Os dirigentes dos ministérios do interior e da justiça pretendiam estabelecer uma paz separada com a Alemanha. Alguns jornais pertencentes __ como quase toda a imprensa russa __ a judeus, continuaram com seus elogios à Alema-

nha. Segundo o Sr. Barrière, “do início da guerra até o mês de abril de 1915, o departamento de polícia do ministério do interior foi um antro de traições que os patriotas russos custaram para destruir, pois ele era mantido por personagens muito poderosos”.

Os alemães permaneceram influentes na Rússia sobretudo durante o primeiro ano da guerra e eles armaram vários complôs. O mais terrível foi aquele que levou à explosão, em abril de 1915, da grande fábrica de munições de Ochta. Mais de 1.500 trabalhadores pereceram e durante um mês inteiro foi suspenso o reabastecimento de fuzis e cartuchos do exército russo nos Cárpatos.

Essa destruição não foi certamente a única causa da ineficiência dos armamentos russos. Os debates de agosto de 1915 na Duma provaram que ela tinha por causa principal a voluntária inércia do ministro da guerra e também outros ministros que, dominados pelas influências alemãs, esperavam forçar assim o governo a uma paz separada.

“Eles eram visivelmente encorajados __ senão inspirados __ pelo Grão-Duque de Hesse-Damstadt, irmão da tsarina”, escreveu o Sr. Barrière na **Revue de Paris**, de 15 de março de 1916.

Sabe-se com que rapidez foram repelidos, em abril de 1915, os russos que já ameaçavam invadir a Hungria. 1.400.000 alemães, lançados bruscamente contra eles, os obrigaram a evacuar todas as fortalezas conquistadas e, logo em seguida, também a Polônia. As con-

sequências foram naturalmente desastrosas. O prestígio russo nos Bálcãs se viu arruinado e arruinada também a ideia de unidade eslava sob a hegemonia russa. Os búlgaros se juntaram aos alemães, a Grécia se confinou numa neutralidade cheia de benevolências para com os germânicos. Os japoneses, principais fornecedores de munições, assumiram ares protetores mas, assim que se tentou restringir suas exigências na China, os envios de armas escassearam.

Está provado agora que essas derrotas repetidas tiveram __ com a falta de munições e a muito visível incapacidade do comando __ graves traições como causa. O general Roussky, comandando os exércitos do noroeste, espantado ao ver o inimigo se antecipando a cada um dos movimentos russos, conseguiu descobrir que ele era informado por um dos comandantes do ministério da guerra, o coronel Miassoiédof. Os papéis encontrados nas bagagens desse oficial __ graças à intervenção pessoal do tsar, único capaz de contrabalançar a influência do ministro da guerra __ provaram que ele comunicava ao inimigo e frequentemente diretamente ao kaiser, todas as ordens do grande quartel-general russo e que ele tinha acesso aos projetos do grande quartel-general francês.

Após um curto processo ele foi pendurado em companhia de meia dúzia de judeus seus cúmplices. Um outro traidor, o conselheiro de estado Freinat, foi condenado a trabalhos forçados; o protetor

do coronel executado, o ministro da guerra Soukhomlinov, aprisionado como forte suspeito de traição.

As tendências alemãs continuaram, no entanto, a se manifestar na Rússia em certos meios. Um jornal russo, o **Outro Rossii**, dedicou um artigo para denunciar as simpatias germanófilas das altas esferas de Petrogrado. Esses meios são conhecidos na imprensa com o nome de partido de Potsdam. São aqueles que o Sr. Vozniesiensky chamou, numa conferência reproduzida pelo **Novoié Vrémia**, de escravos da Alemanha. No seio dessas esferas foram recrutados, parece, quase todos os colaboradores do Sr. Sazonov, ex-ministro dos negócios estrangeiros. "Quase todos os altos funcionários desse ministério vieram diretamente de Berlim, onde ocupavam postos insignificantes no momento da célebre entrevista de Potsdam, em 1910". O Sr. Sazonov teve que lutar com muita dificuldade contra a má vontade desses colaboradores.

O partido alemão se apoiava também na Rússia na necessidade dos russos, após a guerra, de reatar relações com a Alemanha. A **Rietch** assinala essas dificuldades. Ela fez destacar que os germânicos são os melhores clientes para os produtos agrícolas da Rússia.

§5. Os projetos de paz separada.

As influências alemãs foram tão fortes na Rússia que, após a tomada de Lemberg, dois ministros apresentaram ao tsar um docu-

mento propondo uma paz separada. O reconhecimento é certamente um sentimento ignorado em política, mas realmente esses tristes conselheiros se esqueceram muito rapidamente que se a França se encontrava numa situação sombria era unicamente porque tinha ido em socorro à Rússia.

Os extratos desse documento foram publicados na **Revue de Paris**, pelo Sr. Marcel Barrière. Nele foi dito que:

> *Nada separa a Rússia da Alemanha. Seus princípios de governo são idênticos. Seu inimigo comum é a democracia do Ocidente. A cessação imediata da guerra entre os dois impérios asseguraria o esmagamento definitivo desse inimigo de sempre, pelo exército alemão...*

O autor assegura mesmo que, para tentar o tsar, ofereceu-se a ele a cessão de Constantinopla, com a simples condição de que ele se oponha absolutamente à autonomia da Polônia.

Essas manobras falharam e só tiveram como resultado a demissão dos ministros que as favoreciam e a convocação da Duma.

> *Sua primeira medida foi decidir que, assim que fosse resolvida a questão do armamento das tropas, ela acusaria todos os funcionários culpados de terem favorecido o partido alemão em sua tentativa de levar o país às bordas de um abismo.*

A assembleia conseguiu, após isso, uma grande autoridade e conseguiu eliminar os homens que eram muito inferiores à sua tarefa.

A obra de saneamento e de regeneração que ela exerceu em agosto e em setembro de 1915 foi considerável. Importantes comissões foram criadas e a indústria nacional mobilizada. A Duma sentia que o povo estava com ela. O governo se deu conta disso, porque todas as observações da grande assembleia foram aceitas. As influências alemãs foram progressivamente eliminadas. Generais culpados por não terem levado a fundo a luta contra "um inimigo simpático" caíram em desgraça. O medo de uma paz separada foi definitivamente descartado, como provou o insucesso das novas tentativas da Alemanha para levar a Rússia a romper relações com seus aliados. O ex-ministro da guerra foi __ já dissemos acima __ aprisionado e a assessoria alemã da imperatriz foi tida em grande suspeita. Um visionário inculto, Rasputim, cujos conselhos eram outrora muito influentes na corte, sem perder todo seu poder se viu mantido um pouco a distância.

§6. O problema polonês.

Uma das grandes dificuldades da Rússia será o governo da Polônia, se ela conseguir reconquistá-la.

Conhecem-se as intermináveis dissensões que levaram outrora esse reino a ser riscado do mapa da Europa e partilhado entre a Áustria, a Prússia e a Rússia.

Ele caiu então nesse estado de dura servidão onde soçobram os povos incapazes de se governar.

As províncias que, na partilha, couberam à Prússia e à Rússia foram rudemente tratadas. Aquelas anexadas à Áustria, um pouco menos, porque esse império artificial é obrigado a administrar os diversos povos que o compõem.

A Áustria não tem, aliás, que lamentar sua tolerância. Quando a Galícia foi momentaneamente conquistada pela Rússia, que se mostrou muito opressora, ela se lembrou da dominação dos austríacos e os acolheu como libertadores, quando eles conseguiram expulsar os russos.

A parte russa da Polônia conquistada pela Prússia foi prontamente arruinada e reduzida à fome, mas os alemães tiveram pelo menos a inteligência de conceder aos poloneses o direito de usar sua língua no ensino. Esse favor bem modesto pareceu inestimável a um povo habituado às perseguições de todos os tipos. O **Ozar**, órgão da burguesia galiciana, explicou, em seu número de 24 de dezembro de 1915, como o fim desse ano ficará célebre na história:

Ele marcou o começo da decadência da Rússia e o início da libertação do Ocidente, para quem esta última era uma

ameaça permanente, desde a época do desmembramento da Polônia. A partilha da Polônia tinha aberto ao império russo as portas da Europa e o século XIX nos mostra esta última se esforçando para impor sua vontade ao Ocidente inteiro.

Bem entendido que a imprensa polonesa editada na Rússia é menos severa. O **Dziennik Kijowski**, de 1º de janeiro de 1916, se limita a lamentar discretamente a sorte da Polônia e escreve:

O ano novo, que os sinos já anunciaram ao povo polonês, é para ele o centésimo vigésimo primeiro do desmembramento de sua pátria. O mundo está em guerra, a Polônia em ruínas está mergulhada na miséria. Ela joga olhares perdidos rumo ao futuro, que uma muralha de ferro esconde aos seus olhos. Ela vê o furacão sobre a terra, martelando nela, em caracteres de fogo, a grandes golpes de engenhos mortíferos, a seguinte inscrição: "Os tempos passados não retornarão".

Temos o direito de esperar que a guerra atual imprima, aos apetites egoístas das outras nações, uma direção que poderia nos ser favorável? Ai! Tais suposições são ilusórias. O horizonte político não nos faz vislumbrar nenhum sinal precursor que anuncie a reconstituição da Polônia, tal como desejamos.

Creio que a Polônia poderá durante muito tempo exalar inúteis prantos. Quer ela caia sob o domínio russo ou sob o domínio prussiano, esse país parece que vai permanecer riscado da lista das nações e condenado a uma perpétua servidão. Tal foi, desde a distante era dos gregos, a sorte de todos os impérios que dissensões intestinas fizeram perder a independência. É uma lição a meditar para todas as nações.

Os próprios russos se dão conta muito bem de seus erros políticos na Polônia e de sua impotência**.** O **Outro Rossii** escreve, sob a assinatura do Sr. Ardov:

> *Que terrível para a Rússia é essa "eterna" questão polonesa! Que abismo, que precipício nos separa hoje em dia das nobres e gloriosas intenções de Alexandre I! Enquanto nós nos dedicamos a "libertar" a Polônia, os alemães a sequestram! Não é terrível isso? Que sofrimento para aqueles dentre nós que conhecemos as verdadeiras tendências da evolução russa, saber que do outro lado da fronteira nossos inimigos elaboram projetos de libertação da Polônia, de autonomia para as províncias polonesas, que convocam conferências em que tomam parte representantes dos poloneses da Rússia, fundam universidades polonesas, introduzem a autonomia municipal e, em geral, fazem todo o necessário para dar aos poloneses a ilusão de que foram libertos do jugo da*

Rússia "bárbara e reacionária". A Prússia no papel de libertadora dos poloneses! Essa Prússia que destrinchou em fatias o corpo da Polônia e cresceu com o sangue desse povo irmão da Rússia. Tudo o que se passou na Polônia e ainda se passa hoje em dia é uma censura viva para aqueles que, ao longo das últimas dezenas de anos, estiveram a frente da política russa.

...A Polônia deveria ter sido dotada de um regime autônomo bem antes da guerra e o fato de que isso não aconteceu, desde que se tornou senhor absoluto, é um dos maiores erros do governo de Petersburgo. É um erro não apenas com relação à Polônia, é um erro também com relação à Rússia, pois é um erro político que nada pode reparar, mesmo com os rios de sangue que ainda correrão. Esses rios de sangue não teriam sido tão abundantes se esse erro não tivesse sido cometido. Após tudo o que se passou, após um século de experiência, após duas revoluções e provas inumeráveis da impossibilidade de "acalmar" a Polônia sem tê-la chamado para um renascimento nacional, ao fim de dois anos de guerra, enquanto nossa Polônia está ocupada pelos exércitos alemães, encontra-se pessoas que aconselham ainda a só outorgar à Polônia, "depois da reconquista", apenas uma autonomia local. E não são

diplomatas alemães, são políticos russos, que dão esse conselho!

Pode-se, sob o ponto de vista político, resumir a transformação da mentalidade produzida na Rússia pela guerra, dizendo que um dos mais importantes baluartes da autocracia no mundo foi seriamente abalado. As instituições democráticas terão feito progressos nesse grande império porque a experiência provou que elas prestaram muito mais serviços que as concepções autocráticas. A velha definição do governo russo __ uma autocracia temperada pelo assassinato __ poderá ser substituída por esta outra definição menos sombria: uma autocracia temperada por instituições democráticas.

Não se poderia exagerar a importância dessa evolução e acreditar que um país composto por povos tão diferentes, em que muitos são ainda semibárbaros, possa suportar muita liberdade. Cada povo tem instituições relacionadas com sua mentalidade. Se, sob o império das novas necessidades, os russos perdem sua indecisão, sua indolência e tratam de bastar a si mesmos, sem a assistência permanente de estrangeiros, eles chegarão gradualmente a possuir as qualidades que permitem a uma nação se governar e assegurar sua independência.

CAPÍTULO III

A evolução da Itália.

§1. As oscilações psicológicas da Itália.

Sumário

Os historiadores poderão muito facilmente relatar os fatos que, no espaço de alguns meses, levaram a Itália a se por em guerra contra sua antiga aliada. Os psicólogos terão mais dificuldades para extrair as causas dos sentimentos sucessivos e contraditórios que agitaram a alma italiana durante esse período.

É impossível se informar pelos jornais, com suas afirmações tão divergentes. É impossível igualmente tomar como guia os votos do parlamento italiano, pois, de uma semana para a outra, ele votou, com uma maioria enorme, tanto pela paz quanto pela guerra, segundo as influências preponderantes no momento.

O historiador italiano Ferrero, que traçou dessa fase de evolução uma narrativa da qual retirarei alguns detalhes, assinala todas as obscuridades que a envolveram.

Parece, no entanto, que a vontade do povo e não, como se sustentou, a dos intelectuais, representa o fator determinante que deslanchou a guerra. Essa vontade foi __ é verdade __ variável, flutuante e entravada por períodos de indecisão.

Pode-se atribuir algumas dessas flutuações à influência das diferentes etnias que povoam a Itália.

Ela permanece, com efeito, bem distante de ser unificada ainda. A unidade política não cria a unidade étnica.

O norte da península é habitado por uma população braquicéfala; o sul, desde Roma, por uma população nitidamente dolicocéfala. Os mais dolicocéfalos são encontrados no extremo sul da Itália.

As divergências psicológicas entre essas etnias são tão grandes quanto suas diferenças anatômicas. Um piemontês e um napolitano têm modos de sentir, de pensar e de raciocinar muito diferentes.

Suas divergências de concepções se mostraram de uma maneira surpreendente durante a semana de incertezas que precedeu a declaração de guerra à Áustria. O viajante que atravessasse simplesmente de estrada de ferro, do norte ao sul, poderia constatar diferenças consideráveis na atmosfera mental italiana. No Piemonte, região que foi o berço da dinastia reinante, a repugnância pela guerra era evidente. À medida que o trem fosse descendo rumo ao sul, tomando passageiros novos, as fisionomias e conversas se modificavam completamente. Enquanto que uma apreciação intervencionista emitida nas regiões de Turim ou Milão teria valido a seu autor violentas injúrias, uma única palavra de neutralidade pronunciada de Roma à Nápoles teria feito o mesmo viajante ser massacrado. Os neutros que fossem reconhecidos em Roma na rua eram espancados e golpeados.

Essa vivacidade das manifestações italianas no sul do país e particularmente nas regiões como a Sardenha, onde Trento e a Dalmácia eram profundamente ignorados, mostram a grande sugestionabilidade da alma italiana meridional. Desde que um líder consiga emocioná-la por uma causa qualquer, ela se entusiasma. É inútil lhe apresentar razões, como se seria obrigado a fazer a uma massa inglesa. Imagens, gestos, cantos, fórmulas violentas bastam. Os longos discursos, não sendo escutados, permanecem naturalmente sem efeito. Não são os argumentos do líder que agem, mas sua voz e seu prestígio.

Um estrangeiro poderia se espantar que os habitantes do sul da Itália tenham manifestado tanto ardor pela conquista de Trieste, que eles provavelmente jamais ouviram falar e com a qual os habitantes do norte se preocupavam muito pouco.

Mas as resoluções populares resultam muito mais de impulsos sentimentais do que de motivos racionais. O movimento intervencionista devia partir então das regiões mais fáceis de emocionar.

As populações sul-italianas são tão impressionáveis que são vistos desembainhar a faca em discussões sobre personagens tão fabulosos quanto aqueles da lenda de Rolando. Em imaginações vivas a esse ponto, as fronteiras do maravilhoso, do possível e do impossível se confundem facilmente. Para os povos cuja evolução roçou a alma sem poder se fixar nela, o impulso do momento é o único

guia do comportamento. Segundo a ocasião, o mesmo indivíduo será herói ou bandido.

Qualquer que seja o valor das explicações precedentes, é certo que foi a Sardenha, ainda quase selvagem, que se entusiasmou mais violentamente por uma guerra cujo objetivo lhe escapava quase inteiramente.

§2. As aspirações italianas no momento da guerra. O papel das influências alemãs na Itália.

A Itália é um país pobre. Sua pobreza deve-se em grande parte ao excedente de população, que cresce rapidamente e à insuficiência da produção de carvão, que a impede de se tornar industrial. Ela contava com 23 milhões de habitantes em 1866 e atingiu hoje em dia 38 milhões, apesar de uma emigração anual de quinhentas mil pessoas.

A Itália bem que tentou fazer prosperar sua indústria, mas dois elementos fundamentais lhe faltaram: o ferro e o carvão. Suas fontes de hulha branca não são suficientemente organizadas ainda para substituir a hulha negra.

Os italianos puderam constatar que é apenas nos discursos acadêmicos que se vê a riqueza de um país ser medida pelo tamanho de sua população.

Para completar sua unidade política, a Itália sonhava com a anexação de regiões outrora italianas; Trieste e Trento, particularmen-

te. Ela desejava também a conquista da costa oriental do Adriático, necessária para sua defesa naval. De Veneza a Brindisi, ela não possui grandes portos, enquanto que a costa da Ilíria, pertencente à Áustria, está protegida por poderosas fortalezas.

A infeliz associação da Itália com a Áustria paralisou seus sonhos durante muito tempo. Os alemães se aproveitaram de sua condição de aliados para se instalar na Itália e ali fundar bancos e estabelecimentos industriais. Sua influência era considerável. Escreve Ferrero:

> *Pode-se dizer que, nos últimos dez anos, todo mundo havia se tornado germanófilo na Itália: os professores e os industriais, os socialistas e os conservadores, os livres-pensadores e os clérigos, os filósofos e os músicos. A Alemanha parecia o modelo para tudo, porque era o país que melhor realizou a fórmula quantitativa do progresso; o país da Europa onde a população, a riqueza, a produção, o comércio, o exército, a marinha, aumentavam mais rapidamente... A influência alemã acontecia em toda parte. Tudo foi germanizado: o exército, os bancos, as estradas de ferro, a indústria, o socialismo, a ciência, a filosofia, as escolas, a universidade... Sempre foi difícil desligar a Itália da Tríplice Aliança, enquanto a Alemanha permaneceu para as classes superiores o modelo do mundo.*

Assim, os partidários da Alemanha eram tantos que ela encontrava apoios nas universidades, nos jornais e principalmente entre os socialistas.

Estes últimos se mostraram grandes opositores da guerra. “A Itália e a Áustria, sendo dois países burgueses, segundo eles, é indiferente que seja um ou outro que prevaleça”. Eles tinham mesmo organizado, entre os camponeses e os trabalhadores, durante as semanas que precederam a abertura das hostilidades, equipes armadas com porretes encarregadas de parar os passantes e lhes moer de pancadas se, após interrogatório, se declarassem pela guerra. Em Milão, quando se soube, no fim do mês de maio, do bombardeio das costas italianas, uma verdadeira revolução explodiu. Um grande número de lojas foi pilhado e destruído, mais de sessenta fábricas saqueadas.

§3. A evolução política no momento da guerra.

No período que precedeu à ruptura com a Áustria, o parlamento italiano estava sob o domínio de um neutralista muito influente, o Sr. Giolitti.

Quase constantemente no poder há vinte e cinco anos, ele tinha preenchido o parlamento com homens devotados, mas pouco capazes. Ele se mantinha obedecendo a todos os movimentos da opinião pública e conseguia o que queria quando o público estava calmo.

Através de manobras que levaram à conquista da Tripolitana[17] ele tinha, sem suspeitar disso, preparado a eclosão da guerra europeia e a obrigação para a Itália de tomar parte nela. Nada mostra melhor a que ponto em política os fatos se encadeiam.

O primeiro elo dessa corrente foi o sonho italiano de possuir colônias para nelas despejar o excedente de sua população. A Itália voltou primeiro seus olhos para a Abissínia, mas a expedição, mal concebida e mal preparada, acabou em 1896 em um retumbante desastre.

Abandonada durante vários anos, a ideia de política colonial reapareceu quando o Marrocos pareceu prestes a se tornar um protetorado francês. Os políticos italianos pensaram então em se apoderar da Tripolitana, único território que permanecia vago na África do Norte. O público se interessou vivamente por esse projeto de conquista, que alimentava seu orgulho.

Mas a Tripolitana pertencia à Turquia e era preciso buscar um pretexto para a guerra. “A justificativa das hostilidades, sob o ponto de vista do direito internacional, era muito fraco”, escreve o Sr. Ferrero. Ele vê mesmo nesse fato “a que ponto as classes elevadas tinham sido germanizadas em trinta anos”.

[17] Região histórica da Líbia, que significa três cidades em grego antigo e que deu origem ao nome Trípoli, capital daquele país. (Nota do tradutor)

Na realidade, só se invocava mesmo, como motivo da agressão, a teoria alemã do direito dos povos superiores de escravizar os povos inferiores. O Sr. Giolitti segue esse movimento. Escreve este autor:

> *Ele teve que discursar de seu balcão para as massas transportadas pelo entusiasmo, no momento em que, arrastado pelos erros de política interior, ele deslanchou a mais formidável tempestade que, desde a Revolução Francesa, sacudiu o mundo. Pois a guerra da Tripolitana e as duas guerras balcânicas, de 1912 e 1913, são o verdadeiro começo da guerra europeia, o prólogo da grande tragédia.*

A conquista da Tripolitana repercutiu muito mal, custou muito caro e não levou a nada. Foi um grande alívio quando o governo, no fim de 1912, conseguiu concluir uma paz capenga com a Turquia. O descontentamento foi geral e traduzido pela entrada no parlamento de oitenta socialistas, nas eleições seguintes. Sabe-se que, em todos os países parlamentares, é pela nomeação de deputados socialistas que os povos manifestam seu descontentamento. Razões muito estranhas à razão são a causa desse fenômeno.

O descontentamento não é só traduzido pela eleição de socialistas inexperientes e ruidosos, mas através de greves e motins. Na Emília Romana várias cidades proclamaram a república.

Era neste estado de inquietação que estava a Itália quando explodiu a guerra europeia. As violências da Alemanha na Bélgica indignaram o público italiano, nas camadas profundas que tinham há muito tempo ódio ao germanismo. Ele acompanhou as peripécias do conflito com um interesse apaixonado. Desde o início, um grande número de italianos se alistou na França. A simpatia pelos aliados e o horror pelos impérios centrais se tornaram tais que, apesar de seu tratado de aliança, o governo jamais teria podido cerrar fileiras ao lado da Alemanha. Ele só tinha então, na realidade, que escolher entre a neutralidade e a guerra contra a Áustria.

Neutralistas e intervencionistas formaram dois campos nitidamente opostos.

O primeiro era composto sobretudo por professores germanizados, por todos os socialistas e habitantes do norte da Itália.

Os partidários da guerra eram muitos intelectuais ainda não germanizados, estudantes, jornalistas, escritores e membros da alta burguesia.

Poetas célebres, como d'Annunzio, contribuíram muito para sublevar o sentimento público. Os jornalistas exerceram também um papel preponderante. Eles sentiam bem que, em caso de hegemonia alemã, a Itália sofreria, como o resto da Europa, um jugo muito duro. Quanto ao povo propriamente dito __ trabalhadores, camponeses etc.

__ ele preferia, evidentemente, a paz; isso, porque o partido socialista fez uma ferrenha campanha neutralista.

O príncipe de Bülow, delegado pela Alemanha, reuniu todos os seus esforços para conseguir que a Itália permanecesse neutra. Mas suas tentativas infelizes, suas promessas astuciosas, só fizeram aumentar o número dos intervencionistas.

Nesse meio tempo, o ministro italiano dos negócios estrangeiros morreu e seu sucessor foi o Sr. Sonnino, que continuou negociações com a Áustria. Durante o inverno de 1915, uma dupla propaganda se manteve, em sentidos opostos.

Em abril de 1915, o governo assinou um acordo provisório com a Tríplice Entente, esperando sem dúvida obrigar assim a Áustria a se tornar mais conciliadora. Não obtendo nada, ele denunciou, em 3 de maio, o tratado de aliança com os impérios centrais.

A Áustria e a Alemanha organizaram então um grande complô. Confiando na Câmara, que contava com uma maioria de quatrocentos neutralistas em quinhentos deputados, o Sr. Giolitti anunciou, em 10 de maio, que as negociações com a Áustria seriam retomadas.

Acolhida com um entusiasmo geral na Câmara, essa declaração foi muito mal recebida pelo povo, cuja vontade, nessa circunstância, se mostrou realmente decisiva. O Sr. Giolitti se tornou instantaneamente impopular. O parlamento foi invadido por uma massa furiosa.

Após três dias de manifestações o rei se decidiu. “A guerra foi aprovada quase por unanimidade, por uma Câmara e um Senado cuja maioria não queria saber disso dez dias antes”, escreveu Ferrero. Nem os socialistas ousaram intervir.

Esse último período de negociações ainda permanece obscuro sob o ponto de vista psicológico. Elementos diversos nele intervieram: antipatia antiga contra os alemães, intensificada pela sua selvagem ferocidade na Bélgica; mobilidade da alma italiana; ação dos líderes que, por mais de uma vez, começaram por ser liderados.

Mas, dessa crise se retira um traço preciso, característico da conflagração europeia. Não é mais, como outrora, a vontade dos soberanos que decide a guerra ou a paz, mas a opinião pública. Como uma comporta que se abre e nenhum dique conseguiria segurar, ela obriga os chefes de Estado a seguir suas flutuações e a agir às vezes contra suas vontades.

A Itália, a Romênia e a Grécia são exemplos dessa evolução. Na Alemanha, enfim, vimos o imperador, após ter saturado seus súditos com teorias pangermanistas e preparado uma guerra que ele acreditava fazer surgir segundo a sua vontade, ser levado a começar as hostilidades num momento em que ele provavelmente não as desejava. A era das massas está aberta. A história será cada vez mais guiada, sem dúvida, pelas vontades coletivas.

CAPÍTULO IV

Os balcânicos e a questão do oriente.

§1. A mentalidade dos povos balcânicos.

Sumário

Alguns povos evoluem tão lentamente que eles parecem fixos e sua marcha estancada. A civilização desliza sobre eles sem mudá-los. Como, por exemplo, os chineses e os balcânicos.

Eles não evoluem porque suas características herdadas estão estabilizadas e dominadas por certos sentimentos __ como as crenças religiosas e os ódios étnicos __ pouco suscetíveis a mudanças.

Eu já mostrei o papel dos antagonismos étnicos ao longo da guerra atual, particularmente entre os balcânicos. Vimos que esses países eram compostos por etnias que a religião, a língua, as aspirações, os ódios sobretudo, separam profundamente. Na Transilvânia, vivem romenos, húngaros, tchecos, alemães etc. Na Bukóvina, rutenos, russos, poloneses, romenos, etc. Na Grécia, um conglomerado de todas as etnias despejadas sobre ela desde a antiguidade. Na Bulgária, misturas análogas.

Esses diversos povos só têm em comum suas inimizades seculares. Assim que uma mão de ferro deixa de contê-los eles se massacram sem piedade.

Graças a essa mão de ferro e ao emprego alternado do porrete e do empalamento, os turcos mantiveram em paz todos os pequenos Estados balcânicos durante vários séculos. Mas, assim que uma aliança momentânea lhes permitiu se livrarem do domínio muçulmano, eles se precipitaram uns sobre os outros, no dia seguinte mesmo à sua vitória. Os sérvios, unidos aos gregos, combateram os búlgaros; mas estes últimos tiveram mais tarde sua revanche, destruindo a Sérvia. O ódio aos turcos era muito vivo naqueles povos, mas o ódio que nutriam uns aos outros era muito mais vivo ainda[18] e eles não hesitaram em se aliar aos seus inimigos herdados.

Todos esses pequenos Estados sempre procuraram crescer pilhando e massacrando seus vizinhos. A Bulgária cobiça a Macedônia e uma parte da Sérvia. A Sérvia deseja anexar uma parte da Bulgária e a Bósnia inteira. A Romênia aspira possuir a Transilvânia e Bessarábia. A Grécia sonha com o domínio de toda a Macedônia, das ilhas da Ásia Menor, da Albânia, etc. Parece muito difícil estabelecer a paz entre todos esses povos.

[18] Essas incorrigíveis populações jamais conseguiram viver sem se massacrar reciprocamente com todos os requintes de crueldade. Quando visitei uma vez a cidade de Mostar, vários nativos me explicaram os inconvenientes que apresentava uma calçada no belo campo que rodeia essa cidade. Quando um grupo de muçulmanos encontrava um cristão isolado ele era imediatamente agarrado, esfolado vivo e sua pele cuidadosamente recheada com palha e pendurada numa árvore. Inversamente, quando um grupo de cristãos encontrava um muçulmano ele era cortado em duas bandas e cerrado metodicamente em pedaços paralelos.

A guerra atual, que teve nas dissensões balcânicas uma das causas distantes, rompeu os equilíbrios que tinham acabado de se formar no Oriente. Antes que ele se estabeleça de novo, a Europa deverá sofrer muitas perturbações. Muitos diplomatas lamentam que se possa deixar essas populações ingovernáveis se massacrar reciprocamente, pois, desde os tempos mais recuados, mesmo antes do domínio turco, elas jamais tiveram outro ideal e todos os seus esboços de civilização só serviram para lhes facilitar os meios de se matarem. Dado o caráter dos balcânicos, a servidão turca talvez fosse o regime político melhor adaptado à sua mentalidade. Mas, como ele não pode ser evidentemente restabelecido, é preciso se limitar a desejar que um desses povos adquira suficiente poderio para impor sua tirania a todos os Estados da Península.

§2. A questão do Oriente.

A eterna questão do Oriente, pesadelo dos diplomatas e que já produziu várias guerras, foi uma das razões distantes do conflito europeu, seguida das duas últimas colisões balcânicas.

O fundo do problema sempre foi o desejo escondido de se apoderar de Constantinopla, chave do Mediterrâneo e do comércio no Oriente.

Durante a conflagração atual, a Rússia não dissimulou suas ambições e, ao formulá-las muito prematuramente, ela se afastou de

todos os povos balcânicos, já que vários dentre eles tinham a mesma ambição. Esse foi um dos grandes erros psicológicos que a guerra forneceu.

Os alemães evitaram proclamar suas ambições, mas eles as realizaram ao ocupar Constantinopla e se colocando como os senhores dos Dardanelos. Foi um imenso trunfo em seu jogo e uma das raras circunstâncias em que sua diplomacia se mostrou superior.

A posse de Constantinopla tornou-se para a Alemanha o elemento principal dessa *Mittel Europa*, cujo plano já expusemos em outro capítulo. Estabelecendo ali sua supremacia, graças à cegueira dos diplomatas aliados, os alemães fecharam aos russos as comunicações com a Europa. A Rússia só tinha, com efeito, como rota marítima ligando-a ao resto do mundo, o mar Negro e os Dardanelos. Ela exporta três vezes mais mercadorias por essa via do que por terra. A obstrução definitiva dos estreitos constituiria um dos mais completos desastres de sua história.

Ela não seria menos funesta para a Alemanha, que busca estabelecer sua independência econômica pela linha Hamburgo-Constantinopla-Bagdá, único meio de prover seu reabastecimento numa futura guerra e evitar um bloqueio análogo àquele que ela sofreu durante o conflito europeu.

Se a posse de Constantinopla pelos alemães é temível para os russos, ela seria também lamentável para os ingleses, ameaçados

diretamente no Egito e, por consequência, em seu comércio com a Índia.

Percebe-se então que o controle de Constantinopla foi, para os alemães, um dos objetivos principais da guerra e como os ingleses e os russos não poderão se resignar com o abandono da antiga cidade, vê-se quais as dificuldades que complicarão o problema da paz e por quais graves e duráveis repercussões se prolongará a guerra atual. Escreve um jornal neutro:

> *Eis então a questão nitidamente colocada. Ou bem Constantinopla será russa __ e isso significaria a hegemonia do império moscovita nos Bálcãs, o cerco econômico dos impérios centrais, o fim da Turquia e uma grande vitória do eslavismo sobre a Europa__ ou ela estará sob o controle alemão e será então a Inglaterra ameaçada em seus interesses vitais no Egito e nas Índias e a Rússia vassala da Alemanha, ou seja, o fim da aliança franco-russa. Sempre fica a solução de Constantinopla e os estreitos neutros, sob o controle das potências; mas isso é possível?*

§3. A questão muçulmana.

Estudamos as ambições dos diversos povos que gostariam de se apoderar de Constantinopla, mas não falamos dos muçulmanos, donos atuais da Turquia. Eles não constituem, no entanto, uma quan-

tidade negligenciável e sua mentalidade permanece um fator importante da questão do Oriente.

As intrigas de alguns políticos turcos colocaram, durante a guerra, a Turquia nas mãos da Alemanha. A servidão política e econômica foi completa, mas o domínio moral não foi nem mesmo esboçado.

Os alemães sentem bem isso e sua imprensa se encarrega de bajular servilmente a vaidade turca, compreendendo que a influência germânica só poderia se estabelecer, em um povo tão estabilizado por sua herança, evitando confrontar seus costumes e seus hábitos religiosos.

O mundo muçulmano permanece muito coerente, muito fechado e, podemos também acrescentar, muito ignorado. Sua unidade moral é completa, pois ela tem por base um livro, o Corão, que constitui ao mesmo tempo um código religioso, político e social. Ele rege os fiéis há dez séculos e, ao contrário de muitos outros livros religiosos, o tempo não diminuiu sua força.

Todos os poderes políticos muçulmanos, desde o império dos árabes até o dos turcos modernos, se desagregaram lentamente. Mas, a medida em que eles perdem territórios, eles ganham almas. Em meu livro **La Civilisation des Arabes** __ já antigo mas que, no entanto, as traduções ainda tem autoridade no mundo muçulmano e servem ao ensino na grande universidade muçulmana de El-Azhar,

no Cairo __ eu mostrei que, em toda parte por onde os muçulmanos passam, eles deixam atrás deles sua religião, suas artes e muito frequentemente sua língua. Eles são duzentos e cinquenta milhões hoje em dia, dos quais, sessenta e cinco milhões na Índia e seu número cresce sem parar, até mesmo nos fundos da China.

A simplicidade da religião muçulmana e a fé de seus fiéis fazem sua força. Ela se limita a afirmar que só existe um Deus e que esta verdade foi ensinada por Maomé.

Todos os muçulmanos se consideram irmãos, porque eles têm o mesmo Deus, a mesma fé, as mesmas amizades e os mesmo ódios. A peregrinação à Meca reúne os crentes de todos os países e de todas as línguas.

Por mais rígido que seja o direito maometano, ele evolui e foi, poder-se-ia dizer, europeizado. Os imãs, embora não amem "reabrir a porta do esforço", modificam a legislação corânica nos pontos necessários. No Egito a reforma foi completa.

A fusão religiosa entre as almas, realizada pelo Corão, é muito grande, mas, dominada pelas diferenças étnicas, não podia ser suficiente para criar uma pátria. Mesmo que os muçulmanos tenham conquistado muitos países, eles não conseguiram jamais __ exceto durante um período muito curto __ fundar um verdadeiro império. Sua religião atingiu, no entanto, o resultado útil de aproximar povos com heranças e línguas muito diversas. Ela lhes deu um ideal comum,

mas não pôde realizar essa tarefa impossível de fundir, em um só grupo, etnias diferentes.

A impotência política dos muçulmanos não diminuiu sua potência moral. Ela não impediu também sua religião de se difundir. Ela é mesmo a única hoje em dia em que se observa o fenômeno da expansão. E se considerarmos que as religiões sempre constituíram o mais importante dos fatores capazes de agir sobre o comportamento, podemos estar certos de que o papel dos muçulmanos na história está longe de estar terminado.

CAPÍTULO V

Os Estados Unidos e os neutros.

§1. O papel dos neutros na guerra.

Sumário

O papel dos neutros no grande conflito europeu foi apagado. Ele poderia ter sido preponderante. As nações não beligerantes tinham, com efeito, em suas mãos, a paz e a guerra, pois apenas elas possuíam as munições e o aço para os aliados e o algodão para os alemães, necessários para a continuação da luta.

Sua influência nos conflitos do futuro levanta questões importantes, que eu não examinarei agora. Por causa da dependência recíproca e crescente dos povos, a vontade dos neutros detém, talvez, o

segredo das futuras orientações internacionais. Eu reservo seu estudo ao livro em que pretendo aprofundar alguns dos problemas determinados pela luta atual. Se menciono agora esta questão é unicamente porque a história da América durante a guerra trouxe à luz, a propósito de fundir povos diferentes, princípios psicológicos com consequências muito importantes.

O primeiro resultado do conflito europeu para os neutros foi enriquecê-los consideravelmente. Para a Suécia, Noruega, Dinamarca e Holanda, a guerra fez correr uma grande fortuna. Essa fortuna não foi estendida, no entanto, às classes populares, muito empobrecidas, pelo contrário, pela elevação dos preços dos víveres. Apenas as indústrias e as empresas de transporte colheram imensos lucros. Pode-se dizer que os neutros enriqueceram com o empobrecimento dos beligerantes. Essa será talvez a principal consequência de uma guerra empreendida com objetivos bem diferentes.

A América, principalmente, encontrou nas encomendas das nações em luta uma fonte inesperada de prosperidade. Assim se explicam seus esforços para conservar uma neutralidade completa.

§2. A neutralidade americana.

Não parece que no futuro a neutralidade dos Estados Unidos possa durar para sempre. Os próprios americanos duvidam disso, pois acabaram de votar somas enormes para constituir um exército e

uma frota capazes de fazer frente a agressões que eles sentem ser inevitáveis.

A formação desse poderio militar modificará forçosamente a política interior e também a política exterior da grande república. Não tendo podido escapar do militarismo, ela sofrerá necessariamente suas consequências.

Foram suas discussões com a Alemanha que fizeram os Estados Unidos compreenderem a necessidade de estarem prontos para se defender. Se eles possuíssem um exército e uma frota capazes, as notas trocadas com a Alemanha, a propósito dos torpedeamentos, teriam pesado de outra maneira. A diplomacia que não pode se apoiar sobre a força é sempre medíocre. Viu-se isso nitidamente pela fraca influência exercida sobre a Alemanha, durante as negociações, as tímidas ameaças do presidente Wilson.

O desenvolvimento do militarismo nos Estados Unidos produzirá logo o desenvolvimento do pan-americanismo, pois assim que um povo possui um forte exército ele procura fatalmente utilizá-lo. A absorção da América do Sul pela do Norte constituirá, provavelmente, uma das consequências dos futuros armamentos.

A transformação dos Estados Unidos em potência militar parece inevitável. O ex-presidente Roosevelt escreveu, num livro memorável, que o triunfo das doutrinas pacifistas exporia infalivelmente seu país ao perigo. Ele lembra que doloroso tributo de sangue e de

lágrimas custou à França as doutrinas pacifistas de seus dirigentes. Ele mostra claramente também, pelo exemplo da Bélgica, a que destino se expõe um povo insuficientemente armado. Escreve ele:

> *Não deixemos de manter os olhos fixos no caso da Bélgica! Ela cumpriu seus deveres no espírito da leal imparcialidade. Ela não perdeu nenhuma oportunidade de afirmar a manutenção de sua neutralidade e de impô-la ao respeito das outras nações. A maneira com que a Alemanha se conduziu com relação a ela foi uma flagrante violação da lei das nações e um crime monstruoso contra a humanidade. Buscar-se-á inutilmente em toda a história um espetáculo mais odioso do que aquele das represálias exercidas pelos alemães contra a Bélgica para fazê-la expiar sua corajosa defesa dos direitos nacionais e das obrigações internacionais. Nenhum dos outros crimes cometidos pela Alemanha desde o começo da guerra europeia atingiu tão profundamente e feriu nossa concepção de lealdade internacional. Foi também desse primeiro ato de imperdoável traição que se derivaram todas as infâmias alemãs posteriores.*
>
> *Muito recentemente ainda, um jornal oficioso de Berlim,* ***La Gazette de l'Allemagne du Nord****, reconheceu, com uma impudência assombrosa, que a Alemanha tirou da Bélgica absolutamente todo o proveito que ela podia tirar. "O imposto*

que exigimos hoje em dia da Bélgica representa o limite extremo da capacidade financeira desse país, que já, naturalmente, nos recompensou de todas as despesas que eles nos custaram".

E é para a manutenção de uma opressão tão monstruosa que trabalham, no presente, nossos covardes pacifistas, esforçando-se para tornar impossível todo envio de armas e de munições destinados aos aliados.

O armamento indispensável da América mostra, mais uma vez, a que ponto os acontecimentos se encadeiam. Com a invasão da Bélgica, o massacre de seus habitantes e a destruição de suas cidades, a Alemanha esperava intimidar os neutros. Ela só conseguiu mostrar a eles a necessidade de se militarizar, provando aos mais obstinados pacifistas que o direito sem força não constitui uma defesa. Nenhum povo era mais pacifista do que a Bélgica. Tratados reconhecidos pelas grandes potências pareciam torná-la inviolável. Ela foi, no entanto, esmagada, mas, ao esmagá-la, o kaiser não suspeitou que destruiria por muito tempo a confiança do mundo na Alemanha.

§3. O papel dos alemães na América durante a guerra.

Os alemães são, nos Estados Unidos, mais de dez milhões, dos quais, três quartos são nascidos no solo americano. No primeiro ano da guerra, graças à sua propaganda pelos jornais em que um terço

lhes pertencia, eles conseguiram persuadir muitos americanos de que a França e a Inglaterra estavam em conluio com a Bélgica para atacar a Alemanha.

Os setecentos professores alemães das universidades americanas participaram ativamente nessa campanha. Os cinemas, os teatros, os sermões nas igrejas, ajudaram nesse mesmo objetivo.

Apesar dessa tão custosa propaganda, seu chefe, o ex-ministro Dernburg, reconheceu, por ocasião de seu retorno da América, que os alemães não tinham conseguido conquistar muitos amigos.

Tendo falhado em suas tentativas de persuasão, eles tentaram a intimidação e organizaram metodicamente incêndios, greves e explosões de fábricas. Esses procedimentos, derivados de seus erros psicológicos sobre o papel do terror, tiveram por consequências: 1º) a expulsão de vários agentes diplomáticos alemães; 2º) uma indignação geral; 3º) a demonstração dos perigos do germanismo; 4º) uma reação nacional cujos efeitos ainda estão muito longe de terem se esgotado.

Não foi somente a conduta dos germânicos na América que levantou contra eles a inimizade geral, mas também suas violências na Europa. Quando, após muitos meses, a luz se fez sobre os massacres de mulheres, de velhos e de crianças; o incêndio de Louvain; o bombardeio da catedral de Reims etc., a reprovação tornou-se universal. Ela se acentuou ainda mais quando o torpedeamento do Lusitânia

atingiu diretamente os Estados Unidos e fez perecer americanos pacifistas. Ultrapacifista, o presidente Wilson se limitou a tímidos protestos, os quais o gabinete de Berlim respondeu, com uma desdenhosa lentidão, através de notas evasivas. O Sr. Wilson só se tornou um pouco mais enérgico após a onda de indignação que se seguiu às conspirações urdidas em solo americano, contra a liberdade do trabalho e da indústria.

§4. As ilusões americanas sobre a absorção dos alemães pelos Estados Unidos.

Os americanos tinham há muito tempo grandes ilusões sobre sua facilidade em absorver alguns elementos estrangeiros. Eles desconheciam assim leis psicológicas que não se deixam transgredir.

Sem a ação dos cruzamentos repetidos, a assimilação de um povo por outro é apenas aparente e acontece apenas sobre elementos muito superficiais. Não se muda de etnia mudando de meio. Se os vivos podem fundir suas línguas e seus costumes, a alma dos mortos, que eles levam em si mesmos, permanece rebelde a tais fusões.

O comportamento dos alemães na América durante a guerra, mesmo daqueles que a habitavam há várias gerações, justificou mais uma vez esse princípio fundamental. Eu lembrei acima como eles se aplicaram em servir seus compatriotas europeus, não recuando nem

mesmo diante das explosões de fábricas que levaram à morte numerosos trabalhadores inofensivos.

Os americanos, convencidos de que os alemães que viviam entre eles estavam americanizados, ficaram muito surpresos com seu erro. Pode-se avaliar essa decepção através de uma mensagem do presidente Wilson, em dezembro de 1915, que apresento alguns extratos:

> *Por mais graves que tenham sido certas diferenças em nossas relações políticas e por mais graves que elas possam ser ainda, eu lamento dizer que a ameaças mais graves à nossa paz e nossa segurança nacionais partiram do interior do próprio país. Foram cidadãos dos Estados Unidos __ eu coro ao confessar __ nascidos no estrangeiro, mas há muito tempo acolhidos por nossas leis liberais como cidadãos americanos livres, que espalharam o veneno da infidelidade nas artérias de nossa vida nacional e se esforçaram em expor ao desprezo a autoridade e o bom nome de nosso governo, em destruir nossas indústrias, por considerarem isso útil a seus objetivos odiosos e rebaixar nossa política, colocando-a a serviço de intrigas estrangeiras... A América jamais testemunhou fatos semelhantes. Ela jamais pensou que fosse possível que pessoas que haviam jurado fidelidade a seu próprio país, pessoas que, descendendo das grandes nações liberais, produziram os me-*

lhores elementos desse pequeno povo heroico, o qual, nos grandes dias do passado, dedicaram toda sua vida a se livrar dos laços que entravam as nações mais antigas e que fincaram aqui uma nova bandeira, que pessoas com tal origem e tão livres pudessem adotar uma atitude tão hostil com relação ao governo e ao povo que os receberam tão bem e que os alimentaram e procurassem transformar este orgulhoso país em lar das paixões europeias.

Essas criaturas das paixões, da infidelidade e da anarquia devem ser afastadas. Elas organizaram complôs para destruir a propriedade; elas urdiram conjurações contra a neutralidade do governo e procuraram conhecer os resultados das deliberações secretas do governo, a fim de servir a interesses estrangeiros. Contra tais fatos deve-se agir energicamente.

Como conclusão desta seção eu me permitirei reproduzir uma página do prefácio que escrevei recentemente para a 12ª edição de meu livro **Les Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**.

Sobre os antagonismos étnicos o tempo só age com uma extrema lentidão. Se, às vezes, um povo parece mudar, circunstâncias imprevistas acabam por revelar que essas mudanças só eram aparentes e aconteceram apenas sobre os aspectos acessórios da personalidade. A guerra confirmou essa lei. A América estava muito certa de

que os milhões de alemães que viviam em seu seio estavam assimilados e possuíam uma alma americana. Nada disso. Assim que a Alemanha foi ameaçada a alma germânica antiga dominou inteiramente a alma americana aparente. Os novos cidadãos, considerados como assimilados, não hesitaram em se mostrar hostis à sua pátria de adoção e a fomentar contra ela temíveis complôs. Os menos violentos se limitaram a uma furiosa campanha, através de jornais e conferências em favor de sua verdadeira pátria.

É que, de fato, nem as mudanças de meio nem as conquistas bastam para modificar a alma de um povo. Sua transformação só é possível através de cruzamentos repetidos. O solo, as instituições, nem mesmo a religião, não mudam a alma de um povo.

CAPÍTULO VI

A evolução do Japão e a conquista do extremo oriente.

§1. A história recente do Japão.

Sumário

Enquanto a Europa se dedicava aos massacres e às devastações que devem arruiná-la por várias gerações, o Japão empreendia, silenciosamente e sem custos, a conquista de um império de quatrocentos milhões de pessoas e começava assim a realização de uma das mais prodigiosas aventuras da história.

Os japoneses não exteriorizam facilmente sua alma, por isso seria muito difícil falar de sua evolução mental durante a guerra. Uma rápida olhada neste período que acabou de atravessar esse povo, deixa no entanto pressentir que imenso e legítimo orgulho ele pode experimentar.

Há meio século, se muito, o Japão não tinha ultrapassado nosso período feudal da Idade Média. O armamento de muitos de seus soldados era composto de sabres e flechas.

Felizmente para ele, ele possuía qualidades preciosas, adquiridas por uma longa herança e utilizadas quando a adoção da civilização europeia se tornou necessária. Elas lhe permitiram realizar, em alguns anos, progressos que demandaram séculos a outros povos.

Esses progressos foram imensos; escolas técnicas, fábricas, usinas, arsenais, surgiram do solo a cada dia. Todos esses estabelecimentos foram, a princípio, gerenciados por europeus, mas, em pouco tempo, os engenheiros japoneses se tornaram suficientemente instruídos para dirigi-los eles mesmos e se livrar de toda tutela estrangeira.

A Europa olhava os esforços do Japão com uma benevolência um pouco desdenhosa e só tinha uma confiança restrita no poderio militar desses recém-chegados ao teatro da civilização.

Foi então para ela um verdadeiro espanto saber bruscamente que o Japão, julgando-se tratado com muito desprezo pela Rússia, lhe declarou guerra. Os críticos militares mais autorizados assegura-

ram que a punição ao insignificante povinho só demandaria ao grande império alguns dias.

Sabe-se do surpreendente desmentido trazido pelos fatos a esses prognósticos. Vencidos em todas as batalhas terrestres, sem exceção, mesmo que sempre possuindo a vantagem do número, os russos decidiram enviar sua frota ao Japão. Após duas horas de combate, ela estava inteiramente aniquilada pelos navios do almirante Togo. O colossal império do tsar foi obrigado a solicitar a paz a seu minúsculo vizinho.

A Europa, paralisada em face de tal sucesso, ficou algum tempo sem compreender. Ela só conseguiu entender ao meditar nas profundas palavras do almirante Togo. Felicitado pela vitória de Tsoushima, ele respondeu: “Foram meus ancestrais e não eu que ganharam a batalha”.

Ele estava coberto de razão, o valente almirante. As qualidades adquiridas por seus ancestrais e fixadas na alma de seus descendentes valem para um povo todas as riquezas e todos os canhões, porque, munidos dessas qualidades eles adquirem a riqueza e fabricam canhões.

Essa foi a causa dos rápidos progressos do Japão. Ele não pulou bruscamente várias etapas da civilização, como se repetiu erradamente, mas aplicou simplesmente, à assimilação de uma civiliza-

ção nova, as qualidades de paciência, de tenacidade, de disciplina e de bravura que constituíam o patrimônio ancestral de seu povo.

Em nossos dias o Japão se tornou uma das maiores potências do mundo. Ele possui todas as aptidões militares e industriais dos alemães e mais as qualidades cavalheirescas que sempre faltaram a estes últimos.

§2. O Japão durante a guerra.

Vejamos agora como o Japão utilizou suas capacidades industriais durante a guerra. Num certo momento ele foi quase o único fornecedor de armas da Rússia, cuja sorte estava então em suas mãos. Disso resultou um considerável enriquecimento para ele. Suas companhias de navegação puderam distribuir colossais dividendos. Uma delas chegou a render 500%.

A ajuda do Japão à Rússia não foi, naturalmente, dada sem compensações.

Sabe-se da desordem em que mergulhou a China após a conspiração que derrubou sua antiga dinastia. O presidente da república instituída logo tentou fazer com que fosse nomeado imperador, mas morreu misteriosamente[19].

[19] Esse ditador, de nome Yuen-Chékai, teve uma carreira muito romanesca. Ele não tinha mais inimigos, havia mandado matar todos. Para assustar seus competidores ele tinha restabelecido o suplício da morte lenta, assim descrita pelo Sr. Farienel: "Começa-se por cortar-lhe o nariz, as orelhas, as extremidades das mãos

As circunstâncias eram excelentes para o Japão. Ele soube se aproveitar dela. Acordos entre esse país e a China __ aceitos, aliás, pela Inglaterra __ estabeleceram o predomínio do Japão no extremo oriente. Os esforços da Inglaterra para limitar a extensão do Japão na China foram inteiramente anulados.

O tratado do Japão com a Rússia, limitado em aparência à concessão aos japoneses de toda a Manchúria meridional, ao sul de Kharbine, lhe deu, na realidade, a China e pôs fim à supremacia europeia no extremo oriente.

A absorção da China pelo Japão não teve o aspecto de uma brusca e rápida conquista, mas sim a de um protetorado. Suas bases foram definitivamente colocadas.

Não se pode condenar a Rússia, mas muito mais a Inglaterra, por ter abandonado quase completamente a China à influência do Japão. Sozinha durante muito tempo, esta última potência se viu na medida para abastecer os russos com munições. Sem tal assistência, que foi preciso recompensar bem, a situação da Rússia desarmada teria sido bem crítica.

---

e dos pés; extrai-se os seios com o machado e todas as partes protuberantes do corpo; faz-se uma incisão no ventre e retira-se uma parte dos intestinos, tomando-se o cuidado de não deixar o sujeito morrer; depois arranca-se os dois olhos; por fim, abre-se a fronte e retira-se o cérebro com uma colher".

Ao Japão falta um pouco de carvão, pois ele só extrai anualmente 21 milhões de toneladas, mas a China, convenientemente explorada, lhe fornece isso e muitos outros produtos ainda.

Uma das grandes forças do Japão e que impedirá qualquer povo de poder lutar comercialmente contra ele é sua capacidade de trabalho e o baixo preço de sua mão de obra. Um jornal americano destaca isso nos seguintes termos:

> *O Japão pôs em vigor recentemente uma nova lei regulamentando o trabalho nas fábricas. Essa lei, aplicável a partir de 1º de setembro, interessa particularmente aos Estados Unidos depois do estabelecimento da nova linha japonesa. A jornada de quatorze horas permanece a jornada típica do trabalhador japonês. As jornadas das mulheres e das crianças não foram reduzidas. Por suas quatorze horas de trabalho o trabalhador japonês recebe um terço do salário que recebe o trabalhador americano por uma jornada de oito horas. O Japão, além disso, transportando ele mesmo suas mercadorias para a América, com taxas muito reduzidas, torna a concorrência impossível.*
>
> *(Whashington Post, 02/09/1916)*

Por suas capacidades técnicas, o Japão já tende a se igualar com a Alemanha. Quando ele tiver civilizado inteiramente a China, com seus 400 milhões de habitantes, ele poderá se considerar como

uma das primeiras potências do mundo. Apenas os Estados Unidos poderão rivalizar com ele.

A absorção da China pelo Japão passou quase despercebida na Europa durante a guerra, mas as gerações do futuro compreenderão que essa pacífica conquista foi, pelas suas consequências, um dos maiores eventos da história.

Suas repercussões começarão a se revelar apenas após a guerra. Elas atingirão sobretudo os povos que vivem do comércio, como os alemães. Antes do conflito europeu, a Alemanha, com um excesso de produção, já via seus mercados se restringirem. A outras nações se libertavam economicamente dela e se protegiam com barreiras aduaneiras. A China parecia o futuro grande território de exploração. Quando, após a guerra, os alemães quiserem, para compensar suas perdas, abrir mercados na China, eles encontrarão lá não apenas ingleses, americanos e russos, mas principalmente japoneses que, graças a acordos econômicos estabelecidos durante a conflagração, poderão se posar de senhores e obrigar a China a fechar seus portos para tal ou tal produto. Essas são consequências que os autores desta guerra não haviam previsto. Nem mesmo a vitória poderia lhes reabrir os mercados perdidos. Os alemães tumultuaram o mundo para atingir um resultado exatamente contrário ao que eles perseguiam.

LIVRO V

As relações futuras entre os povos. Evolução do direito internacional

---

CAPÍTULO I

As concepções latinas e germânicas do direito e da força.

§1. O direito e a força.

Sumário

A oposição frequentemente estabelecida entre o direito e a força acontece porque a palavra direito é um termo com conteúdo incerto, que evoca ideias diferentes na mente, segundo a mentalidade das pessoas que o empregam. Uns identificam o direito com a força, outros consideram o direito como um tipo de entidade superior à força e cujos decretos se impõem sem discussão.

Esta última concepção leva naturalmente a opor o direito à força, ou seja, uma grandeza moral a uma grandeza material. Chega-se então a formular proposições como esta que eu extraí de uma conferência dada diante do rei da Noruega, pelo explorador Nansen:

Suponhamos um imenso estado negro que possua os mais modernos armamentos. Teria ele o direito de esmagar um pequeno povo europeu, infinitamente superior pela cultura? Não. O tamanho pode dar o poder, mas não cria o direito.

O eminente navegador julgou certamente, segundo sua teoria, que os negros da Abissínia não tinham o direito de praticar as desagradáveis amputações dos italianos capturados após a derrota de Adoua; que os assírios não tinham o direito de esfolar vivos os vencidos; os bárbaros, o direito de saquear Roma; os peles vermelhas, de escalpelar os crânios dos brancos. Os indivíduos que foram amputados, esfolados vivos ou escalpelados, tiveram provavelmente uma medíocre consolação por saberem que tinham o direito a seu favor. Eles certamente teriam preferido possuir a força necessária para se defender e constatado que o direito sem a força é, na realidade, pouca coisa.

Os antigos ignoravam essas distinções sutis entre o direito e a força. Os romanos não teriam compreendido se lhes tivessem perguntado se eles tinham o direito de matar os feridos ou de fazer serem devorados vivos seus prisioneiros por bestas feras num circo, para divertir seus espectadores. Direito e poder eram, a seus olhos, sinônimos; como são para os alemães modernos.

No prefácio de seu memorável livro, **La France Devant l'Allemagne**, o Sr. Clémenceau discutiu, nos seguintes termos, o

valor de um aforismo que eu havia formulado, sobre a origem do direito:

> *O direito assumiu um lugar no cortejo de nossas divindades inacessíveis. Quando Gustave Le Bon disse que o direito é apenas uma força que dura, ele cruelmente dissecou um de nossos últimos deuses. É sacrilégio analisar sua divindade?... O sangue generoso de inumeráveis mártires fez nascer um tipo de direito universal exterior às crenças, ou seja, uma igualdade de concepções humanitárias na natural desigualdade dos indivíduos. Esse futuro direito da criatura não é o Deus do evangelho moderno que Gustave Le Bon só fez remeter à fonte mesma de todas as divindades da terra, identificando-o com a força permanente das coisas, de onde decorre toda subordinação dos seres?...*
>
> *O direito é a última coisa vinda desses deuses invisíveis, aquela cuja regra de universal equidade não faz nenhuma distinção de ideologia nos agrupamentos da espécie humana.*[20]

Veremos que se o direito sem a força constitui uma palavra inútil, ele se torna algumas vezes gerador de força e pode então lhe fazer oposição. Mas se a força sem o direito muito frequentemente foi a lei do mundo, a história prova superabundantemente que o di-

[20] La France Devant l'Allemagne, pp. I e II.

reito desprovido de força não pode se impor nem durar. Pretender separar o direito da força que o sustenta é querer isolar dois elementos que só têm valor com a condição de estarem associados.

§2. O direito social e o direito internacional.

Quando se fala de direito, é preciso distinguir bem o direito no interior de uma sociedade do direito no exterior dessa sociedade. Em todas as aglomerações humanas, qualquer que seja sua organização, o direito prevalece sobre a força. Nas relações entre sociedades diferentes é, ao contrário, a força que prevalece sobre o direito.

As causas dessa diferença são evidentes. Uma sociedade só pode sobreviver, com efeito, com o respeito aos direitos estabelecidos para fazê-la durar. O direito só domina, aliás, a força porque ele mesmo é uma força temível constituída por sanções muito superiores a todas as forças individuais.

As regras do direito que são impostas pelas sociedades para viver não são resultantes da arbitrariedade das pessoas, mas da necessidade. Com efeito, foi somente quando os povos se viram estabilizados pelo costume e os códigos que os fixam, que a coesão social substituiu a anarquia e que as nações puderam prosperar.

Com a formação de uma força social que cria obrigações sancionadas pelos códigos desapareceram progressivamente os abusos da força individual. Muitas revoluções __ a Revolução Francesa,

particularmente __ tiveram sobretudo, por objetivo, fazer desaparecer os privilégios que permitiam a algumas pessoas subtrair suas forças individuais do jugo da força social.

Os códigos sociais têm, como apoio necessário, a polícia. Para os códigos internacionais não existe polícia e, por isso, suas prescrições, mesmo que muito respeitáveis, raramente são respeitadas.

§3. As concepções latinas do direito.

Os povos latinos fazem parte das nações que eu falava acima, nas quais o direito representa uma entidade mística superior à força.

Essa ilusão não é racionalmente defensável, mas não se deve desconhecer seu poder. As fórmulas místicas sempre foram os guias das pessoas e, por isso, é preciso levar em conta não seu valor, mas seus efeitos.

Quando asseguramos, por exemplo, lutar pelo triunfo do direito sobre a força, empregamos uma fórmula dotada de uma ação estimulante incontestável, independente de seu fraco conteúdo racional.

Após sua repetição frequente, a teoria latina do direito tornou-se uma dessas certezas místicas que, no espírito da maior parte das pessoas, assumem ares de verdades e agem como tais. Nosso ideal latino do direito primando sobre a força possui hoje em dia um poder suficientemente grande para ser gerador de força material. Pode-se

então opor justamente o direito à força e considerá-los como grandezas produtoras de efeitos de mesma ordem.

As civilizações só progridem graças às sugestões produtoras dessas fórmulas místicas, tão poderosas que, permanecendo muito vagas, cada uma traz consigo seu próprio ideal. As palavras têm força de ação, escreveu justamente um grande jornal italiano a propósito de movimentos que levaram a Itália à guerra.

> *Pela palavra "honra" a Bélgica salvou a Europa; pela palavra "revanche" a França inteira se levantou; pela palavra "grandeza" a Itália se jogou na linha de frente. A palavra "fraternidade" pronunciada pela França e a Itália prepara a vitória e a força de amanhã. A utilidade econômica e as necessidades militares e políticas só têm valor durável apoiadas sobre essas palavras... Uma palavra é um ideal e é o ideal que dirige a ação. A importância das palavras é frequentemente superior aos fatos. O que é, por exemplo, o pangermanismo? Uma orgia de palavras que embriagou a Alemanha; mas foi essa embriaguez que fez sua grandeza e sua força.*
>
> *(**Secolo**, 12/02/1916)*

E aqui se recai mais uma vez sobre essa noção fundamental, tantas vezes defendida em meus livros, que não é o racional que conduz o mundo. O racional guia a ciência, mas as forças de origens afetivas, místicas ou coletivas conduzem as pessoas.

Mesmo constatando que o direito é gerador de força não se pode esquecer, como fizeram os pacifistas, que o direito sem força é uma quimera. Bárbaros que só possuíam a força destruíram a civilização romana. Muitos povos que possuíam o bom direito desapareceram da história porque o bom direito não estava apoiado sobre uma força suficiente. Os poloneses tiveram esta experiência.

A força material cresce quando ela está unida ao direito, mas o direito sem a força é, eu repito, uma palavra vã. O início da guerra europeia demonstrou isso de maneira suficiente.

O direito tem suas épocas, dizia Pascal. A história não passa, com efeito, de um conflito entre as ideias que cada povo faz de seu direito.

Por isso, quando afirmamos combater pelo direito e a justiça, queremos simplesmente dizer que lutamos para conservar nosso ideal de direito e de justiça, de respeito pelos tratados, de lealdade internacional, de liberdade, fixados em nossas almas por séculos de civilização. Lutamos para que uma nação que se tornava a cada dia mais arrogante com seu poderio militar, renuncie à sua vaidosa pretensão de submeter o mundo à sua insuportável lei. Agindo assim, só fazemos opor, ao direito que ela concebeu, nossa própria concepção do direito, tal como foi forjado pelos nossos ancestrais.

§4. As concepções germânicas do direito.

Eu expus, de maneira suficiente, em meu último livro[21], os princípios do direito formulados pelos escritores alemães mais ilustres, para julgar útil retornar a eles longamente. Sua teoria é simplesmente a lei do mais forte, que rege o reino animal. Esse direito primitivo, anterior à aparição do ser humano, constitui o que chamarei de direito biológico.

As concepções germânicas do direito são perfeitamente resumidas na frase de um certo professor Rein, reproduzida por todos os jornais: que os germânicos, raça superior, devem entre si lealdade e humanidade, "mas não devem isso às raças inferiores, particularmente às raças romanas, que urge expulsar da Europa".

Os escritores alemães repetiram cem vezes que os seres desiguais em força não poderiam se tornar iguais em direitos. Os povos fracos devem obedecer aos povos fortes e o único povo atualmente forte seria o povo alemão.

Eu relembrei com que cinismo os mais ilustres historiadores germânicos não cessavam de pregar a conquista dos países vizinhos simplesmente para se apoderar de seus territórios e de suas riquezas. Bernhardi __ que reproduzi em meu último livro várias passagens __ aconselhava à Alemanha se apoderar, pela força, de vários Estados

[21] Enseignements Psychologiques de la Guerre Européenne, PP, 35, 50, 117 etc.

independentes. Ele explicava que os povos devem crescer às custas de seus vizinhos quando eles viam neles algum interesse e que uma nação só pode permanecer ligada a tratados quando esses tratados lhe são vantajosos.

Durante a guerra a utilidade constituiu a única regra do direito na Alemanha. Vários professores de direito __ Kolbe e Von Blume, particularmente __ escreveram longos artigos para desenvolver essa tese. Eles a aplicaram à violação da Bélgica que, segundo eles, não tinha o direito de interditar a travessia de seu território a um vizinho cuja passagem era necessária.

Tal teoria foi adotada por vários juristas dos países neutros, mesmo ela sendo muito ameaçadora para eles. O Sr. Kiellen, professor de ciência política na Universidade de Estocolmo, a defendeu da seguinte maneira, num artigo publicado sob o título *Le champion du droit*:

> *É uma lei elementar: quando um interesse atingiu seu desenvolvimento completo, ele muda de nome aos olhos do interessado e se torna um direito. Podemos então, nos baseando nos fatos produzidos ao longo da guerra mundial, colocar como dogma essa verdade. Quando uma potência tem grande vantagem em violar o direito, ela tem o direito... Quando um Estado é suficientemente poderoso para defender seu interesse por uma infração ao direito, ele tem o direito.*

As teorias do direito aplicadas pelos alemães durante a guerra terão forçosamente uma influência considerável sobre os costumes europeus. Tudo o que era justiça e civilidade sofrerá um sensível recuo. A visão do mundo mudará. Não se perguntará mais se uma coisa é permitida, mas simplesmente se ela é vantajosa.

Todas as barreiras inibidoras erguidas pela sabedoria de séculos entre a cobiça e o ato tendo sido abatidas, os povos se encontram, uns em relação aos outros, no estado de hordas primitivas.

A guerra europeia mostrou no que se tornaram as lutas. Alguns atos do invasor nos remeteram às épocas mais distantes da história. Como, por exemplo, os massacres na Bélgica e no norte da França; a deportação em massa; o restabelecimento da escravidão antiga de civis, neles compreendidas mulheres e crianças, destinados aos mais rudes trabalhos no país inimigo. Como também a destruição, com todos os requintes possíveis de torturas, de um milhão de armênios.

Começa-se a se habituar a isso. Enquanto que os massacres muito menos importantes, cometidos pelos búlgaros nas guerras balcânicas, tinham produzido explosões de indignação, as hecatombes atuais __ como a da Armênia, particularmente __ deixaram os neutros muito indiferentes. Um grande jornal escreveu, a propósito desses últimos massacres:

Hoje, os êxodos em massa, as torturas, os enforcamentos, as lutas selvagens custaram a vida de mais de um milhão

desses infelizes, cujos cadáveres cobrem todas as estradas da Armênia. A imaginação não poderia criar visão mais atroz do que a desse extermínio premeditado, obra dos turcos e daqueles que os protegem. E nenhum governo impôs aos autores dessas abominações que cessassem sua sinistra carnificina!

O mundo, que esperava no século XX o triunfo da justiça e do respeito às convenções internacionais, assiste a um espetáculo de selvageria que não foi ultrapassado nos períodos mais sombrios da barbárie.

Destaca-se, no entanto __ só se colocando sob o ponto de vista utilitário e deixando de lado os sentimentos humanitários, tão desprezados pelos alemães __ que os massacres e as destruições são frequentemente mais nocivos do que vantajosos para seus autores. Foi justamente porque eles não compreenderam isso que os germânicos falharam tão completamente em suas colônias, após tê-las, no entanto, inundado com sangue. Os massacres e os incêndios na fraca Bélgica não tiveram, sabe-se, outro resultado do que fazer brotar milhões de voluntários do solo inglês e de fincar no coração do país conquistado um ódio que se perpetuará através de gerações. Com toda evidência, a humanidade teria sido muito mais proveitosa do que a ferocidade.

Os ingleses compreenderam isso há muito tempo. Sir Walter Raleigh destacou justamente as diferenças que separam as concepções inglesas dos métodos alemães. Escreveu ele:

> *Os alemães ainda não demonstraram habilidade na arte de governar outros povos. A força é o direito e é muito concebível que eles adquiram colônias por meio da violência. Se eles querem mantê-las, terão que fechar os livros de seus próprios professores e estudar a história interior do Império Britânico. Os partidários do colonialismo alemão nos encaram com má-vontade bovina.*
>
> *Em toda a biblioteca das teorias alemãs buscar-se-ia em vão uma explicação para o fato de que os bôeres, em seu conjunto, permaneceram fiéis ao Império Britânico. Se os pensadores políticos alemães pudessem compreender essa situação política, que parece tão simples ao espírito inglês, poder-se-ia não se desesperar com eles. Mas eles olham isso como uma operação de magia negra e se recusam a encontrar nela uma razão. Como conduzir sem uma vara uma manada de bovinos?*

É certo que, com efeito, o vencedor que não sabe lidar com o vencido se expõe __ a não ser com o extermínio total __ à difícil operação de praticar, sobre milhões de pessoas, lutas perpétuas. Se a Inglaterra, em vez de conceder finalmente liberdades políticas aos bôeres revoltados, tivesse se comportado como os alemães na Bélgi-

ca, ela não teria, de maneira alguma, como aliados, seus antigos adversários.

Foi unicamente porque eles souberam respeitar os direitos dos povos fracos que os ingleses viram chegar em seu socorro contingentes de todas as suas colônias: Índia, Canadá e Austrália, particularmente.

Pode-se acreditar que, instruídos pela experiência, os alemães comecem a compreender os inconvenientes que apresentam sua concepção do direito, pois eles dedicam um grande número de publicações para tratar de justificar seus procedimentos na Bélgica, no início da campanha. Vendo a opinião pública se voltar contra eles, eles constataram, não sem espanto, que princípios ilusórios sob o ponto de vista da razão pura, podem possuir um valor prático muito grande. No domínio do místico e do afetivo as coisas irreais se tornam facilmente geradoras de fenômenos muito reais. Nenhuma noção clara do direito é possível a quem negligencia essa fundamental observação.

CAPÍTULO II

A ausência de moralidade nas relações internacionais.

§1. A anarquia moral internacional.

Sumário

Mesmo que muito negligenciado pelos historiadores, o estudo das relações morais entre povos apresenta um interesse considerável. Ele revela alguns dos verdadeiros fundamentos da moral, ignorados ou desconhecidos pelos metafísicos e prova o pequeno valor das discussões sobre este assunto desde Aristóteles. Ele mostra igualmente sobre quais ilusões repousava a esperança de criar uma moral desprovida de sanções.

A moral sem o suporte das sanções é precisamente a que praticam os povos entre eles. Por isso é instrutivo pesquisar os resultados.

Com exceção das relações comerciais, que não poderiam durar sem o respeito recíproco aos compromissos, pode-se constatar que jamais existiu nas relações entre nações o menor lampejo de moralidade. O direito do mais forte constituiu sempre o único direito.

Essa lei da força bruta domina tanto a história do mundo moderno quanto a do mundo antigo. Jamais, no curso dos séculos, um povo forte hesitou, quando podia fazê-lo sem perigo, em invadir um povo fraco para se apoderar de seu território e de suas riquezas. Foi com tais conquistas que se constituiu a grandeza de Roma. A Idade Média e a Renascença não seguiram outros princípios. Maquiavel considerava que o Estado, sendo amoral, não devia ter outro objetivo que não fosse o sucesso.

Em nossos dias, a ideia de conquista é geralmente pouco invocada. Os livros escritos sobre o direito dos povos __ por teóricos de

boa vontade, certamente, mas de perspicácia restrita __ produziram um tipo de hipocrisia geral, que exigia, para justificar as conquistas, o anúncio de novos princípios. Invoca-se a teoria das nacionalidades ou a necessidade de fazer com que o país conquistado goze dos benefícios de uma civilização superior. Quando aparece muito visivelmente que apenas o direito do mais forte foi exercido, afirma-se bem claramente que a força foi posta a serviço do direito.

Essa fraseologia jamais enganou ninguém e cada um sabe o que é preciso pensar dela. Ela não teve outros resultados que não fosse o de criar entre os povos uma desconfiança tão grande que eles gastam um terço de seus orçamentos em armamentos preventivos contra as cobiças de seus vizinhos. A guerra imposta pela Alemanha provou que essas despesas ainda eram insuficientes.

Guerras e armamentos jamais impediram, afinal, os diplomatas de discorrer sobre o direito com uma candura surpreendente em homens com sua profissão. Pode-se avaliar pelas linhas seguintes extraídas do livro **L'État Moderne**, escrito há alguns anos por um ex-embaixador dos Estados Unidos na Alemanha.

> *Foi-se o tempo em que, nas nações europeias, uma guerra de rapina era considerada como um empreendimento que os poderes públicos podiam legitimamente empregar. Não se encontraria provavelmente políticos responsáveis, num país civilizado, para propor uma guerra de conquista e de escravi-*

zação, que tenha como objetivo o roubo de riquezas e de territórios. Não há uma só nação civilizada que gostaria de pensar seriamente numa tal política.

Nas relações internacionais, a conduta de um país com relação a um outro depende da força deste último, ou pelo menos na ideia que se faz dela. Apenas os povos fortes estão certos de serem respeitados.

Com relação a povos cuja fraqueza é evidente __ negros e peles vermelhas, por exemplo __ o povo superior não acredita ser necessário nenhum cuidado. Durante séculos e até à abolição da escravidão na América, os negros não foram melhor tratados do que as bestas de carga. Seus territórios foram periodicamente invadidos, os homens mais vigorosos presos e vendidos a plantadores que os faziam trabalhar a golpes de chicote.

Se o povo inferior não podia ser utilizado como escravo era destruído metodicamente como uma caça nociva, após se apoderar de seu país. Tal foi a sorte dos peles vermelhas, que desapareceram quase completamente dos Estados Unidos. Os raros sobreviventes, conservados como amostras da raça, foram alojados durante muito tempo em parques, de onde não podiam sair, sob pena de serem abatidos a tiros de fuzil.

Eu reproduzi em meu último livro as passagens dos historiadores e dos filósofos alemães mais ilustres que mostram com que inge-

nuidade e sem procurar outra justificativa além de sua pretensa superioridade, eles levaram a Alemanha, depois de muitos anos, a invadir seus vizinhos para se apoderar de seus bens.

A teoria da conquista, em virtude do direito do mais forte, foi exposta em vinte obras diferentes e particularmente no livro do professor Tannenberg, publicado em 1911 (**La Plus Grande Allemagne**). É simplesmente a teoria do caçador com relação à caça. O Sr. Hanotaux resumiu bem, nas linhas seguintes, o que a Alemanha acreditava poder obter pela invasão de seus vizinhos:

> *Poucos riscos, uma curta campanha e depois, a boa vida para os pais, as crianças e os netos; a riqueza em terras, a riqueza em capitais, a prosperidade da indústria, a posse dos mercados. Fascinante certeza. Festim apocalíptico!*

Eu creio portanto poder repetir o que escrevei, há quinze anos, num outro livro:

> *As relações entre os povos permanecem hoje em dia o que foram desde a origem do mundo, assim que interesses diferentes estão em presença ou simplesmente quando um país experimenta o desejo de crescer. O direito e a justiça jamais desempenharam qualquer papel nas relações entre as nações de força desigual. Vencedor ou vencido, caça ou caçador; isto sempre foi a lei. São verdades muito perigosas para serem es-*

condidas. Prestar-se-ia um grande favor aos espanhóis, antes da conquista de Cuba pelos Estados Unidos, inculcando-lhe solidamente essa noção, de que, assim que eles estivessem suficientemente enfraquecidos por suas discussões intestinas, vizinhos poderosos se aproveitariam do primeiro pretexto que surgisse para se apoderar de sua grande colônia. Talvez então eles tivessem compreendido a utilidade de derrubar menos ministérios, de pronunciar menos discursos e de organizar sua defesa, de maneira a impedir aos estrangeiros a ideia de atacá-los.[22]

Apenas os povos possuidores de muitos canhões têm o direito de contar com a honestidade de seus vizinhos. Aqueles que são desprovidos deles, ou mal providos, não tem nenhum direito.

É inútil, eu imagino, insistir em verdades tão evidentes. Os alemães nos ensinaram a renunciar às teorias humanitárias, para retornar ao antigo direito da força, que possui pelo menos o mérito da franqueza.

Seus escritores, eu relembrei há instantes, jamais perderam uma ocasião de proclamar bem alto esse direito. Num congresso em Carlsruhe, de uma importante associação alemã, em 1910, os orado-

[22] LE BON, Gustave. **Psychologie du Socialisme**, 7ª edição, p. 390.

res já asseguravam que o império alemão tinha se tornado muito restrito, por causa da densidade de sua população e devia se apoderar pela força de alguns países vizinhos; Holanda, Bélgica e Dinamarca, particularmente. Em torno da mesma época, os jornais d'além-Reno discutiam gravemente a questão de saber se seria melhor invadir o Congo belga e massacrar seus defensores ou comprá-lo a preços de prata. A hesitação entre essas duas soluções não se devia a uma preocupação moral qualquer, que teria feito sorrir um germânico, mas simplesmente pela incerteza em saber se a Inglaterra não tomaria os interesses belgas sob sua proteção.

Os diplomatas, que dão prova de tanto escrúpulo em seus escritos, o abandonam completamente em seu comportamento e se inclinam sempre bem baixo diante da autoridade do mais forte. Na segunda guerra balcânica, assim que os búlgaros foram vitoriosos, os representantes das grandes potências deixaram de reclamar para a Turquia o *status quo* tão orgulhosamente proclamado antes das hostilidades.

Um povo que quer assegurar sua existência não deve jamais esquecer que, em matéria de direito internacional, o único direito real é o direito do mais forte. O cinismo e a má fé dominam as relações respectivas dos povos. Nenhuma promessa conta. Os tratados mais formais são violados sem nenhuma vergonha, quando se pode fazê-lo impunemente. A Áustria não hesitou em violar o tratado de

Berlim anexando a Bósnia assim que ela acreditou poder realizar essa conquista sem perigo, graças ao apoio da Alemanha. O império germânico não hesitou também em violar a neutralidade da Bélgica, que estava obrigado a respeitar.

Quando os estados fortes supõem-se ao abrigo dos riscos de guerra, se dispensam de toda formalidade e partem rumo aos mais fracos. Viu-se isso claramente no famoso congresso de Berlim, em 1878. Não tendo nada a temer, as grandes potências só procuraram obter territórios para elas ou seus clientes. Nenhum lampejo de justiça presidiu as operações. A Romênia teve disso a dura experiência e compreendeu os perigos da associação do pote de ferro com o pote de barro. Aliada da Rússia, a qual seus armamentos tinham evitado uma derrota durante a guerra contra os turcos, ela viu, no entanto, essa grande vizinha lhe tomar, sem nenhum embaraço, a Bessarábia, concedendo-lhe em troca alguns pântanos. A Áustria, sendo forte e, por consequência, temida, obteve, contrariamente ao pretenso princípio das nacionalidades, o protetorado da Bósnia e da Herzegóvina, povoadas, no entanto, por sérvios, que gostariam de fazer parte da Sérvia.

As únicas associações que os povos podem formar entre si, com chance de que sejam respeitadas, são as associações de interesses. Elas só têm, naturalmente, a duração dos interesses envolvidos.

Entre nações de forças desiguais, as alianças representam contratos unilaterais e não bilaterais.

A primeira guerra dos Bálcãs mostrou mais uma vez no que se tornam as alianças quando cessam os interesses que as ditaram. Com a luta terminada, sérvios, gregos e búlgaros se apressaram em rasgar seus tratados e a Europa não conseguiu impedi-los de se degolarem.

Os princípios que regem as relações entre povos podem se valer de uma extrema antiguidade. Eles foram formulados há vinte e quatro séculos por Tucídides, em termos tão aplicáveis à era moderna que não se encontraria nada neles que precisasse ser mudado.

> *Vós colocais, à frente, princípios que jamais impediram alguém de crescer pela força quando a ocasião se apresentou... Está na natureza do homem sempre oprimir quem lhe cede e se manter em reserva com quem lhe resiste.*

§2. Razões psicológicas da ausência de moralidade nas relações internacionais.

A moralidade entre nações não fez, portanto, como se viu, nenhum progresso desde os tempos mais recuados da história, enquanto que, no seio de cada povo, a moral, pelo contrário, melhorou notavelmente.

Mas, porque governos e diplomatas, justamente considerados como muito honestos em seus próprios países, dão prova de uma

falta tão grande de moralidade nas relações com outros povos? Um fato constante tem, necessariamente, uma causa.

Essa imoralidade contínua, esse desprezo permanente pelo direito e os compromissos deve-se unicamente ao fato de que uma moral desprovida de sanção não consegue existir. Porém, até aqui, não se descobriu __ além de um Deus incerto e que cada conquistador interpreta a sua maneira __ nenhum poder suficientemente forte para fazer com que as leis morais internacionais sejam respeitadas. As relações dos povos entre si permanecem, por isso, necessariamente regidas pela lei do mais forte.

Sem dúvida, será assim por muito tempo ainda; talvez para sempre. Veremos em breve, pesquisando, se, sob a influência de novas necessidades __ completamente estranhas ao humanitarismo, o altruísmo, a honestidade e todas as virtudes __ não surgirão entre os povos algumas leis morais respeitadas simplesmente porque se terá um interesse evidente em não violá-las.

CAPÍTULO III

Ineficácia das tentativas de um direito internacional.

§1. As origens do direito internacional e as convenções de Haia.

Sumário

Nas sociedades animais reina exclusivamente o direito do mais forte. Ele só é temperado por diversos sentimentos: amor pela família, solidariedade dos membros da comunidade etc.

Nas sociedades humanas primitivas o direito não tinha, a princípio, outras bases; mas assim que elas se desenvolveram um pouco, as vontades individuais tiveram que se curvar aos interesses da comunidade. Cada um se viu obrigado a obedecer a algumas regras que lhe traçavam seu direito e protegia o dos outros.

Todas as civilizações antigas possuíam uma rede de convenções e de tradições respeitadas no seio da cidade, mas que nunca se aplicavam às sociedades estrangeiras. Podia-se se aliar a estas últimas ou combatê-las, mas nenhum direito lhes era reconhecido. O *Jus gentium* dos romanos só representava, na realidade, o capítulo das leis suscetíveis de serem aplicadas aos estrangeiros, no interior do império. Um direito internacional implicando igualdade e reciprocidade não poderia ser concebido por Roma no tempo de sua potência, por jamais ter admitido iguais.

Os costumes da humanidade no tempo da cavalaria, que contemplavam a proteção dos fracos, o respeito pelas mulheres e pelas crianças, também não constituíam um direito internacional. Eles eram a manifestação de alguns sentimentos, mas de maneira alguma a aplicação de um direito.

Foi preciso chegar o século XVII para se ver um jurista, Grotius, formular algumas regras de direito internacional, que ficaram sempre, aliás, sem efeito.

Foi somente em épocas bem modernas __ congresso de Paris, em 1856; convenção de Genebra, em 1864; convenção de Haia, um pouco mais tarde __ que se estabeleceram regras, supostamente obrigatórias, destinadas a introduzir um pouco de humanidade nas relações entre beligerantes. Delegados de todos os governos, reunidos em Haia, promulgaram, de comum acordo, um certo número de princípios internacionais considerados como definitivamente adquiridos: respeito aos não combatentes e às propriedades privadas, proibição do emprego de certas armas etc.

§2. O abandono das regras do direito internacional.

A guerra provou experimentalmente a completa inutilidade __ fácil de prever, aliás __ de todas as regras do direito internacional.

Mesmo antes do conflito, os escritores militares alemães tinham previsto sua ineficácia. Em seu livro **La Nation Armée**, Von der Goltz declarou: “Na guerra, a lei da necessidade abole todas as noções do direito inerentes aos tempos de paz”.

Para a imensa maioria dos escritores alemães, os direitos e as convenções correspondem a um estado social determinado e desaparecem quando esse estado muda. Em tempos de guerra, é preciso

fazer o máximo de mal possível ao inimigo, com todos os meios que se disponha. Sabe-se a que ponto esse princípio foi observado pelas hordas germânicas.

Muitos escritores alemães reconheceram que durante as hostilidades nenhuma regra de direito foi respeitada. Eis como se exprimiu um deles:

> *A fé na palavra dada e nos tratados escritos está fortemente abalada, pois ela foi violada por todos os lados. "Sobretudo não é preciso fazer mais tratados", é uma canção que se ouve repetidamente... A guerra rompeu todos os tratados entre os beligerantes. Os que foram estabelecidos com os neutros dificilmente podem sobreviver, no momento em que se invoca contra eles as necessidades da guerra; o arbítrio dos beligerantes não encontrará mais obstáculos, a menos que esses neutros sejam suficientemente resolutos e poderosos para se opor à violação dos tratados; violação que as necessidades da guerra impuseram.*
>
> *(**Berliner Tagelblatt**, 1º de janeiro de 1916)*

A propósito de uma medida tomada pelo governador da Polônia conquistada, decretando que todos os habitantes, homens ou mulheres, seriam constrangidos a um trabalho forçado em prol do império alemão, a **Gazette de Tilsitt** destacou "Que a situação criada pela guerra é tal que todos os princípios e regras antigas perderam seu

valor e não são levadas em consideração por nenhum país beligerante". Soube-se do rapto das mulheres e jovens do norte da França e a resposta cínica do governo alemão a isto, explicando que os homens estavam em guerra, precisou ser substituída.

Todas as convenções de Haia, sem nenhuma exceção, foram violadas pelos exércitos germânicos, particularmente aquelas que interditavam o bombardeio dos monumentos históricos, a pilhagem das cidades, os massacres dos não combatentes etc.

Tal comportamento implica naturalmente em represálias e podemos estar certos desde o início de que, nas guerras futuras, as convenções internacionais e os velhos códigos de honra não serão respeitados por nenhum povo. Quem os respeitasse, com efeito, se colocaria num estado evidente de inferioridade com relação àquele que não os observa.

A falência total das convenções de Haia espantou muitos escritores dos países neutros. Um dos autores do **Annuaire Politique**, o professor Burckhardt, constata que a guerra atual esfacelou completamente o antigo direito internacional. As violações ao direito das pessoas, que vitimaram as populações civis, foram diárias. Diz o autor:

> *Sob todos os pontos de vista o direito das pessoas se mostrou completamente impotente. Pode-se mesmo dizer que se conseguiu precisamente o contrário do que queriam atingir*

aqueles que estabeleceram as regras internacionais. Jamais se fez uma guerra que atingiu tão dolorosamente a população civil quanto a atual, não apenas as dos estados beligerantes, mas também as dos estados neutros.

Sem dúvida que a opinião popular ainda acredita no direito internacional, pois ela protestou contra suas violações, mas tal crença logo desaparecerá.

Esse desprezo total pelas convenções aceitas produzirá evidentemente mais do que uma consequência. A primeira será uma perversão moral que não poderia produzir as guerras antigas, nas quais participava uma pequena parte das populações.

O retorno atual à barbárie ancestral criou nos alemães uma mentalidade nova, destinada a persistir após a paz. Pessoas que, durante vários anos, se habituaram às pilhagens, aos incêndios, aos massacres e ao desprezo a tudo o que eles tinham aprendido a respeitar, não se comportarão mais como se comportavam antes da guerra. A curva da criminalidade seguirá durante muito tempo uma marcha ascendente entre os autores de tantos malfeitos e isso é uma repercussão que os políticos germânicos não tinham certamente previsto. Quando todas as amarras construídas pelas necessidades de uma civilização são destruídas, é muito difícil restabelecê-las.

§3. As ilusões de alguns juristas latinos sobre o valor do direito internacional.

Os antigos defensores do direito internacional ainda conservam algumas ilusões sobre o valor das convenções de Haia. Elas são muito fracas, como se pode avaliar pela seguinte passagem de um estudo do Sr. Barclay, presidente do Instituto do Direito Internacional:

> *Desde a criação da Corte de Haia, em 1899, houve seis guerras: a sul-africana, a russo-japonesa, a turco-italiana, a turco-balcânica, a interbalcânica e o presente e gigantesco conflito. Em nenhum dos "casus belli" dessas guerras houve matéria para arbitragem. Todos foram guerras de agressão, deliberadamente empreendidas com vistas à conquista. Na turco-italiana e na presente, não apenas não foi feita nenhuma tentativa antes da declaração de guerra, para regular as pretensas diferenças __ se existiam __ de forma amigável, como também não foi estabelecida após a declaração de guerra nenhuma mediação que pudesse conduzir à arbitragem, se houvesse, num ou noutro caso, o que não havia, a mínima matéria para arbitragem. Na guerra interbalcânica as hostilidades explodiram sem nem mesmo uma declaração de guerra. Na turco-balcânica, fingiu-se uma queixa e na sul-africana, em que*

foram feitas queixas antes e onde se teve tempo para a arbitragem, ela foi recusada resolutamente.

É evidente que onde uma das partes está decididamente errada ela não pode querer a arbitragem. Podemos então eliminar das possibilidades da Corte de Haia todo recurso em que uma das partes tem um objetivo inconfesso que, segundo os princípios da justiça, seria condenado.

Apesar das claras lições da experiência, alguns juristas latinos continuaram durante a guerra a defender o valor do direito internacional. Ele permaneceu para eles uma divindade, incompreendida sem dúvida, mas que não perdeu nada do seu poder.

Sua opinião foi muito bem traduzida numa dissertação do Sr. William Loubat, procurador geral em Lyon. Diz ele: "O direito é superior à força, como o dia à noite. Os atentados que ele sofreu não podem aniquilá-lo. É surpreendente que homens como Gustave Le Bon falem da 'falência definitiva' das convenções de Haia[23]".

O sábio magistrado busca naturalmente sobre que bases fundar o respeito ao direito internacional. Ele constata primeiro que não é sobre a opinião pública. Diz ele: "Contou-se com a opinião pública, mas viu-se a indiferença e a impassibilidade dos países neutros em

[23] "Les destinées du droit international". **Temps**, 16 de maio de 1916.

face das violações mais escandalosas do direito internacional, que eles haviam contribuído, no entanto, para construir".

Reconhecendo a insuficiência da opinião pública como suporte ao direito, o autor se limitou a invocar a força das armas e assegura que "a verdadeira civilização consiste em colocar a força a serviço do direito, que o direito apoiado pela força é temível e que sem ela ele estaria condenado a perecer". É justamente o que dizem, de forma um pouco diferente, os alemães. Eles também proclamam que o direito não conseguiria sobreviver sem a força. Qualquer concepção mística do direito que se possa formar não alterará jamais essa evidência.

Os juristas d'além-Reno não se constrangeram em justificar as devastações dos exércitos alemães e as incessantes violações do direito feitas pelo governo alemão. Não se poderia citar, aliás, na história, um exemplo de uma causa, por mais perversa que fosse, que não tivesse um advogado. Escreve o professor G. Diéna:

> *Mesmo que deplorando vivamente, podemos todavia explicar que vários juristas alemães, especialmente aqueles que ocupam cátedras universitárias, consideraram que era um dever profissional, apoiar durante a guerra atual as teses mais absurdas que deformavam ou derrubavam os princípios mais certeiros e elementares, com o objetivo de preparar uma justificativa para os atos, absolutamente contrários às regras do*

direito internacional, cometidos pelas autoridades de seu Estado ou com a complacente cumplicidade destas. Não é de se espantar se vemos recorrer às concepções mais paradoxais, ou fazer abstração dos princípios jurídicos mais sólidos, aqueles que tiveram a intenção de justificar fatos como: a violação da neutralidade da Bélgica e de Luxemburgo; o uso de gases asfixiantes entre beligerantes que todos, absolutamente todos, tinham ratificado a segunda declaração de Haia, em 1899, ou que a ela aderiram; o emprego de submarinos para afundar navios mercantes inimigos e neutros, sem aviso-prévio e sem fazer nada para a salvatagem dos viajantes que se encontravam a bordo, ou ainda o fato de afundar, em condições análogas, navios hospitais e outras proezas do mesmo tipo.

As justificativas alemãs eram muito inúteis, pois seus escritores ensinavam que não existem limites ao exercício dos direitos do mais forte. Quanto aos atos de ferocidade, ao invés de negá-los eles poderiam se limitar a responder que cada povo se comporta de acordo com sua mentalidade. A serpente não pode se impedir de secretar seu veneno, como Átila não poderia se impedir de saquear Roma.

§4. Como a opinião pública recebeu as violações do direito internacional.

A opinião pública dos neutros foi mais de uma vez severa durante a guerra, quando os incêndios e as ferocidades germânicas se mostraram excessivas; mas é preciso reconhecer, como justamente destacou o autor citado a pouco, que a maior parte dos não beligerantes permaneceu muito indulgente com as violações do direito que não os atingiam.

As coletividades jamais fizeram uma distinção muito nítida entre o direito e a força. O comportamento dos neutros durante a guerra bastou para mostrar aos espíritos menos esclarecidos a que ponto o direito sem a força era desprovido de prestígio aos olhos das massas.

Quando, durante a guerra, os neutros tiveram que procurar onde estava o bom direito, a solução do problema lhes foi fácil. Eles encontravam invariavelmente esse bom direito do lado dos beligerantes mais fortes. Quando aconteceu __ como na Rússia __ que o deus dos combates mudava várias vezes de campo, o bom direito seguia as mesmas oscilações.

Os Estados Unidos, mesmo que cavalheirescamente tratados pela Alemanha, adotaram uma orientação semelhante. O bom direito, para eles, estava sempre do lado de seus interesses comerciais e foi somente após o assassinato de um certo número de americanos

que o presidente da grande república se decidiu a enviar alguns protestos, seguidos de tímidas ameaças.

É preciso concluir disso tudo que os povos continuarão a se matar com raras intermitências? Eu creio que eles continuarão por muito tempo ainda, mas que os períodos de destruição serão cada vez mais espaçados.

Duas causas determinarão sem dúvida o espaçamento dos massacres internacionais. A primeira é a convicção experimental, pouco a pouco adquirida pelos governos, de que as guerras levam a nada. A segunda resultará da interdependência crescente dos povos, que acentuará ainda mais a evolução da civilização.

Estas duas razões são quase as únicas fontes de esperança de uma paz prolongada. Vamos examinar seu valor.

CAPÍTULO IV

Os erros sobre os benefícios das guerras.

§1. Erros econômicos ainda se opõem à formação de uma moral internacional.

Sumário

Dentre os diversos erros que impedem as relações honestas entre os povos, um dos mais nocivos é a crença na utilidade das guer-

ras. Vários governos ainda permanecem convencidos de que uma guerra vitoriosa pode propiciar um ganho pecuniário considerável.

Se estivesse demonstrado, no estado atual do mundo, que as guerras não apenas não beneficiam em nada ao vencedor, mas que, por outro lado, lhe são onerosas, uma causa importante de imoralidade nas relações internacionais logo desapareceria. Renunciar-se-ia às lutas de conquistas, como se renunciou às de origem religiosa ou dinástica.

Finalmente, as ideias guiam o mundo, mas elas só o guiam após serem transformadas em sentimentos; evolução sempre muito lenta. A evolução é ainda mais lenta quando a ideia diretriz que se tornou errada foi exata durante muito tempo.

Porém, se é de total evidência que as guerras deixaram de ser benéficas ao vencedor __ após a interdependência industrial, agrícola e financeira das nações, que logo estudaremos __ elas consistiam, outrora, num processo de enriquecimento muito real. Os romanos, os muçulmanos e muitos povos criaram seu poder e sua fortuna através das conquistas.

Mas a interdependência crescente dos povos tornou, em nossos dias, seus interesses estreitamente associados. Nenhum deles poderia mais se rodear por uma muralha da China sem ser logo condenado a morrer de fome.

As nações modernas são comparáveis a comerciantes que trocam seus produtos e não podem arruinar seus clientes sem arruinar a si mesmos.

A impossibilidade em que se encontra um país, não apenas de se enriquecer doravante através de uma guerra de conquista, mas simplesmente de evitar uma ruína parcial, foi posta em evidência, há muitos anos, por economistas que não eram nem humanistas nem pacifistas. Eu citarei principalmente dentre eles o Sr. Angell, autor de um livro cujo sucesso foi merecido e do qual eu retirarei vários exemplos.

Para tornar mais impressionante uma de suas demonstrações, o autor examina a hipótese de uma guerra em que os alemães, tendo destruído a frota inglesa e invadido a Inglaterra, imporia ao país contribuições enormes; depois, a hipótese contrária da destruição de Hamburgo e da frota alemã pelos ingleses. Ele mostra que o resultado de uma ou de outra dessas operações seria simplesmente a ruína, não apenas do país conquistado, mas também da nação conquistadora, após a destruição fatal de seu comércio. Indo mais além, ele supõe os ingleses reduzidos à escravidão pelos alemães, que monopolizariam a maior parte de suas rendas. Aqui, mais uma vez, nada de comércio, pois, desprovida de uma grande parte de suas rendas, a população escravizada não poderia comprar nada. Se o general vitorioso se limitasse a pilhar os bancos ingleses, ele perceberia rapida-

mente que todos os ativos internacionais __ que os alemães possuem em grande número __ deixando de produzir lucros, não encontrariam mais compradores. Um grande número de bancos alemães, em relações com os bancos da Inglaterra, ao se tornarem incapazes de fazer frente a seus compromissos, estariam arruinados. As perdas ultrapassariam finalmente em muito a pequena quantidade em ouro monetarizado que eles conseguiriam se apoderar. “O povo vencedor só pode tirar do território conquistado vantagens inferiores àquelas que ele tiraria pelo comércio antes da conquista”, conclui o autor.

Mas suponhamos que o conquistador se limite a reclamar uma enorme indenização de guerra ao vencido, como aconteceu em 1871. Este último exemplo pode ser precisamente invocado para mostrar a indenização esmagando tão pesadamente o vencedor quanto o vencido. Esta foi, com efeito, a origem de encargos militares muito pesados para a Alemanha, assombrada pelo medo de uma revanche. Os cinco bilhões foram lá ultrapassados por muitos outros.

Um exemplo muito impressionante de conquista ruinosa para o conquistador foi aquela do Transvaal. Após ter gasto lá mais de seis bilhões a Grã Bretanha teve que reconhecer ser mais rentável para ela devolver o país aos bôeres vencidos. Se os vencedores tivessem feito esta descoberta antes da guerra, eles teriam economizado seis bilhões e todos os homens inutilmente mortos.

Uma das grandes ilusões combatidas pelo autor citado acima é acreditar que a posse de colônias obtidas por meio de conquistas, possa enriquecer um país. Verdadeira na época da escravidão, esta afirmação deixou de sê-lo hoje em dia. As colônias mais importantes da Inglaterra __ Canadá, Índia e Austrália, por exemplo __ não lhe rendem nada diretamente. Ela se encontra, a este respeito, na situação de um povo qualquer comerciando com distantes possessões. Se a Alemanha se apoderasse delas ela não seria mais capaz do que a Inglaterra de lhes cobrar um tributo e não ganharia nada com esta conquista.

> *A Inglaterra, cujo domínio colonial é tão importante, faz a maior parte de seu comércio exterior com nações com as quais não tem a pretensão de exercer, nem o domínio, nem a pressão, nem o controle... A Alemanha jamais gastou um centavo para conquistar a América do Sul e ela consegue, no entanto, lucros desconhecidos pela Espanha, que lá verteu rios de sangue.*

Alguns povos, como a França, tentaram muito __ por meio de taxas aduaneiras, privilégios de bandeira etc. __ retirar algum lucro de suas colônias, mas eles jamais conseguiram algo além de tornar essas colônias mais miseráveis ainda. A Espanha, após ter oprimido suas possessões da América durante quase três séculos, é hoje o país mais pobre da Europa.

§2. Os lucros das últimas guerras europeias.

Uma das últimas guerras de conquistas empreendidas antes do conflito europeu foi aquela feita aos turcos pelos italianos para se apoderarem da Tripolitana. A operação se mostrou um desastre. Ela teve, aliás, vários incidentes que podem ser resumidos da seguinte maneira: 1º) invasão da Turquia, enfraquecida pelos balcânicos e diversas guerras consecutivas; 2º) perda de 400.000 homens e de cinco bilhões; 3º) perda do prestígio moral da Europa, cujas decisões solenes sobre a manutenção do *status quo* da Turquia e os conselhos foram perfeitamente desprezados pelos beligerantes; 4º) aumento enorme dos armamentos da Alemanha; 5º) obrigação para a França de aumentar os seus; 6º) resultado final para os franceses, que aplaudiram as vitórias búlgaras: passar mais um ano na caserna e pagar novos impostos.

Mencionemos por fim, como última consequência, a guerra europeia, pois seu verdadeiro ponto de partida foi, sabe-se, a rivalidade entre a Sérvia e a Áustria.

Muito mais ainda do que o conflito ítalo-turco, a conflagração atual provocada pela Alemanha terá mostrado o pouco benefício das guerras para os beligerantes. Mesmo que a Alemanha triunfe, qual terá sido seu ganho? Algumas províncias a mais, que será preciso manter com mão de ferro e o ódio da Rússia, da Inglaterra e da França, outrora seus melhores clientes.

Quais foram seus ganhos após dois anos de guerra? O coronel Feyler demonstrou nas seguintes linhas:

> *Após vinte meses de esforços, quatro grandes ofensivas, vinte e sete classes precipitadas na hecatombe, três milhões de homens que ontem estavam cheios de vida e hoje mortos ou estropiados; quarenta bilhões da atividade econômica desperdiçados, uma frota mercante confiscada; um impressionante passado destruído e um longo futuro comprometido; após vinte meses de coragem inútil, de sangue, de sofrimento, de choros e gritos; vinte meses de humanidade mutilada, vinte meses de ódio e de desespero; o estado-maior imperial coloca o mesmo ponto de interrogação diante da execução do mesmo crime hediondo.*

O fato de que as guerras de conquistas são improdutivas não constitui certamente uma razão suficiente para impedi-las de se repetir. Um outro motivo, a interdependência dos povos, já mencionada e que vamos estudar agora, será certamente mais eficaz.

CAPÍTULO V

A interdependência moderna dos povos e seu papel nos futuros conflitos.

§1. Necessidade da experiência para demonstrar o valor de algumas verdades.

Sumário

Os sentimentos e as paixões que guiam as pessoas pouco mudaram ao longo da história e nada autoriza pensar que eles possam se transformar. Por isso, é bem provável que guerras se repetirão até o resfriamento total de nosso planeta. Pode-se, no entanto, esperar que elas serão mais raras quando ficar nitidamente demonstrado que a interdependência crescente dos povos torna seus interesses solidários até o ponto em que, prejudicando seus adversários, eles prejudicam a si mesmos.

Essa interdependência, que representa na hora atual um dos mais importantes fatores de paz, foi assinalada por muitos economistas desde Adam Smith, mas permaneceu uma dessas verdades admitidas por alguns cientistas e que só penetram na alma popular após muitas experiências. Elas não são raras na história, as verdades compreendidas somente no sangrento lampejo das hecatombes. Não foi preciso, por exemplo, mais de cinquenta anos de lutas horríveis para demonstrar a inutilidade das guerras religiosas?

A necessidade de experiências custosas para estabelecer verdades que só a razão não basta para demonstrar a exatidão deve-se ao fato __ ao qual eu retorno frequentemente __ de que a lógica racional não tem poder contra os impulsos afetivos, místicos e coletivos que inspiram nossas ações.

Os impulsos místicos só são fracamente influenciados pela experiência, mas esta age muito bem sobre os impulsos afetivos e coletivos, com a condição de que ela seja suficientemente impressionante. A guerra atual constituirá certamente uma dessas demonstrações experimentais que os povos e seus senhores guardam a lembrança e compreendem as lições.

Antes de insistir na interdependência dos povos é preciso destacar bem primeiro que, reconhecida há muito tempo por diversos economistas, ela permaneceu, no entanto, ignorada pelos historiadores alemães. Vimos, com efeito, com que tenacidade seus escritores não pararam de pregar na Alemanha as guerras de conquistas.

Esses autores figuram por isso no rol das mentes que só a experiência pode instruir. A inutilidade das guerras de conquistas e a realidade da interdependência dos povos lhes terão sido claramente provadas, eu penso, pelas consequências do conflito europeu.

§2. A interdependência atual dos povos.

Uma das características da era moderna é ter tornado os povos muito mais dependentes uns dos outros do que de seus governos.

Era o contrário antigamente. Se os Estados Unidos tivessem existido sob Luís XIV, a guerra de Secessão teria deixado a Europa perfeitamente indiferente, enquanto que, em nossos dias, alguns distritos da Inglaterra ficaram arruinados pela privação do algodão americano.

Numerosos são os exemplos análogos. Quando a Itália, pensando não ter nada a temer dos turcos, se apoderou bruscamente da Tripolitana, nenhum diplomata suspeitou das terríveis repercussões dessa aventura. Poucas pessoas são capazes, com efeito, de abranger o conjunto de vários fatos e retirar dele as consequências. Combinar mais de duas ou três ideias ultrapassa a capacidade dos cérebros comuns.

A interdependência dos povos tornou-se, há alguns anos, tão completa e seus interesses formam uma engrenagem tão fechada que o que acontece com um deles afeta logo os outros. Escreve o professor Launay:

> *Um grande país moderno não pode passar sem o resto do mundo e, no dia em que ele se separa ele constata com espanto o quanto, apesar de seu orgulho, ele permaneceu de-*

pendente. De um país ao outro, viu-se se estabelecer para todas as substâncias naturais um equilíbrio de vasos comunicantes, em razão do qual cada região, segundo a lógica das coisas, tende a produzir apenas o que ela está particularmente apta a fornecer, para exportar seu excedente e importar em troca o que lhe falta. Tal lei se aplica particularmente para produtos localizados na crosta terrestre, como os metais, que o trabalho mais obstinado e a ciência mais avançada não podem extrair de um solo se ele não possuí-los.

A interdependência dos povos é tal hoje em dia que eles não podem viver por muito tempo uns sem os outros. Eu já mencionei, por exemplo, que a Inglaterra não conseguiria sobreviver mais do que alguns meses apenas com os produtos de seu próprio solo. Rodeá-la por um muro intransponível seria condená-la à fome.

Essa muralha intransponível poderia ter se tornado muito real se os alemães, ao invés de possuir algumas dezenas de submarinos, tivessem milhares. Eles estariam então aptos a isolar inteiramente a Grã Bretanha do resto do mundo.

A interdependência agrícola, industrial e comercial dos povos leva à sua interdependência financeira. Uma perturbação em Nova Iorque repercute nos mercados de Londres e os financistas ingleses são obrigados a vir em ajuda aos financistas da América, não certamente por altruísmo, mas unicamente em seu próprio interesse.

Uma das grandes diferenças entre os países europeus de outrora e os mesmos países agora é que antes cada um deles vivia de sua agricultura, enquanto que atualmente vários deles __ a Inglaterra, por exemplo __ vivem quase exclusivamente de sua indústria. É com os produtos exportados dessa indústria que eles compram sua subsistência. Isolar artificialmente um país do resto do mundo seria tornar sua existência muito difícil. Foi o que aconteceu com a Alemanha, que se viu obrigada a um racionamento severo durante a guerra. O comércio exterior dos povos era antigamente insignificante, com efeito, comparado ao comércio de nossos dias. A tonelagem dos navios que entram e saem dos portos ingleses, por exemplo, que era de 3 milhões e meio de toneladas em 1802, atinge atualmente 140 milhões.

A divisão crescente do trabalho, as facilidades de transportes e o aumento das necessidades só fizeram acentuar a interdependência de todos os povos do globo.

Ela terá sido nitidamente posta em evidência pela luta atual. A Alemanha sofre, mas seus inimigos padecem igualmente.

Antes da guerra a Alemanha comprava da Inglaterra por volta de 800 milhões de marcos em mercadorias e lhe vendia por volta de 1,100 bilhão.

Privadas de todos esses envios e particularmente de substâncias que a Alemanha tinha o monopólio __ corantes, medicamentos,

produtos químicos etc. __ os aliados foram obrigados a iniciar sua fabricação, por uma série de operações muito longas, muito onerosas, que demandam instalações complicadas e a formação de trabalhadores especializados, desviados de suas antigas ocupações.

Os beligerantes não sofrem apenas com a falta das importações, mas também com a impossibilidade de exportar para os inimigos o excedente de seus produtos. Os comerciantes de vinho de Bordeaux, por exemplo, que vendiam uma parte de suas safras para a Alemanha, viram secar essa fonte de renda. Tal observação se aplica naturalmente a uma gama enorme de outros ramos do comércio.

O mesmo problema prejudica todos os combatentes. É evidente, como dissemos acima, que no estado atual de interdependência dos povos, prejudicar um inimigo sem prejudicar a si mesmo tornou-se impossível.

Todos os países em guerra sofreram com a luta pela diminuição ou a privação total das trocas internacionais. O custo de vida, por esta razão, quase dobrou em toda parte.

Muitos outros sintomas já antigos podem ser invocados para mostrar a solidariedade crescente dos Estados. Dada, por exemplo, a ausência completa de moralidade internacional, aconteceu que alguns países julgaram vantajoso não mais pagar os juros das dívidas contraídas no exterior. A Grécia, a Sérvia, a Turquia, as repúblicas latinas da América etc. não hesitaram em empregar este procedimen-

to simplista de liquidar seus encargos. Hoje, quase todos esses povos acabaram por descobrir que era muito mais vantajoso ser honesto, ou seja, respeitar seus compromissos, do que negar suas dívidas. Para contratar novos empréstimos os Estados faltosos foram obrigados a colocar uma parte de suas finanças sob a gestão de potências estrangeiras; meio custoso, humilhante e embaraçoso. A utilidade da probidade pareceu tão evidente que vários povos retomaram espontaneamente o pagamento de antigas dívidas e as falências de Estados, tão frequentes outrora, acabaram por se tornar, antes da guerra, muito raras. A necessidade foi assim criadora de moral. Ela sempre teve nela a base mais sólida.

A interdependência dos povos constituindo um tipo de sociedade dos Estados, pregada há vários séculos nos livros de Suarès e de Grotius, não podia ser realizada numa época em que as nações viviam muito isoladas em relação às outras. Isso é bem diferente hoje em dia. Por isso, pode-se esperar que os povos descobrirão logo que eles têm muito mais interesse em se entreajudar do que em se massacrar. Menos dóceis serão as multidões quando seus senhores quiserem conduzi-las ao abatedouro.

Seria inútil nos estendermos mais sobre essas considerações. Elas bastam para mostrar sob a influência de quais necessidades poderão se estabelecer entre os povos obrigações morais um pouco respeitadas.

Atualmente essas obrigações não existem e aquelas que se quis formular estão sem efeito, porque destituídas de sanções. O ser humano moderno, esteja em estado individual ou em estado coletivo, segue regras teoricamente semelhantes, mas cujo poder é sempre proporcional ao rigor das sanções que as mantém. Isso porque a moral é forte nas sociedades, menos forte entre os indivíduos e mais fraca ainda entre os povos.

Só existirá um direito internacional respeitado quando os governos tiverem um interesse evidente em respeitá-lo. Dessa época distante já se vislumbra a aurora.

CAPÍTULO VI

Os povos poderão evitar o militarismo?

§1. Os princípios de civilização em luta.

Sumário

Na fase de evolução em que o mundo entrou, as ações dos povos são frequentemente independentes de seus desejos. Eles podem, por exemplo, desejar a paz e o desarmamento, mas como poderão realizar tais desejos diante das ameaças de agressão?

O militarismo representa para muitos __ e não sem razão __ uma regressão a eras bárbaras. Ele parece sinônimo de escravização, ruínas e miséria. Poderemos evitá-lo? É importante pesquisar.

Quando povos lutam por interesses circunscritos __ posse de uma cidade, mudança de uma dinastia etc. __ a luta é geralmente breve e rapidamente esquecida. Quando eles combatem por crenças religiosas ou sociais, a luta é, pelo contrário, longa e feroz. As guerras religiosas fornecem exemplos disso.

Hoje em dia, não são religiões que se vê em lutas, mas dois ideais sociais que possuem intensidade de crenças religiosas e entre os quais nenhuma conciliação é possível. O individualismo e a liberdade se voltam contra o militarismo e o estatismo, aos quais a Alemanha pretende submeter a Europa.

Escritores neutros procuraram estabelecer uma comparação entre os eventos atuais e aqueles que terminaram em 1815, ou seja, há um século. Mesmo derrotada a França impôs à Europa um ideal de igualdade dos direitos civis e políticos contrário à antiga concepção feudal. Esse ideal era evidentemente muito poderoso, pois, após ter sobrevivido à derrota da França, ele se tornou o fundamento da maior parte das instituições políticas da Europa.

A esse ideal a Alemanha opõe sua fé nova. O prestígio do sucesso sendo todo poderoso sobre a maioria das mentes, os escritores que mencionei há instantes se perguntam se essa fé não estaria sendo chamada para substituir o ideal de igualdade e de liberdade.

É, por isso, interessante mostrar ainda como os alemães formulam o ideal que eles admiram a ponto de querer impô-lo à Europa.

Seus fundamentos estão muito bem expostos no célebre livro de Naumann, **Mittel Europa**, de que já falei e que representa claramente as aspirações dos dirigentes alemães.

Para primeiro justificar a concepção germânica, com os projetos de absorção que são sua consequência, o autor afirma que o período dos pequenos Estados independentes está fechado. Eles estariam condenados a serem englobados pelos grandes Estados, em virtude de uma lei histórica de mesma ordem daquela que levou à absorção de todas as pequenas indústrias pelas grandes e os pequenos bancos pelas importantes sociedades de crédito.

O mais considerável desses futuros agrupamentos seria naturalmente formado pela Alemanha. Ela absorveria não apenas a Áustria, mas também a Bélgica, a Holanda, a Suíça, a Suécia, a Turquia e os Estados balcânicos.

Todos esses países conservariam uma independência nominal, mas como são incapazes de realizar por si sós o ideal germânico, seriam colocados, sob o ponto de vista industrial e econômico, sob a direção de funcionários alemães encarregados de ensinar aos trabalhadores a técnica coletiva, após um período de adestramento metódico na caserna. Grande benefício para eles, certamente, pois a organização germânica é supostamente superior a todas as outras. Agindo assim a Alemanha só estaria se devotando ao interesse geral!

Os escritores, convencidos da superioridade da organização alemã, a ponto de querer impô-la à Europa pela força, jamais tiveram a ideia de se perguntar se a organização individualista da América, que fazia uma rude concorrência à Alemanha, não valia o mesmo que a sua.

Eles teriam tanta razão em se perguntar isso quanto de confessar que o regime de escravidão, muito mal disfarçado, ao qual a Alemanha desejaria submeter uma parte da Europa, tornaria a existência das pessoas muito dura. Naumann reconheceu isso nos seguintes termos: "A classe trabalhadora organizada, estreitamente ligada a nossos empregadores cientificamente formados, a nossos dirigentes sindicais, a nossos conselheiros privados e a nossos funcionários públicos, formaria uma sociedade que não seria certamente a mais amável, nem a mais sedutora que se possa encontrar, mas ela constituiria o mecanismo humano mais eficaz, o mais preciso, o mais durável".

O autor acrescenta __ e desta vez com mais razão ainda __ que esse sistema "é a encarnação histórica do caráter nacional da Alemanha", mas poderia ter se perguntado se esse assustador sistema, lembrando às vezes a servidão antiga e a pesada realização do sonho socialista, conviria igualmente a povos que não sofreram o adestramento nas casernas e para os quais o ideal humano sobre a terra não

é o de ser simplesmente o que o autor chama de “um mecanismo humano eficaz”.

Por isso, é infinitamente provável que o ideal latino e o ideal germânico sobreviverão sem jamais se penetrarem. Resta-nos pesquisar como se poderá impedir que o primeiro seja substituído pela força pelo segundo.

§2. A extensão provável do militarismo.

As ideias só são combatidas com ideias, porque os canhões agem pouco sobre elas. Enquanto persistirem as concepções que guiam hoje em dia os dirigentes alemães, seu sonho de hegemonia se manterá e eles procurarão realizá-lo. Apoiado por uma legião de professores, de políticos e de escritores, esse sonho permanecerá muito tenaz.

Eu mostrei num capítulo precedente como experiências repetidas acabarão por ensinar aos povos a inutilidade das guerras, mas ainda não estamos lá. Vemos isso facilmente pela leitura das publicações alemãs, desde os jornais cotidianos até os livros dos economistas mais conhecidos. Alguns extratos escolhidos ao acaso indicarão a mentalidade que continua a reinar na Alemanha.

Destacaremos primeiro que os alemães têm do militarismo uma concepção muito diferente da nossa. Escreve um deles:

Fez-se do militarismo uma ideia falsa, dizendo que era a sujeição dos corpos e das almas; não, é um método de educação, um meio de desenvolver a consciência do dever nacional, dever aceito e desejado por pessoas livres.

Esses homens livres, que aceitaram voluntariamente as cacetadas na caserna, têm, evidentemente, uma concepção especial de liberdade. Para compreendê-la é preciso se lembrar que os mesmos termos podem assumir, em diferentes povos, sentidos muito diferentes.

A que ponto os escritores alemães estão convencidos da necessidade do militarismo e sua extensão, sobressai claramente das passagens seguintes:

É uma rivalidade nova nos armamentos que vamos assistir. E, perguntaremos, qual será a consequência? Um perigo de guerra maior para o futuro. Um fardo colossal de impostos.

(Bremer Bürger Zeitung, de 30/12/1915)

A Europa sairá da presente guerra mais militar ainda do que quando entrou. E é precisamente deste fato que será preciso tirar consequências políticas. Os alemães vão, sem dúvida, se ver, a oeste, frente a um agrupamento de potências mais perigoso do que a aliança franco-russa jamais o foi.

(Sozialistische Monatshefte, 20/01/1916)

Num artigo __ “La mission mondiale du militarisme” __ publicado pelo **Tag**, de 21 de julho de 1916, Reichenau escreve:

> *Tem fundamento a previsão de que se produzirá nos armamentos, após os eventos de hoje, um aumento sem precedente histórico. Ao longo da guerra, cada um dos beligerantes já aumentou seus armamentos na medida de suas possibilidades, lamentando não ter entrado na campanha no estado de melhoria atual. A lição desta guerra é muito séria, em todo caso, para ser esquecida e para que não persista o desejo de fazer melhor no futuro.*
>
> *Horror, terror! Nada disso! É preciso aceitar e se submeter a essa inevitável lei natural. O povo que se deixar dirigir pela poderosa mão de uma boa organização militarista estará no bom caminho. Mas, infeliz daquele que rejeitar esse apoio!*

Os fatos atualmente observados em todos os povos tendem, infelizmente, a justificar essas afirmações. As nações outrora pacifistas __ Suécia, Holanda, Suíça etc. __ apressam-se em aumentar seus armamentos. Até mesmo os Estados Unidos votaram vários bilhões para formar um exército e uma frota suficientes para protegê-los. Sente-se por toda parte que o único direito respeitado no futuro será aquele apoiado pelos canhões.

§3. Porque a paz poderia durar algum tempo.

As observações precedentes trazem ensinamentos muito visíveis para que seja útil insistir nelas. Sem dúvida que os dirigentes dos povos aliados não param de repetir que eles se propõem a destruir o militarismo; mas com que meio se poderia obter tal resultado? Mesmo que completamente derrotada a Alemanha só pensaria em se preparar para uma revanche.

Sob o risco de admitir uma hegemonia que seria simplesmente a escravidão, a Europa parece condenada ao militarismo, até que as ideias atuais dos povos mudem.

Pode-se, no entanto, esperar que, após os desastres financeiros acumulados pela guerra e os milhões de homens que ela fez miseravelmente perecer na lama das trincheiras, os povos refletirão um pouco. Nos cérebros teutônicos mais privilegiados, nascerá talvez a convicção de que todos esses sofrimentos só beneficiarão a um feudalismo militar, industrial e financeiro muito duro e que a imensa maioria do povo só tem a perder nessas aventuras sanguinárias. Com essa convicção, as multidões germânicas marchariam talvez menos docilmente rumo às matanças, como elas fizeram durante a guerra atual.

Dentre as causas que contribuirão ainda para impedir a Alemanha de renovar muito rapidamente suas agressões figurarão também

os erros de cálculo cometidos sobremaneira por ela nesta guerra. Erros militares no presente e desilusões econômicas no futuro.

A obrigar seus inimigos remediarem as insuficiências de sua indústria, a Alemanha terá perdido importantes clientes. É certo igualmente que jamais no futuro algum país deixará os alemães tomarem em seus bancos, suas empresas industriais, suas lojas, seus conselhos de administração etc. o lugar que eles ocupavam outrora. A Alemanha descobrirá então que a guerra foi para ela um verdadeiro desastre industrial, econômico e moral. É mesmo espantoso que nesse imenso império não se tenha encontrado, antes da guerra, um único político capaz de prever que, mesmo em caso de sucesso, a Alemanha perderia uma hegemonia industrial que crescia na paz e se impunha cada vez mais.

Nenhum de seus filósofos, de seus escritores, de seus diplomatas percebeu isso. Nós já mostramos em nosso volume precedente o quanto foram numerosos os erros de psicologia acumulados por eles antes e durante a guerra. A luta europeia provou mais uma vez que a psicologia é regida, como a física, por leis que não se pode violar impunemente.[24]

[24] É preciso reconhecer que a psicologia, que deveria ser a base da política, permanece tão teórica nos livros clássicos que não se poderia tirar dela nenhuma aplicação. Um professor da Escola de Ciência Política, a quem perguntei porque a psicologia não era ensinada nessa escola, me respondeu que o conselho dos professores não viu utilidade nela.

§4. Dificuldades de um desarmamento.

Os argumentos que venham a ser invocados em favor da probabilidade de uma paz durável pertencem, infelizmente, à família dessas demonstrações racionais que têm muito pouca influência sobre a conduta das pessoas. Não se pode, portanto, confiar muito em sua ação.

A Alemanha contará sempre, como partidários de novas guerras, a casta militar, que raciocina pouco e com a dos professores que, fora de suas especialidades, não racionam muito mais e jamais renunciam a um princípio adotado. Os turcos sabem de fonte certa que um infiel é "um cão". O professor germânico sabe, de fonte não me-

---

O estudo da psicologia aplicada à conduta das pessoas constitui uma ciência que nasceu a pouco. Seu interesse está provado pelo sucesso das muito raras obras que se dedicaram a ela. Tanto é assim que eminentes oficiais __ os generais Bonnai e Maud'huy __ ensinaram na Escola de Guerra os princípios que eu expus em diversos livros, principalmente em **Psychologie des Foules** e **Lois Psychologiques de l'Évolution des Peuples**. Este último livro, publicado pela primeira vez há vinte anos, foi traduzido para muitas línguas; particularmente para o árabe, por Fathy Pacha, ministro da justiça no Cairo e para o japonês, pelo Barão Motono, embaixador do Japão em São Petersburgo etc. O ex-presidente dos Estados Unidos, o Sr. Roosevelt, repetiu muitas vezes que esse pequeno volume não o deixou durante sua presidência e que ele não se separava jamais dele quando viajava. Eu forneço estes detalhes simplesmente para mostrar que as obras de psicologia aplicada têm certamente leitores e para engajar nesse estudo os jovens professores capazes de observar a vida de forma diferente do que através de seus livros.
Eu envio o leitor interessado no estudo da psicologia aplicada, às obras que publiquei, fora aquelas já citadas há pouco: **Psychologie Politique**, **Opinions et Croyances**, **La Vie des Vérités**, **La Révolution Française et la Psychologie des Révolutions**, **Psychologie de l'Éducation**. A capa da edição russa deste último livro diz que sua tradução foi feita por ordem do grão duque Constantin, presidente da Academia de Ciências da Rússia.

nos certeira, que a mistura de mestiços que formou o povo alemão atual constitui uma raça superior, destinada por Deus a dominar o mundo. A força poderá muito bem obrigar os germânicos a abandonar momentaneamente seu sonho místico, mas eles sempre terão isso presente no espírito e, assim que uma oportunidade se apresentar, uma nova cruzada será empreendida para sua realização. O pedante, dominado por uma ideia falsa, não é suscetível de conversão. Em tais condições, como desarmar?

O desarmamento torna-se ainda mais impossível pela demonstração experimental de que, assim que o armamento de um povo se enfraquecesse, os alemães pensariam em atacá-lo. Foi apenas a nossa fraqueza que fez com que a Alemanha nos declarasse a guerra. Todas as vezes que ela nos visse enfraquecer, ela se tornaria ameaçadora.

Escreveu o **Temps**, em fevereiro de 1914:

> *Quando, em 1905, votamos a lei dos dois anos, a Alemanha nos provocou no Marrocos e nos impôs "a humilhação sem precedente" que o Sr. Clémenceau mencionou outro dia na tribuna.*
>
> *Quando, em 1908, desorganizamos a instrução dos reservas, a Alemanha montou contra nós o incidente provocador dos desertores de Casablanca.*

Quando o antimilitarismo revolucionário teve acesso, graças ao "bloco", aos conselhos do governo, com os ministérios Monis e Cailloux, de 1911, nós tivemos Agadir.

Pode-se acrescentar que, no momento em que a guerra foi declarada, o exército e a marinha estavam desorganizados na Rússia desde suas derrotas de 1905. A Inglaterra, dominada pelos radicais pacifistas, não tinha aumentado seu exército e reduzira suas construções navais. Sem o pacifismo da Rússia, da Inglaterra e da França, a Europa não estaria, provavelmente, em guerra.

A Alemanha __ que sabia de todas essas fraquezas e não podia prever o formidável esforço de que se mostrariam capazes os aliados __ deve ter acreditado que jamais tal ocasião se ofereceria a ela para estabelecer seu domínio. Uma curta campanha bastaria certamente para vencer seus pacíficos adversários. Sua vitória parecia tão certa que nenhum país neutro duvidou disso. Na Espanha, particularmente, nosso triunfo parecia completamente inverossímil. Escreveu um grande jornal:

Porque, aliás e como poderia ter sido de outra maneira? Em face da Alemanha __ aliada da Áustria, da Itália e da Turquia __ canalizando para a guerra todos os seus recursos, há cinquenta anos; em face da Alemanha vitoriosa havia a França derrotada em 1870 e, em aparência, desprovida de todo ideal militar; havia a Rússia batida em 1904 e desorgani-

zada pela derrota; a Inglaterra deploravelmente pacifista e sem exército. Nessa Europa de antes da guerra, onde os pratos da balança estavam tão desigualmente carregados, como potências secundárias teriam cedido ao prestígio da força, do sucesso e da arrogância?

A guerra europeia, bem como, aliás, a experiência de todos os séculos, provou de maneira suficiente que o pacifismo foi um gerador certeiro das guerras de conquistas. Não sendo temido, o povo pacifista atrai fatalmente a guerra sobre si, enquanto que uma nação bem armada raramente é ameaçada.

Mais de um escritor, inclusive eu, repetiu isso antes da guerra e mostrou a que ponto estávamos ameaçados. Essas previsões não surtiram efeito. Sabemos o que custou à França não ter compartilhado dessas preocupações.

É totalmente evidente que uma paz armada será ruinosa, perigosa e até mesmo absurda. Teoricamente pode-se assinar em baixo das seguintes declarações de um político holandês, o Sr. de Beaufort:

Um retorno à paz armada como ela existia antes da explosão do conflito mundial não é mais possível. O desarmamento geral deve ser a justa lógica dessa luta insensata. Pode-se acreditar que os representantes eleitos por homens que viveram no meio de tanto horror da guerra moderna ousarão

recomeçar a trilhar o velho caminho que, infalivelmente e em breve, conduziria a novas conflagrações?

A essas asserções somos obrigados a responder mais uma vez que não vemos, fora dos armamentos, nenhum meio de impedir agressões, cujo perigo a experiência mostrou. Por mais que as ideias germânicas tenham mudado, é preciso permanecer armado, mesmo prevendo o que isso nos custará.

Embora as analogias históricas sejam sempre incompletas, poderíamos talvez comparar a guerra atual com a Guerra dos Trinta Anos, que foi ao mesmo tempo uma luta religiosa e política contra as pretensões germânicas à hegemonia. Tais guerras são sempre longas, mortíferas e ruinosas. O que custou a Guerra dos Trinta Anos é relatado pelo Sr. Boutroux, da seguinte maneira:

Na Boêmia, de 35.000 vilarejos restou apenas 6.000. Em Saxe o número de habitantes caiu de 3 milhões para 800.000. No conjunto do império, a população diminuiu quase em dois terços; passou de 16 milhões para 6 milhões. Por toda parte a confusão, a ruína, o deserto. Nada de agricultura, nada de indústria, nada de comércio, nada de finanças. A decadência moral não foi menor. O espírito, os costumes, as crenças, memoravelmente cultivados nos séculos XV e XVI, caíram na barbárie.

Um dos aspectos verdadeiramente desastrosos do militarismo é que ele trás em si, como consequência necessária, a absorção do indivíduo pelo Estado. Essa absorção __ que Roma conheceu em certas épocas e a Grécia jamais conheceu __ dá a um povo um grande poder militar, com um pequeno valor individual. Se os gregos tivessem possuído a unidade nacional dos romanos eles não teriam, sem dúvida, sido conquistados por eles. Mas, talvez, também não teriam sido o povo de letrados, de cientistas e de filósofos que, mesmo vencidos pelas armas, conquistaram o mundo através de seu pensamento e continuaram essa conquista mesmo após terem desaparecido da história.

Evidentemente é vantajoso, sob o ponto de vista material, para o Estado, possuir súditos moldados na mesma forma, que pensam da mesma maneira e prontos para se deixar matar para assegurar uma conquista, mesmo que ignorando o objetivo disso. A questão é saber se tal superioridade coletiva não tem, como consequência necessária, mais ou menos distante, uma decadência individual profunda. A escolha será posta, talvez, um dia, para todos os povos, entre o militarismo alemão, que permite o poder coletivo às custas do valor individual e o desenvolvimento do individualismo, que torna possível todos os progressos, mas não assegura o poder coletivo.

§5. Como os progressos da ciência poderão espaçar as guerras.

Deve-se concluir de tudo isso que os povos arruinados pela guerra deverão, no entanto, sob pena de uma ruína mais completa ainda, se condenar a multiplicar seus armamentos? É preciso considerar novas hecatombes como inevitáveis? As casernas deverão continuar a serem preenchidas às custas das oficinas e as pessoas a se arruinarem cada vez mais por causa dos armamentos e transformar em canhões tudo o que poderia ser gasto para seu bem-estar?

Eu já citei as razões que permitem esperar que a interdependência progressiva dos povos e a inutilidade demonstrada das guerras acabarão um dia por impedir os conflitos. Mas essas esperanças só são aplicáveis a um futuro, talvez, muito distante e devemos nos ocupar com os tempos próximos. É preciso por isso buscar outras razões, mais imediatas, de esperança.

Os únicos motivos de esperança __ fora aqueles muito fracos enunciados ao longo deste capítulo __ residem na evolução industrial do armamento moderno, que vemos acontecer diante de nossos olhos. Ela poderá tornar as guerras tão perigosas que nenhum conquistador encontrará vantagens em empreendê-las.

Já no presente as munições tendem a substituir os combatentes e já se vislumbra o momento em que a máquina de matar substituirá o guerreiro, como o carvão substituiu o escravo. Nesse dia, os imen-

sos exércitos atuais serão substituídos por pequenas equipes de especialistas capazes de manejar engenhos destruidores formidáveis.

Suponhamos, para fixar as ideias, que um povo possua vinte mil aviões aperfeiçoados, capazes de atravessar sem dificuldade a Europa, o que, aliás, já está quase realizado atualmente. Bastaria para manejá-los alguns milhares de especialistas e não mais milhões de homens. As condições da guerra estariam então, no mesmo golpe, inteiramente mudadas.

O suposto agressor saberia que, desde a declaração das hostilidades, esses vinte mil aviões __ e não mais algumas dezenas como hoje em dia __ estariam em algumas horas em cima de sua capital, para incendiá-la e matar seus habitantes. Certamente que o inimigo poderia fazer o mesmo, mas a ideia do perigo de destruição imediata que ameaçaria as cidades e os habitantes tornaria uma guerra de agressão tão perigosa que o agressor hesitaria muito em empreendê-la.

Objetar-se-á que os aviões são pouco perigosos hoje em dia, mesmo que sua ação sobre Carlsruhe tenha sido tão destrutiva, mas os progressos realizados em menos de dois anos permitem pressentir o poder de destruição que eles logo possuirão. A hipótese precedente não tem, então, nada de quimera.

Dada a mentalidade atual de alguns povos e sobretudo a de seus governantes, o único meio de evitar sua agressão é levá-los a

considerar uma guerra como tão perigosa para eles que eles não ousem empreendê-la.

Assim, a ciência, por aumentar o poder dos engenhos de destruição, conseguirá, talvez, tornar as guerras, senão impossíveis, pelo menos muito difíceis.

Essa esperança é medíocre, eu confesso, mas, no estado atual do mundo, seria difícil invocar outra. Ninguém pensaria hoje em dia em substituir os armamentos por novas convenções internacionais como as de Haia, tão completamente violadas ao longo da presente guerra, apesar de sua aceitação por todos os povos.

Os escritores alemães consideram que os autores dessas convenções deram prova de uma credulidade um pouco excessiva. Os juristas que as elaboraram têm como desculpa sua honestidade ingênua e uma ignorância perfeita da psicologia dos povos. Eles esqueceram completamente que não se conhece exemplo ao longo da história de legisladores que tivessem tido a ideia de criar códigos desprovidos de sanções. Antes de pensar em criar leis internacionais, seria preciso primeiro descobrir meios de estabelecer uma polícia suficientemente forte para fazer com que sejam respeitadas. Tal descoberta não é impossível, talvez, mas ninguém ainda a realizou.

CONCLUSÃO

O papel das ideias falsas na vida dos povos.

Sumário

As mais importantes conclusões decorrentes de nossas pesquisas sobre as consequências imediatas da conflagração europeia foram formuladas na última parte desta obra. Nós destacamos nela as ameaças que ainda envolvem a Europa e também os lampejos de esperança que iluminam um pouco o horizonte dos povos.

O estudo das transformações mentais criadas pela guerra mostrou várias vezes a ação das ideias na gênese e na evolução desse grande conflito. É insistindo mais uma vez em sua influência que eu terminarei este volume.

O papel das ideias diretrizes foi sempre tão preponderante que jamais os povos puderam mudá-las sem mudar também o curso de sua história. E se em nossos dias uma divindade benfazeja quisesse transformar a Europa, ela só teria que modificar as ideias que orientam alguns povos.

Sem dúvida que, examinando a série de causas que determinam a marcha do mundo, vemos manifestar-se a ação de fatores diversos: a cultura, o meio, as influências econômicas, as descobertas científicas e muitos outros ainda. Mas as civilizações permanecem

orientadas por um pequeno número de ideias de onde derivam a concepção da vida, as instituições, a literatura e as artes de cada época.

Se a história dos povos fosse reduzida à história de suas ideias diretrizes, essa história seria muito breve. Toda a civilização da Idade Média repousou sobre a ideia teológica e sobre a ideia feudal. De sua influência, as artes, a literatura e a vida derivaram durante mil anos.

Por ocasião da Renascença, essas ideias diretrizes se modificaram __ sob a influência da reaparição do mundo antigo e de descobertas científicas imprevistas __ os povos evoluíram rapidamente e sua visão do universo foi transformada.

Ela se transformou mais uma vez no momento da Revolução Francesa, quando a ideia de igualdade, após ter invadido as almas, abalou o mundo.

Antes de se estabelecer, uma ideia nova deve primeiro triunfar sobre as ideias anteriores, ainda poderosas. Os deuses mortos e as ideias mortas não perecem inteiramente. Eles continuam durante muito tempo a dominar os pensamentos das pessoas.

A luta entre ideias diretrizes contrárias é longa, porque elas estão fixadas nas regiões do inconsciente onde se elaboram nossos pensamentos e sobre os quais a razão é sem ação. Vimos, na época da Revolução Francesa, o que custa às vezes para substituir uma ideia antiga por uma ideia nova, com todas as suas consequências.

*

* *

As ideias que guiam um povo não são sempre racionais. Elas raramente o foram. Mas, enquanto que umas se mostram úteis para sua prosperidade, outras são nocivas ao seu desenvolvimento. Estas últimas podem então ser justamente qualificadas de ideias falsas. Como, por exemplo, as concepções que levaram às guerras de religião e aquelas que levaram a Alemanha ao conflito atual.

O futuro dirá certamente o quanto as ideias geradoras da presente luta eram erradas. Mais uma vez o mundo se viu devastado por ideias falsas.

O poder das ideias falsas deve-se unicamente aos elementos afetivos, místicos e coletivos que as envolvem e que as livram da ação da razão. Seu poder sobre as almas é absoluto.

E não apenas a ideia falsa orienta a conduta das pessoas, mas ela altera sua visão das coisas e seus julgamentos, a ponto de impedi-las de perceberem qualquer realidade sem deformá-la.

Dentre os inúmeros exemplos que forneceu a guerra atual, desse poder de deformação exercido pelas ideias falsas, os futuros tratados de psicologia citarão certamente a maneira com que o chanceler alemão interpretou várias vezes em público as origens e os objetivos do conflito europeu.

Ninguém pode ignorar hoje em dia __ pois muitos textos provam isso __ que há muito tempo os escritos dos filósofos, dos historiadores e dos professores mais célebres levaram a Alemanha a empreender a conquista de outros povos. Não se ignora também que a Inglaterra sem exército, a Rússia desorganizada e a França ultrapacifista fizeram os mais persistentes esforços para evitar a guerra.

Estes são fatos que nenhum historiador do futuro, de qualquer país, ousará contestar e, no entanto, o chanceler do império não para de repetir __ do alto de uma tribuna de onde ele acha que é escutado por todos os povos do universo __ que o conflito foi imposto à Alemanha, que "a guerra, desde o primeiro dia, foi para ela apenas a defesa de seu direito à vida e à liberdade" e que, por fim, foram os aliados que empreenderam uma guerra de conquista!

Essas afirmações, de cuja exatidão estão convencidos 70 milhões de pessoas, mostram claramente a que ponto a ideia falsa pode alterar as faculdades de observação e de julgamento.

Mas, apesar de sua duração, as ideias falsas não são eternas e, por isso, se é possível se iludir e até mesmo iludir todo um povo, é impossível iludir a história.

*

* *

Vimos, ao longo desta obra, que a guerra destrói muitas ideias antigas e cria novas.

Uma delas __ ancorada agora na alma dos povos e que vai orientar sua conduta __ é que só a força pode se opor à força e que as nações fracas estão ameaçadas de desaparecer.

Todos os países adquiriram a certeza de que o direito, os tratados, as promessas, que pareciam dever presidir as relações entre países civilizados estarão doravante sem valor.

Criada pela observação dos fatos e particularmente pela sorte de Luxemburgo e da Bélgica, essa ideia mestre ameaça pesar grandemente sobre a vida das nações. Sua primeira consequência será a extensão do militarismo com todas as suas consequências.

Seria inútil se iludir sobre este último ponto e acreditar que o militarismo possa se superpor às instituições democráticas. Com a evolução industrial da guerra, uma defesa eficaz __ e, por consequência, rápida __ implica na extensão universal do estatismo; ou seja, no controle do Estado sobre a vida individual, industrial e comercial do país e depois, na servidão completa de todos os cidadãos. Seria a realização do mais sombrio dos sonhos socialistas.

Sofre-se as necessidades e não se discute. Se então a militarização dos povos é fatal, eles deverão aceitá-la completamente, mesmo reconhecendo que ela constituirá certamente numa regressão. A era da liberdade estaria então fechada por muito tempo. A Europa

retornaria ao estado de lutas incessantes, de massacres e de devastações que ela acreditava ter superado para sempre.

*

* *

A ideia da necessidade do militarismo como meio de defesa persistirá tanto quanto a teoria germânica que assegura que um povo tem o direito, por causa de sua força, de escravizar os outros.

Infelizmente essa concepção tem por defensores não apenas a casta feudal e militar da Alemanha, mas também seus professores, seus historiadores e seus filósofos.

É visível, no entanto, que tal ideia não está mais em relação com os progressos da civilização. Ela é, por consequência, muito falsa para durar. Simples sobrevivente de tempos primitivos, ela só se mantém em razão dos elementos afetivos e místicos que lhe servem de suporte.

Mas a juventude universitária alemã permanece ainda tão saturada do espírito feudal e militar, que os erros de seus historiadores e de seus filósofos lhe parecem sempre incontestáveis certezas.

Pode-se, no entanto, supor que as duras lições da guerra servirão para as classes médias, cuja mentalidade não foi distorcida pelas teorias universitárias.

A Alemanha será transformada e o resto do mundo poderá respirar livremente no dia exato em que se espalhar em seu seio a futura ideia diretriz das civilizações modernas, de que o direito e a moral, fundamentos necessários das relações entre as pessoas de uma mesma sociedade, são fundamentos não menos necessários das relações entre sociedades diferentes. Nenhum povo possui hoje em dia o poder de se isolar do resto da humanidade para tentar escravizá-la. A experiência provará logo que não há mais interesse em tentar essa irrealizável tarefa.

Por mais que a ideia de um direito internacional se imponha, a guerra e as devastações continuarão a castigar o mundo e uma paz durável será impossível. Os historiadores e os professores alemães continuarão os inimigos do gênero humano enquanto eles defenderem suas ideias falsas.

*

* *

Quando a luta material tiver terminado, as ideias __ silenciosas hoje __ entrarão em conflito, por sua vez. O verbo substituirá a ação, esperando ainda dirigi-la.

Os povos civilizados estão num desses períodos críticos em que ideias poderosas, mas contraditórias, estão em luta. O triunfo da ideia de hegemonia e de escravização estatista levará a um retorno

definitivo da barbárie, após lutas incessantes. O triunfo da ideia de liberdade individual terá como consequência, pelo contrário, a marcha rumo a um luminoso progresso.

Aos homens de pensamento caberá a tarefa de orientar a alma dos povos rumo às ideias capazes de evitar sua decadência. A obra é difícil. Ela não é impossível.

As ideias falsas são as grandes devastadoras da história. Não é com armas materiais que são combatidas. O canhão é apenas um servidor do pensamento. Das ideias que vão dirigir os povos dependerá seu destino.

Novembro de 1915.

FIM

SUMÁRIO

PSICOLOGIA DA I GUERRA MUNDIAL II **3**

INTRODUÇÃO **3**

A perda das ilusões e os problemas criados pela guerra. 3

LIVRO I **17**

A perda das ilusões 17

CAPÍTULO I 17

As ilusões pacifistas 17

§1. As ilusões sobre a gênese dos grandes acontecimentos históricos. 17

§2. A ilusão pacifista. 18

§3. A luta do pacifismo contra a noção de pátria. 20

§4. As consequências do pacifismo sobre nossa preparação militar. 24

CAPÍTULO II 28

As ilusões racionalistas 28

§1. O papel do racionalismo na gênese das ilusões. 28

§2. As ilusões racionalistas sobre a impossibilidade da guerra. 31

§3. O papel das ilusões racionalistas na gênese das opiniões. 33

§4. As ilusões políticas e o misticismo racionalista. 36

§5. O papel da experiência no desaparecimento das ilusões. 39

CAPÍTULO III 42

As ilusões psicológicas sobre as mentalidades dos povos e sobre a manipulação das forças que os guiam. 42
§1. Dificuldades para se conhecer as almas dos povos. 42
§2. Os fatores psicológicos da vida dos povos e a arte de manipulá-los. 44
§3. A manipulação das forças psicológicas na guerra. 49
LIVRO II **54**
Mudanças de mentalidade determinadas na França pela guerra 54
CAPÍTULO I 54
A França às vésperas da guerra 54
§1. O objetivo deste capítulo. 54
§2. As influências socialistas. 55
§3. A ideia de uma greve geral em caso de guerra. 60
§4. A vida política. 63
§5. Os parlamentares. 67
§6. A opinião do estrangeiro sobre o estado da França no momento da guerra. 69
CAPÍTULO II 73
A formação de novas personalidades. Qualidades criadas ou desenvolvidas pela guerra. 73
§1. As variações de personalidades criadas pela guerra. 73
§2. Mudanças de personalidades criadas pela fusão da alma individual com a alma coletiva do povo. 76

§3. Mudanças de personalidades criadas pelas necessidades de adaptação. 78
§4. Mudanças de personalidades pelo desenvolvimento de aptidões não utilizadas. 80
§5. Qualidades de caráter criadas ou desenvolvidas pela guerra. 82
§6. Qualidades intelectuais desenvolvidas pela guerra. 86
§7. Mentalidade da população civil durante a guerra. 88
CAPÍTULO III 90
Perturbações morais que a guerra poderá produzir. 90
§1. Perturbações morais resultantes da vida militar. 90
§2. Perturbações morais resultantes de medidas legislativas. 92
§3. Perturbações intelectuais resultantes de bruscas rupturas de equilíbrios mentais. O desaparecimento do espírito crítico. 96
CAPÍTULO IV 98
O governo da França no início da guerra. 98
§1. Lições de psicologia da política fornecidas pela história do governo da França durante a guerra. 98
§2. Desagregação da vida nacional no início da guerra e formação espontânea de um governo autocrático. 100
§3. Consequências finais do abuso da autocracia. As desordens e os desperdícios. 103
§4. A luta do poder autocrático contra as leis naturais. As taxações. 107
CAPÍTULO V 115
Evolução do governo da França durante a guerra. 115

§1. A evolução do governo autocrático. O papel das comissões parlamentares. 115
§2. Como foram recrutados os diretores dos serviços. O pequeno valor dos especialistas. 122
§3. O esforço industrial da França durante a guerra. 125
§4. O esboço de um governo internacional. 127
CAPÍTULO VI 129
A mentalidade francesa após a guerra. 129
§1. Gênese da mentalidade francesa após a guerra. 129
§2. Equalização das condições criadas pela vida em comum. 130
§3. A mentalidade futura dos ex-combatentes. 133
§4. Mentalidade da burguesia e da juventude atual. 135
§5. Mentalidade feminina após a guerra. 138
§6. O papel dos livros e da imprensa na formação da mentalidade após a guerra. 141
§7. Formação de sentimentos que podem manter a união francesa após a guerra. 142
CAPÍTULO VII 145
A evolução das ideias religiosas e filosóficas. 145
§1. As influências religiosas durante a guerra. 145
§2. A nova evolução do pensamento filosófico. 150
CAPÍTULO VIII 156
A evolução dos sentimentos dos povos com relação à Alemanha e à França. 156

§1. As correntes germanófilas antes da guerra. 156
§2. Evolução dos sentimentos dos povos com relação à França, desde a guerra. 160
LIVRO III **167**
Mentalidades da Alemanha e da Áustria durante a guerra. 167
CAPÍTULO I 167
Invariabilidade da alma alemã durante a guerra. 167
§1. Porque a alma alemã não evoluiu. 167
§2. A estabilização da alma alemã. O estatismo e o sonho de hegemonia. 168
§3. Consequências da incompatibilidade entre as concepções alemãs e as dos outros povos. 172
CAPÍTULO II 174
A persistência das ilusões alemãs sobre as origens da guerra. 174
§1. As ideias gerais na Alemanha sobre as causas da guerra. 174
§2. Novas explicações alemãs sobre as causas da guerra. 175
CAPÍTULO III 180
Manifestações da alma alemã durante a guerra. 180
§1. Qualidades manifestadas pelos alemães. 180
§2. Vícios e defeitos manifestados pelos alemães durante a guerra. 184
§3. O abaixamento da moralidade pública na Alemanha. 191
CAPÍTULO IV 194
O governo imperial. Situação econômica e social da Alemanha durante a guerra. 194

§1. O governo imperial. 194
§2. A direção da opinião pública durante a guerra. 198
§3. Situação econômica e social da Alemanha durante a guerra. 203
CAPÍTULO V 208
As dissensões internas da Alemanha durante a guerra. 208
§1. Os elementos de discórdia na Alemanha. 208
§2. O socialismo na Alemanha durante a guerra. 211
CAPÍTULO VI 216
O sonho de hegemonia alemã, antes e durante a guerra. 216
§1. O sonho de hegemonia antes da guerra. 216
§2. O sonho de hegemonia durante a guerra. 221
CAPÍTULO VII 226
Os projetos de formação de um império central. Situação dos povos submetidos à dominação alemã. 226
§1. A Europa central e os projetos de crescimento no Oriente. 226
§2. A vida nos países submetidos ao domínio alemão. 229
CAPÍTULO VIII 233
A Áustria durante a guerra. 233
§1. As dificuldades políticas interiores da Áustria durante a guerra. 233
§2. A vida na Áustria durante a guerra. 236
§3. Os projetos da Alemanha para a Áustria. 237
§4. A opinião na Áustria sobre a formação do Império central. 239
LIVRO IV **244**

Mudanças de mentalidades determinadas pela guerra em diversos países. 244
CAPÍTULO I 244
A evolução mental da Inglaterra. 244
§1. Importância dos documentos psicológicos fornecidos pela evolução da mentalidade inglesa durante a guerra. 244
§2. Diferenças que separam a alma inglesa da alma alemã. 245
§3. Situação da Inglaterra no momento da guerra. 250
§4. Evolução mental da Inglaterra durante a guerra. 253
§5. O exército inglês. 258
§6. Fontes da força da Inglaterra. 260
CAPÍTULO II 264
A evolução mental da Rússia durante a guerra. 264
§1. Situação econômica da Rússia no momento da guerra. 264
§2. O papel dos estrangeiros na Rússia durante a guerra. 266
§3. O governo da Rússia durante a guerra. 269
§4. A administração russa e as conspirações alemãs durante a guerra. 272
§5. Os projetos de paz separada. 275
§6. O problema polonês. 277
CAPÍTULO III 283
A evolução da Itália. 283
§1. As oscilações psicológicas da Itália. 283

§2. As aspirações italianas no momento da guerra. O papel das influências alemãs na Itália. 286
§3. A evolução política no momento da guerra. 288
CAPÍTULO IV 294
Os balcânicos e a questão do oriente. 294
§1. A mentalidade dos povos balcânicos. 294
§2. A questão do Oriente. 296
§3. A questão muçulmana. 298
CAPÍTULO V 301
Os Estados Unidos e os neutros. 301
§1. O papel dos neutros na guerra. 301
§2. A neutralidade americana. 302
§3. O papel dos alemães na América durante a guerra. 305
§4. As ilusões americanas sobre a absorção dos alemães pelos Estados Unidos. 307
CAPÍTULO VI 310
A evolução do Japão e a conquista do extremo oriente. 310
§1. A história recente do Japão. 310
§2. O Japão durante a guerra. 313
LIVRO V **317**
As relações futuras entre os povos. Evolução do direito internacional 317
CAPÍTULO I 317
As concepções latinas e germânicas do direito e da força. 317

§1. O direito e a força. 317
§2. O direito social e o direito internacional. 320
§3. As concepções latinas do direito. 321
§4. As concepções germânicas do direito. 324
CAPÍTULO II 329
A ausência de moralidade nas relações internacionais. 329
§1. A anarquia moral internacional. 329
§2. Razões psicológicas da ausência de moralidade nas relações internacionais. 337
CAPÍTULO III 338
Ineficácia das tentativas de um direito internacional. 338
§1. As origens do direito internacional e as convenções de Haia. 338
§2. O abandono das regras do direito internacional. 340
§3. As ilusões de alguns juristas latinos sobre o valor do direito internacional. 344
§4. Como a opinião pública recebeu as violações do direito internacional. 348
CAPÍTULO IV 349
Os erros sobre os benefícios das guerras. 349
§1. Erros econômicos ainda se opõem à formação de uma moral internacional. 349
§2. Os lucros das últimas guerras europeias. 354
CAPÍTULO V 356

A interdependência moderna dos povos e seu papel nos futuros conflitos. 356
§1. Necessidade da experiência para demonstrar o valor de algumas verdades. 356
§2. A interdependência atual dos povos. 358
CAPÍTULO VI 363
Os povos poderão evitar o militarismo? 363
§1. Os princípios de civilização em luta. 363
§2. A extensão provável do militarismo. 367
§3. Porque a paz poderia durar algum tempo. 370
§4. Dificuldades de um desarmamento. 372
§5. Como os progressos da ciência poderão espaçar as guerras. 378
CONCLUSÃO **381**
O papel das ideias falsas na vida dos povos. 381
SUMÁRIO **389**